J. W. Hawes, Jan. 1877.

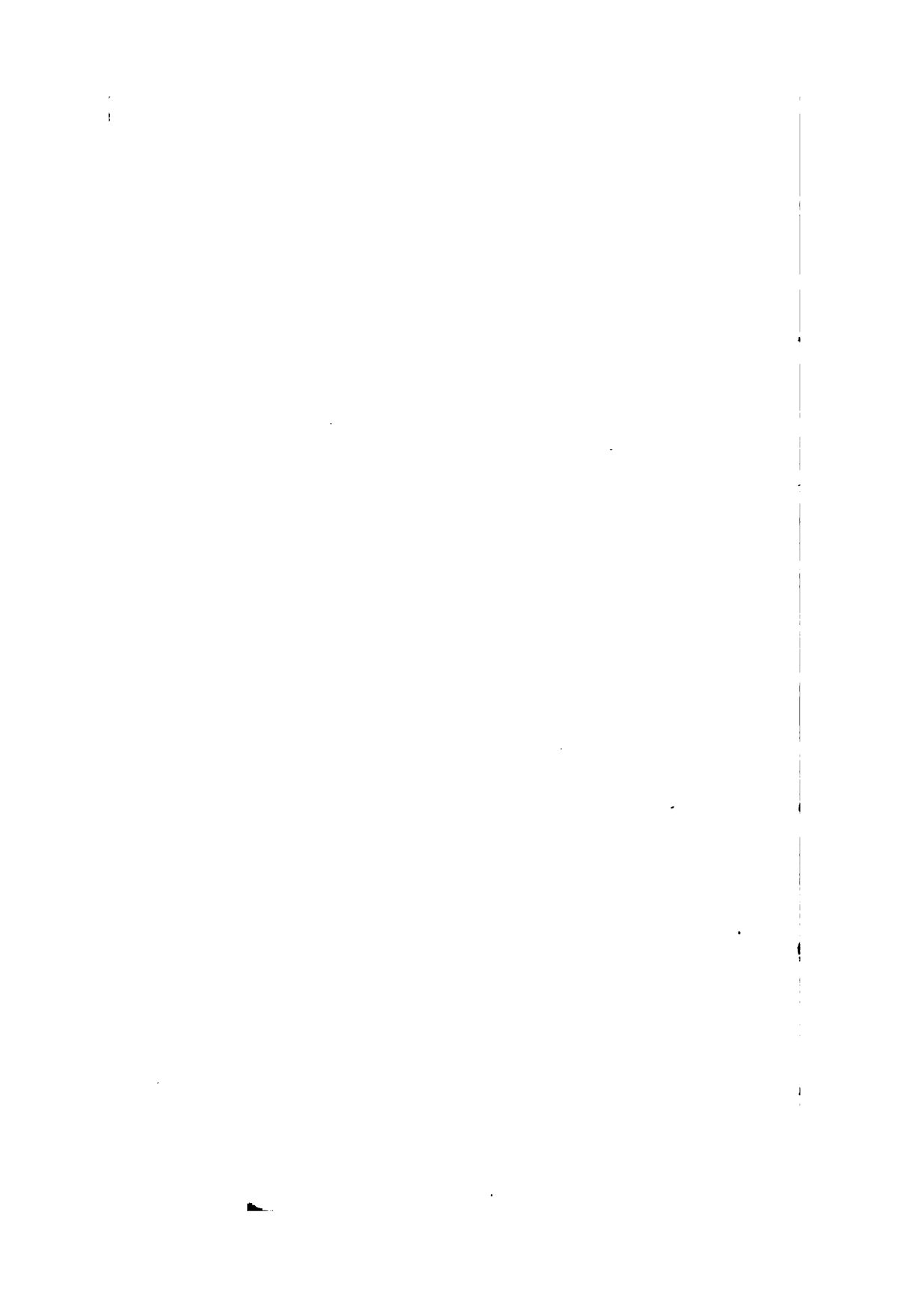
GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

RHP

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

OU

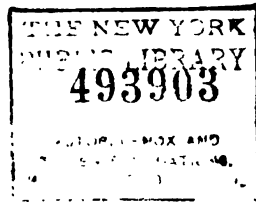
PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL

APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM

POR

JERONYMO SOARES BARBOSA

QUINTA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
MDCCCLXXI

Usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi.

Cic. *Orat.* 48.

INTRODUCÇÃO

A **Grammatica** (que quer dizer *Litteratura*) não foi ao principio outra coisa senão a sciencia dos caractéres, ou *reaes*, representativos das coisas, ou *nominaes*, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem lettrado ou grammatico, se reduzia n'aquelles primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caractéres.

Segundo os progressos do espirito humano, quatro foram os estados d'esta especie de litteratura e grammatica. O primeiro foi o da *pintura*. Para representar, por exemplo, a idéa de um homem ou a de um cavallo, pintava-se ou esculpia-se a figura natural de um ou de outro.

Como porém este methodo de representar as idéas era mui defeituoso, longo e custoso; os egypcios, dotados de um engenho inventor, descobriram, á imitação d'elle, outro mais breve, que é o dos *hieroglyphicos*. Empregavam elles uma figura, não já para representar uma coisa sómente, mas para servir de signal a muitas. Um hieroglyphico só, pelas idéas que a sua instituição ao principio e depois a tradição lhe alligava, era uma pequena historia. D'esta sorte a escriptura, que ao principio era uma simples pintura, ficou sendo pintura e symbolo ao mesmo

tempo. Para a abbreviar ainda mais, não costumavam os egypcios pintar a figura inteira; mas ou uma parte d'ella pelo todo, ou o signal pela coisa significada, ou uma coisa por outra que tivesse com ella alguma semelhança ou analogia. Este foi o segundo estado da litteratura ou grammatica, da qual temos ainda alguns restos nos nossos brazões e armaria.

O terceiro foi o da escriptura *symbolica*. Na hieroglyphica desenhava-se a coisa ao natural para a representar e trazer com ella outras á memoria. Mas crescendo a razão, com o tempo, com a policia e com a experiencia, e bem assim multiplicando-se tambem á proporção os conhecimentos e as necessidades, já a estas não podia supprir uma escriptura tão diminuta e embaraçosa, como era a hieroglyphica. Continuando pois os homens em a abbreviar cada vez mais, á força de mudanças e alterações, o que ao principio eram pinturas, vieram a converter-se em *symbolos*, semelhantes aos de que ainda agora se estão servindo os chinas. Tendo elles ao principio sido formados da circumferencia e contornos das figuras naturaes, depois com a continuação do tempo e alterações, se reduziram a uma especie de caracter real, que diminuindo e escurecendo em fim a attenção que d'antes se dava á imagem natural, ficou servindo só de symbolo para fixar o espirito mais sobre a coisa significada do que sobre elle.

Os symbolos pois já não são os signaes naturaes, como o eram as pinturas e os hieroglyphicos; mas uns signaes artificiaes e de instituição. Mas, como para cada idéa é preciso um symbolo, e as idéas são infinitas, bem se vê que a escriptura symbolica tem quasi os mesmos inconvenientes que a representativa e a hieroglyphica. Assim um grammatico e lettrado china gasta toda a sua vida a ler e a escrever. Os seus symbolos, apesar de todas as reducções que se tem feito, chegam ainda ao enorme numero de oitenta mil.

N'este estado estaria naturalmente a grammatica e litteratura, quando algum genio creador, conduzido pela Providencia, descobriu felizmente a arte de pintar, não já as coisas mesmas, mas os vocabulos que as representam. Esta é a escriptura *litteral*, cujo invento por uma antiga tradição dos povos, é attribuido aos phenicios ou cananêos, e que já no tempo de Moysés, primeiro escriptor do mundo e da religião, estava em uso pelos annos do mundo dois mil e quatrocentos pouco mais ou menos, e mil e seiscentos antes de Jesus Christo.

O descobrimento d'este genero de escriptura era mui difficil; a execução porém era facil. Para a excogitar era necessario um engenho superior que advertisse que os sons de uma lingua se podiam distinguir e decompor em certos elementos, communs a todas as palavras d'ella. Porém, uma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. Era mais facil notar e contar todos os sons de uma lingua que se fallava, do que achar que se podiam contar: isto era um lance do engenho, aquillo um simples effeito da attenção.

O primeiro cuidado pois do inventor das lettras, e do primeiro grammatico que abriu o caminho aos mais, caíu sobre aquillo só que os vocabulos tem de mechanico e material, quer sejam os sons articulados de que se compôe a *falla,* quer os signaes litteraes que escolheu para na *escriptura* exprimir e significar os mesmos sons. Aquillo que os mesmos sons articulados e os vocabulos tem de logico e espiritual, como signaes que são das nossas idéas e pensamentos, foi a ultima coisa em que se cuidou. Os homens ao principio contentaram-se com pintar aos olhos, e fixar por meio dos caractéres escriptos, os sons fugitivos que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miuda do discurso, para descobrirem e determinarem ao justo as differentes classes e especies de palavras que o compunham; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da Etymologia e da Syntaxe.

Esta indagação foi muito posterior. Platão, que segundo Laercio, liv. III, cap. 19, foi o primeiro d'entre os gregos que indagou a natureza da arte Grammatica, não trata em seus Dialogos de outra coisa senão da sciencia das lettras, e se a significação das palavras é natural ou arbitraria. Entre os romanos tambem o mais antigo escripto de Grammatica era, segundo Suetonio (*De illustr. Gramm.* cap. 1), um tractado de *lettras* e *syllabas,* que andava debaixo do nome de Ennio.

A parte *mechanica* das linguas, em que primeiro se trabalhou, tem duas observações. Uma sobre os sons articulados, tanto simples como compostos, que entram na composição de seus vocabulos; e outra sobre os caractéres litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositarios na escriptura. D'estas duas considerações sobre o physico dos vocabulos nasceram as duas partes mais antigas da Grammatica. Uma da *boa pronunciação* e leitura, chamada **Orthoepia,** e outra da sua *boa escriptura,* chamada **Orthographia.**

A *Orthoepia*, que é *emendata cum suavitate vocum explanatio*, comprehende não só o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como que o corpo dos vocabulos, mas tambem o das modificações musicaes de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia chamadas *accentos*, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da Orthoepia, ou *boa pronunciação*, tem o nome de *Prosodia*, da qual o maior numero dos grammaticos fizeram uma das quatro partes da Grammatica, desdenhando ainda os primeiros principios da boa pronunciação e leitura, ou incluindo-os na mesma Prosodia.

Porém a *Orthoepia* ou observação dos sons elementares e fundamentaes da linguagem articulada, e a sua boa escriptura, foi a primeira e ainda a unica parte da antiga Grammatica, como acabamos de ver. A Prosodia não foi reduzida a arte senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações que os sons fundamentaes recebem na pronunciação, por uma parte era difficil o observal-as ao principio, e ainda mais o pintal-as na escriptura; e por outra parecia isto escusado. O uso vivo da pronunciação assás ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. Só quando se tratou de communicar aos estrangeiros não só a lingua escripta, mas ainda a sua pronunciação viva, é que se começaram a dar regras sobre esta parte da Orthoepia. Aconteceu isto na lingua grega pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos d'estes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostram que são de uma data muito posterior.

Por tanto o nome de *Prosodia*, dado até agora a esta parte da Grammatica, por um lado não comprehende todo o seu objecto, e por outro suppõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da lingua, do qual a Grammatica nunca prescindiu nem póde prescindir, visto ser necessario e indispensavel para regular a boa pronunciação, e consequentemente a sua boa escriptura e orthographia. É verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino d'estas duas partes da Grammatica Portugueza aos mestres de escóla, pela maior parte pouco habeis. Porém d'aqui tem procedido os maus methodos com que a primeira edade perde nas escólas boa parte do seu tempo, e gasta outra em aprender coisas que depois tem de desaprender ou de reformar. É justo pois que a coisa torne a seu dono, e que os grammaticos tomem outra vez a si esta parte da Gram-

matica que ensina a theoria dos sons, e tudo o que pertence á boa pronunciação e leitura da lingua, pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de **Orthoepia** que damos a esta primeira parte da Grammatica, é mais proprio e accommodado a caracterisal-a que o de *Prosodia.*

Só depois de descoberta a arte de separar em partes elementares e communs a massa confusa dos vocabulos, e a de as representar aos olhos e fixar por meio da escriptura, é que o espirito humano podia dar os passos que deu para analysar o discurso, e descobrir n'elle a analyse de seus proprios pensamentos, que antes não percebia. Esta analyse do discurso dependia de muitas observações particulares, e de muitas combinações para d'ellas se formarem noções geraes, que reduzissem a certas classes as partes elementares da oração segundo as suas significações e analogias, e bem assim as varias combinações que o uso fazia das mesmas, para exprimir todas as operações do entendimento, e tecer de tudo isto um systema seguido de Grammatica. E posto que para tudo isto concorria já muito a lingua fallada, comtudo este systema completo nunca se chegaria a organisar, se a escriptura não fixasse a memoria dos primeiros descobrimentos, e não facilitasse assim a comparação do caminho andado com o que restava por andar. Tire-se a qualquer engenho, por superior que seja, o uso dos caractéres, e ver-se-ha quantos conhecimentos lhe são inacessiveis, aos quaes chega um talento ordinario com o subsidio dos mesmos. Os progressos que com os algarismos fez a sciencia dos numeros, dão a conhecer assás a importancia da escriptura alphabetica para os mais conhecimentos.

Por tanto, assim como na ordem e na historia mesma dos descobrimentos humanos sobre a *arte de fallar*, a parte mechanica das linguas foi o primeiro objecto das indagações e trabalhos do homem, assim o que as mesmas linguas tem de logico e discursivo, devia ter o segundo logar na ordem dos mesmos descobrimentos, e o teve com effeito: pois que Aristoteles, muito posterior a Platão, foi o primeiro dos escriptores gregos que sabemos se adiantasse na sua Poetica a distribuir as palavras em certas classes, e a distinguil-as entre si por seus differentes caracteres e propriedades.

Na ordem d'estes conhecimentos logicos sobre a lingua, é sem duvida que os homens se occupariam em considerar primeiro as palavras, que são signaes assim das idéas que fazem o obje-

cto dos nossos pensamentos, como das relações que as mesmas podem ter comsigo e com outras, do que em considerar estas mesmas palavras combinadas e coordenadas entre si em ordem a exprimirem o pensamento. Pois que primeiro é conceber e exprimir as idéas do que comparal-as. Os primeiros grammaticos pois, reflectindo sobre a semelhança e dissemelhança das funcções que as palavras exercitam na enunciação de qualquer pensamento, advertiram que umas tinham as mesmas, e outras não. Estas differenças os conduziram a reduzir a certas classes todas as palavras da sua lingua; e a esta parte da Grammatica, que trata das partes elementares do discurso e de suas propriedades e analogias, deram o nome de **Etymologia;** não porque ella se occupe em indagar as origens particulares de cada palavra, mas porque trata dos signaes artificiaes das nossas idéas, que por isso Aristoteles lhe dá o nome de *symbolo*, e Cicero nos *Topicos*, cap. 8, traduzindo a mesma palavra, lhe chama *notationem, quia sunt verba rerum notae.*

Na *Etymologia* pois não consideram os grammaticos as palavras senão em si mesmas, attendendo ás suas funcções e natureza. Passando porém depois a olhal-as unidas em discurso para formarem os differentes paineis do pensamento, observaram que segundo as differentes relações que as idéas tinham entre si, ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e subordinação, assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavam ou differentes fórmas e terminações, ou differentes preposições, pelas quaes ou concordavam entre si, ou regiam umas a outras; e a esta ordem das partes da oração, segundo sua correspondencia ou sua subordinação, deram os grammaticos o nome de **Syntaxe**, que quer dizer *coordenação* de partes.

A Grammatica pois, que não é outra coisa, segundo temos visto, senão a *arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer lingua*, tem naturalmente duas partes principaes: uma *mechanica*, que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros e do movimento; outra *logica*, que considera as palavras, não já como vocabulos, mas como signaes artificiaes das idéas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis, sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem, devem necessariamente

communicar ás linguas, pelas quaes se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes que as dirigem. Á parte mechanica das linguas e sua grammatica pertencem a *Orthoepia* e a *Orthographia*, e á parte logica pertencem a *Etymologia* e a *Syntaxe*.

Toda a Grammatica é um systema methodico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e factos das linguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão sómente os usos e factos de uma lingua particular, a grammatica será tambem *particular*. Se ellas porém abrangem os usos e factos de todos ou da maior parte dos idiomas conhecidos, a sua Grammatica será *geral*. Uma e outra póde ser, ou sómente *pratica* e *rudimentaria* ou *philosophica* e *razoada*. Aquella não sóbe acima d'estas observações e regras praticas, que a combinação dos usos da lingua facilmente subministra a qualquer, para d'ella formar estes systemas analogicos a que de ordinario se reduzem quasi todas as artes vulgares de grammatica.

Porém se o espirito se adianta a indagar e descobrir, nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos, o mechanismo da formação da linguagem, e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes que todas as linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento, então o systema que d'aqui resulta, não é já uma Grammatica puramente pratica, mas scientifica e philosophica.

Toda a grammatica particular e rudimentaria, para ser verdadeira e exacta nas suas definições, simples nas suas regras, certa nas suas analogias, curta nas suas anomalias, e assim facil para ser entendida e comprehendida dos principiantes, deve ter por fundamento a grammatica geral e razoada. Porque, subindo esta ás razões e principios geraes da linguagem, é que melhor póde dar noções dos signaes das idéas, descobrir todas as analogias de uma lingua particular, e reduzir a ellas muitas anomalias que os ignorantes contam por taes, não o sendo realmente.

Por outra parte, sendo a grammatica de qualquer lingua a primeira theoria que principia a desenvolver o embrião das idéas confusas da edade pueril; e dependendo da exactidão de seus principios o bom progresso nos mais estudos, ella deve ser uma verdadeira logica, que ensinando a fallar, ensine ao mesmo tempo a discorrer. Que por isso a grammatica foi sempre reputada como uma parte da logica, pela intima connexão que as operações do nosso espirito tem com os signaes que as expri-

mem. E esta é a razão por que os antigos philosophos, e os stoicos principalmente, se faziam cargo d'ella nos seus tratados de philosophia, como Protagoras, Platão, Aristoteles, Theodectes, Diogenes, Chrysippo, Palemon e outros, sobre os quaes se póde ver Laercio nas suas vidas, e Quintiliano *Inst. Orat.* I, 6.

Se semelhantes homens tivessem continuado a illustral-a com suas meditações e escriptos, teria ella desde tempos mais antigos tomado outra face e outro lustre. Porém deixada pelos philosophos nas mãos de homens ou ignorantes ou pouco habeis, se reduziu a um systema informe e minucioso de exemplos e regras, fundadas mais sobre analogias apparentes que sobre a razão, á qual só pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da linguagem, e segundo ellas ordenar a grammatica de qualquer lingua particular. D'aqui nasceram todas estas artes enfadonhas de grammatica latina, cheias de mil erros e de tantas excepções quantas são as regras. O que tudo repetido e copiado cegamente de edade em edade, sem nunca ter sido submettido a exame, sem elle tambem foi servilmente applicado ás grammaticas das linguas vulgares.

Mas felizmente aconteceu em nossos tempos, que Sanches principiasse entre os hespanhoes a sacudir o jugo da auctoridade e preoccupação n'estas materias, e introduzindo na grammatica latina as luzes da philosophia, descobrisse as verdadeiras causas e razões d'esta lingua, que até então, ou ignoradas ou não advertidas, tinham enchido esta materia de confusão e desordem, e que, seguindo depois seu exemplo outros grandes homens e philosophos, tratassem pelo mesmo methodo e reformassem a grammatica das linguas vivas, pondo primeiro e estabelecendo principios geraes e razoados da linguagem, e applicando-os depois cada um á sua lingua. Este trabalho, que depois foi continuado, começaram Mr. Arnaud na lingua franceza, Wallis e Starris na ingleza, e Lancelot na hespanhola e italiana.

Portugal conheceu grammaticas portuguezas ainda antes que outras nações civilisadas tivessem uma na sua lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira grammatica da lingua franceza, já Portugal tinha a de Fernão d'Oliveira dada á luz em 1536, e a de João de Barros em 1539. Estas foram seguidas do *Methodo Grammatical* de Amaro de Roboredo, impresso em Lisboa em 1619, da *Grammatica* do P. Bento Pereira, em Lyão, no de 1672, da de D. Jeronymo Contador d'Argote, em Lisboa 1721, e finalmente da de Antonio José dos Reis Lobato, em 1771.

Mas todas estas grammaticas, além de muitos erros e defeitos particulares, que nos seus logares notarei, tem o commum de serem uns systemas meramente analogicos, e fundidos todos pela mesma fórma das grammaticas latinas; e n'esta mesma consideração ainda mui imperfeitos por falta de muitas observações necessarias sobre o genio particular e caracter da Lingua Portugueza. Grande parte d'estes defeitos emendou já o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, impressos em Lisboa em 1799, tomando por guia quasi em tudo a *Grammatica da Lingua Castelhana composta pela Real Academia Hespanhola*, que entre as das linguas vulgares tem merecido um distincto louvor.

Esta grammatica porém é mais um systema analogico de regras e exemplos, do que logico; e posto que reforme muitos abusos das antigas grammaticas, segue comtudo a mesma trilha, e desamparando os principios luminosos da grammatica geral e razoada, multiplica em demazia as regras que poderia abbreviar mais reduzindo-as a idéas mais simples e geraes. Nenhuma d'estas duas grammaticas se faz cargo de Orthoepia e Orthographia, partes essenciaes e importantes a qualquer grammatica vulgar. Porque a grammatica da lingua nacional é o primeiro estudo indispensavel a todo homem bem creado, o qual, ainda que não aspire a outra litteratura, deve ter ao menos a de fallar e escrever correctamente a sua lingua: o que não poderá conseguir sem todas as partes d'aquella arte.

Esta arte, além d'isso, não deve ser meramente pratica nem um estudo só de memoria. Deve comprehender as razões das praticas do uso, e mostrar os principios geraes de toda a linguagem nos do exercicio das faculdades da alma, e formar assim uma logica pratica, que ao mesmo tempo que ensina a fallar bem a propria lingua, ensine a bem discorrer. As linguas são uns methodos analyticos que Deus deu ao homem para desenvolver suas faculdades. Ellas dão o primeiro exemplo das regras da analyse, da combinação e do methodo, que as sciencias as mais exactas seguem nas suas operações. As regras propostas por este methodo reduzem-se a menos, porque se unem ao mesmo principio; percebem-se melhor, porque se sabe a razão d'ellas; e fixam-se mais na memoria, porque se ligam umas com outras.

Aquelles que aspiram a estudos maiores, e para entrarem n'elles tem de aprender as linguas sabias, levam uma grande

vantagem com aprender primeiro a grammatica da sua lingua. O que as linguas mortas tem de mais escabroso é a theoria grammatical, que sendo de sua mesma natureza sublime e abstracta, é a que custa mais a quem ainda não tem habito de discorrer. Esta theoria, applicada primeiro á propria lingua, percebe-se e comprehende-se muito mais facilmente do que applicada a linguas desconhecidas. Vencida esta primeira difficuldade no estudo da lingua propria, o caminho fica plano e desembaraçado para o das mais, que tem os mesmos principios geraes, e não se differençam senão nas fórmas accidentaes que cada uma escolheu para indicar as mesmas idéas e fazer d'ellas as mesmas combinações. Assim como quem estudou a grammatica latina poupa metade do trabalho quando entra no estudo da grammatica grega, porque acha n'esta as mesmas noções geraes que já sabe; assim quem primeiro estudar a proposito a grammatica da propria lingua, não achará difficuldade alguma na da lingua latina; e o tempo que n'aquella gastar, ganhará n'esta com grande usura.

Já o nosso João de Barros conheceu esta verdade em seu tempo. Pois no «Dialogo em louvor da nossa Linguagem», pag. 230 da edição de Lisboa de 1785, faz discorrer a seu filho da maneira seguinte: «Cá se não soubera da Grammatica Portugueza o que «me vossa mercê ensinou, parece-me que em quatro annos sou«bera da Latina pouco, e daquella muito menos. Mas com saber «a Portugueza fiquei alumiado em ambas, o que não succederá a «quem souber a Latina.» O que o mesmo zeloso escriptor tanto desejava «que nas villas nobres e nas cidades pozesse o governo mestres capazes que podessem ensinar á mocidade a grammatica da sua propria lingua», executou felizmente em nossos tempos o senhor rei D. José, de gloriosa memoria, estabelecendo por toda a parte professores publicos de grammatica e lingua latina, e ordenando-lhes pelo alvará de 30 de setembro de 1770, que, quando em suas classes recebessem os discipulos para lhes ensinar a dita lingua, os instruissem primeiro na Grammatica Portugueza por tempo de seis mezes, se tantos precisos fossem.

Para esta instrucção se propunha então a Grammatica de Antonio José dos Reis Lobato. Mas depois d'aquelle tempo tem saído outras artes á luz, e esta agora, para o publico escolher a que melhor lhe parecer. Em todas ellas ha coisas que só os mestres devem estudar para as explicar a seus discipulos; outras que estes devem aprender, como os usos particulares e idio-

tismos da lingua; e muitas que devem decorar, como são os paradigmas todos das partes da oração e regras de suas terminações, conjugações e syntaxe. As regras mesmas da boa pronunciação e escriptura devem entrar no ensino da Grammatica, para emendar muitos vicios que os mestres de primeiras lettras, pela maior parte idiotas, não são capazes de corrigir. Em um homem bem creado releva-se mais, e é menos vergonhoso um erro de syntaxe, que um erro de pronunciação ou de orthographia, porque aquelle póde nascer da inadvertencia, estes são sempre effeitos da má educação.

Coimbra, 24 de junho de 1803.

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

Grammatica é a arte de fallar e escrever correctamente a propria lingua. A **Lingua** compõe-se de orações, as orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos e se fixa por meio da escriptura.

D'aqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a **Orthoepia**, que ensina a distinguir e a conhecer os sons articulados, proprios da lingua, para bem os pronunciar;

A **Orthographia**, que ensina os signaes litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A **Etymologia**, que ensina as especies de palavras que entram na composição de qualquer oração, e a analogia de suas variações e propriedades geraes;

E a **Syntaxe**, finalmente, que ensina a coordenar estas palavras, e a dispol-as no discurso de modo que façam um sentido ao mesmo tempo distincto e ligado: quatro partes da Grammatica Portugueza, que farão a materia dos quatro livros d'esta obra.

LIVRO I

Da Orthoepia ou boa pronunciação da Lingua Portugueza

Para bem pronunciar é preciso distinguir e conhecer os sons articulados, proprios da lingua que se falla. Estes sons articulados, ou são *fundamentaes*, assim chamados porque fazem a base da boa pronunciação, como são as *vozes* e as *consonancias*, os *diphthongos*, e as *syllabas;* ou *accidentaes*, assim chamados porque se ajuntam aos primeiros, e os modificam, já extendendo, mais ou menos, a sua duração, já augmentando ou diminuindo a sua elevação; e taes são as modificações *prosodicas*, acrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela *quantidade* ou pelo *accento*.

Os sons fundamentaes, ou são simples ou compostos. Os simples não tem mais que um som elementar. Taes são as *vozes* e as *consonancias*. Os compostos contém dois ou mais sons em uma só emissão. Taes são os *diphthongos* e as *syllabas*. De todos estes passamos a tratar nos capitulos seguintes.

CAPITULO I

DAS VOZES PORTUGUEZAS

Chamam-se **vozes** as differentes articulações e modificações que o som confuso, formado na glotte, recebe, na sua passagem, das differentes aberturas e situações immoveis do canal da bocca. Este canal, bem como um tubo ou corda, póde ser tocado em differentes pontos e aberturas desde a sua extremidade interior até á exterior; e d'aqui a multidão e variedade de vozes nas linguas das nações. As lettras, que na escriptura as figuram, chamam-se *vogaes*.

A Lingua Portugueza conta, por todas, vinte **vozes**, segundo as vinte situações differentes que a bocca toma para as pronunciar, independentemente da sua quantidade e accento. Doze d'estas são **oraes**, e oito **nasaes**. As primeiras são as que se formam no canal direito da bocca, e as segundas as que se for-

mam no mesmo e juntamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.

As vozes **oraes**, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta até á extremidade dos beiços, são:

1.º *á grande*, como *á* primeira lettra do abecedario, e o *á* do adjectivo feminino do plural *más*.

2.º *a pequeno*, como o *a* artigo feminino, e o *a* da conjuncção *mas*.

3.º O *é grande aberto*, como em *sé*, nome.

4.º O *ê grande fechado*, como em *sê*, verbo.

5.º O *e pequeno*, como em *se*, conjuncção.

6.º O *i commum*, quer breve, quer longo, como em *vicio*.

7.º O *ó grande aberto*, como em *só*, adjectivo, e em o substantivo *avó*, feminino.

8.º O *ô grande fechado*, como no substantivo *avô*, masculino.

9.º O *o pequeno*, como o *o*, artigo masculino.

10.º O *u commum*, quer breve, quer longo, como em *cumulo, tumulo*. Esta divisão das vozes portuguezas é a mesma, com pouca differença, que a de João de Barros na sua Grammatica da edição de Lisboa, 1785, pag. 186.

A Lingua Portugueza porém toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; um entre o *e pequeno* e o *i commum*; e outra entre o *o pequeno* e o *u commum*, as quaes por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar *ambiguas*, e por isso não tem signal litteral proprio, e se notam na escriptura, a primeira já com *e* e já com *i*, e a segunda já com *o*, já com *u*. Taes são as que mal se percebem quando estas mesmas vogaes se acham em qualquer palavra, ou antes de alguma voz grande immediata, ou depois da mesma nos diphthongos e no fim das palavras. Assim, *e* parece ter o mesmo som que *i* nas palavras *cear* e *ciar* (ter zelos), e nos diphthongos d'estas *paes, pai*; e por egual modo *o* tem o mesmo som confuso que *u* nas finaes de *Paulo, justo, amo*, e nas palavras *soar*, e *suar*, e nos diphthongos *pao, seo*.

Ajuntando, pois, estas duas vozes *ambiguas*, ás dez antecedentes, são por todas doze as vozes **oraes** portuguezas. A nossa orthographia não tem para as distinguir senão cinco lettras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porém servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as quando são grandes, ou dobrando-as, como faziam nossos antigos, escrevendo *maa* em logar de *má*, *see* em logar de *sé*, *leer* em logar de *lêr*, *sóo* em logar de *só*, e *avoo* em logar de *avô*; ou marcando-as com os accentos vogaes, já agudo para as abertas, já circumflexo para as fechadas, como se vê acima.

Além das vozes **oraes** tem a nossa Lingua oito **nasaes**, assim chamadas, porque nas **oraes**, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, n'estas, parte d'elle sae pelo mesmo, e outra parte refluindo pelo canal curvo que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e n'esta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal uma especie de resonancia, que distingue essencialmente as vozes **nasaes** das puramente **oraes**.

D'estas oito vozes **nasaes**, cinco são **claras**, porque a nasalidade cae toda sobre ellas, e por isso se costumam escrever, já com o *til* por cima, já com *n* ou *m* adiante, sendo finaes, ou seguindo-se consoante, o que então vale o mesmo que o *til*. Taes são, por exemplo, o *a til*, nasal claro, em *sã* ou *san*, *irmã* ou *irman*; o *e til*, nasal claro, em *tẽpo* ou *tempo*, *dẽte* ou *dente*; o *i til* nasal, como em *sĩ* ou *sim*, *lĩdo* ou *lindo*; o *o til*, nasal claro, como em *sõ* ou *som*, *põto* ou *ponto*; e o *u til* nasal, como em *ũ* ou *um*, *ũto* ou *unto*.

Outras tres são **nasaes surdas**, ou menos sensiveis. Porque, achando-se com o accento agudo e predominante, e sendo seguidas immediatamente de alguma das tres consoantes nasaes *m*, *n*, *nh*, pertencentes á syllaba seguinte, participam d'estas alguma parte da sua nasalidade, qual um ouvido fino percebe no *a* da primeira syllaba de *ama*, *Anna*, *sanha*; no *e* da primeira syllaba de *penna*, *temo*, *tenho*; e no *o* da primeira syllaba de *somma*, *sonho*.

Taes são as vinte vozes portuguezas, que para se verem todas em um ponto de vista, representamos na taboa seguinte com sua figura, nome e valor. As vozes **oraes** grandes, e todas as **nasaes** sempre são longas: as **oraes** pequenas sempre são breves, menos por posição; e as **oraes** communs, como o *i* e *u*, já são breves, já longas, segundo n'ellas cae o accento predominante, como veremos adiante, quando tratarmos da quantidade.

TABOA

DAS

VINTE VOZES PORTUGUEZAS COM TODAS AS SUAS ESCRIPTURAS

CORDA VOCAL PORTUGUEZA

ORAL PURA			ORAL NASAL		
Figura	Nome	Valor	Figura	Nome	Valor
1 Á, aa	Grande aberto	Más, *nome*	1 Ã, am, an	A til claro	Lã
2 A, a	Pequeno	Mas, *conj.*	2 Ã.	A til surdo	Lama
3 E, ee	Grande aberto	Sé, *nome*	3 Ẽ, em, en	E til claro	Sempre
4 Ê, e	Grande fechado	Sê, *verbo*	4 Ẽ.	E til surdo	Senha
5 E, e	Pequeno	Se, *conj.*			
6 { E / I }	Ambiguo ou surdo	{ Ceár / Ciár			
7 I, i	Commum	Vicio.	5 Ĩ, im, in	I til claro	Sim
8 Ó, oo	Grande aberto	Avó, *femin.*	6 Õ, om, on	O til claro	Som
9 Ô, ou	Grande fechado	Avô, *masc.*	7 Õ.	O til surdo	Sono
10 O, o	Pequeno	O, *artigo*			
11 { O / U }	Ambiguo ou surdo	{ Soár / Suár			
12 U, u	Commum	Túmulo	8 Ũ, um, un	U til claro	Um

CAPITULO II

DAS CONSONANCIAS PORTUGUEZAS

Assim como as **vozes** articulam e modificam o som confuso ou estrondo formado pela glotte, assim tambem as **consonancias** articulam e modificam as vozes mesmas, que sendo continuadas fariam egualmente um som indistincto e confuso. As **consonancias** por tanto são as articulações e modificações da voz, que represada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca.

Os grammaticos modernos chamam **articulações** a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não é proprio este nome para distinguir umas das outras. O de **consonancias** caracterisa melhor a natureza particular d'estas modificações, que nunca sôam per si, mas só juntas ás vozes que modificam; e é outrosim mais analogo á nomenclatura já recebida das vozes, as quaes, chamando-se assim porque as lettras que as figuram se chamam **vogaes**, tambem aquellas se devem chamar **consonancias**, porque as lettras que as representam se chamam **consoantes**.

Umas e outras se differençam essencialmente. 1.º Porque as **vozes** são articulações do som informe da glotte; as **consonancias** são articulações do mesmo som já formado em vozes. 2.º Porque aquellas são produzidas pelas aberturas e situações immoveis do orgão; e estas são produzidas pelo movimento das partes moveis do mesmo orgão, que as intercepta e desintercepta. 3.º Porque o som das vozes póde-se fazer durar por todo o tempo que dura a abertura e posição do canal que o produz; o das consonancias sempre é instantaneo, como o movimento dos orgãos que represam e largam a voz. Solta esta, a consonancia desapparece e a voz fica.

Sendo pois as **consonancias** produzidas pelo movimento das differentes partes moveis ou teclas do orgão vocal, quantas forem estas partes moveis, tantas serão as classes de **consonancias**. Ora estas partes moveis são só duas, a saber: os *beiços* e a *lingua*, e d'aqui as duas unicas especies de **consonancias**, que são ou **labiaes** ou **linguaes**. Todas ellas compoem uma oitava no teclado vocal.

As primeiras ou são **labiaes puras**, produzidas por ambos os beiços, que se unem para interceptar a voz e se abrem para

a soltar, ou são **labiaes dentaes**, produzidas pela intercepta-ção do beiço inferior com os dentes superiores. As primeiras são tres, a saber: uma **labial branda**, porque o seu toque é menos forte, como *b* em *bála*; outra **labial forte**, assim chamada, porque não tem differença da primeira senão no grau maior de força com que se exprime, como *p* em *pála*; e a terceira emfim **labial nasal**, porque o seu mechanismo faz refluir pelo nariz parte do som que sae pelo canal da bocca, tal como *m* em *mála*.

As **labiaes dentaes** são só duas, uma **branda** como *v* em *viga*, e outra **forte** como *f* em *figa*. Estas **consonancias** chamam-se **infantis**, porque, sendo do maïs facil mechanismo, por ellas principiam as creanças a fazer os primeiros ensaios da linguagem articulada.

As **consonancias linguaes** são todas produzidas pela lingua, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade inferior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *ceo da bocca*. As primeiras, chamadas por isso **linguaes gutturaes**, são duas, uma **guttural branda**, como *g* em *gállo*, e outra **guttural forte**, como *c* em *cállo*. As segundas, chamadas por isso **linguaes dentaes**, são tambem duas, a **lingual dental branda** *a*, como em *dála*, e a **lingual dental forte** *t*, como em *tála*.

As terceiras, chamadas **linguaes palataes**, tem mais variedade em razão da maior extensão do ceo bocca, e dos muitos pontos de apoio que por isso offerece á lingua para interceptar a voz.

Umas fazem uma especie de *assobio*, chamadas por isso **sibillantes**, o qual assobio é produzido na fisga dos dentes pela ponta da lingua, que com elles quasi cerrados já faz menos esforço para interceptar a voz, e assim produz a **palatal sibilante branda** *s* (quando tem vogal diante), como em *séllo*; já faz mais esforço, e produz a **palatal sibilante forte** *z*, como em *zélo*.

Outras fazem uma especie de *chio*, chamadas por isso **chiantes**, porque a lingua apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro graus de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que ahi o intercepta, produzem as quatro differenças que o ouvido sente nas nossas quatro **palataes chiantes** *s* (quando não tem vogal diante), como em *sciencia*; *x* em *xara*; *j* como em *jarra*; e *ch* como em *charro*. A primeira é *liquida*, a segunda *forte*, a terceira *bran-*

da, e a quarta *forte*, porque n'esta se intercepta a voz inteiramente.

O differente som do *s* **chiante**, quando não tem vogal diante, do *s* **sibilante**, quando a tem, se sente claramente nas palavras *sciencia* e *nascer*, onde o *ci*, *ce*, valendo o mesmo na pronunciação que *si*, *se*, o *s* que precede não se confunde com elles; antes tem um som mui differente, que se achará menos nas ditas palavras, pronunciando-as e escrevendo-as sem elle, d'este modo: *ciencia*, *nacer*.

Outras **linguaes palataes** tem um som **nasal**; porque a lingua fincando a ponta contra a entrada do ceo da bocca, comprime ao mesmo tempo com a sua reigada os musculos da cortina do paladar, e o ar represado d'este modo, ao largar-se reflue parte pelo canal do nariz, e parte pela bocca; e produz assim as duas **palataes nasaes**, uma *branda*, como *n* em *náfego*, e outra *forte*, como *nh* em *nháfete* (neophyto).

Outros finalmente tem um som puramente **palatal**, porque a lingua, complanando-se em toda a sua extensão, e apoiando-se em roda contra as gengivas dos dentes superiores, deixa passar o ar ao longo d'ella e de todo o ceo da bocca; e se, tapando o ar em roda, o deixa só escapar com um golpe de sua ponta n'aquella parte do ceo da bocca que está visinha aos dentes incisores de cima, produz a **palatal pura liquida** *l*, como em *lama*; e se o desintercepta ao mesmo tempo em toda sua redondeza, produz o **palatal pura forte** *lh*, como em *lhama* (têla de fio de prata).

Se a mesma lingua porém, formando dois arcos contrarios á maneira de um ∽ tombado, não intercepta totalmente o ar, e este saindo por succussos causa em sua ponta um movimento tremulo, é a nossa **palatal tremolante liquida** *r*, como em *caro*; e se o tremor se faz em todo o comprimento da lingua e com maior força, é a **palatal tremolante forte** *rr*, como em *carro*.

Todas estas consonancias da nossa lingua fazem o total de vinte e uma, e dispostas segundo a ordem mesma de sua geração, e da graduação do mechanismo mais facil para o mais difficil, que a natureza segue quando pouco a pouco vae desenvolvendo os orgãos infantis, são da maneira seguinte.

TABOA OU TECLADO

DAS

VINTE E UMA CONSONANCIAS DA LINGUA PORTUGUEZA CINCO LABIAES E DEZESEIS LINGUAES

Tecla		Qualidade	Letra	Exemplo
Tecla labial pura		Branda	B	*Bála*
		Forte	P	*Pála*
		Nasal	M	*Mála*
Tecla labial dental		Branda	V	*Válla*
		Forte	F	*Fála*
Tecla lingual guttural		Branda	G, Gu	*Gállo, Guêto*
		Forte	C, Qu	*Cállo, Quêdo*
Tecla lingual dental		Branda	D	*Dála*
		Forte	T	*Tála*
Tecla lingual palatal sibilante		Branda	S, Ç	*Sácco, Çumo*
		Forte	Z	*Záco*
Tecla lingual palatal chiante		Liquida	S	*Sciencia*
		Forte	X	*Xára*
		Branda	J, G	*Járra, Gêsso*
		Forte	CH	*Chárro*
Tecla lingual palatal nasal		Branda	N	*Náfego*
		Forte	NH	*Nháfete*
Tecla ling. palatal	Pura	Liquida	L	*Lama*
		Forte	LH	*Lhama*
	Tremolante	Liquida	R	*Caro*
		Forte	RR	*Carro*

De todas estas consonancias umas são **mudas** e outras **semi-vogaes.** As primeiras são aquellas em que a voz se intercepta totalmente, de sorte que se não sentem senão ao abrir da bocca, taes como estas treze: *b, p, m, v, d, t, g, c, n, nh, ch, l, lh.*

As segundas são aquellas em que o som se intercepta só parcialmente, de sorte que seu zunido se faz perceber surdamente, ainda com o orgão meio fechado, e taes são o *f*, as duas sibilantes *s*, *z*, as tres chiantes *s*, *x*, *j*, e as duas tremolantes *r*, *rr*. Os que dividem as mudas das semivogaes, segundo seus nomes tem ou não *e* atraz, guiar-se-hão pela divisão latina, que é errada applicada ás nossas consonancias.

Ainda ha outra differença notavel entre estas consonancias. Umas são **liquidas**, isto é, **correntes**, porque seu mechanismo e tão facil, e, para assim dizer, tão fluido, que na composição das syllabas complexas se associam tão amigavelmente com as outras consonancias, que parecem fazer com ellas um mesmo corpo. Taes são o nosso *s* solitario (quando não tem vogal diante), e as duas **palataes brandas** *l* e *r*. Outras porém são **fixas**, assim chamadas, porque seu mechanismo não soffre associação immediata com outras da mesma especie para fazer syllaba com ellas; e taes são, afóra as tres **liquidas**, todas as mais.

Finalmente cumpre advertir, que todas estas consonancias portuguezas são sons simples, quer se escrevam com uma lettra só, quer com duas, quer com as lettras dobradas dos gregos e romanos. Taes são as tres *ch*, *lh*, *nh* (que os nossos antigos grammaticos chamavam **prolações**); as duas **gutturaes** *gu*, *qu*, que assim se escrevem quando vem antes de *e* e *i*; a **tremolante forte** *rr*, quando no meio das palavras se acha entre vogaes; e as duas **palataes fortes** *z* e *x*, que entre os gregos e os romanos eram dobradas.

Nem as primeiras por levarem *h* são por isso aspiradas, ou fazem um som composto; nem as segundas tem outro som escriptas com duas lettras, do que tem escriptas com uma só, como *g* e *c* antes de *a*, *o*, *u*. Da mesma sorte a tremolante forte, quando no meio das palavras se escreve com dois *rr*, e no principio das mesmas com um só *r*; e bem assim, quando o *s* sibilante se escreve com *c*, ou cedilhado ou sem cedilha antes das vogaes *e* e *i*; e o *j* chiante se escreve com *g* antes das mesmas vogaes, não se segue que sejam differentes consonancias, mas sim que são differentes escripturas do mesmo som que o uso introduziu, e que podéra não ter introduzido, se quizesse, nem talvez devera, se fosse mais coherente comsigo mesmo. Quanto ás dobradas *x* e *z*, ellas não o são na nossa Lingua, excepto quando pronunciamos o *x* á latina em lugar de *c s* como em *reflexão*, etc.

A nomenclatura vulgar de muitas d'estas consonancias, como são *eMe*, *U*, *eFe*, *Gé*, *Cé*, *eSe*, *Xis*, *I*, *Ce*, *Hagá*, *eNe*, *eNeHagá*, *eLeHagá*, *eRRe* forte, *eRRe* brando, de que se servem ordina-

riamente os mestres para ensinarem aos principiantes o abecedario da Lingua, e depois a soletração e syllabação, é de um grande embaraço para o seu aproveitamento. Elle dá a muitas lettras um valor e som que ellas não tem; a outras acrescenta outros que as mesmas não tem, e que não servem senão para embrulhar e confundir-se o som proprio e verdadeiro.

Todas as nações civilisadas tem já largado ha muito este methodo; e dando ás consoantes o seu valor proprio e uniforme por meio do *scheva* que ajuntam a cada uma, d'este modo: *Be, Pe, Me, Ve, Fe, Gue, Que, De, Te, Se, Ze, Xe, Je, CHe, NHe, Ne, Le, LHe, Re, RRe*, tem conseguido facilitar grandemente os methodos de soletrar, de syllabar, e de leitura, em que os meninos gastam tanto tempo nas escolas, com muito trabalho e mui pouco fructo. Quem quizer ver este methodo desenvolvido e explicado em todas as suas partes, póde consultar a *Escola popular das primeiras lettras*, impressa em Coimbra em 1796, parte primeira. Até aqui tratámos dos sons simples da nossa Lingua. Passemos já aos seus compostos.

CAPITULO III

DOS SONS COMPOSTOS SÓ DE VOZES OU DIPHTHONGOS DA LINGUA PORTUGUEZA

Os sons compostos, o podem ser, ou de vozes tão sómente, ou de vozes e consonancias. Os primeiros chamam-se **dyphthongos**, os segundos **syllabas**. D'estas fallaremos no capitulo seguinte, agora dos diphthongos.

Dyphthongo quer dizer *um som feito de dois*, isto é, duas vozes unidas em um som. Mas duas vozes nunca se podem unir em um som, sem que uma d'ellas pela sua brevidade e rapidez se acoste á outra, dando-lhe parte de sua quantidade, e esta fique muito mais longa em comparação da outra. Uma pois, necessariamente, ha de ser mais longa e outra brevissima. A primeira na ordem das duas que compoem o **dyphthongo**, chama-se **prepositiva**, e a segunda **subjunctiva**.

Nos **diphthongos** portuguezes as **prepositivas** sempre são as longas, e as **subjunctivas** as breves. Pelo que, como as nossas cinco vozes **oraes** grandes, e as nossas cinco **nasaes** claras sempre são longas, e as communs *i* e *u* o podem ser tambem ainda fóra do caso de posição: as **prepositivas** dos nossos **diphthongos** sempre são tiradas d'estas duas classes de vozes; e se são **oraes**, formam os nossos **diphthongos oraes**, e se **nasaes**, formam os nossos **diphthongos nasaes**,

chamados tambem **finaes**, porque ordinariamente só se acham no fim das palavras.

Quanto ás **subjunctivas**, como estas devem ser rapidas e brevissimas a respeito das **prepositivas**, e nós não temos outras d'esta especie senão as duas vozes surdas ou ambiguas, que mal se percebem do *e* breve para o *i* tambem breve, e do *o* breve para o *u* tambem breve, segue-se que toda a **subjunctiva** dos nossos **diphthongos** necessariamente ha de ser alguma d'estas duas vozes surdas, ou a primeira exprimida por *o* ou *u*. E como não ha razão para preferir uma vogal mais que outra para representar estes sons ambiguos, d'aqui veiu a variedade do uso em escrever as **subjunctivas** dos mesmos **diphthongos** promiscuamente, já com *e* ou com *i*, já com *o* ou com *u*; o que se não deve criminar, visto não terem estas vozes ambiguas caracter algum proprio e particular.

Isto supposto, a nossa Lingua conta, nem mais nem menos, que dezeseis **diphthongos**, dos quaes dez são **oraes** e seis **nasaes**, que escriptos conforme as differentes orthographias usadas dos nossos antigos e modernos escriptores, são da maneira seguinte.

DIPHTONGOS ORAES 10

ESCRIPTURAS	EXEMPLOS
ái, ay, áe	*Pái, Páy, Páes.*
áo, au	*Páo, Paula.*
éi, éy	*Papéis, Réys.*
êi, êy, hêi	*Rêi, Lêy, Hêi.*
éo	*Céo.*
êo, êu	*Mêo, Eu.*
ío	*Ouvío.*
ói, óe, óy	*Heróis, Heróe, Combóy.*
ôi, ôe, ôy	*Rôi, Pôes, Môyo.*
úi, úy	*Fúi, úyvo.*

DIPHTHONGOS NASAES 6

ãi, ãe, aen, ain	*Mãi, Mãe, Maens, Mains.*
ão, hão, am, aon	*Mão, Hão, Mam, Maons.*
ẽe, ẽi, em en	*Bẽe, Bẽis, Bém, Bens.*
õe, õi, oin, oem, oen	*Põe, Põi, Poins, Poem, Poens.*
õo, om, on	*Bõo, Bom, Bons.*
ũi, uim, uin	*Rũi, Ruim, Ruins.*

Sobre o que cumpre advertir, que ninguem se engane com a nossa orthographia vulgar, que póde muito facilmente induzir em erro, quando escreve os **diphthongos nasaes** umas vezes com a **prepositiva** só sem a sua **subjunctiva**, como *pam*, *bem*, em logar de *pão*, *bẽe*; e outras com ambas as vozes sim, mas com a modificação nasal fóra do seu logar, como em *mains*, *maons*, *sermoens*. *bens*, *ruins*. Porque a nasalidade, marcada por nós com o *til* por cima da vogal, caindo sempre nos nossos **diphthongos nasaes** sobre a **prepositiva** dos mesmos, a orthographia vulgar a vem a pôr no fim das duas vozes, fóra do seu logar, figurando-a com *n*, que tambem tem este valor quando não é seguido de vogal. Este *n* em logar de *til*, teria o seu logar proprio immediatamente depois da **prepositiva**, se em vez de escrever *mains*, *maons*, *sermoens*, *beens*, *ruins*, escrevessemos *manis*, *manos*, *sermones*, *benes*, *runis*. Mas esta escriptura tinha o inconveniente de fazer do *n* signal de nasalidade, em *n* consoante pela vogal que se lhe segue, como fazem os hespanhoes. Para evitar pois este absurdo, caiu no outro de pôr o signal nasal fóra do seu logar. Porém quem escrever os **diphthongos nasaes** constantemente com o *til* por cima da **prepositiva**, evitará um e outro desacerto.

Repararão alguns em não ver na taboa dos nossos **diphthongos oraes** o chamado diphthongo *ou*. Porém o som d'estas duas vogaes é simples, e não composto das duas vozes que se offerecem aos olhos para se dever pôr no numero dos **diphthongos**. O som d'elle nenhuma differença tem do nosso *ô* grande fechado, como se póde *ver* escutando sem prevenção as primeiras syllabas do nome *ôsso*, e do verbo *ouço*. Se fosse differente seguir-se-hia outrosim o absurdo de admittir nas linguas verdadeiros **triphthongos**, isto é, tres vozes unidas em um só som, o que é contra todo o mechanismo da linguagem. Por exemplo, a palavra *cousa*, que assim se pronuncia na Extremadura, na Beira pronuncia-se *côisa*. Se pois o *ou* da primeira pronunciação fosse **diphthongo**, não mudando de som na segunda, como não muda, e unindo-se em **diphthongo** com o *i* como se estivesse *couisa*, seguir-se-hia que o que é **diphthongo** na Extremadura passaria a ser **triphthongo** na provincia da Beira. Devemos pois dizer que o *ô* grande fechado tem duas escripturas, uma com o signal circumflexo ou v ás avessas por cima, e outra com o mesmo v ás direitas adiante. Ora ter o mesmo signal por cima ou adiante é coisa indifferente; o som é o mesmo.

Além dos **diphthongos** ha outros sons compostos de **vozes**, chamados *synereses*, quando de duas vozes consecutivas e de sons distinctos se faz uma só syllaba, em razão de serem ou

ambas muito breves, ou a primeira brevissima a respeito da segunda. Assim os poetas fazem dissyllabas as palavras *gloria, agua, lacteo*, e ajuntam muitas vezes em uma syllaba só as primeiras vozes de *theatro, fiado, fiança, boato, suave*, etc. Na nossa prosa só faz synerese o *u* brevissimo seguido de outra voz longa depois das consoantes *g* e *q*, como *guarda, gûla, qûal, qûasi, eqûestre*, etc.

CAPITULO IV

DOS SONS COMPOSTOS DE VOZES E DE CONSONANCIAS OU DAS SYLLABAS DA LINGUA PORTUGUEZA

Syllaba quer dizer *comprehensão*, porque é o ajuntamento de uma ou mais consonancias com uma voz, diphthongo ou synerese, comprehendido tudo em uma só emissão. Uma voz pois, um diphthongo, uma synerese vale por **syllaba**; porque tambem se pronunciam de um só jacto ou emissão; mas não são propriamente **syllabas** ou ajuntamentos, nome que não póde convir ás vozes per si, e que, unidas em um unico som, tem já seu nome proprio e particular.

Como pois as **syllabas** comprehendem vozes e consonancias, por ordem ás vozes dividem-se em duas especies. Umas são **simples** e outras **compostas**. As **simples** são as que tem uma só voz, ainda que tenham muitas consonancias, como *má, más*. As **compostas** são as que tem duas vozes unidas, quer em diphthongo, como *pae, pão*, quer em synerese, como a primeira syllaba de *guarda* e de *qual*.

Por ordem ao numero das consonancias, as **syllabas** são, ou **incomplexas**, isto é, que não levam senão uma consonancia, assim como *lá, al*, que são ao mesmo tempo **simples e incomplexas**; ou **complexas**, isto é, compostas de muitas consonancias, e estas podem ser, ou duas sómente como *gal*, ou tres como *gral*, ou quatro como *trans*, e mais não.

Todas as nossas **syllabas analogicas**, isto é, cuja combinação não repugna ao mechanismo e uso da nossa Lingua, porque tem no mesmo uso exemplo de semelhantes combinações, sobem ainda acima de duas mil. Porém as nossas **syllabas usuaes**, cujas combinações se provam com exemplos em algumas palavras portuguezas, andam por 1800, pouco mais ou menos. Vejam-se os nossos *Syllabarios* completos, dados á luz na *Escola popular das primeiras lettras*, em Coimbra, 1796.

Como estas syllabas se pronunciam seguidamente, e assim mesmo se escrevem em cada um dos vocabulos, mal se podem

n'elles distinguir sem saber por onde ellas partem; o que com tudo é necessario, assim para as soletrar e syllabar, como para as dividir quando for preciso partir o vocabulo. Esta partilha porém se facilitará com as quatro observações seguintes.

1.ª Que toda *voz*, *diphthongo* ou *synerese*, vale como **syllaba,** ainda per si só, sem consonancia alguma; e que assim, quantas forem as vozes, ou simples, ou combinadas em diphthongo, ou synerese que houver em qualquer vocabulo, tanto serão as suas syllabas. Por este modo é facil de ver, que a palavra *incomprehensibilidade* tem nove syllabas, porque tem nove vozes; que a palavra *feição* tem duas, porque tem sómente dois diphthongos; e que a palavra *guarda* tem outras duas, porque tem uma synerese e uma voz.

2.ª Que as nasaes *m* e *n* quando não tem vogal diante si, pertencem sempre á voz antecedente, servindo-lhe de signal de nasalidade, do mesmo modo como se tivesse o *til* por cima. Assim, *canto, campo, tanto, tempo, tinta, timbre, tonto, tombo, tunda, tumba*, valem o mesmo que *cãto, cãpo*, etc.; e tem cada um duas syllabas, porque tem duas vozes, uma nasal e outra oral. Isto pelo que pertence ás vozes.

3.ª Agora pelo que pertence ás consonancias, quando as syllabas são incomplexas, nenhuma difficuldade podem causar. Ellas são as que ordinariamente extremam as syllabas, formando cada uma um membro ou syllaba com a voz, diphthongo ou synerese a que precede ou se segue. Assim, n'esta palavra *insensibilidade*, as consonancias mesmas separam as syllabas d'este modo: *in-sen-si-bi-li-da-de*.

4.ª Porém, quando as syllabas são complexas de muitas consonancias, póde haver duvida sobre quaes d'ellas devem ir para a voz antecedente, e quaes para a seguinte. Mas n'este caso póde-se seguir a regra seguinte.

Se no principio ou no meio do vocabulo se encontrarem duas ou tres consonancias, todas por via de regra pertencem á voz seguinte, excepto sendo alguma d'ellas da classe das nossas tres liquidas *l, r, s*, porque estas sempre pertencem á voz immediata antecedente com que fazem syllaba, quer no meio, quer no fim do vocabulo, não sendo este composto, porque então o *s* ás vezes pertence á voz seguinte. Assim, n'estas palavras: *trado, strabismo, construir, constrangimento, damno, digno*, as duas e tres consonancias, juntas no principio e meio do vocabulo, fazem uma syllaba com a voz seguinte, d'este modo: *tra-do, stra-bis-mo, con-stru-ir, con-stran-gimento, da-mno, di-gno*. Já n'estas, *astro, alto, transporte*, as liquidas *s, l, r*, é que partem as syllabas d'este modo: *as-tro, al-to, trans-por-te*. Veja-se adiante na **Orthographia,** cap. I, a regra XII da divisão dos vocabulos.

CAPITULO V

DOS VOCABULOS DA LINGUA PORTUGUEZA E DAS ALTERAÇÕES QUE SOFFREM NA PRONUNCIAÇÃO

Assim como dos nossos 41 sons elementares differentemente combinados, se formam as 1800 syllabas portuguezas, assim d'estas mesmas syllabas variamente combinadas, se formam todos os **vocabulos** da Lingua Portugueza que compoem o seu *Vocabulario*, e que passam de 40000.

Vocabulo não é outra coisa senão um composto de sons ou de syllabas graves, subordinados todos a um som, ou syllaba aguda e predominante, que é como o centro de união, ao qual todos os mais se reportam.

Os **vocabulos**, quanto ao numero das syllabas, são de quatro fórmas: ou *monosyllabos*, isto é, de uma só syllaba, como *der*; ou *dissyllabos*, isto é, de duas syllabas, como *prender;* ou *trysillabos*, isto é, de tres syllabas, como *aprender;* ou *polyssyllabos*, isto é, de mais de tres até nove syllabas, para cima do qual numero não sobem os nossos **vocabulos**. Assim, *comprehensão* é de quatro, *comprehensivel* de cinco, *incomprehensivel* de seis, *insensibilidade* de sete, *comprehensibilidade* de oito, e *incomprehensibilidade* de nove.

Os **vocabulos** alteram-se na pronunciação de dois modos: ou acrescentando-lhes syllabas, para lhes acrescentar ou diversificar as idéas accessorias que com estas mudanças acrescem á significação principal da palavra; e estas alteraçães, como se fazem por meio da declinação dos nomes, da conjugação dos verbos, e da derivação ou composição das palavras, pertencem á Etymologia: ou acrescentando-lhes, diminuindo e transpondo syllabas, para abbreviar e facilitar mais a pronunciação dos **vocabulos** sem lhes alterar a significação; e estas alterações são as que propriamente pertencem á Orthoepia.

Estas alterações, como acabamos de dizer, fazem-se de tres modos, ou por *acrescentamento* de alguma syllaba; ou por *diminuição* d'ella, ou por *transposição*, e todas estas mudanças podem acontecer ou no principio do **vocabulo**, ou no fim, ou no meio.

1.º ACRESCENTAMENTO

Se no principio do **vocabulo** se acrescenta uma syllaba sem nada mudar na significação, é o que os grammaticos chamam **Prothese,** isto é, **apposição.** Assim, ás palavras portuguezas *cantar, chegar, costumar, lembrar, levantar, mostrar, pastar, recear, socegar, voar, credor, fóra, lagôa, ruido, tambor,* etc., acrescentavam no principio os nossos antigos, e ainda agora os poetas, e a gente rustica (que é a que mais conserva a antiga pronunciação) uma syllaba de mais, dizendo: *descantar, achegar, acostumar, alembrar, alevantar, amostrar, repastar, arrecear, assocegar, avoar, acredor, afóra, alagôa, arruido, atambor,* etc.

Se este mesmo acrescentamento de uma syllaba se faz no fim do **vocabulo,** chama-se **Paragoge,** isto é, **posposição.** Tal é o de *felice, fugace, infelice, Joanne, Isabella, martyre, mobile, pertinace, produze, reluze,* em logar de *feliz, fugaz, infeliz, João, Isabel, martyr, mobil, primaz, produz, reluz,* etc.

Se o **vocabulo** se acrescenta no meio intercalando-se-lhe uma syllaba, chama-se **Epenthese,** isto é, **interposição,** como de *Marte, pagão,* fazendo *Mavorte, pagano.*

2.º DIMINUIÇÃO

Da mesma sorte se no principio do **vocabulo** se tira uma syllaba chama-se **Apherese,** isto é, **abstracção.** Com esta mudança se vêem já inteiras, já descabeçadas, nos nossos escriptores, muitas palavras, como *abobedas* e *bobedas, adelgaçar* e *delgaçar, imaginação* e *maginação, relampejar* e *lampejar, alliança* e *liança, arrependimento* e *rependimento, aventurar* e *venturar,* etc., *adiante, ainda, aonde, até, atraz,* etc., *ante, inda, onde, té, traz,* etc.

Pelo contrario se no fim do **vocabulo** se faz esta mutilação da syllaba, tem o nome de **Apocope,** isto é, **mutilação.** Assim, os nossos **vocabulos** *des, esté, gram, guarte, lisonge* são mutilados de *desde, esteja, grande, guardate, lisongeie.* As synalephas ou elisões da voz final de um **vocabulo** para a consoante que a articulava, articular a voz inicial do **vocabulo** seguinte, tambem pertencem a esta especie de alteração, quando estas mesmas elisões passam a escriptura usual, e n'ella as duas palavras se costumam escrever juntas em uma, como da nossa preposição *de* costumamos de ordinario elidir o *e*, e ajuntar o *d* com o artigo e com os demonstrativos, d'este modo: *do, da, dos, das, d'este, d'esse, d'elle, d'aquelle,* etc., em logar de *de o, de a, de este,* etc.

Finalmente esta mesma diminuição de syllabas que se faz no principio e fim dos **vocabulos**, se acha tambem no meio dos mesmos, e então tem o nome de **Syncope**, isto é, **concisão**, como quando em logar de *adormecido, cuidadoso, desaliviar, desapparecer, differente, estejaes, ides, inimigo, luminoso, maior, perola, reprehensão, saboroso, soledade, spirito,* dizemos *adormido, cuidoso, desalivar, desparecer, diffrente, esteis, is, imigo, lumioso, mór, perla, reprensão, sabroso, soedade, sprito,* etc. Da mesma sorte quando na pronunciação corrente dizemos: *dir-te-hei, far-te-hei, trar-te-hei, diria, jaria, faria, traria,* são **syncopes** em logar de *dizer-te-hei, fazer-te-hei, dizeria, jazeria, trazeria.*

3.º TRANSPOSIÇÃO

O terceiro modo porque se alteram os **vocabulos** é a **transposição**, chamada **Metathese** pelos gregos. Faz-se esta quando as lettras ou syllabas de que se compõe a palavra, se pôem em uma ordem differente d'aquella em que se acham no **vocabulo** primitivo d'onde o mesmo se derivou. Esta transposição póde ser, ou total da palavra inteira pela inversão de todos seus caracteres radicaes: como *frol* de *flor, crelgo* de *clerigo*: ou parcial só de alguma syllaba ou lettra: como *contrairo* de *contrario, bolra* de *borla.* Esta transposição parcial ha tambem na nossa proposição *em,* quando na pronunciação e na escriptura mesma se troca o *m* em *n,* e elidido o *e,* se incorpora com o nosso artigo, e com os demonstrativos, d'este modo: *n'o, n'a, n'os, n'as, d'este, n'esse, n'elle, n'aquelle,* etc., em logar de *em o, em a, em os, em as, em este, em esse, em elle, em aquelle,* etc.

Á mesma **Metathese** ou transposição se podem referir as trocas, acrescentamentos e contracções que fazemos de umas lettras com outras por amor da **euphonia**, ou maior facilidade da pronunciação, evitando os hiatos e o concurso das consonancias asperas. Temos para isto duas **consonancias euphonicas** que costumamos metter entre as palavras consecutivas, quando a sua juntura é de um som agradavel.

Uma d'estas é a palatal liquida *l,* que costumamos substituir já ao *r* final dos infinitos dos verbos e das preposições *per, por;* já ao *s* ou *z* final de algumas pessoas dos verbos acabadas em *ás, és, is,* com accento agudo, quando se lhes seguem immediatamente os casos obliquos do determinativo pessoal da terceira pessoa *o, a, os, as.* Assim, nos infinitivos, em logar de dizer: *amar-o, querer-a, ouvir-os, dispor-as,* dizemos com mais suavidade *amal-o, querel-a, ouvil-os, dispol-as*; e nas proposições em logar de *per o, per a, por os, por as,* dizemos melhor

pel-o, pel-a, pol-os, pol-as. Da mesma sorte nos verbos irregulares *dizer, fazer, trazer*, que acabam as terceiras pessoas do presente e do preterito em *ás, és, is* agudo, ou em *az, ez, iz*, dizemos melhor *fal-o, dil-a, tral-os, quil-as, pol-as*. Os nossos orthographos costumam na escriptura juntar o *l* euphonico ao pronome: mas está claro que, como elle substitue o logar do *r* ou *s* final da primeira palavra, n'esse mesmo se deve pôr.

A outra consonancia euphonica é a nossa palatal nasal *n*, que costumamos metter entre todos os diphthongos finaes porque terminam sempre as terceiras pessoas dos pluraes do verbo, e o mesmo pronome, quando se lhe segue immediatamente, dizendo e escrevendo: *amam-no, temem-na, louvaram-nos, ouvissem-nas*; e não *amem-a, temem-a, louvaram-os, ouvissem-os*. Aqui o *n* junta-se ao pronome porque o modifica, e não se pôe em logar de outra consoante, como se pôe o *l* euphonico, mas se entrepôe sómente.

Para o mesmo fim de procurar á Lingua a mór euphonia possivel, e evitar os hiatos que nascem do concurso e collisão das das vozes finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas, fazemos frequentemente na pronunciação e na escriptura a **Crase** ou mistura da preposição *a* com o artigo feminino e com o demonstrativo *aquelle*, tanto do singular como do plural, contrahindo em um só *á* longo o da preposição e o da palavra seguinte, d'este modo: *á moda, ás avessas, áquelle, áquella*, em logar de *a a moda, a as avessas, a aquelle, a aquella*. Na pronunciação só, e não já na escriptura, fazemos a mesma *Crase*, da proposição *a* com o artigo masculino, escrevendo *a o, a os* separadamente, e pronunciando tudo junto e confundido no mesmo artigo alongado, d'este modo, *ó, ós*, como: *dado ó estudo, dado ós negocios*, em logar de *ao estudo, aos negocios*.

CAPITULO VI

DAS MODIFICAÇÕES PROSODICAS ACRESCENTADAS AOS VOCABULOS; E 1.º DAS QUE NASCEM DA QUANTIDADE

Os sons fundamentaes, assim, vogaes como consoantes, formam-se todos no canal da bocca, onde só se articula e fórma em vozes o som informe e confuso da glotte, pelas differentes posturas immoveis da bocca, e estas mesmas vozes se articulam e formam em consonancias pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando represam a voz e de repente a soltam. A bocca pois é o orgão proprio, assim das vozes, como das consonancias.

As modificacões **prosodicas** porém, nascidas, ou da maior e menor duração das syllabas, a que damos o nome de **quantidade**; ou da sua maior e menor elevação ou aspiração, a que damos o nome de **accento**; tem outro orgão, que é o da glotte em que se termina o tubo inferior da *trachea arteria*, e em que se fórma o som, ou *mais breve*, se a fisga da glotte persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma glotte se tendem menos; ou *mais agudo*, se se tendem mais; ou *menos aspirado*, se o volume é maior. Dos accentos trataremos no capitulo seguinte, agora da quantidade.

A **quantidade** é a medida da duração que damos á pronunciação de qualquer syllaba. Esta duração é toda relativa, como é a das notas da musica, em que uma não é mais longa senão comparada com outra que o é menos. Assim pois, como na musica as notas tem a mesma quantidade relativa nos *allegros* que tem nos *adagios*, comparadas entre si, dentro do mesmo ar de compasso, posto que uma nota da mesma especie gaste mais tempo realmente no adagio que no allegro: assim na pronunciação de uma Lingua as syllabas medem-se não pelo vagar ou pela velocidade accidental da mesma pronunciação, mas relativamente ás proporções immutaveis que as fazem ou longas ou breves. Dois homens, um dos quaes é summamente veloz no fallar, e outro por extremo vagaroso e compassado, não deixam por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa uma longa que o outro uma breve. Ambos elles não deixam de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas, só com a differença de que um gasta duas, tres, e quatro vezes mais tempo que o outro para as articular.

A medida por tanto da quantidade de cada syllaba é a proporção invariavel que umas tem com outras: proporção incommensuravel, que nunca se póde determinar exactamente; porque em todas as Linguas, e na Portugueza tambem, ha syllabas breves mais breves que outras; e longas mais longas umas que as outras; e isto consideradas, ou sós por ordem ás vozes, ou tambem por ordem ás consonancias que se lhes ajuntam.

Quem póde duvidar de que as nossas vozes grandes, e os diphthongos, sons todos de sua natureza longos, se não façam mais longos caindo sobre elles o accento predominante do vocabulo, e que, por exemplo, a ultima de *táfetá* não seja mais longa que a primeira tambem longa; e que a ultima de *lerão* (legent) não seja tambem mais longa que a mesma de *lêram* (legerunt)? Quem outrosim póde duvidar de que a primeira syllaba longa d'estas quatro palavras *áve*, *cávo*, *crávo*, *escrávo*, se não vá fazendo

cada vez mais longa á proporção que se vae carregando de novas consonancias, das quaes, cada uma para se articular, gasta por certo algum tempo, por minimo que seja.

O mesmo se deve observar a respeito das breves. Umas o são mais que outras. As nossas vozes surdas ou ambiguas *e* ou *i*, *o* ou *u*, quando se acham immediatamente ou antes ou depois da syllaba aguda, sobem tão depressa para ella, ou depois de subir se precipitam com tanta velocidade, que o ouvido apenas o reconhece; razão por que não fazem de ordinario syllaba de per si, mas com outra voz junta em synerese, ou diphthongo. Estas pois são muito mais breves que as vozes pequenas, que sempre são breves, e que as communs *i* e *u*, quando o são.

Mas estas mesmas nas cadencias esdruxulas são menos breves quando estão articuladas com consonancias do que quando não. Por exemplo: o *i* e *o* de *pallido* são menos breves que em *pallio*; o *o* e *a* de *tabola* menos que em *taboa*: e uma prova d'isto é que os poetas ajuntam as duas vozes em uma syllaba, quando não tem consoante no meio, e tendo-a não.

Mas ainda que por esta desegualdade entre as mesmas syllabas breves, e entre as mesmas longas, se não possa achar entre umas e outras uma proporção exacta, com tudo, não fazendo caso dos quebrados, e por um calculo de approximação ou orçamento geral, representando-se as breves eguaes entre si, e da mesma sorte as longas entre si, achou-se que a proporção d'estas para aquellas era dupla, e que assim dando á breve um tempo só, a longa a respeito d'ella vinha a ter dois. Esta é a proporção que os gregos e romanos achavam entre umas e outras; e nós devemo-nos contentar com a mesma nas syllabas portuguezas. O que proposto, passemos já ás regras da sua quantidade.

Uma syllaba póde ser breve ou longa por duas razões, ou por *natureza* ou por *uso*. É breve ou longa por natureza, quando os sons de que se compõe dependem de algum movimento organico, cujo mechanismo natural se não póde executar senão, ou com presteza, ou com vagar, segundo as leis physicas o dirigem. É breve ou longa por uso sómente, quando o mechanismo da pronunciação per si não pede nem presteza nem vagar; mas que o uso fez breves ou longas a seu arbitrio, pondo em umas o accento predominante, e em outras não. Tratarei primeiro das syllabas por natureza longas e breves, cujas regras são, com pouca differença, as mesmas em todas as Linguas. Depois fallarei das que o uso da nossa tem alongado ou abbreviado.

REGRA I

§ I

SYLLABAS LONGAS POR NATUREZA

Todas as nossas vozes grandes, quer abertas quer fechadas, são de sua natureza longas

DEMONSTRAÇÃO

Porque todas estas vozes na sua origem não são outra coisa senão umas verdadeiras crases ou contracções de dois *aa*, de dois *ee*, e de dois *oo*, como é facil mostrar do modo com que os nossos antigos assim as costumavam escrever. Ora toda a crase de duas breves é de sua natureza longa, porque os dois tempos das duas breves unidos em uma só voz a fazem necessariamente longa. Assim, são longas, prescindindo ainda da posição e do accento predominante, as primeiras syllabas das palavras seguintes: *táfetá*, *sádio*, *vádio*, *védôr*, *védoria*, *séteira*, *prégár*, *lêr* (e todas as terminações do infinito dos verbos da segunda conjugação), *óptár*, *ómnipotente*, *córádo*, *mórgádo*, *toutico*, *foucinho*, *ouvído*, *louvádo*, assim escriptos ou *tótiço*, *fócinho*, *óvido*, *lóvádo*.

É verdade que, quando o accento predominante do vocabulo cae fóra d'estas vozes grandes, como algumas vezes succede, não temos então signal algum com que as caracterisemos, por se achar o accento agudo ou circumflexo preoccupado pela syllaba predominante. Porém isto é defeito, não da Lingua, em cuja pronunciação nunca se confundem, mas sim da nossa orthographia, que não tem tantas vogaes quantas são as vozes. A grega tinha esta vantagem sobre a nossa e a latina. Pois tinha caractéres apropriados para as mesmas vozes, quando eram grandes e longas, e quando pequenas e breves de sua natureza. Os nossos antigos remediavam esta falta de vogaes, ou dobrando a mesma vogal para a fazer longa, como *páa*, *pée*, *léer*, *sóo*, *avóo*, ou pondo por baixo do *e* longo outro com esta figura ę, como se póde vêr na escriptura original de João de Barros e em outros.

REGRA II

As nossas oito vozes nasaes, quer claras quer surdas, sempre são longas por natureza

DEMONSTRAÇÃO

A demonstração d'esta regra tira-se do proprio mechanismo preciso ao orgão para articular esta especie de vozes. Para a sua formação é necessario que o orgão deixe sair parte do som pelo canal direito da bocca, e parte reflua pelo canal curvo do nariz. Ora está claro que esta operação mechanica deve levar mais tempo do que quando o ar sae livremente só pelo canal direito da bocca. Isto, e a resonancia mesma que as vozes adquirem na concavidade da bocca e das ventas, e com a qual se fazem mais cheias e corpulentas, tudo concorre para de sua natureza serem mais longas. Não só por estas causas, mas ainda em razão da posição, eram sempre longas estas vozes para com os romanos, que fazendo das nasaes *m*, *n*, não signaes de nasalidade, como nós, mas consoantes ainda quando se seguia outra consoante, ficava a voz sempre antes de duas consoantes, e por consequencia longa por posição.

São por tanto longas, ainda sem serem agudas, as primeiras syllabas nasaes de *amago*, *temo*, *tenho*, *sono*, *somma*, *sonho*, etc.

REGRA III

Todo diphthongo, quer seja real quer facticio, é de sua mesma natureza longo

DEMONSTRAÇÃO

E a razão está clara. O som composto d'estes diphthongos reune na sua duração os dois tempos dos sons elementares que o compôem; e é impossivel fazer soar em uma só emissão as duas vozes, que requerem para se executarem duas situações successivas do mesmo canal, sem gastar em cada uma ao menos um tempo. Por esta razão tem a primeira longa, sem com tudo ser aguda, as palavras *pairar*, *auctôr*, *feitôr*, *côiteiro*, *uivar*, *ruindade*, e a ultima longa tambem sem ser aguda, as palavras *rábão*, *órgão*, *bênção*, *hómem*, *órdem*, etc.

São tambem longos os diphthongos faticios, quando os poe-

tas por synerese ajuntam em uma syllaba as duas primeiras vozes de *guarda, guardar, quanto, quantidade, qual, qualquer, veado, dieta, viola, ciume, voar, coelho, sair, cair, paul,* e outros semelhantes.

REGRA IV

Toda syllaba feita por crase ou contracção de duas ou mais vozes em um unico som, é de sua natureza longa

DEMONSTRAÇÃO

Ainda que uma das ditas vozes, e ordinariamente a primeira, se supprima quanto ao som, seu tempo comtudo se conserva e se ajunta ao da voz seguinte, de modo que esta fica valendo dois tempos, e é por consequencia longa. Taes, entre muitas, são as syllabas contrahidas da nossa preposição *a* com o artigo feminino, quando dizemos e escrevemos: *á, ás,* em logar de *a a, a as*; e as da mesma preposição com o artigo masculino, quando na pronunciação só dizemos *ó, ós,* em logar de *a o, a os*; e bem assim do *o* e *a* ultimo das linguagens dos verbos, quando se lhes segue o pronome, como: *louv-õ, louvar-ã, amar-õs, amar-ãs* em logar de *louvo-o, louvara-a, amara-os, amara-as.*

§ II

SYLLABAS BREVES POR NATUREZA

REGRA V

Todas as nossas vozes oraes pequenas a, e, o, *e as surdas ou ambiguas como* e *ou* i, o *ou* u, *são breves de sua mesma natureza*

DEMONSTRAÇÃO

Porque de cada uma d'estas vozes, duas juntas equivalem a uma das grandes, como fica mostrado na regra I, e por consequencia a uma longa. Ora uma longa equivale a duas breves. Logo, cada uma das duas pequenas que se contrahem na longa por si é breve.

Não ha coisa mais facil de reconhecer em qualquer vocabulo do que são estas vozes pequenas e breves. Note-se n'elle a syl-

laba em que está o accento agudo ou predominante. Todas as vozes que o precedem ou seguem, não sendo da classe das longas notadas nas quatro regras antecedentes, são pequenas, e consequentemente breves, como se vê n'estas palavras: *atabále, atabafador, generál, célebre, povoádo, ociosidáde.*

Nem só são breves as que se acham dentro do vocabulo, nas ainda todas as que se lhe ajuntam como encliticas, as quaes não tendo nunca accento proprio se acostam na pronunciação ás palavras que o tem, formando, para assim dizer, um mesmo corpo com ellas debaixo do mesmo accento dominante, que constitue centro commum da união de todas estas syllabas. E taes são o artigo *o, a, os, as,* e os pronomes obliquos das tres pessoas *me, nos, te, vos, se, o, a, os, as, lhe, lhes*; como veremos no capitulo seguinte.

§ III

SYLLABAS COMMUNS FEITAS LONGAS OU BREVES PELO USO

REGRA VI

São communs as duas vozes portuguezas i *e* u; *e só o uso da Lingua é que as faz já longas pelo accento agudo com que as pronuncía, já breves pronunciando-as sem elle*

DEMONSTRAÇÃO

A razão é, porque o som d'estas duas vozes, e por consequencia o mechanismo de sua formação é o mesmo, quer sejam longas, quer sejam breves, e não varía com a sua quantidade como varía o som das outras vozes, quando são grandes e quando pequenas. De sua natureza pois não podem ser longas nem breves, e só se fazem taes pela maior demora do mesmo som em umas do que em outras.

Esta demora pois não póde ser produzida por outra causa senão pelo accento agudo, quando o uso da Lingua accentúa uma e não accentúa outra. O accento predominante é capaz de produzir esta mudança temporal, ainda quando as syllabas a não tem de sua natureza e formação mechanica. Nas syllabas agudas a voz eleva-se sensivelmente mais do que nas graves e nas agudas. Esta elevação requer mais esforço no orgão, e mais contensão nas suas fibras. Para tomarem pois esta contensão, necessitam de mais algum tempo do que é necessario para entoarem as syllabas que não são agudas, que por isso o orgão se apressa a passar ligeiramente por estas para subir á aguda, e d'esta maior

elevação tornar-se a precipitar pelas graves até o fim do vocabulo.

Além do que, o tom agudo faz maior impressão no ouvido, e quanto maior é a impressão, mais tempo duram as oscillações que ella produziu nas fibras auditivas. Não é pouco para admirar, que a mesma voz já seja longa quando é aguda, já não quando o não é, ou é grave. A aguda sempre é longa, mas a longa nem sempre é aguda. O que d'aqui se segue é, que quando o accento cae sobre uma syllaba de sua natureza longa, esta fica mais longa do que quando cae sobre uma syllaba commum.

Pelo que n'estas palavras *spirito*, *mutuo*, os dois *ii* da primeira e os dois *uu* da segunda nenhuma differença de som tem entre si. A unica que se sente é a maior demora do mesmo som, que tem as primeiras por serem agudas, e a menor que tem as segundas para por ellas a voz descer com mais prestesa. O uso d'agora é que deu a agudeza á primeira de *spirito*, e o uso de outro tempo a deu á segunda, pronunciando *sprito* em logar de *spirito*.

EXCEPÇÕES

As primeiras quatro regras nenhuma excepção tem, estas duas ultimas só tem uma que é a da *posição*, quando as syllabas breves de sua natureza ou communs se acham no vocabulo antes de duas consoantes, porque então ficam longas.

Esta regra de posição é fundada no mechanismo mesmo da palavra. Quando n'ella se acham duas consoantes seguidas, a primeira não tem voz diante de si que haja de modificar; mas tambem se não póde articular sem ter ao menos um *e* mudo ou scheva, sobre que caia o seu som. Mas esta scheva, fazendo-se mais alguma coisa sensivel, degeneraria no *e* pequeno, e viria a tirar a contiguidade das duas consonancias, mettendo-lhes em meio uma voz que as separasse em syllabas. Para evitar pois este inconveniente, quanto é possivel, o pouco tempo que n'este *e* mudo se poderia gastar, deita-se á conta da vogal antecedente, que por esta razão fica mais longa do que o seria se não estivesse antes das duas consoantes seguidas.

Por esta razão *fôlgo*, *folgár*, *polgár*, *polgáda* (que tambem se escrevem *fôlego*, *fôlegár*, *pôlegár*, *pôlegáda*), tem a primeira longa por posição. Porque o tempo que se havia de dar á pronunciação mais sensivel do *e* que se vê depois do *l*, nas mesmas palavras escriptas do segundo modo, toma-se para o *o* antecedente, que sendo já grande e longo em *fôlgo*, fica mais longo pela posição, e sendo breve de sua natureza nas palavras *folegâr*, *polegár*, *polegáda*, passa a ser longo por posição nas mes-

mas, supprimindo-se o *e* e escrevendo-se *folgár*, *polgár*, *polgáda*. O mesmo se deve dizer da primeira syllaba de *parte*, *partida*, *ermo*, *ermida*, *triste*, *tristeza*, *furto*, *furtar*, e outras semelhantes.

Deve-se porém notar que para haver posição, é preciso que as consoantes sejam ao menos duas, e essas consecutivas e pronunciadas immediatamente depois da voz antecedente, e que uma d'ellas pertença á syllaba antecedente e outra á seguinte, e bem assim que a voz antecedente seja uma, ou das grandes, ou das pequenas, ou das communs.

Se as consoantes escriptas são dobradas e da mesma especie, mas na nossa pronunciação presente valem por uma, como *abbade*, *occasião*, *addição*, *affeição*, *aggregar*, etc., não ha posição. Pelo contrario, quando a consoante figurada é uma mas vale por duas, como o *x* latino nas nossas palavras *sexo*, *reflexão*, vale a regra.

Se ambas as consoantes pertencem á voz seguinte, como quasi sempre acontece quando a primeira d'ellas não é alguma das nossas liquidas *s*, *l*, *r*, então está claro que indo com ellas o som de seus schevas para a syllaba seguinte, mal podem influir na antecedente. Assim são breves e não longas as primeiras de *abraçar*, *adregar*, *afrouxar*, *affligir*, *agreste*, *reprovar*, e outras semelhantes.

Por esta mesma razão, de o nosso *s* liquido no principio de muitas palavras latinas pertencer á voz seguinte, e o *e* surdo, que muitos lhe costumam ajuntar antes, não ser da classe das nossas vozes pequenas ou communs, tambem este *e* nunca se faz longo por posição, em *estado*, *estudo*, *estipendio*, *estupenda*, *esplendido*, e nas mais palavras semelhantes.

De tudo isto que temos dito, e dos exemplos com que o comprovamos, se póde vêr a falsidade com que Antonio José dos Reis Lobato diz em sua *Arte de Grammatica da Lingua Portugueza* reimpressa em Lisboa em 1771, no liv. VI da *Prosodia*: «Que a syllaba longa é aquella em cuja pronunciação se le«vanta a voz ferindo-se a vogal..; e syllaba breve, pelo contra«rio, aquella em cuja pronunciação se abaixa a voz sem ferir a «vogal» affirmando na nota (*b*) ao mesmo logar que «nas linguas «vulgares, rigorosamente fallando, não ha syllabas longas nem «breves, por se distinguirem pelo accento.» Elle, como outros, confundiu a quantidade com o accento, coisas mui differentes como já vimos, e passamos a vêr no capitulo seguinte.

CAPITULO VII

DAS MODIFICAÇÕES PROSODICAS ACRESCENTADAS AOS VOCABULOS, E 2.º DAS QUE NASCEM DO ACCENTO

Accento, que quer dizer **canto acrescentado á palavra**, ou **tom**, é a maior ou menor elevação relativa com que se pronunciam as vozes, nascida da maior ou menor intensidade que as fibras da glotte dão ao seu som. A mesma differença que ha entre um som mais ou menos intenso, e um som mais ou menos extenso, ha tambem entre o **accento** e a *quantidade* de uma syllaba. Esta syllaba póde ser longa e tão extensa como duas breves, e comtudo não ser intensa como o é a que tem accento agudo. *Orgão*, por exemplo, tem a ultima longa porque é um diphthongo, comtudo o seu som não é tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. É pois certo não só nas Linguas grega e latina, mas tambem na portugueza que o **accento** das syllabas é coisa muito distincta da sua *quantidade*.

Os **accentos** simples são dois, **agudo** e **grave**. O agudo é aquelle com que levantamos o tom da voz sobre qualquer syllaba, e a apoiamos com mais força. O signal com que os gregos e romanos notavam este **accento agudo**, era uma pequena vertical lançada da direita para a esquerda sobre a vogal d'este modo (´), como em *chinó*.

O **accento grave** pelo contrario é aquelle com que depois de levantar o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu signal era a mesma linha vertical, porém com direcção contraria á da aguda d'este modo (`), como em *chinò*.

D'estes dois **accentos** é composto o **accento circumflexo**, que é aquelle com que sobre a mesma syllaba em differentes tempos levantamos e abaixamos successivamente o tom da voz. A sua figura é egualmente composta das duas linhas verticaes, que servem de nota ao agudo e grave, unidas em cima e abertas em baixo em fórma de angulo agudo, d'este modo (^), como em *mêo*. O grave é menos um **accento** que uma privação do **accento agudo**, porque a voz nunca se abaixa senão depois de se ter levantado. Pelo que, nas syllabas que se seguem á que tem o **accento agudo**, se entende sempre o **accento grave**, e por isso não se costuma escrever. As syllabas que no vocabulo precedem o **accento agudo**, nem são agudas nem graves, e chamam-se *não agudas* ou *indifferentes*.

Nós fazemos dos signaes dos **accentos** differente uso do

que faziam os gregos e os romanos. Como não temos tantas vogaes quantas são as vozes portuguezas, servimo-nos dos **accentos** para com as mesmas vogaes, diversamente accentuadas, distinguirmos as vozes grandes das pequenas; d'aquellas, notando as que são abertas com **accento agudo**, e as que são fechadas com **accento circumflexo**, e estas sem nenhum. Porém como succede ordinariamente cair o **accento agudo** e o **circumflexo** sobre as mesmas vozes que o tem realmente, ficam tendo dois usos entre nós os signaes do **accento agudo** e **circumflexo**, um para indicar a qualidade da voz, e outro para mostrar que é aguda ou circumflexa. No primeiro são **accentos vogaes**, no segundo **accentos prosodicos**.

Além d'estes tres **accentos** ha outro de **aspiração** que os gregos notavam ao principio com dois E Ǝ virados um para outro, ou unidos d'este modo H, e depois com a figura de uma virgula ás avessas lançada por cima da vogal; e os romanos com o primitivo H dos gregos posto na mesma linha antes da vogal aspirada.

Este **accento de aspiração** é a maior influencia e volume do ar que o pulmão faz sair com impeto pela glotte, quando esta fórma o som que depois se converte em voz. A Lingua Portugueza differença-se muito n'esta parte da Lingua Castelhana, que é abundantissima de aspirações, e por isso se faz algum tanto aspera e fatigante. A nossa não usa d'ellas senão nas interjeições, em que são mui proprias para exprimirem o desafogo das paixões, pronunciando com ellas, e escrevendo ás vezes *ah! oh! hui!* etc.

Usa porém frequentemente do H para outros fins, já para figurar algumas consonancias suas proprias, que os romanos não tinham, quaes são as prolações *ch, lh, nh*; já para conservar as etymologias gregas e latinas, como em *hypothese, homem*; já para distinguir os sons semelhantes, como *he* verbo de *e* preposição, *hi* adverbio de *i* vogal, e *hum* nome de *um* vogal nasal. Como pois o **accento aspirado** tem pouco uso entre nós, e o **grave** se entende em todas as syllabas depois da aguda: trataremos só dos **accentos agudo** e **circumflexo**, pondo primeiro os principios geraes sobre que se fundam as regras dos nossos **accentos**, e depois as regras mesmas.

§ I

PRINCIPIOS GERAES

1.º

«Não ha palavra alguma que per si faça corpo, a qual não tenha **accento agudo** ou **circumflexo.**»

«A natureza (diz Cicero, *orat.* 58) tomando, para assim dizer, a seu cargo o modular a lingua dos homens, quiz que em toda palavra houvesse uma voz aguda e não mais.» Se a não houvesse, as palavras ficariam monotonas, isto é, seriam todas pronunciadas com um mesmo tom ou tensão das fibras da glotte, que as cançaria logo. Além do que, toda palavra, para ser uma, deve reunir todas as suas syllabas em um ponto commum de apoio, e este é a aguda, para cuja elevação preparam as que precedem, e da mesma descem as que se seguem. Uma oração composta de vocabulos monotonos, seria mais uma fiada de syllabas do que um tecido de palavras.

2.º

«O accento agudo nunca tem logar senão em uma das tres ultimas syllabas de qualquer vocabulo, ou a ultima, ou a penultima, ou a antepenultima. Para traz não póde passar.»

Se passasse para traz, a pronunciação das syllabas que se lhe seguissem, seria tão veloz e precipitada, que umas atropelariam as outras, como se póde vêr por experiencia.

3.º

«Depois da syllaba aguda, as que lhe seguem são sempre graves, quer sejam breves, quer longas.»

Depois da voz subir na aguda, necessariamente ha de descer, a não ter de acabar n'ella. Ora as syllabas pelas quaes a voz desce e se abate, chamam-se graves. Logo as syllabas que se seguem á aguda, necessariamente devem ser graves, quer sejam breves, quer longas; porque uma syllaba póde ser extensa sem ser intensa.

4.º

«A syllaba aguda sempre é longa, ou por natureza ou por uso. Mas a longa nem sempre é aguda.»

Veja-se atraz a demonstração d'este principio, capitulo VI, e regra VI.

5.º

«Da syllaba aguda nunca se desce pelas graves, senão ou por tres tempos em duas syllabas, uma longa e outra breve; ou por dois tempos em duas breves; ou por um só em uma breve; quer separada da aguda, quer junta com ella em um diphthongo, e n'este ultimo caso o accento é então circumflexo.»

Desce-se da aguda, correndo tres tempos em duas syllabas, sómente com as encliticas juntas ás fórmas dos verbos que acabam por diphthongo, tendo a aguda na penultima, como *louvam-me, louváram-se, louvássem-nos*. Desce-se por dois tempos em duas breves em todas as cadencias esdruxulas, como *pállido, pállio, contínuo*. Desce-se emfim por um tempo em uma syllaba breve, já separada da aguda, em todas as palavras que tem o accento na penultima, como *ponta, ponte*; já junta com ella em diphthongo, como em *pâo, pãó, lêi, louvarêi, louvâis*; e então elevando-se a voz na prepositiva e descendo na subjunctiva dentro da mesma syllaba, é o **accento composto** ou **circumflexo.**

6.º

«As palavras que per si não fazem corpo á parte, como são as encliticas, estas não tem nem podem ter accento agudo.»

Chamam-se **encliticas** as palavras ou particulas que se acostam a outras no fim para com ellas serem pronunciadas continuadamente, debaixo do **accento agudo** das mesmas, quaes eram entre os latinos as particules *que, ne, ve*, e entre nós todos os casos obliquos dos determinativos pessoaes, chamados pronomes, quer da 1.ª pessoa, *me, nos*, quer da 2.ª, *te, vós*, quer da 3.ª ou reciproco *se*, ou directos, *o, a, os, as, lhe, lhes*; quando se ajuntam immediatamente aos verbos. Vejam-se adiante as razões d'este principio.

§ II

REGRAS DOS ACCENTOS

REGRA I

«Tem accento agudo na ultima syllaba todas as palavras, quer sejam nomes, quer verbos, quer particulas, que acabarem, ou em alguma das nossas cinco vozes grandes *á*, *é*, *ê*, *ó*, *ô*, ou nas duas communs *i*, *u*, ou em alguma das quatro nasaes claras *ã*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, quer se escrevam assim, quer com *m*, d'este modo: *am*, *im*, *om*, *um*, ou em alguns diphthongos oraes, *ái*, *áo*, *éi*, *êi*, *éo*, *io*, *ói*, *ôi*, *úi*, ou das nasaes *ãi*, *ão*, *ẽe*, *õi*, *õo*, *ũi*, quer se escrevam assim, quer de qualquer outro modo; e bem assim tem a ultima aguda todas as palavras, ou sejam nomes ou verbos, que acabarem no numero singular por alguma das nossas tres liquidas *l*, *r*, *s*, ou esta ultima se escreva assim ou com *z*, como o uso introduziu.»

DEMONSTRAÇÃO

Assim, tem a ultima aguda as nossas palavras acabadas em *á* grande, como *acolá*, *alvará*, *cá*, *dá*, *está*, *já*, *há*, *lá*, com suas compostas, e *má*, *oxalá*, *pá*, *pará*, *piaçá*, *quiçá*, *tafetá*, e todas as terceiras pessoas do singular dos futuros imperfeitos *amará*, *lerá*, *ouvirá*, etc.

E bem assim as acabadas em *é* grande aberto, como *alquilé*, *até*, *boé*, *boldrié*, *bujamé*, *cachondé*, *café*, *chaminé*, *fricassé*, *galé*, *libré*, *maré*, *pé*, com os seus compostos; e *polé*, *ralé*, *salé*, *sé*, *sodré*, etc.: ou em *ê* grande fechado, como *sê*, *lê*, *vê*, e outros imperativos semelhantes; *mercê*, etc.

Os que acabam em *ó* grande aberto são: *Alijó*, *avó*, *beilhó*, *chinó*, *dó*, *eiró*, *enchó*, *filhó*, *ilhó*, *linhó*, *mantó*, *mó*, *nó*, *notibó*, *passó*, *pó*, com seus compostos; e *portaló*, *roqueló*, *teiró*, *tremó*, *ventó*, *vinhó*, etc. E em *ô* grande fechado, como *avô* com seus compostos, e todas as terceiras pessoas do singular no preterito indicativo dos verbos em *ar*, como *amou*, *dou*, *estou*, *sou*, *vou*, etc. Emfim todos os monosyllabos que não são encliticos.

EXCEPÇÕES

Esta regra não tem excepção alguma senão:

1.º Nas palavras acabadas em *i* e *u*, das quaes se tiram *quasi* e *tribu*, com accento na penultima.

2.º Nas acabadas em *ão*, das quaes se tiram *bênção*, *frângão*, *órgão*, *rábão*, *sótão*, e todas as fórmas dos verbos em *am* (excepto as do futuro imperfeito), como *louvam*, *louvávam*, *louváram*, *louvariam*.

3.º Nas acabadas em *ẽe* ou *em*, das quaes se tiram *hómem*, *órdem*, *imágem*, com todas as que tem *g* antes de *em*, e todas as fórmas dos verbos acabadas em *em*, como *lôuvem*, *louvássem*, *louvárem*, *têmem*, *pártem*, que tem o accento na penultima.

4.º Nas acabadas em *l*, *r*, *s*, das quaes se tiram: das primeiras *Tentúgal*, *Setúval*, todos os adjectivos em *vel*, como *admirável*, *possível*, etc., e os em *ul* e *il*, como *cônsul*, *procônsul*, *dócil*, *débil*, *difficil*, *fértil*, *hábil*, *verosímil*, *portátil*, *útil*: das segundas *aljôfar*, *âmbar*, *açúcar*, *néctar*, *mártyr*; e das terceiras *alféres*, *cális*, *érpes*, *ourives*, *símples* com todos os patronymicos em *es*, como *Domingues*, *Gonçalves*, *Fernandes*, etc., os quaes todos tem o accento na penultima;

REGRA II

«Todas as palavras esdruxulas, isto é, de tres ou mais syllabas com a ultima e penultima breves, tem o accento agudo na antepenultima.»

Taes são: 1.º todas as fórmas dos verbos acabados em *mos*, como *armávamos*, *recebêramos*, *ouviríamos*, *amássemos*. Exceptuam-se as do presente e preterito perfeito do indicativo, como *amâmos*, *amámos*, etc.

2.º Todos os superlativos derivados dos latinos em *imus*, como *óptimo*, *brevíssimo*, etc., e bem assim todas as palavras derivadas das gregas e latinas que acabam em pé dactylo, como *geómetra*, *número*, *pérfido*, e infinitas outras.

3.º Grande parte dos nomes *trisyllabos* e *polyssyllabos*, que tem a ultima e penultima breves, acaba em as vozes pequenas *a-o*, *e-a*, *i-o*, *o-a*, *u-a*, ou puras ou articuladas com consonancias, como *maniaco*, *pífano*, *néspera*, *ópera*, *bêberas*, *náfego*, *sôfrego*, *tráfego*, *fôlego*, *cáfila*, *dádiva*, *dúvida*, *angústia*, *brévia*, *alívio*, *annúncio*, *sítio*, *amêndoa*, *anágoa*, *frágoa*, *légoa*, *mágoa*, *névoa*, *nódoa*, *póvoa*, *táboa*, *trégoa*, *abóbora*, *pólvora*, *rêmora*, *têmporas*, *contínuo*, *assíduo*, *resíduo*, *árduo*, etc.

REGRA III

«Todas as mais palavras afóra as das duas regras antecedentes, ou sejam dissyllabas, ou trisyllabas, tem o accento agudo na penultima sem excepção alguma, como *vóto, virtúde, humanidáde.*»

Na Lingua Portugueza o accento nunca muda da syllaba em que está com o incremento das palavras, senão nos adverbios de modo e qualidade, formados dos adjectivos com a addição *mente* adiante: porque então ou o accento esteja na ultima ou na antepenultima, sempre passa para a penultima, como *magnífico, magnificaménte, particulár, particularménte.* Nos mais incrementos do plural, ou dos nomes ou dos verbos, ainda que o accento fique mais atraz relativamente á syllaba do incremento, fica comtudo immovel na mesma syllaba em que estava. Assim o *á* agudo no singular de *capáz,* fica egualmente agudo no plural *capázes,* e o *á* agudo de *amára,* fica o mesmo em *amáramos,* só com a differença de ficar ou na penultima ou na antepenultima.

§ III

DAS PALAVRAS ENCLITICAS QUE NÃO TEM ACCENTO

Chamam-se **encliticas** as particulas de uma Lingua que se encostam sobre a palavra antecedente, e se unem com ella de tal sorte, que não parecem fazer na pronunciação senão uma unica palavra com aquella a que se ajuntam. Esta sociabilidade procede já da sua pequenhez e brevidade, que não excede a duas syllabas, e essas breves; já porque occorrendo a cada passo no discurso estas encliticas, se fizessem corpo á parte, obrigariam a fazer pausas mui curtas e repetidas, que fatigariam o pulmão em demazia; já emfim, porque sendo destinadas para indicar as differentes relações das idéas, não ha coisa mais conforme á razão do que ajuntar, para assim dizer, em um corpo, os termos das idéas e os das suas relações.

É verdade que os grammaticos dão o nome de **encliticas** só áquellas particulas que se ajuntam, não antes, mas depois das palavras, para fazer com ellas um como unico vocabulo debaixo do mesmo accento, taes como as latinas *que, ne, ve,* e as portuguezas *co, go,* com os casos obliquos dos pronomes *migo, nosco, tigo, vosco, sigo.* Mas é porque o uso da Lingua não permitte estas particulas senão pospostas aos vocabulos. O uso porém da nossa admitte as encliticas tanto depois como antes dos

vocabulos. Quintiliano mesmo (*Inst. Or.* I, 9) reconhece muitas palavras, que pronunciadas separadamente teriam o seu accento proprio, juntas traz outras o perdem, fazendo com ellas um como mesmo vocabulo sem distinção de pausas, como *circum, litora.*

Seja como for, uma das propriedades d'estas palavras **encliticas**, quer estejam antes, quer depois, é não terem accento proprio, e communicarem-se o da palavra a que se aggregam. As que sempre precedem os nomes, são o nosso artigo e algumas preposições, que não só a pronunciação mas ainda a escriptura mesma costuma incorporar á palavra seguinte.

As **encliticas** dos verbos são todos os casos obliquos dos pronomes, a saber: *me, nos, te, vos, se, o, a, os, as, lhe, lhes.* Todos elles, segundo mais convém ou ao sentido ou á collocação, podem, ou ir diante os verbos, como *louvo-me, louvamos-nos, louva-te, louvai-vos, louvar-se, louval-o, louval-a, louval-os, louval-as, fazer-lhe, fazer-lhes*: ou atraz como: *eu me louvo, tu te louvas, elle se louva,* etc., ou no meio, como *louvar-me-hia, louvar-te-hei,* etc.

Outra propriedade d'estas **encliticas** é não se poderem ajuntar depois dos verbos, senão quando elles tem accento na ultima ou na penultima. Se elles porém o tem na antepenultima, de necessidade os devem então preceder, para o accento não ficar para traz da antepenultima, como ficaria se dissesse-mos: *amáramos-te, amaría-mos-o, louvássemos-lhes.* Pois como as **encliticas** fazem um mesmo corpo com as palavras a que se acostam, e debaixo de cujo accento vão, se n'estes casos se podessem pospôr, seguir-se-hia que o accento poderia retroceder para traz da antepenultima, o que é contra o principio 2.° que atraz pozemos. Comtudo o uso da nossa lingua faz uma excepção n'esta regra, ajuntando algumas vezes duas **encliticas** aos participios imperfeitos, chamados gerundios, na sua voz reflexa passiva, não obstante terem sempre o accento na penultima, dizendo: *dando-se-me, ensinando-se-lhes,* etc.

CAPITULO VIII

DOS VICIOS DA PRONUNCIAÇÃO

Entre as differentes pronunciações de que usa qualquer nação nas suas differentes provincias, não se póde negar que a da côrte e territorio em que a mesma se acha, seja preferivel ás mais, e a que lhes deva servir de regra. Os gregos e romanos assim o julgavam; aquelles a respeito de Athenas e estes a respeito de Roma; e nós o devemos egualmente julgar a respeito de Lis-

boa, ha muitos annos côrte de nossos reis e centro politico de toda a nação. O maior numero de gente que habita nas côrtes; a variedade de talentos, estudos e profissões; a multiplicidade de necessidades que o luxo n'ellas introduz necessariamente; as negociações de toda a especie que a dependencia do thrôno a ellas traz; o seu maior commercio, policia e civilidade, tudo isto requer um circulo maior de idéas, de combinações, de raciocinios, do que nas provincias, e por consequencia tambem um maior numero de palavras, de expressões e de discursos, cujo uso frequente e repetido emenda insensivelmente os defeitos que são custosos ao orgão e desagradaveis ao ouvido, e fixa os sons da lingua, que a falta de uso e de trato deixa incertos e inconstantes nas provincias e logares menos frequentados.

O uso porém da côrte não é o uso do povo; mas sim o da gente mais civilisada e instruida. Entre aquelle grassam pronunciações não menos viciosas que nas provincias, mas que os homens polidos estranham. O que não succede nas das provincias, com que são creados aquelles mesmos que bem o são, e por isso não as emendam senão com o trato da côrte, ou de pessoas que fallam tão bem como n'ella.

Reduzindo já a certos pontos os vicios da pronunciação, estes procedem ou da **troca** das vozes, das consonancias, dos diphthongos e das syllabas umas por outras, ou do **acrescentamento, diminuição** ou **transposição** dos sons de que se compoem os vocabulos da Lingua.

Assim, **trocando** o *a* grande em pequeno, dizem os brasileiros *vadio, sadio, ativo* em logar de *vádio, sádio, áctivo*, e ás avessas pondo o *á* grande pelo pequeno, pronunciam *áqui*, em logar de *aqui*. O mesmo fazem com o *e*, já pronunciando-o como *e* pequeno breve em logar do grande e aberto em *pregar* por *prégar*, já mudando o *e* pequeno e breve em *i*, dizendo *minino, filiz, binigno, mi dêo, ti dêo, si firio, lhi dêo.*

Os algarvios tambem dizem *pidaço, cigueira, pidir*, etc., e ás avessas mudam o *i* em *e*, pronunciando *dezêr, fezêra*, em logar de *dizer, fizera*, etc.

Os minhotos trocam tambem o *ó* grande fechado pelo *õ* til nasal, e o *u* oral pelo mesmo nasal, dizendo: *bõa* em logar de *bóa*, e *hũa* em logar de *uma.*

Porém ninguem como os rusticos faz tantas trocas de vozes umas por outras, dizendo: *antre, precurador, proluxo, rezão, titôr*, em logar de *entre, procurador, prolixo, razão, tutor*, e outros muitos.

Mas não são só os rusticos que se enganam n'isto. Muita gente polida pronuncia no plural com *ó* grande fechado, como no singular, os nomes que tem dois *oo* na penultima e ultima

dizendo: *soccôrro soccôrros*, e não *soccórros*, *gostóso*, *gostósos*, e não *gostósos*; ou não fazendo excepção da regra, dizem pelo contrario *espôso espósos*, *gôsto góstos*, *lôgro lógros*, etc.

O mesmo vicio, ou ainda maior ha na **troca** das consonancias, pondo umas por outras. Os minhotos trocam por habito o *b* por *v* e o *v* por *b*, dizendo: *binho*, *lovo*, *vraço* em logar de *vinho*, *lobo*, *braço*; e pelo contrario *S. Vento* em logar de *S. Bento*, *vondade* em logar de *bondade*.

Os brasileiros pronunciam como *z* o *s* liquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocabulo, dizendo *myzterio*, *fazto*, *livroz novoz*, em vez de *mysterio*, *fasto*, *livros novos*.

E os rusticos mudam o *z* em *g*, quando dizem *vigitar*, *fager*, *heregia*, e bem assim o *d* em *l*, o *x* em *v*, o *s* em *x* e o *r* em *l*, e ás avessas quando dizem: *leixou*, *trouxe*, *dixe*, *priol*, *negrigente* em vez de *deixou*, *trouxe*, *disse*, *prior*, *negligente*. Tambem mudam frequentemente em *lhe*, *lhes*, a palatal forte na sua liquida *l*, dizendo: *le disse*, *les disse*, em logar de *lhe disse*, *lhes disse*.

O mesmo vicio que ha na **troca** das vozes e das consonancias umas por outras, ha tambem na **troca** de uns diphthongos por outros, e de umas syllabas por outras. Os minhotos mudam sempre o nosso diphthongo nasal *ão* em *om*, dizendo *sujeiçom*, *razom*, *amarom*, *fizerom*, em logar de *sujeição*, *razão*, *amaram*, *fizeram*; e pronunciam *ou* como *ão*, v. gr. *são certo* em logar de *sou certo*, *estão vem* em logar de *estou bem*.

Os algarvios e alemtejanos dão *éi* por *eu*, dizendo: *méi pae*, *méis amigos*, e os rusticos não só das provincias mas ainda os dos arrabaldes de Lisboa trocam os diphthongos nasaes *ão*, *õe*, dizendo *tostães*, *grães*, em logar de *tostões*, *grãos*.

Outro modo de errar na pronunciação da Lingua é, ou **acrescentando** mais vozes áquellas de que naturalmente é composto o vocabulo ou **diminuindo-as**; ou conservados os mesmos sons **invertendo-lhes** a ordem da sua composição. Os beirões desfiguram muitas palavras com estes acrescentamentos superfluos. São muito amigos de ajuntar um *i* já ao *ô* grande fechado, dizendo *côive*, *oivir*, em logar de *couve*, *ouvir*; já ao artigo feminino *a* e á 3.ª pessoa do verbo *haver*, dizendo *a i agua*, *ha i alma*; já ao *é* grande aberto, dizendo *héi justo*, *héi certo*; já ao *u*, dizendo *fruita*, *fruitas*. Os algarvios e alemtejanos tambem tem este vicio, pois dizem *seis i horas*, *hé i bom*, etc., e o povo rustico **acrescenta** um *a* ao principio de muitas palavras, e outras consoantes pelo meio d'ellas, pronunciando *adeão*, *alanterna*, *avoar*, *ouvidio*, *astrever-se* em logar de *deão*, *lanterna*, *voar*, *ouvido*, *atrever-se*, e assim outras muitas.

Pelo contrario, o mesmo povo rustico tira muitas vezes as vozes precisas ás palavras, pronunciando *cal*, *calidade*, *maginação*, por *qual*, *qualidade*, *imaginação*, etc., e os brasileiros tambem subtrahem ao diphthongo *ai* a prepositiva, dizendo *pixão*, em logar de *paixão*.

Mas o peior vicio de todos, e o que mostra mais rusticidade, é o de **inverter** os sons das palavras perturbando a ordem de suas syllabas, e dizer por exemplo: *alvidrár* por *arbitrár*, *crélgo* por *clérigo*, *fról* por *flôr*, *coontrairo* por *contrario*, *maninconia* por *melancolia*, *pouchana* por *choupana*, *fanatego* por *fanatico*, *percissão* por *procissão*, *preguntar* por *perguntar*, *prove* por *pobre* e *socresto* por *sequestro*, e assim infinitas outras.

O meio unico, e o mais geral, para emendar ao povo estes e outros vicios da linguagem, e rectificar a sua pronunciação, é o das escolas publicas das primeiras lettras, onde a leitura e pronunciação se aprende por principios, conhecendo e distinguindo praticamente os sons elementares da Lingua, e ensaiando-se debaixo da direcção de bons mestres a pronuncial-os com toda a certeza e expressão, e a combinal-os depois, já soletrando-os, já syllabando-os, já pronunciando-os juntamente nos vocabulos e no discurso, e ligando tudo por meio de uma leitura certa, desembaraçada e elegante, o que nunca se conseguirá com os methodos e cartas informes, e mais escriptos de lettra tirada, de que até agora se tem usado; mas sim com abecedarios e syllabarios exactos e completos, e principiando a leitura por cartàs e livros de lettra impressa, mais regular, mais uniforme, mais certa, e por isso mesmo tambem mais facil e mais propria para dar o leite das primeiras lettras á tenra edade. Os meninos, em quanto tem os orgãos flexiveis, facilmente contrahem o habito de pronunciar bem a sua Lingua, ouvindo-a fallar assim a seus mestres e a condiscipulos já adiantados, e quando vem a ser paes de familias, communicam a seus filhos a mesma linguagem, porque não sabem outra.

Mas «nem todolos que ensinam a ler e escreuer (diz João de «Barros, *Dial. em louvor da nossa linguagem*, ediç. de Lisboa, «1785, pag. 232) nã sã pera o officio que tem, quãto mais en«tẽdella, por crara que seia. E ainda que isto nã seia pera ty, «dilloey pera quem me ouuir, como homẽ zeloso do bem comũ. «Hũa das cousas menos oulhada, que á nestes reinos, é consin«tir ẽ todalas nobres uillas e cidades, qualquer idiota, e nã apro«uado em costumes de bõo uiver, poer escola de insinar mini«nos. E hũ çapateiro, que é o mais baixo oficio dos mecanicos: «nã põem tẽda sem ser examinádo. E este, todo o mál que fáz «é danár a sua pelle, e nã o cabedal alheo; e máos mestres «leixão os discipulos danádos para toda sua uida. Nã sómente

«com uicios dálma, de que podéramos dár exemplos, mas ainda «no modo de os ensinar. Porque auendo de ser por hũa car«tinha que ahy á de letera redonda, porque os mininos leue«mente saberám ler, e assy os preçeitos da nóssa fé, que nella «estam escritos: conuertem ôs a estas doutrinas moráes de bõos «costumes: sáibam quãtos esta cárta de uenda: E despois desto «aos tãtos dias de tal mes: E perguntádo pelo costume disse «nichil. De maneira que, quando hũ moço sáy da eschola, nã «fica cõ nichil, mas póde fazer milhor hũa demãda, que hum «solicitador dellas, porque mãma estas doutrinas Cathólicas no «leite da primeira idáde. E o piór é, que per letera tiráda andã «hũ anno aprendendo por hũ feito: porque a cada folha co«meça nóuamente a conhecer a diferença da letera que causou o «apáro da pena, cõ que o escriuám fez outro termo iudiciál.»

E com isto concluimos as regras e observações da **Orthoepia Portugueza** que a orthographia representa por meio dos caractéres litteraes, como passamos a ver no livro seguinte.

FIM DA ORTHOEPIA

LIVRO II

Da Orthographia ou boa escriptura da Lingua Portugueza

A **orthographia** é a arte de escrever certo, isto é, de representar exactamente aos olhos por meio de caractéres litteraes do alphabeto nacional, os sons nem mais nem menos de qualquer vocabulo, e na mesma ordem com que se pronunciam ao uso vivo da Lingua, ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas linguas mortas d'onde o houvemos.

Assim o vocabulo *ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronunciação viva na Lingua Portugueza. Porém escripto como se vê ao principio, representa não só os sons que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da lingua grega d'onde o houvemos.

A primeira **orthographia** chama-se da **pronunciação**, porque não emprega caractéres alguns ociosos e sem valor, mas tão sómente os que correspondem aos sons vivos da Lingua. A segunda chama-se **etymologica** ou de **derivação**, porque admitte lettras que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras.

Entre estas duas **orthographias** caminha a **usual**, assim chamada, porque não tem outra auctoridade senão a do uso presente e dominante, já para seguir as etymologias e introduzir arbitrariamente escripturas mui alheias da pronunciação presente; já para não fazer caso da derivação mesma, e incoherente em seus procedimentos escrever, por ex.: *he, huma*, com *h*, que não ha na origem latina, e *filosofica* e *fyzica* com *f* e *z* que não ha nas palavras gregas.

Já se vê que as **orthographias etymologica e usual** estão totalmente fóra do alcance do povo illitterato, porque nenhuma regra segura se lhe póde dar, ou elle perceber, para deixar de errar a cada passo, que não seja a de largar a penna a qualquer palavra que queira escrever para consultar o vocabulario da Lingua.

Porém a **orthographia da pronunciação** não é assim. Rectificada que seja esta, não tem elle mais do que distinguir os sons, quer simples, quer compostos, de que consta qualquer palavra, e figural-os com os caractéres proprios que os alphabetos nacionaes para isso lhe dão.

Mas esta **orthographia,** ou por facil ou por estranha ao uso presente da nação, não é do gosto dos homens litteratos, que não tendo a mesma difficuldade que tem os idiotas para escreverem segundo as etymologias, julgariam ter perdido seus estudos se por isto se não distinguissem do vulto imperito. Eu, para satisfazer a todos, porei primeiro as regras communs a todas as orthographias e depois as proprias a cada uma d'ellas. Quem quizer poderá escolher.

Toda **orthographia** tem duas partes. A primeira é a união bem ordenada das lettras de qualquer vocabulo correspondente aos sons, e á sua ordem na boa pronunciação do mesmo. A segunda é a separação dos mesmos vocabulos e orações na escriptura continuada, segundo a distincção e subordinação das idéas e sentidos que exprimem. Aquella é objecto da **orthographia** tomada em um sentido mais restricto, e esta é objecto da **pontuação.** Do que tudo passo a tratar por esta mesma ordem.

CAPITULO I

REGRAS COMMUNS A TODAS AS ORTHOGRAPHIAS

REGRA I

«Todos convém que para escrever as palavras que são proprias e nativas da Lingua Portugueza, não se deve usar de outros caractéres senão dos que o uso da nação adoptou para isso.»

O uso da nação adoptou para isso 31 caractéres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes, a, e, i, o, u;* 5 *nasaes, ã, ẽ, ĩ, õ, ũ;* e 21 *consoantes, b, p, m, v, f, g, c, d, t, s* (com vogal diante) *z, s* (sem vogal diante) *x, j, ch, n, nh, l, lh, r, rr* como se póde ver no livro I da **Orthoepia,** cap. I e II. Para exprimir as duas gutturaes antes de *e* e *i,* ajuntam ás consoantes simples as duas prolações *gu, qu,* e usa muitas vezes do *ç* cedilhado em logar do *s,* e do *g* em logar de *j* antes de *e* e *i.*

Este é o verdadeiro abecedario do uso nacional. O abecedario vulgar ou typographico de 23 lettras, a saber: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z,* por uma parte é incompleto e falto não menos que de onze lettras, a saber: das cinco nasaes, *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ;* das duas consoantes *j* e *v,*

e das quatro prolações *ch*, *nh*, *lh*, *rr*, que são umas verdadeiras consoantes, posto que figuradas com duas lettras; e por outra parte o mesmo abecedario vulgar é sobejo de tres lettras, a saber: o *k* e *y* que são gregas, e o *h* que ainda sendo signal de aspiração não deve ter logar entre as consoantes, mas sim entre os accentos prosodicos aonde pertence. Não fallo já na desordem fortuita do mesmo abecedario vulgar, em que as vozes se vem misturadas com as consoantes, e estas sem ordem alguma entre si, antes contra toda a serie de sua geração e dos orgãos a que pertencem.

REGRA II

«Todos presentemente concordam em que nenhuma das lettras, ou vogaes ou consoantes, se deve dobrar no principio e fim das palavras.»

Os nossos antigos dobravam no fim as vogaes grandes e as nasaes escrevendo: *Sáa*, *sée*, *sóo*, *caiir*, *crúu*, *maçãa*, *sóos*, *malsiins*. Mas uma vogal só accentuada vale o mesmo. Já em *arrazóo*, *móo*, *vóo*, e outras semelhantes dobram-se as vogaes porque as duas vozes são differentes.

REGRA III

«Todos, ainda os mais apaixonados pelas etymologias, assentam não ser justo metter na escriptura das palavras portuguezas lettras desnecessarias, e que lhes não competem, nem em razão da pronunciação, nem em razão da derivação.»

Como escrever com *h*, *he*, *hum*, e com *e* no principio *esparto*, *espaço*, *estatua*, *espirito*, *especie*, *estudo*, etc., quando nem a pronunciação o pede, nem as palavras latinas *est*, *unus*, *spartum*, *spatium*, *statua*, *spiritus*, *species*, *studium* o tem, nem o mesmo se pratica em outras semelhantes, como em *scena*, *sciencia*, *Scipião*, etc.

REGRA IV

«Todas as nossas lettras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras, uma grande como *A*, *B*, *C*, *D*, *E*, etc., e outra pequena como *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, etc., é pratica conforme não metter nunca lettra grande no meio das palavras, e pôl-a sempre no principio:»

1.º Dos frontespicios, dos livros, dos capitulos, etc., e da primeira palavra de qualquer oração depois de ponto final ou sim-

ples, ou de interrogação e de exclamação, e bem assim no principio de qualquer verso ou de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedam só dois pontos.

2.º Dos nomes proprios, quer sejam de pessoas, como *Alexandre*, *Cesar*; quer de animaes como *Bucephalo*, quer de coisas como *Portugal*, *Brasil*, etc.

3.º Dos nomes ainda communs, quando como titulos de honra e de dignidade são applicados a pessoas particulares, como *Papa*, *Bispo*, *Rei*, *Desembargador*; e bem assim quando são nomes patrios e gentilicos: os *Portuguezes*, os *Menezes*, ou fazem o objecto principal do discurso, como *Philosophia*, *Rhetorica*, *Poesia*, *Pintura*, *Lei*, *Decreto*, *Alvará*, etc.

REGRA V

«Todos convém em que para representar todas as nossas 10 vozes oraes, mostradas na Taboa cap. I da **Orthoepia**, nos sirvamos só das cinco vogaes *a*, *e*, *i*, *o*, *u*; porém com a differença dos accentos vogaes com que se distinguem, todas as vezes que esta distincção for necessaria para uma palavra univoca se não confundir com outra, como sem elles se confundiriam *pára* verbo com *para* preposição, *sé* nome com *sê* verbo e *se* conjuncção, *avó* feminino com *avô* masculino, e *amáram* preterito com *amarám* futuro.»

As nossas duas vozes grandes fechadas *ê*, *ô*, nunca occorrem nas palavras sem nas mesmas vozes cair o accento agudo, e assim o seu mesmo accento vogal serve tambem de accento prosodico, como em *barrête*, *môco*. Porém não succede já o mesmo com as nossas tres vozes grandes abertas *á*, *é*, *ó*, quando nas palavras se acham antes da syllaba aguda como em *vadio*, *pregar*, *sosinho* e outras muitas. Preoccupado o accento pela syllaba aguda, já com elle se não podem notar as vozes abertas que o precedem.

Havendo porém necessidade de distinguir com isto duas palavras equivocas, como *prégar* (praedicare) e *pregar* (figere), seria bom para estes casos tornar a introduzir o e dobrado de que usa para os mesmos casos o nosso João de Barros, ou dobrar a vogal escrevendo *vaadio*, *preegar*, *soosinho*. Pelo que pertence ás duas escripturas de *ô* grande fechado, figurando-o, ou com o accento circumflexo por cima, ou com o *u* adiante, d'este modo *ou*, quando elle é final, póde-se adoptar a primeira para os nomes escrevendo *avô*, e a segunda para os verbos, escrevendo *amou*, *dou*, *sou*, *vou*, etc., e geralmente quando o *au* latino se converte no *ou* portuguez, como *ouço*, *pouco*, *rouco*.

REGRA VI

«Para na escriptura distinguir as vozes que na pronunciação são surdas e ambiguas, e saber se havemos de escrever *i* ou *e*, ou *u*: ou estas vozes vem antes da syllaba aguda ou depois. Se vem antes, não ha outro meio para as conhecer e determinar se não o de variar com outra formação ou declinação a mesma palavra, de sorte que a voz ambigua passe a ser uma das grandes, e então o seu som confuso se fará distincto para se escrever com a sua vogal propria.»

Assim, para eu saber com que vogal hei de escrever as primeiras vozes surdas dos dois verbos *cear* e *ciar*, e dos dois *soar* e *suar*; não tenho mais do que pôl-as no presente do indicativo *céo, cío, sóo, súo,* e logo vejo a vogal com que os devo escrever nas mais fórmas dos mesmos verbos. O mesmo succede aos nomes. Assim, por ex.: *asseado, fofice,* sei que se hão de escrever d'este modo, porque digo *asséo, fôfo,* d'onde os primeiros se derivam.

Se porém as ditas vozes surdas vierem depois da syllaba aguda, que sôa como *i*, deve-se escrever com. *e* como *prudênte, sângue, ténue*: e a que sôa como *u* deve-se escrever com *o*, como *António, Márcos, affécto, amamos, lemos, ouvimos*; e sendo duas as que sôam como *u*, a primeira deve-se escrever de ordinario com esta vogal, e a segunda com *o*, como *continuo, assiduo, arduo*. Nos diphthongos o uso mesmo não tem feito escrupulo em escrever as subjunctivas surdas de um mesmo diphthongo já com *e*, já com *i*, em *boi, poes*, e já com *o*, já com *u*, como *eu, méo, téo*. Mas da orthographia d'estes diphthongos fallaremos logo.

REGRA VII

«Todos concordam em que as nossas cinco vozes nasaes claras se podem escrever, ou simplesmente com o *til* por cima, d'este modo: *ã, e, ĩ, õ, ũ,* ou com *m* ou *n* adiante; com a differença porém que sendo finaes, ou ficando antes de *b, p, m,* sempre se devem escrever com *m*, e em todos os mais casos com *n*, como *sã* ou *são, santo, campa, tenro, tempo, sĩ* ou *sim, sinto, simples, sõ* ou *som, sonda, zombo, ũ* ou *um, atum, tunda, tumba*.

REGRA VIII

«A respeito da orthographia dos nossos 10 diphthongos oraes, nenhuma discrepancia ha pelo que pertence á escriptura das suas prepositivas, qual se vê na Taboa do mesmo capitulo III da **Orthoepia**. Pelo que pertence porém á das suas subjunctivas, que sempre são surdas, póde haver duvida se se hão de escrever com *e* ou com *i* em uns diphthongos, e em outros se com *o* ou com *u*.»

Todos porém concordam que, escrevendo-se as primeiras uniformemente com *i*, d'este modo: *ai, éi, êi, ói, ôi, ui*, nenhum inconveniente ha n'isto: e a respeito das segundas, o uso concorde de todos é escrevel-as com *u* estando no principio ou no meio do vocabulo, e com *o* sendo finaes, d'este modo: *páuta, páo, céo, Cêuta, lêo, ouvio*. O mesmo uso porém, escrevendo o pronome *eu* sempre com *u* não obstanto vir do latino *ego*, varia nos possessivos, escrevendo já com *o, mêo, têo, sêo*, segundo a analogia orthographica dos mais adjectivos em *us*, já com *u, mêu, têu, sêu*, apegando-se á origem e conformando-se com a escriptura do primitivo *eu*. Quem seguir constantemente qualquer d'estas duas orthographias escreve bem.

REGRA IX

«Pelo que pertence á orthographia dos nossos 6 diphthongos nasaes, as escripturas são varias e desconformes, como se póde ver na mesma Taboa. Porém todos assentam não haver inconveniente algum em as suas prepositivas se escreverem uniformemente, quer no singular, quer no plural dos nomes e dos verbos, com o til por cima. E pelo que pertence ás vozes surdas e ambiguas que compõem as suas subjunctivas, nas que tem o som confuso de *o* ou *u* escrever sempre *o*, assim *ão, õo*, e nas que sôam entre *e* e *i*, pôr *e* no diphthongo de *õe* e *ẽe*, e *i* nos de *ãi* e *ũi*, d'este modo: *mão, mãos, bõo, bõos, põe, pões, lição, lições, bẽe, bẽes, mãi, mãis, Rui, Ruis*; escripturas as mais auctorisadas pelo uso de nossos antigos escriptores.»

Todos pelo contrario assentam haver nas mais escripturas estes tres grandes inconvenientes, a saber:

1.º O de equivocar a escriptura dos diphthongos nasaes com a das nasaes simples, e por consequencia as palavras que nada tem de equivoco na pronunciação, escrevendo por ex.: *irmão* como *irmam*, *bõo* com a pronunciação da Extremadura, como *bom* com a do Minho, e *bendizer* como *benzêr*.

2.º A de pôr nos pluraes dos nomes o *n*, signal de nasalidade, fóra do seu logar depois do diphthongo, quando, como o *til*, devia cair sobre a prepositiva do mesmo, escrevendo d'este modo: *saons* em logar de *sãos*, *bons* em logar de *bõos*, *tostoens* em logar de *tostões*, *refens* em logar de *refẽes*, *caens* em logar de *cães*, e *ruins* em logar de *rũis*.

3.º O de furtar a alguns diphthongos a sua subjunctiva com escrever com uma vogal só *pam*, *bom*, *bem*, que vale o mesmo que *pã*, *bõ*, *bẽ*, em logar de duas *pão*, *bõo*, *bẽe*, etc.

REGRA X

«Nenhuma orthographia dobra nas palavras as quatro consoantes *v*, *z*, *j*, *x*, nem tão pouco as cinco prolações *ch*, *lh*, *nh*, *gu*, *qu*. As mais, fóra estas, nunca se dobram se não entre vogaes, como o *r* quando é forte e aspero escrevendo *carro*, *carregar* com dois *rr*, porque está entre vogaes, e pelo contrario *abalroar*, *honra*, *genro* com um só *r*, porque não se acha entre vogaes.»

REGRA XI

«Como, para figurar cada uma das nossas duas consonancias gutturaes, temos dois caractéres litteraes, um simples *g*, *c*, dos quaes nos servimos como gutturaes só antes de *a*, *o*, *u*, e outro composto como *gu*, *qu*, dos quaes usamos só antes de *e* e *i*, todas as orthographias convém n'este uso.»

Porém todas tambem deveriam na escriptura fazer distincção do *u* quando é mudo, como o é em *quatorze*, *gueto*, *quota*, *quita*, e quando o não é, mas sim vogal, como em *qual*, *guarda*, *equestre*, *quinquagesima*, etc. E para tirar toda a equivocação bom seria introduzir na nossa orthographia o signal da dierese, chamado *trema* pelos francezes, que são dois pontos horisontaes sobre o *ü* quando tem valor, e fazer o mesmo no concurso das duas vogaes quando fazem diphthongo; e quando não, usando do mesmo signal na primeira vogal quando não faz diphthongo, como em *rio* (fluvius) e não quando o faz como em *rio* (risit). O que se deverá praticar sempre que o accento agudo esteja na primeira vogal. Estando porém na segunda o mesmo accento tira toda a duvida, como em *cúia*, *cáia*, *teu*, *teúdo*, *môio*, *moído*, *láuda*, *alaúde*, *rui*, *ruína*, etc.

REGRA XII

«Para partir as palavras pelas syllabas e não partir nunca estas, póde servir de regra geral na orthographia portugueza o seguinte: *Ou a palavra se parte entre vogaes, ou entre vogal e consoante, ou entre consoantes.*»

Se se parte entre vogaes, uma deve ficar no fim da regra e outra vir para o principio da regra seguinte, excepto havendo diphthongo ou synerese, porque então uma coisa e outra deve ficar inteira no fim da regra, ou vir inteira para o principio da outra. Assim partiremos *leal, joia, luar, joeira, qualidade,* d'este modo: *le-al, joi-a, lu-ar, jo-eira, qua-lidade.*

Se a palavra se houver de partir entre vogal e uma consoante, a vogal ficará no fim da regra, e a consoante, não sendo final, passará para a regra seguinte, para fazer syllaba com a voz que se lhe seguir, d'este modo: *a-mi-go, a-mi-za-de.*

Se a palavra se houver de partir entre muitas consoantes continuadas de differente especie, e a primeira d'ellas fôr uma d'estas sete, *b, d, l, r, s,* e tambem *m, n,* não tendo vogal diante, por esta mesma se dividirá ficando no fim da regra, e trazendo as mais para o principio da regra seguinte, como pertencentes á voz immediata, d'este modo: *ob-rigar, ab-soluto, ad-mittido, con-stante, com-pre-hender, al-tar, ar-ma, as-tro, inde-mnisar, o-mnipotente. Obra* é syncope de *obera* (opera), por isso o *b* vae para a vogal seguinte como em *o-peração.* Se as consoantes são da mesma especie, uma fica no fim da regra, e a outra passa para o principio da seguinte.

Esta regra não tem senão uma excepção, que é nos vocabulos compostos de duas ou mais palavras, nos quaes como se devem partir só pelas juntas dos membros da sua composição, ás vezes succede pertencer o *s* ao seguinte membro e não ao antecedente, como em *de-struir, re-stituir, re-star, pre-star, pre-screver, de-scender, in-sculpir, ob-scurecer, con-spirar, re-sponder, re-splendecer, a-spergir,* etc. Mas isto acontece em mui poucas palavras, e em todas as mais a excepção mesma entra na regra geral da sua divisão. Taes são as regras communs a todos os systemas de orthographia. Passemos já ás que são proprias a cada um d'elles.

CAPITULO II

REGRAS PROPRIAS DA ORTHOGRAPHIA ETYMOLOGICA E USUAL

REGRA UNICA GERAL

«Toda a palavra portugueza que fôr derivada ou da lingua grega ou da latina, deve conservar na escriptura os caractéres da sua origem que se poderem representar pelos do nosso alphabeto, e forem compativeis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz n'esta regra todas as excepções que quer.»

DEMONSTRAÇÃO

Os caractéres proprios da lingua grega que não entram no nosso alphabeto nacional, mas que se podem substituir com as nossas lettras, são sete, a saber: dois simples, que são o *kappa* e o *ypsilon*; quatro aspirados, a saber o *theta*, o *phi*, o *rho* e o *chi*, e um duples que é o *psi*, porque o *x* é commum á lingua latina.

Os proprios d'esta, com o valor que lhes deu a pronunciação corrupta da inferior edade, são outros sete, a saber: o *h* sem valor algum de aspiração; o duples *x* valendo já por *cs*, como entre os gregos e latinos, já por *is* no uso da nossa pronunciação; o *c* sem cedilha valendo por *s* antes de *e* e *i*; o mesmo *ç* com cedilha valendo tambem por *s*, mas só antes de *a*, *o*, *u*; o *g* valendo *j* antes de *e* e *i*; o *s* entre vogaes valendo por *z*, e em fim as 12 consoantes dobradas entre os latinos com o valor de simples entre nós, quaes são *bb*, *cc*, *dd*, *ff*, *gg*, *ll*, *mm*, *nn*, *pp*, *rr*, *ss*, *tt*.

Disse a regra «que se poderem representar pelos caractéres do nosso alphabeto» porque algumas não se podem, ou por não termos n'elle lettra propria para isto, como o *k* antes de *e* e *i*, que substituimos com a prolação latina *qu*, ou por termos já preoccupadas, para algumas das nossas consonancias proprias, as lettras que competiriam ás gregas e latinas, como o *ch*, que servindo-nos para figurar a nossa chiante muda, como em *chá*, já a não podemos empregar sem equivoco em *archãjo*, *architecto*, etc.

Disse mais: «e forem compativeis com a nossa pronunciação» porque nada podia mostrar melhor a origem e genio das palavras gregas e latinas, do que as combinações particulares que estes dois povos fizeram, assim das vogaes como das con-

soantes, para a pronunciação e orthographia das suas linguas, como por exemplo os diphthongos gregos e latinos *oe ae*, e as terminações *ps*, *rs*, *cs*, e outras, as quaes comtudo repugnam ao mechanismo dos nossos orgãos, e por isso ou as omittimos nas palavras derivadas, ou as mudamos em outras ao nosso modo.

Isto supposto, a *applicação* da regra geral ás orthographias proprias da lingua grega e da latina, nas palavras que das mesmas derivámos, e alterações que o uso lhes deu, farão a materia dos dois §§ seguintes.

§ I

DA ESCRIPTURA DOS SETE CARACTÉRES GREGOS K, Y, TH, PH, RH, CH, PS

Posto que o *kappa* grego entrasse no nosso abecedario antigo e ainda subsista no typographico, justamente foi emfim desterrado d'elle. Porque o seu som guttural se representa muito bem com a nossa consoante *c* antes de *a*, *o*, *u*, e com a prolação *qu* antes do *e* e *i*, escrevendo nós *calendario*, *quyrios*, e não já *kalendario*, *kyrios*.

Usamos do *ypsilon*, só nas palavras de origem grega que são menos trilhadas do povo, como *hyperbole*, *lyra*. Nas que porém tem passado ao uso vulgar, o mesmo uso disfarça já o servirmo-dos do *i* pelo *y*, e escrever por exemplo: *giro*, *pigmeu*, *Jacintho*, *labirintho*, *abismo*, *crisol*, *piramide*, *rima*, *martir*, *sindicar*, *Jeronimo*, *Hippolito*, etc. É porém abuso empregar o *y* em palavras que o não tem na sua origem, como *ley*, *rey*, *moyo*, *comboy*, etc.

O *th* aspirado, ainda que o não seja por nós, conserva-se na escriptura das palavras que o tem na lingua grega, como *antipathia*, *orthodoxo*, *Timotheo*, *thesouro*, *theatro*, *thuribulo*, *throno*, *theologia*, *mathematica*, etc. Comtudo não se repara que alguns escrevam *asma*, *Catarina*, *cantaro*, *citara*, *catolico*, *tio*, que na sua origem tem o *th* aspirado. Escrever *theüdo*, *contheüdo*, é contra á etymologia.

Das consoantes gregas aspiradas a que o uso está mais propenso a largar da nossa orthographia é o *ph*, que elle sem rebuço já escreve com *f* em *filosofia*, *fysica*, *metafysica*, *profeta*, *triumfo*, e podia escrever da mesma maneira *antiphona*, *aphorismo*, *blasphemo*, *phantasma*, *Philippe*, *camphora*, *diphtongo*, *Phebo*, *Phaetonte*, *alphabeto*, etc. O *rh* aspirado é mais raro nas palavras gregas, e muito mais nas poucas que com elle passaram ao portuguez, como *rhetorica* e não *rethorica* como alguns

escrevem, *rheumatismo, catarrho*, que já muitos escrevem *reumatismo, catarro.*

Não usamos já de *ch* aspirado pelas razões que apontei no principio do capitulo. Em logar d'elle pomos *c* simples antes do *a*, escrevendo *arcanjo, monarca*, e *qu* antes de *i* escrevendo *arquitecto, monarquia*, e não *archanjo, monarcha, architecto, monarchia*, como antes se escrevia. O mesmo uso tem já adoçado a pronunciação do *ps* grego, tirando-lhe o *p*, e escrevendo só com *s* as palavras de origem grega que assim principiam d'este modo: *salmo, salterio*, em logar de *psalmo, psalterio.*

§ II

DA ESCRIPTURA DOS SEIS CARACTÉRES LATINOS H, X, C, Ç, G, S, E DAS LETTRAS DOBRADAS

Ainda que o *h* não tenha valor algum entre nós, fóra talvez das interjeições, comtudo deve-se conservar na escriptura das palavras derivadas do latim, para mostrarem a sua origem e com ella a sua significação primitiva. Pelo que devemos escrever com elle *habil, habitar, habito, haver, herdar, historia, hombro, honesto, honra, horror, hospede, homem, humor, hora* e outros semelhantes.

Porém não havendo *h* nas palavras latinas *unus, est, cadere, salire, ibi*, e sendo puramente portuguezas *baia, baú*; não sei a razão porque se escrevem com elle d'este modo: *hum, he, cahir, sahir, ahi, bahia, bahú*. Nas interjeições *ah! oh! hui!* ha a razão de serem estas vozes naturalmente aspiradas, para o que é muito proprio o *h*.

O *x* tem no uso da nossa orthographia tres significações. Elle serve de consoante portugueza para figurar o som mourisco da chiante semivogal branda nas palavras de origem arabe, como *xacoco, xadrez, xarel, xergão*, e por imitação nas de outra origem, como *fróxo, côxo, baixo, paixão*, etc. Mas d'esta e da chiante muda forte *ch* teremos occasião de fallar mais largamente no capitulo seguinte.

A segunda significação ou valor do *x*, é o mesmo da duplex latina *cs*, qual algumas pessoas polidas lhe dão nas palavras *fluxo, refluxo, fixar* e *sexo*, que pronunciam á latina *flucso, reflucso, ficsar* e *secso.*

Mas, como esta combinação de *cs* não é muito do genio da nossa Lingua, esta a costuma adoçar mudando o *c* em *i* quasi sempre que o *x* é precedido de *e*, e o *s* em *z*, de sorte que lhe vem a dar o valor de *iz*, pronunciando *exactidão, exordio, exe-*

quias, como se estivesse escripto *eiz-actidão*, *eiz-ordio*, *eiz-equias*, quando se lhe segue vogal; e quando não, da-lhe o valor de *is*, como em *sexto*, *explico*, *exceder*, que pronunciamos como *seisto*, *eisplico*, *èisceder*. E este é o terceiro uso que fazemos do *x*. Ainda que, quando elle é final, se pronuncia como *s*; comtudo, para conservar a origem latina, se costuma escrever com o mesmo *x* nas palavras que não tem a ultima aguda, como em *Felix* nome proprio, *simplex*, *duplex*, *index*, *appendix*, e poucos mais.

Uma das maiores difficuldades que tem a orthographia da derivação é a do *c* sem cedilha antes das vogaes *e* e *i*, e a do *ç* com ella antes de *a*, *o*, *u*. Porque tendo ambas o mesmo valor que o simples *s*, não se póde saber, senão pela origem latina, quando havemos de usar de *s* e quando de *c* simples ou cedilhado. Assim, só pelo latim *sine*, *centum*, *cera*, *sum*, *cedo*, *sericum*, *cilicium*, *sigillum*, é que podemos escrever certo as nossas palavras derivadas, *sem*, preposição, e *cem*, numero; *cera*, nome, e *será*, verbo; *cedo*, verbo, *seda*, nome; *cilicio*, *sello*, etc. Da mesma sorte não escrevemos *acção*, *lição*, *solução* com *ç* cedilhado, e *conversão*, *expulsão*, *submersão* com um *s*, e *oppressão*, *submissão* e *remissão* com dois, senão porque as primeiras palavras latinas *actio*, *lectio*, *solutio* se escrevem com *ti* na penultima; as segundas *conversio*, *expulsio*, *submersio* com um *s* só, e as ultimas *oppressio*, *submissio* e *remissio* com dois.

Se alguma regra se póde dar para isto é:

1.° Que quanto ao *c* sem cediiha antes de *e* e *i*, se se hade escrever com elle ou com *s*, só se póde determinar combinando as nossas palavras derivadas com as latinas d'onde se derivaram. Sendo porém as nossas puramente portuguezas, como são *seifar*, *sevar*, *serzir*, *sisco*, *sedenho*, *sedula*, *selga*, *sigano*, *salada*, *simo*, é bem escusada escrevel-as com *c*, como muitos fazem.

2.° Que quanto ao *ç* antes de *a*, *o*, *u*, nunca se deve pôr no principio da palavra; e que aquelles que escrevem *çafira*, *çanfonina*, *çafar*, *çapato*, *çafra*, *çamarra*, *çanefa*, *çarça*, *çorda*, *çotéa*, *çumo*, *çurriada*, não tem por si nem a derivação nem a razão. Que no meio ou no fim da palavra se costuma pôr o mesmo *ç* em logar de *s* quasi em todos os nomes substantivos acabados em *aça*, *eça*, *iça*, *óça*, *uça*, e em *aço*, *éço*, *iço*, *óço*, *uço*, como *ameaça*, *cabeça*, *cortiça*, *carroça*, *escaramuça*, *braço*, *adereço*, *feitiço*, *pescoço*, *rebuço*, e em os que tendo no latim a penultima em *ti*, acabam no portuguez em *ão*, *ia*, *io*, como *coração*, *prudencia*, *obrepticio*.

A mesma difficuldade ha a respeito do *g* e *j*, que sendo a mesma consonancia e tendo o mesmo valor antes de *e* e *i*, não

se sabe qual das duas consoantes se hade pôr. Mas, como nas palavras portuguezas nunca se põe *j* consoante antes de *i* vogal, a duvida entre o *g* e *j* é só como o *e*; e como as palavras que principiam por *je* são só *jejum, jerarquia* (e seus derivados), *jeroglyphico, jenolim, jellala, jeropiga*, todas as mais não podem principiar senão por *ge*.

E pelo que pertence ao meio das palavras, todas as derivadas do verbo latino *jacio* tem no portuguez *j* antes de *e*, como *adjectivo, conjecturar, objectar, projectar, rejeitar*, etc., com seus derivados *abjecção, objecto, sujeito*, etc. E pelo que pertence ao fim, os verbos em *jar* conservam sempre o *j* em todas as vozes que na sua conjugação o *g* fica antes de *a* ou *o*. Nas palavras puramente portuguezas deve-se usar sempre de *j* e não de *g*, e escrever *jeito, jerselim, jeira*, e não *geito, gerselim, geira.*

Quanto ao *s*, para se saber quando nas palavras derivadas do latim se ha de pôr um *s* só, ou dois *ss*, ou *ç* com cedilha, a regra mais geral que para isto se póde dar, ainda que sujeita a muitas excepções, é que todas as vezes que o som d'esta lettra não estiver entre vogaes, ou estando entre ellas se pronnnciar como *z*, empreguemos sempre o *s* simples, e se se pronunciar como *s* entre as mesmas vogaes, não tendo a palavra latina *ti* ou *c* na penultima, usemos do *ss* dobrado, e tendo-o usemos do *ç* com cedilha.

Conforme á primeira parte d'esta regra escrevemos com um *s* só, *falso, absolver, conselho, manso, conseguir, conservar, dispensar, verso, corso*, etc., e bem assim *caso, causa, visivel, rosa, musa, formoso, gostoso*, etc. Conforme á segunda parte da regra escrevemos *amassar, cassar, passar, possivel, possuir, tussir, disse, dissesse*, e todas as mais fórmas dos verbos em *asse, esse* e *isse*. E conforme á terceira escrevemos *spaço, negocio, graça, prudencia, oração, faço*, etc.

Isto pelo que pertence ás palavras derivadas do latim, que quanto ás puramente portuguezas, estas serão escriptas com *s* ou *z* quando de uma ou outra sorte sôam na pronunciação, como *casa* (venatio), *caza* (domus), *braza, brasa* (medida), *prezente, presentir, azado, dansa*, etc. O escrever com *z* as finaes agudas do singular, como *fáz, fêz, fiz, capáz, capúz, feliz, retróz*, e outras semelhantes, pela razão da maior facilidade na formação dos pluraes dos nomes, é desamparar a regra da derivação por uma razão frivola. Nenhuma d'estas palavras tem no latim *z* no fim, mas ou *x* ou *s*, ou *t*. O *s* final, ficando nos pluraes d'estes nomes entre vogaes, pronuncia-se como *z* segundo a analogia latina. As vogaes finaes accentuadas ficam sendo signal proprio para mostrar a sua agudeza, e ha

muitas palavras de semelhantes finaes agudos que nem por isso escrevemos com *z*, como *pés*, *dés*, *sés*, *três vês*, *más*, *aliás*. Seria por tanto mais coherente o escrever *fás*, *fés*, *fís*, *capás*, *capús*, *felís*, *retrós*.

Resta fallar das consoantes dobradas nas palavras portuguezas derivadas das latinas que as tem. Os latinos dobravam-nas porque as pronunciavam ambas, e uma prova d'isto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição. Nós porém pronunciamol-as como se fosse uma só. Comtudo, para conservar este vestigio da etymologia latina, querem os apaixonados d'ella que assim se escrevam.

Pela pronunciação pois não podemos saber quando havemos de dobrar as consoantes, excepto o *r* quando é brando e quando forte, e o *s* quando se pronuncia como *z*, e quando como *ç*. Porque no primeiro caso usamos no meio das palavras da consoante simples, e no segundo da mesma dobrada. As mais, ou se escrevam sós ou dobradas, pronunciam-se do mesmo modo. Assim não póde haver regra alguma segura que nos dirija n'esta escriptura, senão a orthographia latina, principalmente nas syllabas médias das palavras.

Para as do principio póde dar algum soccorro a observação das preposições compositivas *ad*, *con*, *in*, *ob* e *sub*, pelas quaes começam infinitas palavras compostas que derivámos do latim. Como de ordinario a consoante ultima d'estas preposições se muda n'aquella porque começa a palavra a que serve de composição, o *d* da preposição *ad* já se muda em *c* antes de outro, já em *f*, *g*, *l*, *p*, como *acceitar*, *affecto*, *aggravo*, *allegar*, *applicar*: o *n* das preposições *con* e *in* se muda em *m* antes de outro, como *commissão*, *immovel*: e o *b* das preposiçoes *ob*, *sub*, em *p* antes de outro, como *opportuno*, *supposto*.

Tambem toda a palavra que principia por *di*, *e*, *o* e *su*, seguindo-se-lhe immediatamente *f*, dobra esta consoante, v. gr. *differir*, *effeituar*, *offender*, *suffocar*, *difficil*, *efficaz*, *officio*, *suffragio*. Mas estas mesmas observações de pouca utilidade podem servir aos que não tem um bom conhecimento da lingua latina. Para estes, e para o povo illitterato, só a boa pronunciação da propria lingua é que lhes póde ensinar as lettras com que a hão de escrever, como se verá no capitulo seguinte.

Entretanto, um mui justo e razoado meio de conciliar os dois systemas oppostos da orthographia etymologica como o da pronunciação, seria escrever as palavras gregas e latinas com as lettras das suas origens, em quanto ellas são só do uso dos sabios e não tem passado ao do povo, e com as do nosso alphabeto e pronunciação uma vez que passem ao uso vulgar, como tem passado as de *filosofia*, *fisica*, *metafisica*, *matematica*, *teologia*, etc.

CAPITULO III

REGRAS PROPRIAS DA ORTHOGRAPHIA DA PRONUNCIAÇÃO

REGRA UNICA GERAL

«Qualquer palavra que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons de que é composta, estes se escrevam, pela mesma ordem, com os caractéres que lhes competem nos abecedarios completos e exactos que ficam lançados nos capitulos I e II da **Orthoepia**, e no capitulo I, regra I da **Ortographia**, e a palavra assim escripta ficará sem erro de orthographia.»

Esta regra não tem excepção alguma. Pelo que não necessita senão de se demonstrar, applicando-a a todos os sons da nossa Lingua, quer simples, como **vozes** e **consonancias**, quer compostos como **diphthongos** e **syllabas**, o que passamos a fazer nos dois §§ seguintes, praticando já a mesma orthographia da pronunciação que nos mesmos se ensina.

§ I

APLICASÃO DA REGRA GERAL ÁS VOZES E DITONGOS DA LINGUA PORTUGUEZA

Esta applicasão da regra ás **vozes** e **ditongos** tanto oraes como nazaes da Lingua Portugueza, fica já feita no cap. I *Das regras communs a todas as orthographias*, regra V, VI, VII, VIII e IX, e por isso é scuzado repetil-a aqui.

A ortografia uzual não discorda em nada da ortografia da pronunciasão, no que pertense á scriptura das nosas 12 vozes *oraes*, e das nosas 5 *nazaes* claras. Se á alguma discrepansia é na eispresão das nosas quatro vozes surdas ou ambiguas, e na do *ó* grande fechado, que umas vezes se screve asim, outras com *ou*.

Os omens doutos tem na analogia das palavras derivadas do latim com as latinas, dados pelos quaes determinão fasilmente a escolha da vogal surda que ão de preferir, e a que ão de rejeitar. Os que não são letrados stão privados deste socorro. Podem pois seguir as saídas que lhes demos na regra VI, cap. I.

Mas se asim mesmo ficarem ainda indesizos sobre se ão de uzar de *e* ou *i*, e de *o* ou *u*, qualquer das duas vogaes que eles escolhão, terão desculpa na mesma imposibilidade onde se achão

para escolher melhor. Pelo menos o screver o som do *ó* grande fechado ou asim ou com *ou*, é cousa indiferente para o ouvido, que não sente diferensa alguma, quer se screva *louvár*, quer *lóvar*. Quando porém ao *ó* se segue alguma das liquidas *l*, *r*, *s*, como taes, é melhor uzar do *ó* do que do *ou*, e screver *louvór*, *sóldo*, *gósto*, do que *louvour*, *souldo*, *gousto*.

As vozes nazaes claras screvem-se como fica dito na regra VII do cap. I. Quanto ás nazaes surdas, para mostrar a sua nazalidade, e ao mesmo tempo indicar que sobre elas cai o asento predominante, será bom asentual-as sempre com o *til* deste modo: *ãmo*, *ãno*, *sãnha*, *p͂ena*, *l͂enha*, *sõma*, *sõnho*.

Nas regras comuns VIII e IX do mesmo cap. I ensinámos qual era a genuina ortografia dos nosos ditongos, tanto oraes como nazaes, quanto ás suas prepozitivas, e a variedade que o uzo punha na scritura das subjunctivas de uns e outros, por elas serem todas vozes surdas e ambiguas, cujo som confuzo se não póde bem determinar. Mas esta mesma incerteza e variedade autoriza asás a ortografia da pronunsiasão para uzar, como quizer, ou do *e* ou do *i* nos ditongos que tomão uma destas vogaes; do *o* ou do *u*, nos outros a que estas servem de subjuntivas, e screver *ai* ou *ae*, *au* ou *áo*, *éo* ou *éu*, *éo* ou *êu*, *io* ou *iu*, *oe* ou *oi*, e bem asim *ái*, ou *ae*, *ão* ou *ãu*, *͂ee* ou *͂ei*, *õe* ou *õi*. Para variar porém as vogaes, é melhor não screver os ditongos com duas da mesma figura, mas de diferente, como por eisemplo: *éi*, *éi*, *úi*, *͂ei*, *ũi*, e não com *e*. Mas quem quizer conformar-se mais com o uzo, póde seguir o temperamento que propuzemos nas ditas regras.

§ II

APLICASÃO DA REGRA GERAL ÁS CONSOANTES E SYLABAS PORTUGUEZAS

As consoantes que mais embaraso cauzão na ortografia, por eisprimirem uma mesma consonancia, sendo diferentes caratéres do mesmo som, são as quatro guturaes, duas brandas *g*, *gu*, e duas fortes *c*, *qu*; as trez sibilantes brandas *ss*, *c*, *ç*; as duas sibilantes fortes *z* e *s* entre vogaes; as duas chiantes fortes *j* e *g*; e as duas chiantes, branda e forte, *x* e *ch*. Como estas consoantes nas suas respectivas classes se pronunsião do mesmo modo, mal se póde saber pela pronunsiasão qual delas avemos de tomar e qual deixar para screver serto.

Porém esta incerteza póde embarasar mais aos que seguem a derivasão como unica regra da ortografia, do que áqueles que

tomão a pronunsiasão atual da lingua viva como a unica segura guia da sua scriptura. Pois que os caratéres não forão inventados se não para reprezentarem os sons; e quando para cada um se destinou sua letra propria, quem uza dela cumpre com o fim da scritura, e não deve ser taxado de imperito por não uzar para o mesmo som tambem de outras, que depois ou a ignoransia ou o capricho acresentárão.

Em conformidade desta regra uzar-se-á das guturaes simples *g*, *c*, todas as vezes que stiverem antes das vogaes *a*, *o*, *u*, ou antes de qualquer das duas liquidas *l*, *r*, ainda que se sigão outras vogaes, como *galo*, *gola*, *gula*, *calo*, *cola*, *cume*, *gleba*, *grelha*, *clima*, *crime*; e das guturaes compostas *gu*, *qu*, todas as vezes que stiverem antes das vogaes *e* e *i*, como *guêto*, *guia*, *queda*, *quita*, com a diferensa porém, que ouvindo-se o som do *u* entre a consoante e vogal seguinte, como em *güarda*, *güéla*, *qüál*, *eqüéstre*, *Güilhérme*, *qüinqúagesima*, se notará o *ü* com dois pontos por sima.

As tres sibilantes brandas, a saber, os dois *ss* entre vogaes, o *c* sem sedilha antes de *e* e *i*, e o *ç* com sedilha ficarão desterrados para sempre da ortografia da pronunciasão como letras inuteis, equivocas e embarasozas para quem quer screver serto e não sabe o latim. Todas elas serão substituidas pela nosa consoante *s*, ou o seu som se ousa antes de qualquer das vogaes, ou no meio delas, screvendo-se: *serto*, *aserto*, *sino*, *asino*, *corasão*, *asougue*, *sumo*, em logar de *certo*, *acerto*, *cino*, *assigno*, *açougue*, *çumo*. Os que sabem latim podem fazer degráo para esta scriptura uzando sempre do *ç* sedilhado, que é um verdadeiro *s*, e sigma grego, em logar do *c* sem sedilha, como *çerzo*, *çino*, *çumo*, ortografia uzual de João de Barros. As palavras que prinsipião ou tem no meio *sc*, como *sciencia*, *scena*, *nascer*, poder-se-ão screver com um *s* só deste modo: *siensia*, *sena*, *naser*, e do mesmo modo as que tem *c* gutural antes do *s*, como *acção*, *reflexão*, screvendo-se *asão*, *reflesão*.

Com isto que acabamos de dizer já não fica confundido o uzo do noso *z* com o *z* latino que os romanos, por não terem esta letra, eisprimião com o simples s entre as vogaes. Os sons do *z* e *s* ficão distintos, uzando nós daquele todas as vezes que ele soar na pronunsiasão, e deste em logar dos dois *ss*, e do *ç* sedilhado e sem sedilha, e screvendo sem scrupulo algum *cazar*, *caza*, *prezo*, sem perigo de se equivocarem com *casar*, *casa*, *preso*, ainda que se não screvão como se costuma *caçar*, *caça*, *preço*, e bem asim *gostózo*, *gloriózo*, *trânzito*, etc. Por esta regra o mesmo *s* liquido que sempre o é quando não tem vogal diante, como em *eiscelente*, *desmedido*, *desconsertado*, pasará a screver-se, como sôa, com *z*, logo que se lhe seguir vogal,

deste modo: *eizemplo, dezamor, dezandar, dezobediente,* e asim constantemente nas mais palavras onde o seu som se ouvir.

O *g* latino, valendo como *j* antes de *e* e *i,* fica tambem desterrado da ortografia da pronunciasão, como origem de mil insertezas e dezasertos. Todas as vezes que se ouvir o som d'esta consoante forte, quer steja antes de *a, o, u,* quer antes de *e, i,* sempre se screverá com a sua consoante propria que é o *j,* deste modo: *jente, jiro, jiesta, jeito, jerzelim, majestade, majisterio,* e asim as mais. Os que sabem a lingua latina reconhesem fasilmente nesta mesma scritura a origem destas palavras, e não disputarão se *jeito* se deve screver asim por vir de *jactus,* ou *geito* por se derivar de *gestus,* e se *jerzelim* se deve screver deste modo ou com *g* uma vez que a palavra latina *sesamum* não deside a questão.

A duvida maior, ainda entre os que screvem como pronunsião, é sobre as duas consoantes portuguezes *x* e *ch,* que paresem ter o mesmo som na nosa pronunsiasão usual. Digo *portuguezas* porque ainda que a primeira é latina e a segunda grega, ou equivalente a ela, nós lhes damos significasões mui diferentes, servindo-nos da primeira, não como duples por *cs,* mas como chiante semivogal com um som mourisco; e da segunda, não como aspirada, mas como chiante muda com o som de *tch* á italiana.

Os que melhor falão a Lingua Portugueza distinguem na pronunsiasão estas duas consoantes, dando ao *xis* um *chio* semivogal, que se deixa perseber ainda com o orgão scasamente fechado, como em *xofre,* e ao *ch* um *chio* mudo que se não persebe se não no instante mesmo da dezinterseptasão da voz que o mesmo orgão reprezava, como em *chove.* O vulgo pelo contrario confunde ordinariamente estas duas consoantes, pronunsiando ambas como *x.*

Porém como a genuina pronunsiasão do *ch* ainda subsiste em parte, e não é justo que se perca do uzo da Lingua e do noso alfabeto, apontarei as palavras que tem *x* no principio e no meio, e conhesidas elas, todas as mais se screverão com *ch,* onde se ouvir o mesmo som equivoco.

As palavras portuguezas que prinsipião por *x* são poucas e quazi todas de origem arabe. Taes são *xaca, xaque, xacoco, xadrês, xalmas, xara, xarel, xaretas, xergão, xerife, xarópe, xarouco, xira, xiró, xarafim,* e as derivadas destas. Isto pelo que pertense ao prinsipio.

Para saber quando no meio das palavras avemos de uzar de *x* e não de *ch,* servirão estas duas observasões. A 1.ª que occorrendo o tal som depois de alguma vogal nazal, com *an, en,* etc., ordinariamente se eisprime com *x,* como *enxaca, enxa-*

coco, enxaqueca, enxada, enxaguão, enxarsia, enxerir, enxertar, enxofre, enxovalhar, enxugar, e derivados.

A 2.ª Que o mesmo susede ordinariamente todas as vezes que o som das mesmas consoantes vem imediatamente depois de ditongo, como em *ameixa, baixo, caixa, queixa, deixar, deleixo, faixa, feixe, paixão, peixe, reixa, seixo, taixa, troixa*, e derivados. Além destas á mais algumas, como *bexiga, bocaxim, bruxa, buxa, buxo, Cartaxo, cóxa, coxia, coxim, cóxo, frouxo, graxa, lixa, lixo, mexer, puxar, róxo, roxinol, vexar*, e derivados.

Afóra estas, todas as mais palavras em que se ouvir o som do *a*, quer no prinsipio, quer no meio e no fim, se pronunsiarão com o som do *ch*, e se screverão asim, como *chacóta, chegar, cheirar, chiar, chorar, chusma, chumbo, achar, caprichar, despachar, encher, fechar, inchar, manchar, petrecho, rinchar, sachar, trinchar*, e infinitas outras.

Na ortografia da pronunciasão não se empregará letra alguma que não steja no alfabeto nasional de uzo, qual é o que propuzemos asima cap. I, regra I. Ficão por consequensia eisclulidas dela todas as vogaes e consoantes gregas, asim simples como duplises e aspiradas, quaes são o *ypsilon*, o *kapa*, e o *esi, psi, chi, phi, rho* e *theta*. O *h* latino, como aspirasão, não entrará senão nas interjeisões; e só como parte de consoante terá logar nas prolasões portuguezas *ch, lh, nh*. Isto é o que tinhamos para dizer a respeito das letras.

Pelo que pertense ás silabas portuguezas e sua scriptura, todas as finaes que na nosa Lingua terminão por consoante, acabão sempre por alguma das nosas tres liquidas *l, r, s*. Qualquer outra consoante final é stranha á nosa Lingua, como *Jacob, Abimelech, Magog, David, Nazareth*, etc. Só duas palavras nosas acabão em *n*, que são *iman* e *canon*. As que o uzo costuma screver no fim com *x* ou *z*, como *index, apendix*, e as finaes agudas em *az, ez, iz, oz, uz*, todas se devem screver com *s* e asento na vogal antesedente. Veja-se asima, cap. II, § II.

As nosas silabas complecsas são compostas de duas consoantes seguidas, e ao muito tres, e mais não. Em todas elas uma sempre é *ficsa*, a outra ou as outras sempre são *liquidas*. Quando a silaba é composta de duas consoantes, a ficsa sempre é alguma das liquidas *l* ou *r*, como *flor, claro*, e a liquida *s* sempre presede á ficsa, de sorte que sendo a silaba de tres consoantes, a ficsa sempre vae no meio das duas como *stado, strado, escravo*.

Todas as mais combinasões de consoantes são stranhas ao noso orgão e pronunsiasão, como estas: *pt, ps, cs, ct, gm, gn, mn*, v. gr. em *scripto, psalmo, acsão, acto, augmento, digno*,

damno. O noso orgão bem mostra a violensia que tem na eispresão destas silabas. Pois na pronunciasão corrente as costuma adosar, tirando-lhes uma das duas consoantes e dizendo *scrito, salmo, asão, ato, aumento, dano*. Se alguem asim as screver como as pronunsia, creio não cometerá grande crime. A respeito da divizão das silabas e uzo das letras grandes na cabeseira das orasões e das palavras, já fica dito o que cumpria nas regras communs, IV e XII, cap. I, para não ser necesario repetil-o aqui. Pasemos á pontuasão, em que tornaremos a tomar a ortografia do uzo.

CAPITULO IV

DA PONTUAÇÃO

A pontuação é a arte de distinguir na escriptura, com certas notas, as differentes partes e membros da oração, e a subordinação de uns e outros, a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores que deve fazer, e o tom e inflexão da voz com que as deve pronunciar.

D'aqui se vê que ninguem poderá perceber bem e executar as regras da pontuação, sem ter algumas noções, ao menos superficiaes, das partes da oração e da sua syntaxe e construcção, que não damos aqui porque pertencem á **Etymologia** e **Syntaxe**, de que trataremos nos dois livros seguintes, d'onde as poderão haver os que d'ellas necessitarem.

Os signaes recebidos do uso geral para a pontuação são os **espaços** em branco entre palavra e palavra; o **ponto**, ou **simples** (.); ou de **interrogação** (?); ou de **exclamação** (!); a **virgula** (,); o **ponto e virgula** (;);; **dois pontos** (:); a **parenthese** ( ); a **risca de união** (–); o **viraccento** ('); o **trema** (¨); o **accento agudo** (´); o **accento grave** (`) e o **accento circumflexo** (^).

O uso de todos estes signaes na escriptura é o objecto dos dois §§ seguintes.

§ I

DAS REGRAS GERAES E PARTICULARES DA PONTUAÇÃO

REGRAS GERAES

I

«Toda a parte da oração se deve distinguir e separar na escriptura com um pequeno espaço em branco entre cada uma das palavras, como se vê aqui entre as palavras d'esta mesma regra.»

II

«Toda a oração que faz sentido perfeito, sem dependencia grammatical de outra, quer seja pequena, quer grande, quer conste de uma só proposição, quer de muitas, tem um ponto simples no fim, se é simplesmente enunciativa.» O que aqui mesmo se vê.

«Se a oração porém não affirmar simplesmente, mas perguntar alguma coisa, tem ponto de interrogação, como: *Quem fez o ceo e a terra?*»

«E se ella não affirmar nem perguntar, mas exclamar, tem ponto de admiração, como: *Oh ceos! Oh terra!*»

Para levar a frase desde seu principio com o tom interrogativo ou exclamativo, costumam agora pôr o ponto de interrogação ou de exclamação não só no fim d'ella, mas tambem ao principio, usando do mesmo signal, porém ás avessas, d'este modo: *¿Dize-me, que hei de fazer?* Esta pratica não é desacertada, quando a frase interrogativa ou exclamativa é alguma coisa mais comprida para se poder abranger toda de um lance de vista.

III

«Nunca se use de ponto e virgula, sem que d'antes haja virgula; nem tambem de dois pontos, sem que d'antes preceda ponto e virgula: porque a pontuação mais forte suppõe d'antes a mais fraca.» A pontuação d'esta mesma regra serve de exemplo.

IV

«As orações que se podem distinguir com virgula sómente, não se devem pontuar com ponto e virgula; e as que se podem

distinguir só com ponto e virgula, não se devem pontuar com dois pontos: porque a pontuação nunca deve ser superflua, e o que póde fazer com menos, não se deve fazer com mais.» A regra mesma serve de exemplo pratico.

V

«A mesma razão dicta que entre as palavras que se modificam, ou concordando umas com outras, ou regendo-se, não deve haver pontuação alguma.»

Assim na escriptura d'esta mesma regra não se vê virgula, nem antes do primeiro *que*, por ser uma conjuncção que ata a oração seguinte á antecedente, como objecto accusado e pedido pelo verbo *dita*; nem antes do segundo *que*, por ser um adjectivo conjunctivo que concorda com *palavras*; nem tambem nas mais palavras que são regidas: e só as proposições subordinadas *ou concordando*, etc., *ou regendo-se* estão entre virgulas, porque nem modificam, nem são modificadas.

É por tanto errada a regra da pontuação que alguns dão, mandando pôr sempre virgula antes de *que*; quando pelo contrario nunca se deve pôr, senão quando a oração principal e a incidente são tão extensas, que vem a exceder a medida de uma pausa ordinaria, que é a de um verso de treze até dezesete syllabas.

REGRAS PARTICULARES

DA VIRGULA

I

«Todos os sujeitos, todos os attributos, todos os verbos da proposição composta, e mais partes da oração continuadas que se não modificam, nem concordam, nem se regem mutuamente, querem virgula depois de si; porque cada uma com o verbo commum, e os verbos cada um per si, fazem sua oração distincta.»

Na regra se vê o exemplo. *Todos os sujeitos, todos os attributos, todos os verbos da proposição composta, e mais partes da oração continuadas*, tem virgula; porque são differentes sujeitos do verbo *querem*. As incidentes, *nem concordam, nem se regem mutuamente*, são verbos e orações continuadas, e ligadas pelo demonstrativo conjunctivo *que*; e por isso tem tambem virgula. A primeira, *que se não modificam*, não a tem antes de si;

porque é uma incidente que modifica todos os sujeitos antecedentes, e por essa razão não é continuada.

II

«Toda a oração encravada, isto é, mettida entre outras, sem as modificar, nem ser modificada, deve estar entre virgulas; e bem assim toda a addição que não faz parte de sua constituição grammatical. As parentheses, vocativos, exclamações e interrogações entram n'esta regra; as primeiras porque não só não fazem parte da sua constituição grammatical, mas nem ainda de seu sentido (que por isso se mettem entre semicirculos servindo-lhes de virgulas), e os vocativos, exclamações e interjeições, porque são umas orações ellipticas.»

Assim, na pontuação d'esta mesma regra se acha entre virgulas a oração *isto é*; porque está encravada na principal sem d'ella depender para a sua perfeição grammatical. Entre virgulas se acham tambem as duas orações, *sem as modificar, nem ser modificada*; porque são addições ou complementos acrescentados á mesma oração principal, sem comtudo fazerem parte da sua composição grammatical. Ali se vêem tambem entre semicirculos as orações: *que por isso se mettem entre semicirculos servindo-lhes de virgulas*: porque contém um sentido, qual não pedia, nem o pensamento da oração antecedente, nem a sua grammatica.

III

«Antes das conjuncções *e*, *nem*, *ou*, *como*, *que* e outras semelhantes, só se põe virgula quando as palavras e frases que ellas atam excedem a medida commum de uma pausa ordinaria, pelas orações incidentes, e complementos que trazem comsigo; quando porém as palavras e frases são curtas e simples, as virgulas são desnecessarias, porque as mesmas conjuncções servem de separação aos differentes sentidos parciaes.»

Repare-se na conjuncção *e* repetida cinco vezes n'esta regra e tres a conjuncção *que*, e saber-se-ha a razão porque umas vezes se acham virguladas, e outras não.

IV

«A todas as palavras e orações transpostas da sua ordem natural, é de razão por-se-lhes virgula, como tambem ás palavras ambiguas, de dois sentidos, referiveis a dois objectos differentes.»

Por esta regra se vê virgula depois da palavra *natural*, por-

que tudo o que precede deveria pela ordem grammatical direita estar depois do verbo *pôr*. Da mesma sorte, se a palavra *referiveis* não estivesse virgulada antes, não se saberia se a referencia era ao substantivo *sentidos*, ou ao substantivo *palavras*; mas a virgula, posta antes d'ella, tira toda a ambiguidade.

DO PONTO E VIRGULA

REGRA UNICA

«Em qualquer periodo, onde houver duas proposições totaes dependentes uma da outra, e compostas de varias orações parciaes, entre uma e outra se porá ponto e virgula; se ambas não necessitarem de outra pontuação, senão de virgulas para subdividirem as suas orações parciaes.»

Onde ha só duas proposições totaes, isto é, que não fazem parte de outras; ha só dois membros de que é composto o corpo do periodo. Se estas duas proposições são simples e incomplexas, não ha que subdividir. Bastará pois entre ellas uma virgula só. Porém se as duas proposições totaes são compostas de varios sujeitos ou predicados, e complexas com outras proposições incidentes ou integrantes; como para distinguir e subdividir todos estes sentidos parciaes bastam as virgulas: a pontuação mais forte do ponto e virgula se faz então necessaria para a divisão principal dos dois membros do periodo, e a mais forte dos dois pontos é escusada segundo a regra IV geral, que manda que a pontuação seja gradual, e que se não passe de uma inferior a outra superior, saltando a do meio.

Por esta razão, na pontuação da regra acima se vêem no 1.º e 2.º membro do periodo que a compõe quatro virgulas, que são as sufficientes para distinguir os sentidos parciaes, de que os mesmos se compõem, e ponto e virgula entre os dois membros ou proposições totaes. Porque o ponto e virgula aqui é signal da divisão principal, e as virgulas simples notam as subdivisões parciaes de cada um dos membros.

DOS DOIS PONTOS

REGRA UNICA

«Assim como quando no periodo ha uma unica divisão de orações simples, esta se nota só com virgula; e quando se passa a uma segunda divisão de membros compostos de varias —

ções, esta já se deve marcar com ponto e virgula: assim tambem, quando succede haver uma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros; esta não póde ser marcada senão com dois pontos, para se vêr que ella é a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais ficam subordinadas.»

Esta regra contém o summario de todas as mais que demos até aqui; contém a regra dos dois pontos, e contém o exemplo pratico de todas ellas. As primeiras subdivisões parciaes das orações, ou juizos que fazem parte de outros, são marcadas pelas *virgulas*, que é a pontuação mais fraca e inferior.

A segunda divisão do periodo em membros ou proposições totaes, que contém em si as primeiras subdivisões parciaes, é marcada com *ponto e virgula.*

E a divisão mestra ou principal das duas partes de qualquer periodo, antecedente e consequente, que comprehendem em si todas as outras subdivisões e divisões subalternas, é marcada com *dois pontos.*

Isto mesmo se vê praticado na pontuação da mesma regra. As subdivisões, por tanto, e as suas virgulas ficam subordinanadas ás segundas divisões, indicadas pelos pontos e virgulas, e ligadas pelas conjuncções *quando, mas*; e estas segundas divisões ficam outrosim subordinadas á primeira e principal divisão do periodo nas suas duas partes, antecedente e consequente, ligadas entre si pelas conjuncções comparativas *assim como, assim tambem,* e separadas pelos *dois pontos,* de sorte que a pontuação não só serve para mostrar a distincção das partes menores e maiores de um pensamento total; mas tambem a sua ordem e dependencia mutua para a pronunciação a poder expressar com as varias inflexões, tons, e cadencias da voz, que lhes competem.

Tambem é costume pôr *dois pontos* no fim da oração, quer grande quer pequena, que annuncia qualquer discurso direito, ou palavras de outrem que vamos a referir, como *Deus disse: faça-se a luz, e foi feita.* A oração, que prepara e annuncia a falla de uma terceira pessoa, é como o antecedente do periodo; e a falla, que se relata, é como o seu consequente. Uma e outra póde ter, e tem ordinariamente, suas divisões e subdivisões subalternas, que demandam ponto e virgula, e virgulas só, que ficam subordinadas á divisão principal dos *dois pontos.*

§ II

DOS MAIS SIGNAES DA PONTUAÇÃO

DA PARENTHESE

A *parenthese* (palavra grega, que quer dizer *interposição*) é o signal de dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes se costuma metter alguma oração que interrompe o sentido de outra, dentro da qual está, mas que é necessaria para a sua intelligencia. N'esta mesma definição se vê o exemplo.

DA RISCA DE UNIÃO

A *risca de união* (-) serve para distinguir, e ao mesmo tempo ajuntar na escriptura duas palavras, afim de se pronunciarem juntas como se fossem uma só; ou dois membros da mesma palavras que foi necessario dividir. Na orthographia portugueza usamos d'este signal em dois casos. O primeiro no fim da regra para dividir as palavras, e servir de reclamo para a regra seguinte. O segundo para separar os verbos dos pronomes encliticos, que lhes costumamos ajuntar immediatamente para se pronunciar tudo seguido, como *louvo-me, louvo-te, louvo-o, louvamo-nos, louvão-se, louvão-no*. E não só nos servimos de uma risca de união para este fim; mas ainda de duas, quando queremos ajuntar os dois membros da linguagem, que desconjuntamos para no meio lhes mettermos algum d'estes pronomes, como *louvar-me-hei, louvar-te-has, louvar-se-ha, louvar-nos-hemos, louvar-vos-heis, louval-os-hão, louval-o-hia, louval-as-hias*, etc. E bem assim, quando aos mesmos verbos ajuntamos duas encliticas seguidas, como *tirar-m'o, tirar-t'o, tirar-lh'o, tirar-n'os, tirar-t'as, tirar-lh'as, tirar-se-lhes*. Mas já o uso costuma na escriptura unir em uma as duas encliticas d'este modo: *mo, to, lho, ma, ta, lha*, etc.

DO VIRACCENTO

O *viraccento* ou *apostrophe* ('), é uma virgula, não já posta em baixo para signal de pausa, mas no alto de uma consoante para mostrar que se lhe supprimiu a vogal do fim antes de outra inicial da palavra seguinte; vogal esta que se ajunta á mesma consoante, pronunciando-se juntas as duas palavras, como *minh'alma*.

Estes viraccentos são pouco usados na escriptura da nossa prosa, não obstante serem frequentes estas elisões, ou synalephas, principalmente nas preposições *de, em, per, por, com,* antes do artigo e dos demonstrativos, como *do, da, dos, das, delle, daquelle,* etc., em logar de *d'o, d'a, d'os, d'as, d'elle, d'aquelle*; e do mesmo modo *no, na, nos, nas, neste, nesse, naquelle, pelo, pela, polo, pola,* em logar de *n'o, n'a, n'os, n'as, n'este, n'esse, n'aquelle, pel'o, pel'a, pol'o, pol'a.* Como estas preposições com o artigo e demonstrativos occorrem a cada passo na escriptura, o uso do viraccento em todas, além de impedir a facilidade da escriptura cursiva, retalha muito a sua continuação, e desfigura a sua belleza; e por isso a orthographia presente o tem desterrado da prosa e largado ao verso, onde só se costuma escrever com elle a preposição *com* tirando-lhe o *m,* d'este modo: *co'elle, co'esse, co'este,* etc.

DO TREMA

O *trema* ou *dierese* (¨), são dois pontos, postos horisontalmente sobre a prepositiva das duas vogaes que costumam fazer diphthongo, para mostrar quando o não fazem, ou no *ü* das prolações *gu, qu,* para mostrar que não é liquido, ou mudo, e que faz synerese com a voz seguinte. Assim, n'estas palavras *rïo* (*rideo* e *fluvius*) e *seqüestro,* a pronunciação ficaria duvidosa, tendo-se o *io* por diphthongo, como o é no preterito do mesmo verbo *rio*; e o *u* depois de *q* como liquido e sem valor, assim como em *questão*: se os dois pontos, postos em cima da primeira vogal *ï,* não mostrassem que as duas vogaes não fazem diphthongo na primeira palavra; e postos sobre o *ü* da segunda não mostrassem que elle tem valor para fazer synerese com a vogal seguinte.

Quando no concurso de duas vogaes, que costumam fazer diphthongo, succede cair o accento agudo na segunda, é de necessidade pôr então este accento, Porque elle mesmo mostra que as duas vozes não fazem diphthongo portuguez, cuja prepositiva sempre é aguda e a subjunctiva grave, e então o mesmo accento suppre o *trema,* como em *caíu* preterito, o accento posto no *í* é signal de que não faz diphthongo, como em *caio,* presente do mesmo verbo em que o faz.

DOS ACCENTOS

Os *accentos* figurados, que tomámos dos gregos e dos romanos, são tres, *grave* (`), *agudo* (´), e *circumflexo* (^). Estes accentos para com aquelles povos sempre são *prosodicos,* isto é,

destinados para mostrar nas syllabas o tom ou de elevação da voz, ou de abatimento da mesma em differentes syllabas, ou ambos os tons na mesma. N'este sentido, que uso elles tenham na nossa Lingua, já o deixámos mostrado no cap. VII da **Orthoepia**.

Porém estes mesmos accentos para comnosco não são só *prosodicos*, mas tambem *vogaes*. Pois nos servimos do accento agudo e circumflexo não só para notar a prosodia das syllabas, mas tambem differentes especies de vogaes com a mesma lettra differentemente accentuada, visto não termos no nosso abecedario tantas vogaes quantas são as vozes da nossa pronunciação. Com o accento agudo e circumflexo, postos sobre a mesma vogal ou com a privação d'elles, chegamos a multiplical-a, fazendo de cada *a* dois, e de cada *e* e de cada *o* tres, a saber: o *á grande*, o *a pequeno*; o *é grande aberto*, o *ê grande fechado*, e o *e pequeno*; o *ó grande aberto*, o *ô grande fechado*, e o *o pequeno*.

Na escriptura ordinaria faz-se mui pouco caso d'estes accentos vogaes, na certeza de que o uso mesmo da pronunciação viva, distinguirá na leitura o differente som d'estas vogaes. É porém certo que quando se trata de ensinar e firmar a boa pronunciação da Lingua, a quem não tem ainda todo o uso preciso para a saber, como são os meninos e os estrangeiros, estes accentos vogaes não se devem despresar, principalmente nos livros que se destinam para a primeira instrucção da mocidade e para o uso do povo; e mui particularmente quando estes accentos fazem mudar de especie, de caso e de numero o mesmo vocabulo, e por consequencia tambem de significação, como n'estas palavras: *pára*, *para*, *bésta*, *bêsta*, *gósto*, *gôsto*, e infinitas outras. Veja-se o que a este respeito fica dito na **Orthoepia**, cap. I, e na **Orthographia**, cap. I, regra V.

FIM DA ORTHOGRAPHIA

LIVRO III

Da Etymologia ou partes da Oração Portugueza

Nos dois livros antecedentes, da **Orthoepia** e da **Orthographia,** tratámos da parte mechanica da Lingua Portugueza, considerando n'ella as partes da oração só pelo que tem de physico e material, como meros *vocabulos* compostos de sons articulados, ou só pronunciados para serem ouvidos, ou tambem representados aos olhos para serem vistos, mas sem respeito algum ao que significam.

N'estes dois livros que se seguem trataremos da parte logica da mesma Lingua, considerando as mesmas partes da oração pelo que tem de metaphysico e espiritual, não como **vocabulos,** mas como *palavras,* isto é, como signaes de nossas idéas e de nossos pensamentos, ou considerados separadamente para exprimirem aquellas, o que é objecto da Etymologia, ou juntas em oração para formarem estes, o que é objecto da Syntaxe e Construcção.

A **Etymologia** pois, que em latim se diz *Veriloquium,* tem por objecto averiguar a verdadeira natureza de cada palavra por ordem e representação analytica do pensamento, os seus differentes misteres e usos na enunciação de nossas idéas, e descobrir na analogia ou diversidade de suas funcções communs, o fundamento e caractéres de cada classe primitiva ou subalterna, a que todos os elementos do discurso se devem reduzir.

Estes **elementos** da **oração,** como são signaes das idéas, não podem ser nem mais nem menos em numero, nem de outra especie que não sejam os elementos do pensamento que os mesmos exprimem. As idéas de qualquer pensamento são simultaneas no espirito, que mal as poderia comparar sem as ter presentes ao mesmo tempo, bem como os olhos que, para fazerem idéa de uma perspectiva, devem abranger com a vista todas suas partes, e perceber ao mesmo tempo todas as suas relações mutuas para d'ellas poderem formar a idéa de um todo.

Esta vista simultanea apprehendida pelos olhos, e depois pelo

espirito, não póde deixar de ser confusa. Onde não ha successão, não póde haver distincção. Esta sómente nasce da attenção que nossa alma dá mais a uma parte que á outra, abstrahindo-a de todas as mais; e esta attenção, correndo de objecto em objecto, necessariamente hade ser successiva.

Nós não poderiamos ser senhores d'esta attenção e da faculdade de abstrahir, sem ter á nossa disposição um meio prompto para fixar o espirito sobre um objecto com exclusão dos mais; e este meio prompto de que Deus fez presente ao homem é o das Linguas, que não são outra coisa senão uns *instrumentos analyticos* que separam as idéas simultaneas do painel confuso do pensamento, que as pôem em ordem, e as fazem succeder umas a outras no discurso, para se verem distinctamente e poderem ser vistas por aquelles a quem fallamos. As Linguas não são uns instrumentos de communicação, senão porque primeiro o são do raciocinio.

D'estes principios certos se segue, que o systema etymologico de qualquer Lingua está necessariamente fundado sobre o systema logico das idéas, o qual é o mesmo, fundamental, em todos os homens de qualquer edade e paiz que sejam. Ainda que os seus conhecimentos sejam differentes em numero, qualidade e perfeição, todos comtudo pensam pelo mesmo modo, porque não podem pensar sem ter idéas e sem as combinar.

Estas idéas e estas combinações, é verdade que são representadas por differentes signaes, segundo as differentes Linguas dos povos; porém a differença está toda no material dos vocabulos, e não na significação das palavras, a qual é a mesma em todas as Linguas. Porque todas tem as idéas por objecto, e por fim a sua combinação e comparação. *Conceber* e *julgar* são duas operações do entendimento communs a todos os povos, ainda que selvagens.

Sobre estes principios da Grammatica Geral passamos a estabelecer o systema etymologico das partes da oração portugueza, distribuindo-as primeiro nas suas classes mais geraes, e depois nas suas especies principaes, tratando de cada uma d'ellas separadamente nos capitulos seguintes.

CAPITULO I

DIVISÃO GERAL DAS PALAVRAS E EM ESPECIAL DAS INTERJECTIVAS

Em consequencia do que fica dito, não pensando nós, nem podendo pensar senão em quanto percebemos a identidade ou differença dos objectos; e não podendo existir em nós semelhante percepção sem ao mesmo tempo estarem presentes ao espirito muitas idéas; tratando-se de exprimir estas mesmas idéas simultaneas por meio do discurso, dois modos ha de o fazer. Um representando tambem juntas todas estas percepções e sentimentos que a nossa alma experimenta tumultuariamente; e outro separando-as e fazendo-as succeder umas ás outras.

O primeiro methodo é *natural* e *summario*, o segundo *artificial* e *analytico*. D'estes dois modos contrarios de dar a conhecer pela linguagem os nossos pensamentos nasce a divisão a mais geral das palavras em duas classes. Uma das palavras **interjectivas** ou **exclamativas**, e outra das **discursivas** ou **analyticas**.

ARTIGO I

DAS PALAVRAS INTERJECTIVAS OU EXCLAMATIVAS

As **Interjeições** são umas particulas desligadas do contexto da oração, exclamativas e pela maior parte monosyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão com que a alma se acha occupada. Ellas são a linguagem primitiva que a natureza mesma ensina a todos os homens logo que nascem, para indicarem o estado ou de dôr ou de prazer interior em que sua alma se acha, e por isso devem ter o primeiro logar na ordem das partes da oração, e antes mesmo dos nomes e mais partes discursivas que os grammaticos costumam pôr primeiro.

É impossivel assignar as differenças especificas de cada uma d'estas **interjeições**. Estas differenças são tão variadas, ligeiras e fugitivas, como os movimentos interiores do coração humano. Assim como uma mesma palavra, segundo é pronunciada differentemente, póde ter differentes significações; assim uma mesma interjeição, segundo o tom e circumstancias em que é pronunciada, serve para exprimir diversos sentidos de dôr, de alegria, etc. No estado de perturbação em que estas **interjeições** se empregam, ninguem será capaz de as observar miudamente.

Ao sentimento pois pertence o proferil-as a proposito, e á Grammatica o recebel-as do uso, contal-as, e notar algumas differenças mais geraes que as distinguem.

Em geral póde-se dizer que umas indicam só o estado de commoção em que se acha a alma, e que as circumstancias e contexto da oração determinam, já a uma paixão, já a outra. Taes são as tres: *ah!* que como interjeição de admiração já serve para exprimir o gosto, já o desprazer; *hai!* a mesma que a antiga *guai!* que sendo signal de um sentimento doloroso interior, tambem ás vezes se emprega para exprimir o contrario; e *oh!* que sendo expressão natural do desejo, tambem ás vezes serve para exprimir o sentimento de lastima e de indignação.

Já as *onze* interjeições seguintes são mais apropriadas para certos affectos, ou de riso ás gargalhadas como *ha! ha!* ou de reparo e sobresalto, como *ahi!*, ou de signal para fazer silencio como *chist!* ou para exhortar, como *heia!* ou de aversão para arredar alguem, como a interjeição chula *hirra!* ou para chamar simplesmente por alguem, como a interjeição vocativa *ó*; ou para chamar com reparo e estranhamento, como *Holá!* ou para exprimir um desejo ancioso, como *oxalá!* ou um sentimento de dôr e espanto, como *hui!* ou para fazer parar *tá!* ou para animar, como *sus!*

Alguns contam no numero das interjeições tambem estas palavras: *alto! animo! fóra! Jesu! a Deus!* Mas ellas são discursivas, e se algumas vezes se empregam sós interjectivamente é porque são umas orações ellipticas, que com o supplemento de um verbo se completam facilmente e se reduzem ao que são.

Sobre o uso que nossa Lingua faz das verdadeiras interjeições, só direi que a maior parte d'ellas se ajunta com os nomes em segunda pessoa ou em vocativo, posto que não levem a interjeição do mesmo. Exemplos:

> Ah! dotes naturaes, não vos entende
> Quem menos vos estima, ou quem vos vende. [1]
> Oh! vida!... Ah quam comprida,
> Do tempo, antes de tempo, consumida! [2]
> Holá! Velloso amigo, aquelle outeiro
> He melhor de descer que de subir. [3]
> Ora sus! gente forte, etc. [4]

[1] Lobo.
[2] Fernão Alvares do Oriente.
[3] Camões, *Lusiadas*,
[4] Camões, *ibid.*

Outras vezes se ajuntam com o relativo conjunctivo *que*, e com os comparativos *quão, quanto*, v. gr. *Oh que entremezes da fortuna! Oh que tragedias do mundo!*[1]

É porém coisa especial á interjeição *hai!* o juntar-se com a preposição *de* e seu complemento, como: *ai de mim! guai de nós! ai d'aquelles que tem pouca fazenda! e guai dos que a ganham com mau titulo!* E tambem é coisa propria á interjeição *oxalá!* o construir-se sempre com os preteritos ou do indicativo ou do subjunctivo, como *oxalá! eu fizera, fizesse* ou *tivera feito*, etc.

A interjeição vocativa *ó* serve para dar a qualquer nome a determinação de segunda pessoa, e mostrar que é a com quem se falla. Quando o nome está no principio da frase e antes do verbo, costuma-se exprimir, como: *ó Pedro, vem cá.* Porém quando vem no meio da frase e depois do verbo, muitas vezes se supprime, como: *vem cá, Pedro.* Esta é a primeira classe geral das palavras **interjectivas**. Passemos á segunda das **discursivas** e suas especies.

ARTIGO II

DAS PALAVRAS DISCURSIVAS OU ANALYTICAS

Na natureza não existe outra coisa mais do que *individuos* e as *relações* que elles teem, ou comsigo mesmos, olhados por differentes lados, ou com outros diversos, nascidas das suas mesmas propriedades, ou naturaes ou accidentaes: as quaes relações fazem com que muitos de taes seres individuaes formem differentes series parciaes, cada uma com seu fim particular a que tendem, e todas estas series parciaes formem uma cadeia e ordem geral, com um fim commum a qual se chama *ordem do universo.*

Do mesmo modo em nosso espirito não ha senão duas coisas, que são:

1.º *Idéas*, ou *sensiveis* ou *directas*, nascidas das impressões que os objectos causam aos nossos sentidos, e que são as unicas imagens naturaes dos mesmos objectos; ou *reflexas* formadas pela nossa alma, já por meio da *abstracção* com que a mesma dá mais attenção a uma parte ou qualidade do objecto do que a outra, já por meio da *comparação* que a mesma faz das propriedades de differentes objectos, fixando sua attenção sobre o que elles tem de commum e semelhante entre si.

Todas estas idéas reflexas são abstractas, quer sejam *par-*

[1] Vieira.

ciaes abstrahindo a parte do todo, quer *modaes* abstrahindo o modo da substancia, quer *universaes* e analogicas chamadas tambem *noções*, abstrahindo em uma idéa geral o que os objectos tem de commum e analogo entre si. Assim, a idéa de *olho* é uma idéa *parcial*, a de *solidez* uma idéa *modal*, e a de *corpo* uma idéa *geral* ou noção. Todas estas idéas pertencem á primeira operação de nosso entendimento, que é a de *perceber* ou *conceber*.

A 2.ª coisa que ha em nosso espirito é a *combinação*, ou *comparação* que elle faz d'estes mesmos objectos e idéas, ou comsigo mesmas olhando-as por differentes faces, ou com outras differentes para perceber as diversas relações que umas têm com outras, ou de *identidade* ou de *determinação*, ou de *nexo* e de *ordem*.

De *identidade*, quando em uma idéa se contém a outra, como por ex. na idéa de *Deus* se contém a de *Ser* ou *Ente*. De *determinação*, quando em uma idéa não se contém a outra, mas contém-se a razão sufficiente para a determinar ou ser determinada por ella. Assim por ex. na idéa de *filho* não se contém a idéa de *pae*, antes são oppostas: mas contém-se a razão que requer um segundo termo da sua relação, v. gr. *filho do rei*.

De *nexo* e de *ordem* em fim, quando uma idéa nem contém a outra nem a determina; mas uma está para a outra em razão ou parallela e de egualdade, ou subalterna de principio, ou causa para consequencia ou effeito, etc. Assim, quando digo: *filho e pae, filho* ou *pae, nem filho, nem pae*; um termo d'estes está para o outro em razão parallela; porém quando digo: *porque o filho deve a seu pae a propria existencia, tambem lhe deve a honra e assistencia*; o primeiro pensamento está para o segundo em razão de principio, e o segundo para o primeiro em razão de consequencia.

Esta é a segunda operação do nosso entendimento, chamado *juizo*, no qual se inclue a do raciocinio, que é o mesmo juizo, com que se comparam não já duas idéas entre si, mas ambas com uma terceira, como quando julgando que *toda a virtude é louvavel*, e que a *prudencia é uma virtude*, concluo que a *prudencia é louvavel*. D'onde se vê que esta terceira operação do entendimento, verdadeiramente não é senão uma extensão da segunda, e não de differente especie. Pois a comparação não muda de natureza em confrontar duas idéas entre si, ou em as confrontar com uma terceira. A comparação é a mesma. Os termos só é que se variam e multiplicam. Concluamos pois que tudo o que se passa em nosso entendimento ou são *idéas* ou *combinações*.

Ora não sendo as palavras senão signaes dos nossos pensa-

mentos, não podem constituir outras classes geraes que não sejam as d'estes mesmos pensamentos; e como estes não são senão *idéas* ou *combinações* das mesmas, as *palavras discursivas* que os exprimem, de necessidade se devem tambem reduzir a duas classes geraes, como nos methodos analyticos do calculo; umas que caracterisam e nomeiam as idéas, e outras que as combinam entre si. As primeiras se podem chamar *nominativas*, e as segundas *combinatorias* ou *conjunctivas*.

Como porém as idéas que se nomeiam são de differentes generos, e as combinações tambem de differentes especies; as duas classes mais geraes das palavras discursivas se subdividem em differentes especies, cujo numero é preciso determinar para se saber quaes são exactamente as *partes elementares* e indispensaveis do discurso. N'este ponto tem havido quasi tantas opiniões quantos são os grammaticos. Creio porém que nenhum d'elles contestará, que para qualquer especie de palavras se reputar elementar da oração, deva ter estes tres caractéres.

1.° Que seja *simples e irresoluvel*, quero dizer, que a sua expressão não contenha em si clara ou implicitamente outras palavras pelas quaes se possa resolver e explicar; antes pelo contrario, n'ella venham a resolver-se todas as expressões compostas, ainda que á primeira vista pareçam simples.

2.° Que seja *necessaria e indispensavel* á enunciação dos nossos pensamentos, e de tal sorte que não haja lingua alguma que a não tenha.

3.° Que exercite no discurso uma *funcção essencialmente differente* das que exercitam as outras partes elementares do mesmo; e tal que não possa ser exercitada por nenhuma d'ellas. Esta funcção, bem se vê que não póde ser outra senão a de caracterisar e propor as differentes especies de idéas que entram no painel do pensamento, e as differentes especies de relações que as unem, para d'ellas fazer um todo logico.

Ora estes tres caractéres não concorrem todos juntos senão em cinco especies de palavras, que são: **nome substantivo, nome adjectivo, verbo substantivo, preposição** e **conjuncção,** cinco partes elementares discursivas, que com a **interjeição,** unica parte não discursiva, formam o systema completo dos **elementos da oração,** ao qual se reduzem todos os vocabulos de que póde constar o diccionario de qualquer Lingua antiga ou moderna, e o da nossa por consequencia. Os **substantivos** propõem as idéas principaes; os **adjectivos** as accessorias, como objectos dos nossos discursos para se combinarem e compararem. O **verbo substantivo** combina e ajunta a idéa accessoria com a principal, isto é, o attributo com o sujeito da proposição. A **preposição** combina entre si duas

idéas principaes, fazendo de uma complemento de outra, e a **conjuncção** combina, liga e ordena as orações entre si.

Comtudo, muitos grammaticos, e os nossos especialmente, não contam os *adjectivos* como especie separada do nome, e contam os *pronomes, artigo, participios* e *adverbios*, como partes elementares de especie differente da dos adjectivos e preposições.

O adjectivo sim é uma parte nominativa, porém de differente especie do nome substantivo; assim como o verbo, preposição e conjuncção são todas partes conjunctivas; porém nem por isso deixam de fazer cada uma sua especie differente. O adjectivo exercita uma funcção necessaria e indispensavel na enunciação do pensamento. Porque, se não póde haver proposição sem um sujeito e sem um attributo, e se o nome substantivo é preciso para exprimir aquelle, o adjectivo não o é menos para significar este. Estas duas funcções são inteiramente distinctas. Porque a idéa que faz o sujeito da proposição não póde deixar de ser uma idéa de coisa que subsista per si, ou na natureza ou no nosso modo de conceber. Pelo contrario, a idéa que faz o attributo da proposição, necessariamente ha de ser uma idéa de qualidade ou coisa que o valha, e que per si não póde subsistir, mas necessita de um sujeito em quem exista. Ora idéas tão differentes e ainda oppostas, não podiam deixar de ter nas Linguas differentes especies de palavras para se haverem de representar, sem equivoco, no painel do pensamento.

Além d'isto nenhum dos nomes, substantivo e adjectivo, póde trocar um com outro estas duas funcções que são proprias a cada um; tanto assim que para o adjectivo poder ser sujeito de uma proposição, é necessario substantival-o por meio do artigo; e para o substantivo poder fazer as vezes de attributo na mesma proposição, é preciso adjectival-o, empregando-o sem artigo nem determinativo algum que o individue. Por ex. n'esta proposição: *o verdadeiro sempre é bello, o falso nunca o é*; os adjectivos *verdadeiro* e *falso* estão substantivados pelo artigo *o*, e valem o mesmo que *a verdade e a falsidade*; e n'esta: *Pedro é homem de letras*, os substantivos *homem, letras*, estão adjectivados pela falta do artigo. Homem toma-se especificamente por todas as propriedades que constituem a natureza humana, e é uma expressão abstracta e abbreviada, que equivale a todos os adjectivos que exprimissem as mesmas qualidades, e a palavra *letras* precedida só da preposição *de*, sem artigo, equivale a *letrado*.

Em todo o caso é certo que não póde ser sujeito de qualquer proposição senão um substantivo ou coisa que o valha; nem attributo da mesma senão um adjectivo ou um substan-

tivo appellativo, equivalente a uma multidão de adjectivos que signifiquem as qualidades analogicas que a sua noção comprehende. Tanto é verdade que as funcções que um e outro nome exercitam na enunciação do pensamento são differentes, e não permittem de modo algum se arranjem debaixo da mesma especie.

Constituindo pois os **adjectivos** uma especie elementar de palavras distincta da dos nomes substantivos, é facil reduzir a ella os *pronomes*, o *artigo*, e os *participios*.

Todo o nome que se ajunta a um substantivo para o modificar, ou determinando-o, ou explicando-o, ou restringindo-o, é para mim um nome adjectivo, quer seja declinavel, quer indeclinavel. Esta é a idéa que leva comsigo todo o nome adjectivo, isto é, a de uma idéa accessoria que modifica outra.

Ora os **pronomes** referem-se sempre aos nomes substantivos que trazem á memoria, e algumas vezes, quando se faz preciso, se ajuntam immediatamente a elles, como: *eu Antonio, tu Pedro, elle Sancho.* Em todo o caso elles modificam os substantivos, determinando-os a fazer na representação do discurso o papel, ou da primeira figura e personagem, que é a de *quem falla*, ou da segunda que é a *com quem se falla*, ou da terceira que é a *de quem se falla.* São pois uns verdadeiros adjectivos. E para não haver n'isto duvida alguma, o pronome mesmo da terceira pessoa toma fórmas genericas para poder concordar, o que é outrosim um caracter proprio dos adjectivos. E se este é manifestamente adjectivo, porque não serão os outros, ainda que sejam invariaveis? O **artigo** *o, a*; *os, as*; tem tambem estas fórmas genericas, certo que para concordar com os nomes appellativos a que sempre se ajunta para os modificar, determinando-os a um sentido, não já especifico, mas individual. É pois tambem um adjectivo da classe dos determinativos, como são os pronomes.

Os **participios activos**, tanto os imperfeitos em *ndo*, como os perfeitos em *do*, são uns verdadeiros adjectivos verbaes, indeclinaveis, como mostraremos no seu logar. Quanto aos **participios perfeitos passivos**, como *louvado, louvada*; *louvados, louvadas*, não necessitam de demonstração. As suas mesmas fórmas adjectivas, para concordar com os substantivos, mostram o que são.

Quanto aos **adverbios**, estes são umas *expressões* compostas, equivalentes a uma preposição com seu complemento, que costuma ser um substantivo, ou só, ou acompanhado de um adjectivo. Devem-se por tanto reduzir a estes elementos, dos quaes se compõem, e em que por fim se resolvem. Os adverbios de qualidade formados da terminação feminina dos adjecti-

vos com a addição *mente*, como *claramente*, *prudentemente*, e que nos vieram do latim corrupto da inferior edade, *clara mente*, *prudente mente*, etc. entendendo-se-lhes a preposição latina *cum*, são uma prova d'isto, ainda que não houvesse outras.

D'isto tudo se conclue que seis, nem mais nem menos, são as *partes elementares* da oração portugueza, a saber: tres *variaveis*, quaes são os **substantivos**, os **adjectivos** e o **verbo**; e outras tres *invariaveis*, quaes são as **preposições**, as **conjuncções** e as **interjeições**. D'estas seis partes cinco são *discursivas* ou *analyticas*, e uma *interjectiva* ou *exclamativa*, que é a **interjeição**. Das **discursivas** duas são *nominativas*, porque nomeiam e propôem os objectos, quer reaes, quer abstractos, que fazem a materia dos nossos pensamentos, e taes são os *nomes substantivos* e os *nomes adjectivos*; e tres são *conjunctivas* ou *combinatorias*, porque servem para ajuntar e comparar entre si os mesmos objectos e os juizos que sobre elles fazemos.

Entre estas partes elementares da oração, são muito para notar as differenças seguintes.

1.º Que umas d'estas partes são tão essenciaes a qualquer proposição ou oração, que sem ellas nenhuma póde haver, e outras tão accidentaes á mesma, que a proposição póde existir sem ellas, ainda que um discurso não. As primeiras são os **substantivos**, os **adjectivos** e o **verbo substantivo**, bem entendido que nos adjectivos comprehendo tambem os nomes appellativos, quando se tómam adjectivamente, pelas razões que acima apontei.

A razão é porque sem duas idéas não póde haver comparação, e esta tambem não sem um termo que as compare. A primeira idéa e principal que faz o sujeito da proposição, necessariamente hade tambem ser um substantivo ou um nome substantivado. A segunda, que faz o attributo da proposição necessariamente ha de ser tambem, ou um adjectivo, ou um nome adjectivado. O terceiro termo que serve de *copula* ás duas idéas, é o verbo substantivo *ser*, ou o impessoal *haver*, ou o auxiliar *estar*, todos na significação de existir.

Qualquer oração póde subsistir só com estes tres termos, não tendo estes novas relações com outros objectos extrinsecos. Tendo-as porém, são precisas outras partes da oração, que posto sejam necessarias para o complemento do sentido, não o são para a integridade da proposição, antes accidentaes e accessorias a ella. Taes são as *preposições* que indicam ou o objecto da acção do verbo, ou o termo da sua relação, ou suas circumstancias; as *conjuncções* que indicam as relações de nexo e de ordem que uma proposição tem para outra, e as *interjeições*

que indicam além do pensamento, o estado tambem de commoção em que a alma se acha a respeito do objecto que a affecta.

A 2.ª differença é que umas d'estas partes, e as mesmas que são necessarias para integridade da proposição, como *substantivos*, *adjectivos* e *verbo* são *declinaveis*, isto é, variaveis em suas terminações segundo as differentes relações do genero, numero e pessoas com que representam os objectos que exprimem: outras *indeclinaveis* e invariaveis nas suas terminações, quaes são as partes accessorias da proposição, que são as *preposições*, *conjuncções* e *interjeições*.

E a razão está clara. Como as primeiras são essenciaes á proposição, que não é outra coisa senão a enunciação de um juizo, ou percepção de conveniencia e identidade entre duas idéas; tanto estas como a da relação de coexistencia significada pelo verbo, são tres idéas correlativas umas ás outras. O sujeito da proposição é relativo ao verbo, o attributo ao sujeito, e o verbo a ambos dois, tres idéas que fazem uma só, qual é a do sujeito da proposição, contendo em si a idéa do attributo. A mesma correlação pois que ha entre as idéas, devia tambem haver entre as palavras que as representam, variando de terminações á proporção que as mesmas idéas variam de genero e de numero, e concordando entre si para mostrarem pela conformidade mesma de sua fórma exterior a identidade logica do attributo com o sujeito. As partes indeclinaveis porém, como exprimem outras relações que não requerem extremos identicos, não estão sujeitas á regra da concordancia, e por isso são invariaveis na sua fórma.

Uma 3.ª differença muito notavel entre as partes *nominativas* e as *conjunctivas* é ser o numero d'aquellas quasi infinito, e o d'estas muito pequeno. Porque, como as primeiras representam as idéas e objectos de nossos pensamentos, e estas idéas e objectos são a bem dizer infinitos, a quantidade numerica d'estas palavras é incomparavelmente muito maior que a das da segunda classe, restringida a exprimir poucas relações geraes, e estas quasi sempre as mesmas, para o que poucas palavras são precisas.

Assim observamos que os vocabularios de todas as Linguas se compôem quasi totalmente de nomes substantivos e de adverbios, ou separados, ou incorporados nos adverbios e nos verbos chamados por isso adjectivos, em contraposição do verbo substantivo que é o unico verbo simples; e que as *preposições*, *conjuncções* e *interjeições*, se reduzem a poucas dezenas.

4.ª Finalmente, como os nomes substantivos e adjectivos, e consequentemente tambem os verbos adjectivos, além das suas

significações principaes que lhes são proprias, se encarregam de exprimir ao mesmo tempo muitas outras idéas accessorias que modificam as principaes, vêem-se obrigados a augmentar o volume material de seus vocabulos, acrescentando syllabas sobre syllabas á proporção que se lhes acrescentam novas idéas. D'aqui vem que as palavras d'esta classe são mais compridas e polyssyllabas, comparadas com as da segunda classe.

Pois que o verbo substantivo e as preposições, conjuncções e interjeições, não exprimindo outra coisa senão relações simplicissimas, e meras vistas com que o nosso espirito olha aquelles objectos e idéas, já combinando-as, já ligando-as, já ordenando-as, já mesmo confundindo-as em um ponto de vista e em uma sensação, as palavras de que se serve para isto, além de serem muito poucas, são tambem de ordinario muito curtas, e quasi todas monossyllabas em quasi todas as Linguas, que por isso se podem chamar *particulas*, em comparação das outras que mais merecem o nome de *partes*. Assim vemos que o nosso verbo substantivo *ser* é monossyllabo em quasi todas as Linguas antigas e modernas, e o mesmo é evidente nas preposições, conjuncções e interjeições.

Por tanto, determinado d'este modo o numero certo das **partes elementares** de que se compõe toda oração e discurso, passemos já a tratar de cada uma d'ellas em particular nos capitulos seguintes.

CAPITULO II

DO NOME SUBSTANTIVO

Na natureza não ha senão duas coisas que possam ser objecto de nossos discursos, que são *substancias* e *qualidades*. As primeiras subsistem per si sem dependencia das segundas, e estas dependem das primeiras para poderem subsistir. Um *corpo*, por ex. póde subsistir sem ser *redondo*, porém a *redondeza* não póde existir sem ser em um corpo. Se as Linguas fossem simples representações dos objectos da natureza, devêriam exprimir sempre as *substancias* por meio de nomes substantivos, e as *qualidades* por meio de nomes adjectivos.

Mas como ellas são uns *instrumentos analyticos* dados aos homens, não só para exprimirem e communicarem suas idéas, mas ainda mais para poderem discorrer sobre ellas, e o não poderiam fazer a seu arbitrio sem ter um meio de considerar os objectos por todos os lados possiveis, para os combinar de todos os modos, fazendo dos mesmos, já o sujeito, já o attributo dos seus juizos e comparações; e por outra parte, não podendo

ser sujeito de uma proposição senão uma idéa qualquer, considerada como per si subsistente, nem attributo senão outra idéa considerada como accessoria, e dependente de um sujeito para subsistir: d'aqui vem a necessidade em que se acharam as Linguas como instrumentos de raciocinio, de substantivar, quando lhes fosse preciso, as mesmas substancias, fazendo por ex. de *espirito espiritual*, de *corpo corporeo*, de *ceo celestial*, e de *terra terrestre*, etc.

D'aqui se vê que a definição do nome substantivo e adjectivo não se deve tirar, nem da differente natureza das substancias e qualidades physicas, nem da differença de um poder estar só na oração e outro não, mas sim do differente ministerio que cada um exercita na enunciação analytica do pensamento.

O substantivo pois *é um nome que exprime qualquer coisa como subsistente por si mesma, para poder ser sujeito da oração sem dependencia de outra.*

E o adjectivo *é um nome que exprime uma coisa como accessoria de outra, para ser sempre o attributo de um sujeito claro ou occulto, sem o qual não póde subsistir.*

Todo o **nome substantivo** ou é **proprio** ou **commum,** chamado tambem *appellativo*. Nome proprio é aquelle que convém só a uma pessoa ou coisa, como *Homero, Camões, Ceo, Terra, Portugal, Lisboa.*

Se a cada individuo ou coisa se désse um nome proprio, sendo os individuos infinitos, e mais que as arêas do mar, seria preciso uma infinidade de nomes, a qual mesmo de nada aproveitaria, assim por ser incomprehensivel, como porque nada adiantaria os nossos conhecimentos. Pois dependendo estes da analyse e comparação dos objectos, os nomes proprios seriam os mais improprios para isso, por presentar só individuos em relações communs e geraes, que são os mananciaes dos conhecimentos humanos.

Estes nomes por tanto não pertencem propriamente ás Linguas, consideradas como methodos vulgares analyticos, e por isso não costumam ter logar nos vocabularios das mesmas; mas só nos Diccionarios historicos e das artes, aos quaes pertencem. Nos das Linguas entram só os nomes appellativos, os adjectivos, os verbos e mais partes da oração, que são as unicas que servem para decompor os seres individuaes e compostos em as suas idéas simples, a fim de se poderem comparar e recompor depois.

Póde-se ainda dizer que todos os nomes proprios não foram na sua origem senão nomes appellativos e communs, como se vê em quasi todos os nomes proprios hebraicos, gregos e romanos, e ainda nos nossos, que sendo communs a muitas pes-

soas e coisas, somos obrigados a individual-os com os sobrenomes, appellidos e outros caractéres que os especifiquem, como *D. João primeiro, segundo*, etc. *Viana do Minho, Viana do Alemtejo*, etc. **Substantivo commum** ou **appellativo**, é aquelle que exprime uma idéa geral e abstracta que convém a muitos individuos, ou sejam pessoas ou coisas. Digo, *uma idéa geral e abstracta*, porque ella não existe na natureza, como a dos individuos significados pelos nomes proprios, mas só no entendimento humano e na palavra a que se alligou.

Estes **nomes communs**, ou são **universaes** e analogicos, ou **parciaes** e modaes. Os *universaes* exprimem uma noção ou ajuntamento de qualidades communs a muitas substancias que existem realmente na natureza. São nomes de classes que coordenam os individuos debaixo de certos generos e especies. Se elles classificam os seres segundo suas qualidades essenciaes e constantes, chamam-se *appellativos physicos*, como: por ex. *corpo, homem, bruto*: e se os classificam segundo as suas qualidades accidentaes e variaveis, chamam-se *appellativos moraes*, como *rei, magistrado, sacerdote*, etc.

Os appellativas *parciaes* ou modaes exprimem uma qualidade só, porém commum a muitos individuos, a qual qualidade, assim considerada, não existe senão no entendimento, e são de dois modos, ou *abstractos*, quando exprimem as qualidades abstrahidas das substancias, como subsistentes por si mesmas, v. gr. *brancura, belleza, probidade*; ou *concretos*, quando exprimem as mesmas qualidades como subsistentes em um sujeito, porém vago e indeterminado. Taes são os adjectivos substantivados por meio do artigo, como quando dizemos: *o elevado, o sublime dos pensamentos, o justo, o honesto, o bello*; e os nomes verbaes ou infinitos impessoaes dos verbos que exprimem, indefinidamente, a coexistencia de uma qualidade ou acção em um sujeito qualquer, como *louvar, entender, ouvir*, etc.

A distincção que acabamos de fazer de varias especies de appellativos, abre caminho ás observações seguintes.

1.ª Que não tendo elles por si caracter algum individual, porque se possam considerar como substancias, á maneira dos nomes proprios, nunca se podem empregar como sujeitos da oração sem serem precedidos do artigo, ou de outro qualquer adjectivo determinativo, claro ou occulto, que lhes dê aquelle caracter. Assim, dizendo nós *Pedro é mortal*, já não diremos *homem é mortal*, mas sim *o homem é mortal*.

2.ª Que como os appellativos analogicos e universaes, exprimem a somma total das qualidades communs a muitos individuos, e são nomes de classes equivalentes a todos os adjecti-

vos, pelos quaes poderiamos significar separadamente cada uma d'aquellas qualidades, elles se podem empregar adjectivamente como attributos da proposição, porém sem artigo, o qual lhes tiraria esta qualidade. A differença que ha entre um attributo enunciado por um adjectivo ou por um appellativo, como n'estas proposições: *Pedro é justo, Pedro é homem*, consiste só em se affirmar na primeira que a idéa de justiça se inclue na idéa de Pedro, e na segunda que a idéa de Pedro se inclue na da classe humana. Porém se ajuntamos o artigo ao nome appellativo quando é attributo, então fica substantivado, e faz a proposição identica e convertivel em seus termos. Assim, tanto importa dizer: *D. João é o principe regente*, como *o principe regente é D. João.*

3.ª Que por esta grande analogia entre os appellativos universaes e os adjectivos, succede duvidar-se se alguns appellativos moraes pertencem á classe d'aquelles ou á d'estes; como os nomes *rei, philosopho, letrado, soldado, pintor, poeta, cidadão, irmão, fidalgo, peão*, e outros muitos de que teremos melhor occasião de fallar quando tratarmos dos adjectivos.

4.ª Que por esta mesma analogia entre os appellativos e adjectivos, se costumam aquelles substituir muitas vezes em logar d'estes, com lhes ajuntar a preposição *de* sem artigo, como *homem de probidade, de prudencia, de letras, de saber*, em logar de *homem probo, prudente, letrado, sabio*, etc.

Até aqui considerámos os nomes **substantivos** quanto á sua significação principal e funcções essenciaes que exercitam na enunciação do pensamento, sem respeito algum ás suas fórmas exteriores e idéas accessorias que, em consequencia das mesmas, lhes provém da sua *derivação, composição, genero* e *numero.* O que fará a materia dos tres artigos seguintes.

ARTIGO I

DE VARIAS FÓRMAS DE SUBSTANTIVOS

Ainda que estas fórmas pertençam tambem em parte aos nomes adjectivos, ellas comtudo são mais proprias aos substantivos e por isso as collocamos n'este logar.

Em respeito a ellas se dividem os nomes em duas classes geraes. Os que não nascem de outros da nossa Lingua, posto que tenham origem da latina, chamam-se *primitivos*, como *terra, mar, pedra*, etc., e os que nascem dos primitivos chamam-se *derivados*, como de *terra terrestre, terraqueo, terreal, terreno, terrenho, terrão*, etc.; de *mar maré, marezia, marujo, ma-*

risco, etc.; de *pedra pedreiro, pedreira, pedraria, pedrado* ou *apedrado, pedral, pedregal, pedrez, pedroso* ou *pedregoso, pedrouço, pedregulho, pedrada, pedranceira, apedrejar, empedrar, desempedrar, empedrenecer, empedrenido*, etc.

Os derivados, ou o são de nomes proprios ou de nomes communs. Dos proprios se derivam os *gentilicos* ou *nacionaes* que declaram de que gente, nação ou patria cada um é, como de *Portugal portuguez*, do *Algarve algarvio*, do *Alemtejo alemtejão*, da *Beira beirão*, do *Minho minhoto*, de *Traz-os-montes transmontano*, de *Lisboa lisbonense, lisbonêz, lisboêta*, de *Bragança bragançāo* ou *bragrancêz*, de *Coimbra coimbrão* ou *conimbricense*, etc., e os *patronymicos*, que ao principio eram uns nomes adjectivos que só designavam filiação, como *Alvares* que queria dizer filho ou filha de *Alvaro, Sanches* de *Sancho, Fernandes* de *Fernando, Bernardes* de *Bernardo, Marques* de *Marco, Peres* de *Pero* ou *Pedro, Soares* de *Soeiro, Vasques* de *Vasco*, etc. Depois passaram a ser appellidos hereditarios e proprios de certas familias.

Os **substantivos communs** derivados são, ou **augmentativos,** ou **diminuitivos,** ou **collectivos,** ou **verbaes,** ou **compostos.**

Os **augmentativos** são os que com mudança na sua terminação augmentam a significação de seus primitivos, ou quanto á sua quantidade ou quanto á sua qualidade. Uns augmentam mais, outros menos. Os que augmentam mais, acabam ordinariamente em *ão*, como de *homem homemzarrão*, de *mulher mulherão*, de *moço mocetão*, de *rapaz rapagão*. Os que augmentam menos, acabam os masculinos em *az* ou *aço*, como *beberraz, belliguinaz, ladravaz, linguaraz, velhacaz, mestraço, ministraço, ricaço, soberbaço*, e os femininos em *ona*, como *mocetona, molherona*, etc.

Os **diminutivos** são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais ou menos a significação. Os que diminuem menos acabam, ordinariamente, os masculinos em *ête, óte, óto*, como *doudête, escudête, mocête, panête, pequenête, pistolête, pobrête, bacorête, camaróte, perdigóto*, e os femininos em *êta, óta, agem, ilha*, como *ilhêta, mocêta, villêta, ilhota, galeota, villota, villagem, camilha*, etc.

Os que diminuem mais acabam ou em *inho, inha*, quando os primitivos terminam em vogal consoante, como *filhinho, filhinha, mulherinha, rapazinho*; ou em *zinho, zinha*, quando os primitivos terminam em diphthongo, como *homemzinho, leãozinho, paezinho, mãezinha*. O *z* euphonico faz-se necessario na derivação d'estes diminutivos para evitar o hiato nascido do concurso de tres vogaes. Porém, quando o mesmo *z* se em-

prega sem esta necessidade nos que não acabam em diphthongo, parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como se vê n'estes dois, *mulherinha*, *mulherzinha*.

Seja como for, o que é certo é que a nossa Lingua é mui rica n'este genero de derivação, a qual faz com que a significação de um primitivo tome um augmento enorme, e d'elle vá descendo gradualmente até o extremo contrario da pequenhez, como se póde ver nos derivados d'estes tres, *velhaco*, *mulher*, *soberbo*, derivando-se d'elles *velhacão*, *velhacaz*, *velhaquete*, *velhaquinho*, *velhaquito*; *mulherão*, *mulherona*, *mulherinha*, *mulherzinha*; *soberbão*, *soberbaço*, *soberbête*, *soberbinho*.

Quanto ao uso d'estes augmentativos e diminutivos, geralmente se póde dizer que elles se não empregam senão no estilo familiar e chulo, e raras vezes nos discursos graves e serios. Servimo-nos dos augmentativos em vituperio para engrandecer a enormidade e desproporção, ou do corpo ou do vicio, como *mulherão*, *soberbão*, *sabichão*; mas tambem ás vezes para louvar, como a proposito se serviu Vieira dos augmentativos *valentão*, *ministraço*.

Servimo-nos outrosim dos diminutivos ordinariamente para ridiculisar, como se serviu Garcia de Rezende na sua *Miscellanea* contra a extravagancia dos trajos do seu tempo, dizendo a fol. 163, col. 3.

> Agora vemos *capinhas*,
> Muito curtos *pellotinhos*,
> *Golpinhos* e *çapatinhos*,
> Fundas pequenas, *mulinhas*,
> *Gibõeszinhos*, *barretinhos*,
> Estreitas *cabeçadinhas*,
> Pequenas *nominaszinhas*,
> *Estreitinhas* guarnições,
> E muitas mais invenções;
> Pois que tudo são *couzinhas*.

Comtudo, estes mesmos diminutivos fazem ás vezes um bom effeito quando se trata de objectos de carinho, e se pretende excitar com elles a ternura e compaixão, do qual uso temos exemplo em Camões, *Lusiad.* III, 127.

A estas *creancinhas* tem respeito, C. IV, 28. Aos peitos os *filhinhos* apertaram.

Chamam-se **nomes collectivos** os que no singular significam multidão, quer de pessoas quer de coisas. Elles são ou *geraes* ou *partitivos*. Os geraes são, ou *indeterminados*, como: *nação*, *cidade*, *povo*, *exercito*, *gente*, *concelho*, *congresso*, *arvo-*

redo, rebanho, etc., ou *determinados*, como: uma *novena, dezena, onzena, duzia, vintena, quarentena, centena, milhar* ou *milheiro, milhão,* etc. Os primitivos são, ou *distribuitivos*, como: a *metade*, o *terço*, o *quarto*, o *quinto*, o *oitavo*, o *dizimo*, etc., ou *proporcionaes*, como: o *dobro*, o *tresdobro*, o *quadruplo*, o *centuplo*, etc.

Os appellativos **verbaes** derivados são os que se formam dos verbaes primitivos e fórmas infinitivas dos verbos em *ár, ér, ir*, e em *do*, como de *andar*, se derivam *andarejo, andarengo, andarilho, andejo*; e de *andado* se derivam *andada, andadeiro, andador, andadura, andança*, etc. Os acabados em *or*, como: *amador, ledor, ouvidor* e outros semelhantes, é duvidoso se são substantivos ou adjectivos. Quando d'elles tratarmos diremos a que classe pertencem.

Finalmente, os appellativos derivados **compostos**, são os que se compôem de duas ou tres palavras portuguezas, ou inteiras ou alteradas com alguma mudança. Compôem-se elles:

Ou de dois substantivos, como *archibanco, ferropéa, mestresala, nortesul, pontapé, varapau, usofructo*, etc.

Ou de substantivo e adjectivo, como *boquirróto, cantochão, logartenente, malfeitor, manirroto*, etc.

Ou de adjectivo e substantivo, como *altibaixo, centopéa, gentilhomem, machafemea, meiodia, menoridade, salvoconducto*, etc.

Ou de verbo e nome, como *baixamar, beijamão, botafogo, catasol, esfolagato, fincapé, passatempo, pintaróxo, pintasilgo, sacabuxa, sacatrapo, talhamar, torcicollo, gyrasol, valhacouto*, etc.; ou de verbo e adverbio, como *passavante, puxavante.*

Ou de preposição e nome, como *antemanhã, contramestre, contratempo, entrecasco, parabem, parapeito, semrazão, sobresalto, traspé*; ou de dois verbos, como *ganhaperde, mordefuge, vaivem*, etc.

Finalmente alguns ha compostos de tres palavras, como *capaemcollo, fidalgo, malmequer, vent'apópa*, etc.

ARTIGO II

DOS GENEROS DOS NOMES SUBSTANTIVOS

Genero quer dizer *classe*, e esta é a coordenação de muitos individuos ou coisas que tem alguma qualidade commum a todos; e como todos os animaes naturalmente se distinguem em duas classes ou generos, segundo os dois sexos de *macho* e de *femea*, os grammaticos pozeram os nomes dos primeiros na

classe ou *genero masculino*, e os dos segundos no *feminino*. Estas são as classes naturaes, em que entram só os animaes. Todos os mais seres que não tem sexo algum, deveriam ser arranjados na classe ou *genero neutro*, isto é, formarem todos uma terceira classe, em que entrassem os nomes dos individuos e das coisas que nenhum sexo tem, nem masculino nem feminino.

Porém o uso das Linguas, sempre arbitrario ainda quando procura ser consequente, vendo que a natureza lhe tinha prescripto a regra dos sexos na classe dos animaes, quiz seguir tambem a mesma nos nomes das coisas que os não podem ter, fazendo por imitação uns masculinos e outros femininos, e por capricho outros nem masculinos nem femininos, nem *neutros*. Das classes naturaes, a significação mesma determinava o seu genero; das arbitrarias, só a terminação dos nomes analoga á dos primeiros é que a podia determinar. D'aqui a divisão das regras dos generos dos nomes, ou pela sua *significação*, ou pela sua *terminação*.

Todas estas regras seriam escusadas, se não houvesse a necessidade da concordancia, e os adjectivos todos fossem de uma só terminação, como ha muitos. Porém como a maior parte d'elles tomam fórmas genericas correspondentes aos generos dos nomes com que concordam, foi necessario distinguir e saber os generos dos nomes substantivos, para lhes applicar as fórmas dos nomes adjectivos que o uso quiz lhes correspondessem.

O genero pois do nome substantivo é quem determina, e, por consequencia, mostra a fórma adjectiva que com elle deve concordar, e não ás avessas. Se o artigo, que precede sempre o nome substantivo, e se o adjectivo que ordinariamente o segue, tomam, segundo o seu genero, ou a fórma masculina ou feminina, e digo por ex.: *o homem sabio, a mulher virtuosa*, o artigo e os adjectivos tomam estas fórmas genericas, porque suppõem já estabelecidos pelo uso da Lingua os generos d'estes dois nomes, *homem* e *mulher*, os quaes, se alguem os ignorasse, mal poderia fazer a concordancia.

A regra summaria pois, que dá a *Grammatica da Lingua Castelhana*, parte I, cap. III, art. IV, e que segue o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, parte I, cap. II, § 3.º, para conhecer os generos dos nomes pelos dos artigos e adjectivos que se lhes ajuntam, é uma regra illusoria, que só póde servir a quem ouve e a quem lê para saber de que genero é o nome, mas não a quem falla e a quem escreve. Os primeiros conhecem logo o genero do nome pela concordancia dos adjectivos que fez aquelle que fallou e que escreveu. Os segundos

tem elles mesmo de fazer esta concordancia, e facilmente podem errar não sabendo primeiro de que genero é o nome com o qual devem concordar o artigo e os adjectivos.

Póde-se dizer que o uso vivo da Lingua ensina tudo isto. É verdade. Mas o mesmo uso ensina tudo o mais, e concluir-se-hia d'este raciocinio que as Grammaticas eram escusadas. Mas não o sendo, é preciso que assim como ellas nos ensinam as mais regras de fallar e escrever correctamente, nos ensinem tambem as de não errar na concordancia.

Para isto passamos a dar as regras dos generos com mais brevidade e simplicidade do que até agora se fez, dividindo-as nos **generos naturaes** ou da **significação** e nos **arbitrarios** ou da **terminação.**

§ I

DOS GENEROS NATURAES DETERMINADOS PELA SIGNIFICAÇÃO

REGRA I

São do **genero masculino** todos os nomes substantivos que significam *macho*, assim proprios como appellativos, ou sejam de homens, como *André, rei*, ou de brutos, como *Bucephalo, cavallo*, ou de profissões e ministerios proprios do homem, como *patriarcha, magistrado, sacerdote*, e ainda aquelles que sendo femininos, quando significam coisas ou acções, passam a designar varios officios proprios do homem, como *o atalaya, o cabeça, o guarda, o guarda-roupa, o guia, o lingua, o trombeta*, etc.

E como na linguagem representativa da pintura e da poesia, se costumam representar em figura de homens os deuses fabulosos, os anjos, os ventos, os mares, os rios e os mezes, isto bastou para se pôrem tambem na classe dos masculinos, como *Jupiter, Lucifer, Norte, Olympo, Oceano, Tejo, Janeiro* e outros semelhantes.

REGRA II

São do **genero feminino** todos os nomes substantivos que significam *femea*, ou sejam proprios de mulher, como *Mathilde, Ignez*, ou appellativos de officios e coisas que lhes pertencem, como *rainha, mãe, avó, madrasta, costureira, tecedeira*; ou de brutos, como *egoa, vacca, raposa, rata*, etc.; ou emfim de coisas personificadas em figura de mulher, como as deusas gen-

tilicas *Pallas*, *Venus*, etc.; as partes principaes da terra, *Europa*, *Asia*, *Africa*, *America*; as sciencias e artes liberaes, como *theologia*, *philosophia*, *pintura*, *poesia*, *historia*, etc.; as virtudes e paixões, como *justiça*, *prudencia*, *fortaleza*, *temperança*, *soberba*, *inveja*, *fortuna*, *fama*, etc.

REGRA III

São **communs de dois,** ou pertencem ora a um, ora a outro genero, os nomes que ou com uma só terminação (á maneira dos adjectivos de uma só fórma) se podem applicar já a macho, já a femea, como *infante*, *interprete*, *hypocrita*, *martyr*, *taful*, *virgem*, etc., ou com uma só terminação e debaixo de um só genero, ou masculino ou feminino, servem para significar ambos os sexos, no qual caso tem então o nome de **epicenos,** isto é, sobrecommuns. Taes são os nomes masculinos *elephante*, *corvo*, *javali*, *crocodilo*, *rouxinol* e muitos outros; e os femininos *abada*, *cabra*, *codorniz*, *onça*, *perdiz* e outros infinitos. Quando nos é preciso especificar o sexo do animal, ajuntamos ao seu nome promiscuo, debaixo do mesmo artigo, o adjectivo explicativo *macho* ou *femea*, dizendo: o *elephante macho*, *o elephante femea*, *a onça macha*, *a onça femea*, etc.

§ II

DOS GENEROS ARBITRARIOS DADOS A CONHECER PELA TERMINAÇÃO

No uso presente de nossa Lingua não ha nome algum substantivo de genero *incerto*, isto é, de que se possa usar arbitrariamente ou com o genero masculino ou com o feminino. Todos são ou masculinos ou femininos. Os que antigamente eram do genero feminino, como *cometa*, *echo*, *estratagema*, *extase*, *fim*, *mappa*, *planeta*, *synodo*, o uso os fez constantemente masculinos, e os que eram masculinos então, como *alleluia*, *arvore*, *bagagem*, *base*, *coragem*, *frase*, *gage*, *homenagem*, *laudes*, *linguagem*, *linhagem*, *origem*, *pyramide*, *villagem*, *visagem*, passaram com mais razão a ser femininos.

Emfim, os que então eram *incertos*, e empregados pelos nossos bons classicos já em um genero d'estes, já em outro, como *catastrophe*, *diadema*, *phantasma*, *metamorphose*, *personagem*, *scisma*, *torrente* e *tribu*, o uso vivo da Lingua os fixou n'aquelle genero que tinham nas suas origens, fazendo masculinos os que eram neutros no grego, como *diadema*, *phantasma*, *scisma*, e

femininos os mais que o são em grego e no latim. Todos por tanto entram nas regras geraes das terminações, das quaes umas são masculinas, outras femininas, e outras communs ao genero masculino e ao feminino, como se verá nas tres regras seguintes.

REGRA I

São masculinas as terminações seguintes: em *i* e *ú* agudos, como *javali, bambú*; ou *ò* grave e *ó* grande fechado, como *aço, baço, brio, avô*, e em *im, om, um*, como *brim, dom, atum*.

E bem assim as terminações nos diphthongos *ái, áo, éo, êo, ói* ou *óe*, como *pái, balandráo, céo, brêo, combói, heróe*. Exceptua-se só *náo*, feminino.

São outrosim masculinas as terminações em *al, él, il, ól, ul*, como *areal, borel, abril, anzol, azul*. Exceptua-se só *cal*, feminino.

E tambem são masculinas as terminações em *ár, êr* (com *ê* grande fechado) *ir, ór*, (com *ó* grande aberto) e *ur* e *óz* (com *ó* grande fechado), como *ar, prazêr, elixir, bolôr, catur, algóz*.

REGRA II

São femininas as terminações em *à* grave, como *aba, pada, redea, garrafa, paga, tia*. Exceptua-se *dia*, masculino.

As em *ã* ou *am* nasal, como *anã, irmã, lã, maçã, marrã, romã*.

E as em *ãi* e *ê* grande fechado, como *mãi, mercê*.

REGRA III

São communs ao genero masculino e feminino as terminações seguintes:

á agudo..	M.	*Alvará, maná, Pará, tafetá.*
	F.	*Pá.*
é agudo..	M.	*Café, fricassé, maré, pé.*
	F.	*Fé, sé, ralé.*
è grave...	M.	*Bosque, mote, valle.*
	F.	*Arte, neve, sede, saude.*

ó aberto..	M.	*Belhó, dó, nó, rocló, termó, ventó.*
	F.	*Avó, enchó, filhó, ilhó, mó, teiró.*
ão.......	M.	*Caixão, colchão, cabeção, coração, escrivão, feijão, melão, pão.*
	F.	*Lesão, lição, mão, multidão, occasião, opinião, feição, ração, razão, tenção,* etc.
ẽi ou *em*..	M.	*Armazem, assem, bem, desdem, homem, pagem, refem, selvagem, trem, vintem.*
	F.	*Carruagem, homenagem, lavagem, imagem, ferrugem, margem, ordem, forragem, marugem, vertigem.*
éi.......	M.	*Réi, béi.*
	F.	*Léi, gréi.*
ér.......	M.	*Desér, talhér.*
	F.	*Mulhér, colhér.*
ôr.......	M.	*Amór, ardór, andór, calór, favór, fervór, licór.*
	F.	*Côr, dôr, flôr.*
az	M.	*Arganaz, cabaz, rapaz.*
	F.	*Paz, tenaz.*
éz.......	M.	*Convéz, revéz.*
	F.	*Féz, téz.*
êz.......	M.	*Arnêz, indêz, mêz.*
	F.	*Rêz, torquêz, vêz.*
iz.......	M.	*Juiz, matiz, nariz, verniz.*
	F.	*Buiz, cerviz, matriz, raiz.*
óz.......	M.	*Aljaróz, cóz.*
	F.	*Fóz, nóz, vóz.*
uz	M.	*Arcabuz, capuz, lapuz.*
	F.	*Cruz, luz.*

Por este modo ficam mais facilitadas do que até agora as regras dos generos. De 43 terminações que os nossos nomes tem, 28 ficam fixadas para por ellas podermos dizer, ao certo, se um

nome é masculino ou feminino. O que se consegue por meio das duas primeiras regras, ficando assim só 15 duvidosas, quaes são as da III regra.

Mas d'estas mesmas 15 tirando 4, as mais tem tão poucos nomes na nossa Lingua, que não haverá muitos mais do que aquelles que se apontam para exemplo na mesma regra. Só quatro d'estas terminações communs que são em *e* grave, e em *ão*, *ẽi*, e *ór*, é que são mais fecundas em nomes, tanto masculinos como femininos. Mas a duvida que semelhantes terminações poderiam causar, se diminue consideravelmente advertindo:

1.º Que a maior parte dos nomes femininos acabados em *e* grave, tem antes d'este um *d* que lhes serve como de caracteristica, para os distinguir dos masculinos da mesma terminação em *e* grave. Taes são *bondade*, *caridade*, *saude*, *saudade*, *sede*, *virtude*, e infinitos outros.

2.º Que um signal para distinguir a maior parte dos nomes femininos em *ão* dos masculinos da mesma terminação, é o ser n'aquelles o *ão* precedido ordinariamente ou da vogal *i*, ou da sibilante *s*, quer se represente assim, quer com dois *ss*, quer com *ç* cedilhado, como *occasião*, *opinião*, *união*, *sessão*, *concessão*, *acção*, *lição*, *perfeição*, etc.

3.º Que da mesma sorte a maior parte dos nomes femininos acabados no diphtongo *ẽi*, ou se escreva assim ou d'este modo *ẽe*, ou d'este *em*, se podem distinguir dos masculinos da mesma terminação com observar se antes do tal diphthongo vem a guttural *g*, porque a vir ordinariamente são femininos, como *ferragẽi*, *ferrugẽe*, *imagem*, e outros que se podem ver nos exemplos da regra.

4.º Em fim, que o distinctivo entre os masculinos e femininos acabados em *ór* com *ó* grande fechado, é serem os primeiros ordinariamente de duas e mais syllabas, e os segundos de uma só, como se póde ver nos exemplos da regra.

ARTIGO III

DOS NUMEROS E INFLEXÕES NUMERAES DOS NOMES PORTUGUEZES

Chama-se **numero** a differente terminação de um nome, pela qual indica ser um só, ou serem dois ou mais os individuos ou coisas que elle significa. D'aqui a divisão dos nomes em **singular, dual,** e **plural.** Dos nomes portuguezes uns tem só singular, outros só dual, outros só plural, e outros singular e plural ao mesmo tempo, debaixo da mesma terminação, e os mais singular e plural com differentes terminações.

Tem só **singular**:

1.º Os nomes proprios, como *Cesar*, *Cicero*, *Scipião*, *Lisboa*, etc. Se ás vezes dizemos *os Cesares*, *os Ciceros*, *os Scipiões*, e bem assim, se algumas terras tem nomes pluraes, como *Abrantes*, *Alafões*, *Caldas*, *Alagôas*, *Alcáçovas*, *Alhos-Vedros*, etc.; ou é porque de proprios se fazem communs, ou é porque de communs que eram se fizeram proprios, e por isso são singulares com terminação plural.

2.º Os nomes proprios das virtudes habituaes, das artes e das sciencias, e outras idéas abstractas que as Linguas costumam personificar e olhar como singulares, por ex.: *a caridade*, *o pavor*, *a prudencia*, *a justiça*, *a fome*, *a sede*, *o somno*, *o sangue*, *a grammatica*, *a metaphysica*, *a milicia*, e quasi todos os nomes verbaes, como *amar*, *querer*, *ouvir*, etc., e tambem os nomes dos ventos principaes, com todos seus rumos e partidas em que os marinheiros os dividem.

3.º Os nomes das especies e substancias. Taes são primeiramente os nomes de metaes, como *oiro*, *prata*, *ferro*, etc. Que se nós dizemos *varios oiros*, *muitas pratas*, *posto a ferros*, é porque empregamos estes nomes em sentido figurado, por *peças de oiro* e por *grilhões de ferro*.

Em segundo logar os nomes dos quatro elementos *terra*, *mar* ou *agua*, *fogo*, *ar*; não obstante dizermos *andar muitas terras*, *os ares do mar*, *as aguas ferreas*, *mares nunca d'antes navedos*, *esta villa tem mil fogos*, etc. Porque n'estes modos de fallar, estas palavras não se tomam como nomes de substancias, mas como partes do todo e signaes pela coisa significada.

Em terceiro logar os nomes de coisas que tem peso e medida, e se consideram como *especies* e *especiarias*, por ex.: *arrôbe*, *azeite*, *cal*, *leite*, *mel*, *mosto*, *sal*, *salitre*, *vinagre*, *vinho*, etc.; *trigo*, *cevada*, *centeio*, *milho*, *beijoim*, *canella*, *cravo*, *pimenta*, *açafrão*, *coentro*, *hortelã*, *incenso*, etc. Emfim alguns nomes collectivos, como *infanteria*, *cavallaria*, *gentilidade*, *christianismo*, *paganismo*, etc.

Tem só **dual** os nomes que significam parelhas de duas coisas juntas, como *andas*, *andilhas*, *alforges*, *algemas*, *bofes*, *bragas*, *calças*, *calções*, *ceroulas*, *fauces*, *Gemeos* (signo), *tesouras*, *ventás*, *dois*, *duas*, *ambos*, *ambas*, etc.

Tem só **plural** os nomes que significam, ou congestões de coisas da mesma especie, como *cominhos*, *ervilhas*, *favas*, *farelos*, *grãos*, *lentilhas*, *semeas*, *tremoços*: ou misturas de coisas de differente especie, como *fezes*, *migas*, *papas*: ou aggregados de coisas tendentes ao mesmo fim, como *alviçaras*, *arredores*, *arrhas*, *cans*, *completas*, *confins*, *esgares*, *esponsaes*, *exequias*, *gages*, *grelhas*, *herpes*, *laudes*, *matinas*, *preces*, *refens*, *reliquias*,

trevas, viveres, etc. Tambem tem só plural todos os adjectivos numeraes para cima de dois, como *tres, quatro, cinco*, etc.

Tem emfim **singular** e **plural** ao mesmo tempo, e com uma só terminação, os nomes seguintes: *alferes, arraes, caes, lestes, ourives, prestes, simples*. Nossos escriptores antigos davam terminação plural a alguns d'elles, dizendo: *alferezes, arraezes, ourivezes*, e de *simpres* antigo em logar de *simples*, fazendo *simprezes* em logar de *simplices*. O uso depois fez uma apocope do *es* final n'estes nomes, servindo-se d'elles para o singular e plural.

A maior parte d'estes nomes se podem reputar irregulares nas suas terminações numeraes. Os mais todos, á excepção de poucos, seguem duas formações regulares, segundo acabam ou em vogal ou em consoante, como se verá nas duas regras seguintes.

REGRA I

Todo o nome acabado em vogal ou diphthongo, fórma seu plural acrescentando um *s* á terminação do singular, como:

Hora horas, couve couves, povo póvos, pá pás, pé pés, mercê mercês, javali javalis, filhó filhós, belhó belhós (e não *filhóses, belhóses*), *avó avós, nu nus*. E bem assim os que acabam em vogal nasal, como *lã lãs, malsĩ malsĩs, dõ dõs* (antigamente *dões*), *atũ atũs*; ou se escrevam assim, ou *lam lans, malsim malsins*, etc.

A mesma regra geral milita nos nomes acabados em qualquer diphthongo, quer oral quer nasal, como *pai pais, páo páos, lei leis, ceo ceos, mêo mêos, heróe heróes, mãi mãis, mão mãos, bẽe bẽes, boõ boõs, rũi rũis*, sem ser preciso fazer excepções por causa da differente orthographia com que vulgarmente se escrevem, pois as formações fazem-se pela pronunciação e não pela escriptura.

Esta regra padece uma unica excepção nos nomes acabados no diphthongo *ão*, que além da formação regular em *ãos*, tem tambem as irregulares em *ões*, e *ães*, como *ancião anciãos, sermão sermões, capitão capitães*. A regra que Duarte Nunes de Leão dá para conhecer quando havemos de dar aos nomes em *ão* um ou outro plural, é que, como á nossa terminação em *ão* correspondem tres na Lingua castelhana, a saber, *ano, on* e *an*; a primeira faz o plural em *ão*, a segunda em *õe*, e a terceira em *ãe*, como *mano manos* em castelhano, *mão mãos* em portuguez, *oracion oraciones* em castelhano, *oração orações* em portuguez, *capitan capitanes* em castelhano, *capitão capitães* em portuguez.

Porém a não querermos recorrer á origem castelhana (o que nem todos podem fazer), o mais commum e ordinario ás terminações do singular em *ão* é mudarem este diphthongo em *õe* no plural, acrescentando-lhe o *s* final, como *acção acções, lição lições, tostão tostões*. Esta é a regra mais geral.

D'ella se podem exceptuar os nomes portuguezes em *ão*, que em castelhano acabam em *an*, que fazem no plural *ães*, como *alemão alemães, capellão capellães, escrivão escrivães, tabellião tabelliães, pão pães, cão cães*, e poucos mais; e tambem os que em castelhano acabam em *ano*, que fazem no plural em *ãos*, como *christão christãos, cortesão cortesãos, grão grãos, irmão irmãos, mão mãos, orfão orfãos, orgão orgãos* e pouco mais. Os nomes *benção, cidadão* e *villão* podem fazer de ambos os modos *bençõcs* ou *bençãos, cidadões* ou *cidadãos, villões* ou *villãos*.

Os nomes acabados em *o* grave, mas precedido do *ó* grande fechado na penultima, não só tem terminações pluraes mas tambem inflexões, mudando no plural em *ó* grande aberto, o *ó* grande fechado do singular, como: *cachópo cachópos, avó avós, óvo óvos, soccórro soccórros, glorióso gloriósos, gostóso gostósos*. Esta regra comtudo tem suas excepções. Porque, se nós dizemos *fórno, fórnos, fógo fógos, póvo póvos*; já não dizemos da mesma sorte *contórno contórnos*, mas *contôrnos*, nem *pótro pótros*, mas *pôtros*, e assim outros que o uso ensinará. Mas d'esta observação se deviam fazer cargo nossos grammaticos para ensinar a bem declinar estes nomes, o que até agora não fizeram.

REGRA II

Todo o nome acabado em consoante fórma o seu plural do singular, acrescentando-lhe *es* do modo seguinte.

Os que no singular acabam em *r* e *s*, fazem o plural com a simples addição do *es*; e o *s* final ficando então entre vogaes se converte em *z*, como: *mar mares, mulher mulheres, prazer prazeres, martyr martyres, flor flores, catur catures, pás pazes, ves vezes, perdis perdizes, nós nozes, luz luzes*. O nome *Deus* segue esta mesma analogia fazendo no plural *Deuses*, e *calis* tambem fazendo *calises* com *s* ou calices com *c*, que vale o mesmo.

Os que acabam em *ál, ól, úl*, tirada a consoante final com o acrescentamento do *es* se fazem pluraes, como *animál animaes, faról faróes, azul azúes*. Exceptuam-se *mal, cal* de moinho e *consul*, que conservando o *l* formam o plural *males, cales, consules*.

Os que acabam em *el*, tirado do mesmo modo o *l*, tem o plural em *is*, como *broquél broquéis*, *fiél fiéis*. A palavra *mel*, segundo Barros, não tem plural, mas antigamente lh'o davam, e diziam *meles*, como tambem *méis*.

Por este mesmo modo formam seus pluraes os nomes adjectivos acabados em *il*, quando este não é agudo, como: *agil*, *docil*, *esteril*, *facil*, *habil*, *util*, e seus compostos *difficil*, *inhabil*, *indocil*, *inutil*, etc.; os quaes todos acabando antigamente em *e* no singular, d'este modo, *agile*, *docile*, *esterile* etc., formavam seus pluraes regularmente, acrescentando-lhes um *s* pela regra I. Agora porém, tirando o *l*, fazem em *eis*, como: *ágeis*, *dóceis*, *estéreis*, *fáceis*, *hábeis*, *úteis*.

Aquelles nomes porém que acabam em *il* agudo, para conservarem no plural este mesmo accento, mudam o *l* em *s*, como *ardil ardis*, *ceitil ceitis*, *fuzil fuzis*, *subtil subtis*. Temos tratado do nome **substantivo**, passemos ao **adjectivo**.

CAPITULO III

DO NOME ADJECTIVO

Já dissemos no capitulo antecedente que o **adjectivo** é um nome que exprime uma coisa como accessoria de outra, para ser sempre o attributo de um sujeito claro ou occulto, sem o qual não póde subsistir. Expliquemos esta definição com um exemplo.

Homem, *virtude*, são dois substantivos cujas idéas existem cada uma separadamente no mesmo espirito. Ambos são sujeitos, e como sustentaculos de um certo numero de qualidades, e não se modificam um a outro. Mas se digo *homem virtuoso* ou *virtude humana*, esta fórma de discurso faz desapparecer de repente um dos dois sujeitos; e na primeira expressão reune ao substantivo *homem* todas as idéas incluidas no substantivo *virtude*, e na segunda reune no substantivo *virtude* todas as idéas incluidas no substantivo homem.

Comparando-se pois os dois nomes *virtuoso* e *virtude*, e bem assim *humano* e *homem*, se vê claramente a differença dos adjectivos aos substantivos, a qual está no nosso differente modo de conceber os objectos e na ordem analytica do pensamento. N'esta o substantivo exprime sempre uma idéa principal, que é como o sujeito de certas qualidades que n'elle existem e o modificam; e o adjectivo pelo contrario, não exprime senão certas qualidades e idéas accessorias que suppôem sempre outra idéa

principal, na qual como em sujeito possam existir, e a quem sirvam de attributo para a modificar.

Todo **adjectivo** pois tem duas significações, uma **distincta**, porém indirecta, que é a do attributo; e outra *confusa*, porém directa, que é a do sujeito. Esta palavra *branco* significa directamente um sujeito qualquer, indeterminadamente, que tem brancura, e indirectamente, mas com toda clareza e distincção, a qualidade da cor. Por tanto todo adjectivo indica um sujeito qualquer, e exprime uma qualidade que lhe attribue.

Ora está claro que o sujeito indicado não póde ser senão um substantivo, porque sobre este só é que podem cair as qualidades que per si não podem subsistir. Este substantivo tambem não póde ser um nome proprio ou de individuo. Porque como este tem em si mesmo todas as determinações e modificações necessarias para ser o que é, não póde ser modificado nem por consequencia admittir um adjectivo que o modifique.

O sujeito pois que o adjectivo indica, necessariamente ha de ser um nome commum e appellativo, que só é susceptivel de modificações e determinações, por ser de sua mesma natureza vago e indeterminado. Assim quando digo: *Pedro é bom*, não quero dizer que *Pedro é bom Pedro*, porque isto daria a entender que *ha Pedro bom* e *Pedro mau*, o que não podendo caber no mesmo individuo, faria do nome proprio um nome commum; e se se podesse dizer *Pedro é bom Pedro*, tambem se poderia dizer *Pedro é melhor Pedro*, o que ninguem dirá.

Todo **adjectivo** pois concorda necessariamente com um nome appellativo do genero ou especie a que pertence o sujeito sobre que elle cae. Assim, *Pedro é bom*, quer dizer que *Pedro é homem bom*, e da mesma sorte nos mais. Concordando sempre o adjectivo com um nome substantivo, e esse commum, e não podendo concordar sem que o nosso entendimento perceba a conveniencia de um com outro, segue-se que todo adjectivo com o seu sujeito, ou substantivo, equivale a uma proposição incidente, e por esta se póde resolver, como: *Deus invisivel creou o mundo visivel*, se resolve n'estas proposições: *Deus, que é um Ente invisivel, creou o mundo que é uma coisa visivel.* Todo adjectivo pois é uma expressão abbreviada, que estando só na oração, ou sendo opposto, contém em si implicitamente uma proposição com seu sujeito que indica, com seu attributo que exprime, e com seu verbo que se lhe entende.

Se o **adjectivo** pois modifica sempre um nome *appellativo* claro ou occulto, vejamos de quantos modos este póde ser modificado para d'ahi deduzirmos as differentes especies de adjectivos. Todo nome appellativo se póde considerar, ou como nome de *classe*, ou como nome de *especie*. Como nome de classe com-

prehende debaixo de si mais ou menos individuos ou sua totalidade, v. gr. *um homem, muitos homens, todos os homens*; como nome de especie comprehende todas as propriedades e qualidades que compôem uma natureza commum. No primeiro sentido é susceptivel de *determinação*, a qual applica o nome da classe a mais ou menos individuos incluidos n'ella ou a todos. No segundo não é susceptivel de determinação, porque uma especie para o ser, tem um numero determinado de idéas fixas e essenciaes, mas é susceptivel ou de *explicação*, que desenvolva estas idéas parciaes incluidas na idéa geral, ou noção significada pelo nome commum; ou de *restricção*, que pela addição de alguma qualidade accidental, accrescentada ás essencias que formam a noção, restrinja esta com um maior numero de idéas a um menor de individuos.

Um só exemplo aclarará tudo. N'este, *todo o homem é racional, mas nem todos os homens são razoados,* o adjectivo *todo* é determinativo porque não explica nem restringe o nome appellativo *homem*, mas determina-o só e applica-o a todos os individuos da classe humana distributivamente, e o mesmo adjectivo *nem todos*, que vale o mesmo que *alguns*, determina e applica o mesmo nome a uma parte d'elles. O artigo *os* tambem é determinativo, porque indica que o nome *homem* se toma ali em um sentido individual e substantivo, e não como especie e adjectivamente. O adjectivo *racional* é explicativo, porque desenvolve uma qualidade essencial ao homem, já incluida na idéa do mesmo, e o adjectivo *razoado* é restrictivo, porque ajunta á idéa do homem uma qualidade accidental que a mesma idéa não comprehendia, e que por isso a limita e reduz a uma classe muito menor, qual é a dos *homens razoados* em comparação com a dos racionaes. Estas tres especies de adjectivos tem differentes propriedades e usos, e por isso vamos a tratar de cada uma d'ellas separadamente nos tres artigos seguintes.

ARTIGO I

DOS ADJECTIVOS DETERMINATIVOS

Os **adjectivos determinativos** chamam-se assim, porque determinam e applicam os nomes de classes e communs a certos individuos particularmente. Elles tem tres caractéres que os distinguem sensivelmente dos outros adjectivos chamados **explicativos** e **restrictivos**.

O primeiro é não causarem mudança alguma na significação

do nome commum, nem extendendo-a e desenvolvendo-a como fazem os primeiros, nem limitando-a e restringindo-a como fazem os segundos, antes deixando-a em seu ser, o que fazem só é applical-a aos individuos da sua classe, ou tomando-os todos juntos, quer collectivamente, *todos os homens, nenhum homem*; quer distributivamente, *todo homem, cada homem*; ou em parte, *alguns homens*; ou singularmente, *o homem, este homem*, etc.

O segundo caracter é precederem sempre o nome appellativo que determinam. Por isso esta proposição: *todo homem é mortal*, é verdadeira. Pospondo porém o determinativo *todo*, d'este modo, *o homem todo é mortal*, já fica falsa e impia. Não succede assim com os adjectivos explicativos e restrictivos. Aquelles podem-se pôr antes ou depois, como o *brilhante sol* e o *sol brilhante*, e estes sempre depois, como *o homem justo* e não o *justo homem*.

O terceiro caracter é não serem susceptiveis de augmento nem graus na sua significação, quer para mais quer para menos, como o são os adjectivos explicativos e restrictivos que só podem ser positivos, graduaes e superlativos.

A isto acresce ser o numero dos determinativos em todas as Linguas mui diminuto a respeito da multidão innumeravel dos explicativos e dos restrictivos. Porque o numero das relações debaixo das quaes se podem considerar os nomes appellativos em respeito aos individuos, é incomparavelmente mais restricto que o das qualidades que os outros exprimem. As qualificações de um nome commum podem ser infinitas; as determinações são poucas e as mesmas para com todos os appellativos, que por isso todas as Linguas tem quasi os mesmos determinativos.

Esta é a razão porque contentando-se os grammaticos com mostrar nas suas artes sómente a differente natureza d'aquelles, tratando d'elles em commum, d'estes se costumam fazer cargo especialmente, tratando á parte cada um de per si, e com mais miudeza, por occorrerem a cada passo na oração, e influirem muito na verdade ou falsidade d'ella. O que egualmente passamos a fazer, classificando-os todos primeiramente, e depois tratando de cada classe separadamente.

Os **adjectivos determinativos** applicam os nomes communs e os determinam a um sentido individual de dois modos: ou caracterisando-os por certas qualidades individuaes, ou contando-os e applicando-os a certo numero e quantidade de individuos. D'aqui a divisão mais geral d'estes adjectivos em determinativos de **qualidade** e em determinativos de **quantidade**. Quando digo: *um de meus irmãos*, o adjectivo *meus* determina o appellativo *irmãos* pela qualidade de me pertencerem; e o ad-

jectivo *um* determina o mesmo pela quantidade numerica de um entre outros.

Os **determinativos** de qualidade subdividem-se em **geraes** e em **especiaes.** Os *geraes* são os que juntos a qualquer nome commum, indicam que elle se toma individualmente em um sentido determinado, sem comtudo elles mesmos o determinarem per si, e taes são os nossos dois artigos, um vago e **indefinito,** como *um homem*, e outro **definito,** como *o homem.*

Os *especiaes* porém determinam já per si mesmos o nome commum, individuando-o por alguma qualidade ou circumstancia particular, quer seja *pessoal*, como *eu Antonio, tu Pedro, elle Sancho, nossos paes, nossos avós*; quer local, que os mostra, como *este homem, aquella mulher, o qual sujeito*; que por isso os primeiros se chamam determinativos **pessoaes** e os segundos **demonstrativos.**

Os **determinativos** de quantidade subdividem-se tambem em **universaes** e **partitivos.** Os primeiros são os que applicam o nome commum á totalidade dos individuos, quer affirmando-a, como *todo homem*, chamados por isso **positivos,** quer negando-a, *nenhum homem*, chamados então **negativos.** Os segundos são os que applicam o nome commum a uma quantidade parcial de individuos, ou vaga, como *muitos homens, alguns homens*, e estes chamam-se **vagos**; ou exacta e determinada, como *um, dois, tres homens, o primeiro, o segundo rei*, e estes chamam-se **numeraes.** De todos elles passamos a tratar por esta mesma ordem nos §§ seguintes.

§ I

DOS DETERMINATIVOS GERAES OU ARTIGOS

A palavra **artigo** vem do verbo grego ἄρω, que significa *adaptar, preparar*, e d'ella se serviram os grammaticos para designar certos adjectivos determinativos, monosyllabos, e frequentissimos no discurso que per si não tem significação alguma, mas postos antes dos nomes communs, dispõem de antemão e advertem o ouvinte para tomar os ditos nomes em um sentido individual, ou já determinado pelo discurso e pelas circumstancias, ou que se vae a determinar, ou que se não quer determinar.

Quando por ex. oiço: *o principe*, o artigo *o* me indica que o nome commum de *principe*, se deve tomar em um sentido individual que a circumstancia do reino e nação em que vivo me determina; e quando oiço: *um principe é digno de casar com uma princeza. Um crime tão horrendo merece a morte*; o ar-

tigo *um, uma*, indica-me que se falla de um individuo e de um crime individual, mas vago, e que se não quer nomear.

O officio pois dos artigos não é como ensinam todos os nossos grammaticos para declinar os nomes, nem para mostrar de que genero são. Os nomes portuguezes são indeclinaveis, e as preposições que se lhes ajuntam é que supprem a declinação. Se os artigos tem fórmas genericas como os mais adjectivos, é por concordarem, como estes, com os substantivos, e se pela concordancia mostram o genero, tambem os mais adjectivos o mostram. Não é pois para indicar o genero dos nomes appellativos que os artigos foram inventados, mas sim para os tirar da sua generalidade, e mostrar que se tomam em um sentido individual.

Nós temos na nossa Lingua dois **artigos**, um **definito** que é *o, a* para o singular, e *os, as* para o plural; porque mostra que o nome commum que se lhe segue se deve tomar individualmente no sentido já determinado pelas circumstancias e pelo discurso antecedente, ou que se vae a determinar para diante: outro **indefinito** que é *um, uma* para o singular, e *uns, umas* para o plural; porque mostra tambem que o nome appellativo a que se ajunta se toma individualmente, mas de um modo vago e ainda não determinado, e que se vae a determinar por alguma idéa nova que se lhe acrescenta para o especificar mais.

Do primeiro d'estes dois artigos ninguem duvida. Porém do segundo duvidam muitos, dizendo que é o mesmo que o numeral *um*, ou que o determinativo vago *um certo* (*quidam*). É verdade que elle tem tambem estas accepções e usos. Porém quando elle exprime ou a unidade numeral ou a unidade de um individuo certo e determinado em mente, que não queremos nomear nem determinar, então não é artigo, e só o é quando toma o nome commum individualmente sem o applicar a um individuo, ou a um mais que a outros. N'este sentido é que lhe damos plural, que o não tem nem póde ter como numeral.

N'estes exemplos: *um homem de côrte, uma mulher de côrte tem mais espirito e viveza que um aldeão. Um vassallo deve obedecer a seu rei. Um rei deve ser o pae de seu povo. Um homem de juizo deve ser senhor de suas paixões. Antonio é um Cicero. Cicero é um orador*: o artigo *um* póde-se substituir em alguns d'elles com o artigo *o*, porém de nenhum modo com o partitivo *um certo* (*quidam*). Isto se verá ainda com mais evidencia nas observações que passo a fazer sobre os usos communs a estes dois artigos, e particulares de cada um.

1.ª Todo o nome appellativo cuja significação geral é restringida, ou antes pelo discurso, ou depois por algum adjectivo ou incidente restrictivo, a não ter antes algum definito para in-

dicar que aquelle nome se toma em uma significação individual determinada, ou seja o artigo indefinito para indicar que o nome se toma em uma significação tambem individual, porém vaga e indeterminada.

Exemplo: *Pedro foi tratado com honra.* Aqui o appellativo *honra* não necessita de artigo, porque se toma na sua significação geral, e vale o mesmo que *honradamente.* Porém se lhe ajunto a restricção *devida a seu merecimento,* d'este modo: *Pedro foi tratado com honra devida, ou que era devida a seu merecimento,* já não posso empregar o mesmo appellativo sem artigo, mas devo dizer: *Pedro foi tratado com a honra devida, ou que era devida a seu merecimento,* se fallo de uma honra determinada e certa; ou *foi tratado com uma honra egual ao seu merecimento,* se quero fallar de uma honra qualquer indeterminadamente.

2.º Nenhum appellativo póde ser sujeito de qualquer oração sem ser determinado, expressa ou implicitamente, por algum dos determinativos especiaes ou por um dos geraes, quer o *definito* quando se falla de um individuo certo, quer o *indefinito* quando se falla de um individuo vago. D'aqui a differença d'estas duas proposições: *o principe justo, que nos governa, é tambem pio e indulgente. Um principe, que é justo, tambem deve ser pio e indulgente.*

3.ª O artigo definito *o,* indeclinavel e no genero neutro, precedendo ou seguindo-se immediatamente ao verbo substantivo *ser,* ou outro equivalente, serve-lhe sempre de attributo trazendo á memoria o nome da oração antecedente, de qualquer genero e numero que seja, com todas as suas modificações, como n'estes modos de fallar: *Ha verdades que a nós* o não parecem; *não* pol-o não serem, *mas,* etc. (H. Pinto) *Ia todos os dias ver a sepultura de seu irmão, e que* o havia de ser *sua.* (Lobo) *As feias nem* por o serem *deixam de ter qualidades estimaveis.* Este uso do nosso artigo neutro e indeclinavel é mui elegante e frequentissimo.

4.ª O artigo definito substantiva qualquer parte da oração e orações inteiras para poderem ser o sujeito ou objecto do discurso. Substantiva os adjectivos: v. gr. o *licito* e o *illicito,* o *justo* e o *injusto.* Substantiva os verbos, não só nas fórmas impessoaes em que são verdadeiros substantivos, como *a natureza fez* o comer *para* o viver, e a *gula fez* o comer *muito para* o viver *pouco*; mas tambem nas pessoaes, como: o *gabares-te de sabio mostra seres ignorante.* Substantiva as preposições, como: *o amor não está* n'o por *isso, está n'o porque.* Substantiva os adverbios, como: *não sabemos* o quando, o como, o quanto. Substantiva emfim as orações inteiras ou antecedentes, quando,

acabadas ellas, dizemos v. gr. *pol'o que, do que segue*, etc.: ou seguintes, como: *nunca* o que *de sua natureza é bom póde perder ou damnar-se por muito*; *nem* o que *é máo melhorar por pouco.*

5.ª Os artigos por isso mesmo que individuam, e os nomes proprios não podem ser individuados, quando se applicam a estes fazem-nos passar de proprios a appellativos para os poder determinar. Assim quando digo: *este homem é* um *Cicero*, e de João de Barros, *o Livio portuguez*, de Camões, o *Homero lusitano*, e bem assim *os Brasis, as Angolas, as Góas, as Malacas, os Macaus*, etc., todos estes nomes proprios passam por virtude dos artigos a tomarem-se em sentido commum, e pelo genero mesmo a que cada um pertence. Todas estas observações pertencem aos casos em que se devem empregar os artigos. Passemos agora a ver em que nomes se não devem empregar, que são:

1.º Os mesmos nomes appellativos quando se tomam adjectivamente em um sentido geral e como qualificativos da especie. Assim quando digo: *o macaco não é homem, onde ha homens ha cobiça*; os appellativos *homem, homens, cobiça*, não tem artigo porque se tomam em sentido geral e indeterminado, em logar de *animal racional*, e do *desejo das honras e riquezas.*

2.º Os mesmos nomes appellativos quando são precedidos de algum dos determinativos especiaes, ou de qualidade ou de quantidade que os determinam, não se individuam; então geralmente fallando não precisam do artigo, nem os bons classicos lh'o costumam pôr. Assim, dizem elles, sem artigo, *meu pae, minha mãe, seu pae, sua mãe, nossos paes, vossos avós, este homem, aquelle sujeito, muitos homens, alguns homens, um, dois, tres homens*, etc.

Comtudo, como o artigo não é propriamente quem determina o nome appellativo, mas quem indica que se toma n'este ou n'aquelle logar individualmente, ou por estar já determinado ou porque se vae a determinar, succede algumas vezes ajuntar-se com outros determinativos, e concorrer com elles tambem a determinar um nome appellativo.

Por esta razão os demonstrativos *mesmo, qual*, sempre levam artigo: *o mesmo homem, a mesma mulher, o qual homem, a qual mulher*. O demonstrativo conjunctivo *que* não admitte artigo senão no genero neutro, como no exemplo acima: *o que de sua natureza é bom*, etc. Quando no masculino e feminino, fallando de pessoas, dizemos *os que, as que*, sempre se entende *os* homens *que, as* pessoas *que*.

3.º Quando os mesmos nomes estão em vocativo não tem artigo, porque são determinados a fazerem a segunda pessoa a

quem se dirige o discurso, assim pela interjeição vocativa *ó*, como pelos pessoaes *tu*, *vós*, que sempre se lhes entendem: e quando dizemos *o meu tio*, *o tio*, o artigo serve só para substantivar estes adjectivos, como fica dito acima, observ. III. Isto pelo que pertence aos determinativos de *qualidade*.

Passando agora aos de *quantidade*, o universal distributivo *todo toda*, em logar de *cada*, não quer artigo: *todo homem*, *toda parte*: o universal collectivo *todos todas*, quer artigo: *todos os homens*, *todas as partes*, ou com a consonancia euphonica como faziam nossos antigos para evitar o ecco da mesma syllaba *todol'os homens*, *todal'as partes*. Os partitivos cardeaes *dois*, *tres*, *quatro*, etc. não tem artigo senão quando modificam algum nome appellativo que queremos individuar mais, como: *os dois exercitos inimigos*, *as tres armadas combinadas*. Os ordinaes *primeiro*, *segundo*, etc., tem artigo quando precedem aos substantivos, como *o primeiro seculo*, *o segundo seculo*; porém não o tem quando se lhes seguem, como *D. João primeiro*, *D. João quinto*. Feitas estas excepções, os mais adjectivos determinativos, por via de regra, não admittem de companhia o nosso artigo.

4.º Os nomes proprios de divindades, de homens, de cidades, villas e logares, não tendo antes de si modificativo algum, per si mesmos estão determinados e individuados, e por tanto não precisam de artigo. Assim dizemos sem elle, *Deus*, *Alexandre*, *Augusto*, *Portugal*, *Lisboa*, etc., e com elle, *o bom Deus*, *o grande Alexandre*, *o imperador Augusto*, *o rico Portugal*, *a nobre Lisboa*, etc., porque o artigo não cae aqui sobre os nomes proprios, mas sobre os adjectivos e appellativos que o não são.

Isto não obstante, o uso de algumas Linguas dá artigo a muitos nomes proprios de regiões, provincias, ilhas, cidades, e aos montes e rios sempre, e o da nossa costuma ás vezes dizer com artigo as cinco partes da terra, como *a Europa*, *a Asia*, *a Africa*, *a America*, *a Oceania*; as provincias, como *o Algarve*, *o Alemtejo*, *a Extremadura*, *a Beira*, *o Minho*, e bem assim *a Madeira*, *o Funchal*, *o Porto*, *a Guarda*, *o Mogadouro*, *a Golegã*, e sempre *o Tejo*, *o Douro*, *o Mondego*, *o Guadiana*, etc.

Mas isto succede, ou porque estes nomes ao principio eram communs, e foi necessario aproprial-os com o artigo, ou porque tem ellipse do nome commum que se lhes entende, e muitas vezes mesmo se expressa, ou porque tendo uma significação mais ou menos extensa, podem-se tomar já determinada, já indeterminadamente, dizendo umas vezes com o artigo *a Hespanha*, *a França*, *a Inglaterra*; outras sem elle, *vou para Hespanha*, *fazendas de França*, *venho d'Inglaterra*, como tambem

nos metaes, dizendo com artigo, *o oiro, a prata, o cobre*; e sem elle, *caixa d'oiro, estojo de prata, pagar em cobre*; ou emfim porque se personificam, como quando dizemos *o poder da França*, etc.

De tudo o que fica dito se vê claramente, que o officio dos artigos não é para declinar os nomes, nem para mostrar seu genero. Pois muitos d'elles não admittindo artigo, como vimos, ou ficariam sem declinação e sem genero, o que é absurdo, ou para evitar este seria necessario cair no outro em que caiu o auctor da *Arte da Grammatica Portugueza*, impressa em Lisboa em 1799, cap. I, § 11, fazendo um novo artigo indefinito, até agora desconhecido, das preposições *de* e *a*.

O destino dos artigos é sómente para indicar que os nomes geraes, a que se ajuntam, se devem tomar não em toda a sua extensão, mas em um sentido ou individual ou substantivo; tanto assim que, ou da sua apposição aos taes nomes, ou da sua ausencia, ou da combinação de ambos dois, resultam differentes sentidos de uma mesma palavra, como se póde vêr das novas traducções que se podem fazer em portuguez dos dois appellativos latinos *filius regis*, que podem significar ou *filho de rei*, ou *um filho de rei*, ou *filho de um rei*, ou *um filho de um rei*, ou *filho do rei*, ou *o filho de rei*, ou *o filho do rei*, ou *um filho do rei*, ou emfim *o filho de um rei*.

§ II

DOS DETERMINATIVOS PESSOAES, ASSIM PRIMITIVOS COMO DERIVADOS, CHAMADOS PRONOMES

Os **determinativos pessoaes** são uns adjectivos que determinam os nomes a que se referem, pela qualidade do personagem ou papel que fazem no acto do discurso, ou da propriedade e posse, relativa ás mesmas personagens.

Estes personagens ou papeis, por ordem á representação no discurso são tres, a saber: a *primeira pessoa*, que é aquella que falla no discurso; a *segunda*, que é aquella com quem se falla; e a *terceira*, que é aquella de quem se falla, ou seja pessoa ou coisa. Os **determinativos pessoaes** que modificam os nomes com estas tres relações por ordem ao acto ou representação da palavra, chamam-se **primitivos**. D'estes se formam os **pessoaes derivados**, que determinam os nomes pela qualidade de pertinencia ou posse, relativa a cada uma d'estas pessoas.

A nossa Lingua tem onze **determinativos pessoaes**, a sa-

ber, seis **primitivos** que são, dois da 1.ª pessoa *eu* para o singular e *nós* (com *ó* grande aberto) para o plural; dois da 2.ª pessoa *tu* para o singular e *vós* (com *ó* grande aberto) para o plural; um **directo** da 3.ª pessoa *elle, ella* para o singular, *elles, ellas* para o plural; e outro **reciproco** ou **reflexo** da mesma terceira pessoa para o singular e para o plural, que é *se*.

Os **derivados** d'estes são cinco, a saber: dois da 1.ª pessoa fallando de uma só, *meu, minha* para o singular, e *meus, minhas* para o plural; e fallando de muitas, *nosso, nossa* para o singular, e *nossos, nossas* para o plural: outros dois da 2.ª pessoa a saber; fallando de uma só, *teu, tua* para o singular, e *teus, tuas* para o plural; e fallando de muitas, *vosso, vossa* para o singular, e *vossos, vossas* para o plural: e um emfim da 3.ª pessoa, fallando de uma só ou de muitas, *seu, sua* para o singular, e *seus, suas* para o plural. Tratemos por esta mesma ordem, primeiramente dos primitivos e depois dos derivados.

Os **pessoaes primitivos**, *eu, tu, elle*, são os unicos nomes que na Lingua Portugueza tem declinação, e *casos* por consequencia. Para indicar estes não me servirei dos nomes latinos que tem suas accepções particulares, mas sim dos que os grammaticos das Linguas modernas julgaram mais proprios para exprimir as differentes relações que um mesmo nome póde tomar, para se ligar com outra palavra no discurso, quer sejam significadas pelas suas differentes terminações ou casos dentro do mesmo numero, quer pelas differentes preposições que se lhe ajuntam em ambos os numeros para substituirem os mesmos casos.

Assim dão elles o nome de **sujeito** á palavra que exprime o agente ou sujeito do verbo, e que corresponde ao *nominativo d'antes* dos latinos, e de **attributo** ao *nominativo depois*, que é o que exprime a coisa que se attribue ou affirma do sujeito. Chamam **complemento restrictivo** ao nome precedido da preposição *de*, que se pôe immediatamente depois de um appellativo para lhe restringir a sua significação vaga, ao que os latinos chamavam *genitivo*: **complemento objectivo** ao nome, quando faz o objecto immediato da acção do verbo, e **terminativo** quando faz o termo da sua relação, e finalmente **circumstancial**, ou da *preposição*, quando o nome junto com ella explica alguma circumstancia da acção do verbo, os quaes tres complementos correspondem ao *accusativo, dativo* e *ablativo* dos latinos.

Isto supposto, as terminações dos tres **pessoaes primitivos directos**, que servem de **sujeito** ou de *nominativo* nas orações, são as acima mencionadas: *eu* no singular, e *nós* no plural para todos os generos; *tu* no singular, e *vós* no plural tambem para todos os generos, e *elle, ella* no singular para o

masculino e para o feminino, e *elles* e *ellas* no plural para os mesmos generos.

Os **complementos objectivos** e ao mesmo tempo **terminativos**, chamados *accusativos* e *dativos* do pessoal *eu*, são, *me* para o singular e *nos* (ambos com *e* e *o* pequeno) para o plural; do pessoal *tu*, são *te* para o singular e *vos* para o plural (ambos com *e* e *o* pequeno), e do pessoal reciproco da 3.ª pessoa *se* (tambem com *e* pequeno) para todos os numeros.

O **pessoal directo** da 3.ª pessoa, *élle élla*, *élles éllas* (com o *é* grande fechado na masculina e aberto na feminina), tem differentes palavras e terminações para estes dois casos, a saber: para o complemento objectivo ou accusativo, no singular *o* para o masculino e neutro, *a* para o feminino, e *os*, *as* no plural para os mesmos dois generos, todos com as suas vogaes pequenas. Differençam-se do artigo definito pelo seu differente ministerio, e pela sua mesma posição. O artigo serve só para individuar, e precede sempre ou suppõe depois de si um appellativo que determine. O complemento objectivo directo da 3.ª pessoa *o*, *a*, *os*, *as*, não determina os nomes a que se referem individuando-os, mas sim dando-lhes o caracter de uma 3.ª pessoa ou coisa, da qual se tem fallado e falla, e o seu logar nunca é antes do nome, mas sim antes ou depois do verbo activo.

Emfim, para o **complemento terminativo** ou *dativo*, tem presentemente o mesmo pessoal directo da 3.ª pessoa no singular *lhe* para ambos os generos e no plural *lhes* para os mesmos. Digo *presentemente*, porque os nossos bons escriptores, tanto prosadores como poetas, usavam frequentemente do *lhe* para ambos os numeros.

Os **complementos circumstanciaes** ou da *preposição*, que correspondem aos ablativos dos latinos e aos genitivos dos gregos, são: do pessoal *eu* para o singular *mim*, junto com varias preposições, e *migo* só com a preposição *com*, e para o plural *nós* (com *ó* grande aberto como no nominativo) junto com varias preposições, e *nósco* (com o primeiro *ó* grande fechado) que se ajunta só com a preposição *com*: do pessoal *tu* é *complemento circumstancial* para o singular *ti* com varias preposições, e *tigo* só com a preposição *com*; e para o plural *vós* (com *ó* grande aberto como no nominativo) com varias preposições, e *vósco* (com o *ó* grande fechado) só com a preposição *com*. Em fim, do pessoal reciproco da 3.ª pessoa é *complemento circumstancial* para ambos os numeros a terminação *si*, que se constroe com varias preposições, e *sigo*, que se constroe só com a preposição *com*, o que tudo se vê representado na taboa seguinte.

TABOA

DA

DECLINAÇÃO DOS PESSOAES PRIMITIVOS

Sujeito ou Nominativo		Complemento Objectivo	Complemento Terminativo	Complemento Circumstancial
da 1.ª pessoa..	S. Êu	Mè	Mè	Mim, Migo
	Pl. Nós	Nòs	Nòs	Nós, Nôsco
da 2.ª pessoa..	S. Tù	Tè	Tè	Tí, Tigo
	Pl. Vós	Vòs	Vòs	Vós, Vôsco
	M. F.	M. F. N.		
da 3.ª pessoa directo....	S. Elle, Élla	O, A, O	Lhè	
	Pl. Êlles, Éllas	Òs, Às	Lhès	
da 3.ª pessoa reciproco..	S. Pl.	Sè	Sè	Si, Sigo

Falta n'esta taboa o **complemento restrictivo,** ou caso de possessão correspondente ao *genitivo* latino. Mas este complemento, que aliás se faz com o nome e a preposição *de*, não se faz da mesma sorte nos pessoaes. Os derivados d'estes juntos com os nomes é que exprimem esta relação de possessão, e servem elles mesmos de complementos restrictivos, como logo veremos.

OBSERVAÇÕES SOBRE O USO D'ESTES COMPLEMENTOS PESSOAES NA ORAÇÃO

1.ª *Eu* e *tu* são sempre sujeitos em qualquer oração, como tambem *nós, vós, elle, elles, ella, ellas,* quando não tem preposição antes; e o reciproco *se*, nunca. Todos elles quando são sujeitos da oração precedem o verbo, menos na linguagem imperativa, onde sempre o seguem, ex.: *louva tu, louvai vós*, etc.

Todos elles não se ajuntam se não com nomes proprios ou appellativos, mas individuados. Ninguem diz: *eu homem, tu homem, elle homem*; mas sim *eu elrei, eu o principe, tu Antonio, elle Sancho.* A razão é porque a determinação pessoal, ou do papel que cada um faz no discurso, suppõe sempre a determinação individual.

Nós, ainda que seja do numero plural, usa-se no singular, ou por auctoridade, quando os prelados fallam em nome de sua egreja, ou por modestia, quando alguem quer communicar com os outros seus louvores, e quando um escriptor quer fazer sua obra commum com o publico para quem a destina. *Vós* tambem, posto que seja do plural, se emprega no singular quando se falla com uma pessoa só, ou por acatamento, *vós poderoso rei*, ou por auctoridade, quando um superior falla com um inferior, ou por carinho quando um egual falla com outro.

2.º Os pessoaes primitivos nunca servem de attributos na oração, e quando como taes entram n'ella fazem-a identica, de modo que se podem trocar com os sujeitos da mesma. Tanto importa dizer: *quem escreveu isto fui eu*, como *eu fui quem escreveu isto*. N'esta expressão, *meu amigo é outro eu*, o pessoal toma-se como appellativo, e n'este mesmo sentido disse H. Pinto, *Dial.* 3. *Em mim ha dois eus, um segundo a carne, e outro segundo o espirito.*

3.ª Os casos *me, nos* do pessoal da 1.ª pessoa, os da 2.ª *te, vos*, e o do reciproco da 3.ª *se*, todos com accento grave e encliticos, nunca admittem preposições, e são complementos já objectivos, já terminativos, segundo o demanda a significação do verbo ou só activa ou tambem relativa. São objectivos quando vem sós com verbos activos, como *louvo-me, louva-te, louva-se*, etc., e são terminativos quando os verbos tem outro objecto sobre que cae sua acção, e os pessoaes indicam só o termo da sua relação, como *faço-te mercê, da-me este gosto, fico-te obrigado.*

Porém o pessoal directo da 3.ª pessoa tem casos distinctos para um e outro complemento. Para o objectivo tem no singular *o* masculino, *a* feminino e *o* neutro; e no plural *os* masculino e *as* feminino; e assim dizemos: *eu o louvo* ou *louvo-o, eu a reprehendo* ou *reprehendo-a, o ser bom e o fazer bem tem n'*o *Deus de si*; *não* os *louvo, não* as *louvo*, ou *louvo-os, louvo-as*: e para o complemento terminativo tem para todos os generos no singular *lhe*, e no plural *lhes*, como: *disse-lhe a verdade, contou-lhes coisas espantosas.*

Muitas vezes com um mesmo verbo de significação activa e ao mesmo tempo relativa concorrem os dois complementos, objectivo e terminativo, exprimidos por dois pessoaes, e então se

costumam encorporar um no outro, elidindo-se a vogal ou consoante do primeiro, como *m'o, nol'o, vol'o, lh'o, lh'a, lh'os, lh'as*, em logar de *me-o, nos-o, vos-o, lhe-o* ou *lhes-o, lhe-a, lhe-os, lhe-as*, sobre o que se póde ver o que fica dito na **Orthoepia**, cap. VII.

Com os complementos objectivos dos pessoaes da 1.ª e 2.ª pessoa *me, nos, te, vos*, e do reciproco da 3.ª *se*, juntos ás fórmas pessoaes e correspondentes dos verbos, se fazem os verbos chamados *reciprocos*, os *reflexos*, os *impessoaes passivos*, alguns dos nossos *neutros*, e outros ou *activos* ou *neutros*, quando se querem reciprocar. Mas d'isto trataremos nós mais adiante em seu logar.

4.ª Finalmente, os complementos circumstanciaes ou da preposição são na 1.ª pessoa *mim, migo* para o singular, e *nós, nósco*, para o plural; na 2.ª *ti, tigo* para o singular, e *vós, vósco* para o plural; e na 3.ª reciproca *si, sigo* para ambos os numeros. Os casos *migo, nósco, tigo, vósco, sigo* nunca são complementos senão da preposição *com*, d'este modo: *commigo, comnosco, comtigo, comvosco, comsigo*; e os casos *mim, nós, ti, vós* e *si* nunca o são da preposição *com*, mas sim de qualquer outra, como: *De mim se queixam, a mim me chamam, vem commigo, de ti murmuram, a ti te escutam, comtigo fallo, elle julga bem de si, estima-se a si mesmo, comsigo traz tudo*, e assim com as mais preposições.

OBSERVAÇÕES SOBRE O USO DOS DETERMINATIVOS PESSOAES DERIVADOS

Passemos já dos pessoaes primitivos aos **pessoaes derivados** d'elles, que são para a 1.ª pessoa *meu, minha, nosso, nossa*; para a 2.ª *teu, tua, vosso, vossa*; e para a 3.ª *seu, sua*. Estes pessoaes derivados são, como seus primitivos, uns adjectivos determinativos. Porém os primitivos determinam só os nomes proprios das pessoas, ou das coisas personificadas, a tomarem a relação ou de 1.ª ou de 2.ª ou de 3.ª pessoa, por ordem ao papel que fazem na representação do discurso, e no acto da palavra; e os derivados não determinam senão nomes appellativos e de coisas possuidas; e determinam-os não por ordem ao acto da palavra, mas por ordem ao acto ou direito do dominio pertencente a uma das tres pessoas. Os pessoaes *primitivos* tem só uma relação e um objecto, e por isso se pôem em logar dos nomes proprios que modificam. Os pessoaes *derivados* tem duas relações e dois objectos, um da pessoa a quem se referem, e outro da coisa que lhe fazem pertencer.

A primeira relação pessoal é indicada pela primeira voz ou

syllaba de que elles se compõem, e que é sempre um caso ou recto ou obliquo do primitivo, qual se vê n'esta divisão: *me-u, mi-nha, nos-so, nos-sa, te-u, tu-a, vos-so, vos-sa, se-u, su-a.* A segunda relação real, ou da coisa possuida, é indicada pela segunda voz ou syllaba, que por isso, segundo o genero ou numero de coisas pertencentes a cada pessoa, varía de terminações como os mais adjectivos, para concordar com ellas em genero e numero. E bem como os primitivos da 1.ª e 2.ª pessoa tem cada um dois nomes, um para uma pessoa só e outro para muitas, assim os seus derivados tem tambem duas fórmas para indicar estas relações pessoaes; e como o reciproco da 3.ª pessoa não tem senão uma para o singular e para o plural, assim o seu derivado não tem tambem senão uma para ambos os numeros.

Por esta razão, relativamente a uma pessoa só, se diz no singular *meu reino, teu reino*, e no plural *meus reinos, teus reinos*, e relativamente a mais pessoas no singular *nosso reino, vosso reino*, e no plural *nossos reinos, vossos reinos*; e relativamente ou a uma ou a mais pessoas, diz-se no singular *seu reino* e no plural *seus reinos.* Se fallo dos habitantes de Portugal, digo egualmente bem *seu paiz é fertil*, como, se fallando do seu rei, disser *seu reino é rico.*

Aqui porém tem logar a mesma observação que já fizemos a respeito dos primitivos *nos, vos*; que assim como estes, sendo do plural, se tomam algumas vezes singularmente, assim passa o mesmo com seus derivados *nosso, vosso.* Um rei diz: *A todas as justiças de nossos reinos*; e um bispo: *A nossos veneraveis irmãos*, e na oração dominical dizemos todos: *Vosso nome, vosso reino, vossa vontade.*

D'aqui se vê que estes possessivos substituem o complemento restrictivo, ou genitivo, que falta nos casos dos pessoaes primitivos, quando queremos restringir um appellativo pela relação particular de seu possuidor. Se, assim como dizemos *o livro de Pedro*, haviamos de dizer *o livro de mim, o livro de ti*, dizemos pelos possessivos *o meu livro, o teu livro*, etc. Porque não é o mesmo dizer: *meu, nosso, teu, vosso, seu*, que dizer: *de mim, de ti, de vós, de si*; por ex.: *o meu amor* ou *o amor de mim*; *o nosso medo* ou *o medo de nós*: *as tuas saudades* ou *as saudades de ti*; *o vosso odio* ou *o odio de vós*; *seu senhor* ou *senhor de si.*

Ambas estas expressões significam possessão, porém de differente modo. As primeiras exprimem uma posse ou propriedade activa que tem as pessoas indicadas pelos possessivos, as segundas uma propriedade, ou reflexa ou passiva, que as mesmas recebem ou de si ou de outro possuidor differente. E esta

é a razão porque a fim de distinguir mais estas duas especies de propriedade, em respeito a differentes sujeitos ou ao mesmo, temos a cautella de ajuntar ás vezes aos primitivos o demonstrativo *mesmo*, para mostrar a reciprocidade do possuidor e da coisa possuida, como *o amor de mim mesmo, o odio de nós mesmos*.

D'aqui é facil resolver a duvida de Antonio de Moraes no seu *Diccionario da L. P.* vocabulo *meu*, sobre as expressões de Jorge Ferreira na *Eufrosina*, a saber: *minha mãe morreu do meu parto*, isto é, do parto que teve de mim; *fugiu com meu medo*, isto é, com medo de mim; e *saudades minhas o matam*, isto é, saudades que tem de mim. Estas expressões além de serem improprias, são de sua natureza ambiguas; e isto bastaria para se deverem evitar ou explicar, bem como quando digo *o amor de Deus*, devo fazer ver se é o *amor que tenho a Deus* ou *o que elle me tem*. Tambem usamos dos primitivos com a preposição *de* n'estas exclamações: *Ai de mim! infeliz de ti! coitado d'elle!* Mas aqui a preposição com seu consequente é um complemento não restrictivo, mas circumstancial do verbo *fallo*, que por ellipse se entende, como: *ai! de mim fallo*, etc.

Sobre a outra questão agitada entre nossos grammaticos, se os possessivos tem vocativo ou não, ella é mais questão de nome que de realidade. O vocativo na Lingua portugueza é sempre um nome de uma segunda pessoa, ou coisa personificada, com quem se falla. O possessivo pois da 3.ª pessoa repugna sempre a esta relação. O da 2.ª é de sua natureza vocativo, e ajuntar-lhe a interjeição vocativa seria um pleonasmo. O da 1.ª não repugna a isso indo depois do appellativo que apostrophamos: *Alma minha gentil que te partiste* disse Camões. Passemos já aos outros determinativos da nossa Lingua.

§ III

DOS DETERMINATIVOS DEMONSTRATIVOS, PUROS E CONJUNCTIVOS

Os **determinativos demonstrativos** são aquelles que determinam e applicam os nomes appellativos a certos individuos, indicando-os e mostrando-os pela *localidade* da sua existencia. D'estes ha duas especies. Uns são puramente demonstrativos, e outros demonstrativos e conjunctivos ao mesmo tempo.

Os **demonstrativos puros** mostram e apontam os objectos presentes pelo logar, menos ou mais distante, em que estão, ou no espaço, ou no discurso, ou na ordem dos tempos,

e bem assim o logar e relação que tem por ordem á pessoa que falla, áquella com quem se falla, e á de quem se falla.

Queremos nós por ex. determinar um objecto presente pelo logar que occupa junto a nós que fallamos, ou em que o pozemos no discurso fallando d'elle? dizemos: *este homem, esta mulher, isto que acabamos de dizer*. E se na mesma situação estão dois objectos que queremos mostrar, dizemos *este homem, est'outro homem*.

Queremos outrosim mostrar um objecto presente, porém mais distante e immediato a outra pessoa com quem fallamos? dizemos: *esse homem, essa mulher, isso que dizes*; e se são dois os que se acham na mesma situação e que queremos indicar, ajuntamos: *esse homem, ess'outro homem, essa mulher, ess'outra mulher*.

Queremos emfim determinar um objecto presente, porém mais remoto que os antecedentes, e com relação a uma terceira pessoa ou coisa da qual se falla? dizemos: *aquelle homem, aquella mulher, aquillo que ao principio se disse*; e se com este objecto se acha outro na mesma situação, que tambem queremos indicar, ajuntamos: *aquelle homem, aquell'outro homem, aquella mulher, aquell'outra mulher*. Exemplos.

Que julgas d'outro Menelão,
Que com seu corpo e rosto, capitão
Se faz famoso mais que Agesiláo?
Que da carranca *deste?* Da tenção
Daquelle? Dos espiritos, do desejo,
Dos fumos *daquelloutro*, e opinião?
Estas são as diffrenças do que vejo.[1]

A quem trarão
Rosas a rôxa Cloris,
Conchas a branca Doris,
Estas, flores do mar,
Da terra *Aquellas*.[2]

As variações genericas e numeraes d'estes tres demonstrativos se vêem na taboa seguinte.

[1] Ferreira, *Cartas*, liv. I, carta V.
[2] Camões, *Od*. V.

	SINGULAR			PLURAL	
	M.	F.	N.	M.	F.
1.ª	Êste	Ésta	Isto (Ésto *ant.*)	Estes	Éstas
	Estoutro	Estoutra		Estoutros	Estoutras
2.ª	Êsse	Éssa	Isso (Ésso ou Ello *ant.*)	Êsses	Éssas
	Essoutro	Essoutra		Essoutros	Essoutras
3.ª	Aquêlle	Aquélla	Aquillo (Aquello *ant.*)	Aquêlles	Aquéllas
	Aquelloutro	Aquelloutra		Aquelloutros	Aquelloutras

Os **demonstrativos neutros** que os nossos antigos tomaram da Lingua castelhana, em que ainda subsistem, a saber: *esto, esso, ello, aquello,* e que o uso mudou em *isto, isso* e *aquillo,* não tem plural e chamam-se **neutros,** não porque tomem esta fórma para, á maneira dos adjectivos latinos, concordarem com substantivos neutros, mas porque servem para mostrar coisas, acções ou sentidos que não tendo genero algum,

nem masculino nem feminino (os quaes só competem aos nomes substantivos), vem a ser neutros, isto é, de nenhum genero, como: *isto que digo, é certo*; *isso que tu disseste, não o é*; *aquillo é bem dito*. Estes são os demonstrativos *puros*, vamos aos demonstrativos *conjunctivos*.

Nós temos quatro **demonstrativos conjunctivos**, que são *qual*, *quem*, *cujo*, *que*. Chamam-se demonstrativos, porque assim como os demonstrativos puros indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecedencia immediata; que por isso os grammaticos commumente lhes dão o nome de **relativos**, porque se referem a coisa antecedente. Porém este mesmo nome se deveria dar aos pronomes, e aos mesmos demonstrativos puros, quando se referem a coisas antecedentemente ditas no discurso, como succede a cada passo. Contentemo-nos pois com o nome de **demonstrativos**, que convém a todos elles, e mostremos a sua differença especifica, que é o em que mais deviam cuidar os mesmos grammaticos, a qual consiste em estes serem *demonstrativos* e ao mesmo tempo *conjunctivos*.

Chamam-se **conjunctivos** estes *demonstrativos* para differença dos demonstrativos puros; porque atam as orações na frente das quaes se acham com a antecedente, fazendo-as partes da mesma, ou como incidentes ou como integrantes. N'este periodo por ex.: «*Qual* é a coisa, *que* póde faltar a *quem* tem por si um Deus, *cujo* é tudo quanto ha no ceo e na terra?» O primeiro demonstrativo conjunctivo feito interrogativo pela ausencia do artigo, ata a sua oração com uma antecedente, que por ellipse se lhe entende, e é: *dize-me a coisa, a qual*, etc. O segundo *que*, referindo-se ao substantivo *coisa*, seu antecedente, liga ao mesmo tempo a proposição a que dá principio, fazendo-a incidente da principal que lhe precede. O terceiro *quem*, não só denota um substantivo occulto, porque vale o mesmo que *qual pessoa*, mas conjuncta ao mesmo tempo a preposição em que está com a antecedente, para ser o complemento objectivo do verbo *faltar*, e integrar-lhe por este modo o sentido. Emfim, o quarto *cujo*, concordando com a coisa possuida *tudo* etc., não só se refere ao possuidor antecedente, que é *Deus*, mas ata ao mesmo tempo a oração em que está com a mesma palavra *Deus*, attributo da oração antecedente, á qual serve de incidente explicativo. Mas tudo isto se verá melhor, discorrendo por cada um d'estes quatro *demonstrativos conjunctivos*, e observando os seus usos e propriedades.

QUAL

Este adjectivo derivado do latino *qualis*, per si, sem additamento algum, é um adjectivo de comparação, que suppõe sempre antes de si o outro adjectivo comparativo *tal*, como: *tal, qual é, eu to offereço*. Muitas vezes supprime-se este primeiro comparativo, mas sempre se entende n'estas e semelhantes expressões: *Qual o leão quando arremete. Todos concorrerão para isto, qual mais, qual menos*, e em Camões, *Lus*. VI, 64.

> *Qual* do cavallo voa que não dece;
> *Qual* c'o cavallo em terra dando, geme;
> *Qual* vermelhas as armas faz de brancas;
> *Qual* c'os penachos do elmo açouta as ancas,

e

> *Iam as nymphas, a qual mais formosa*, etc.

Pois é o mesmo que dizer: *tal qual o leão*, etc., *um* tal, qual *eu não digo*, mais: *outro* tal, qual *eu não digo*, menos. — *Um tal*, qual *eu não digo*, do cavallo voa, etc. *Outro tal*, qual *eu não digo*, c'o cavallo, etc., e iam as nymphas á porfia, ou competencia, qual mais formosa.

Pelo que, para o *qual* conjunctivo se não confundir com o *qual* comparativo, costuma sempre a nossa Lingua, como tambem as outras vulgares, fazel-o acompanhar do artigo, dizendo no singular, para o masculino e neutro, *o qual*, e para o feminino *a qual*; e no plural *os quaes*, *as quaes*. Disse que *o qual* no singular serve para o masculino e neutro, porque bons auctores nossos, como Fernão Mendes, Barros, Sá Miranda e outros, usam a cada passo no principio dos periodos de *do qual*, *pel'o qual*, em logar de *do que*, *pol'o que*, no qual caso só se póde referir a todo o sentido da oração ou orações antecedentes, o qual não tem genero nem o póde ter.

Outra propriedade d'este conjunctivo é poder-se juntar com o substantivo antecedente, com quem concorda, fazendo-o subsequente, como *o qual homem*, *a qual mulher*. O conjunctivo *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas* tambem concorda, mas nunca com o nome antecedente do possuidor a que se refere, porém sempre com o nome subsequente da coisa possuida.

QUEM

Este demonstrativo conjunctivo contrahido de *qu'homem*, feita a syncope do *hom*, assim como *alguem*, *ninguem*, *outrem*, de

alg'omem, ninģ'omem, outr'omem; ordinariamente não se diz senão de pessoas ou de coisas personificadas, como *Pedro foi quem fez isto*; *a mãe de quem sou filho.* Mas algumas vezes abusivamente se emprega referindo-se tambem a coisas, como em H. Pinto. *As boas arvores dão bom fructo, e as más como* quem *são.* Este demonstrativo é indeclinavel, e serve, como o *que*, para todos os generos e numeros, e nunca admitte artigo.

CUJO

Este demonstrativo conjunctivo exprime a relação de uma coisa possuida, ou pertencente a outra que a possue, ou a quem pertence. Bem como os possessivos divididos nas suas duas syllabas, a primeira *cuj* é relativa ao possuidor, e a segunda variavel segundo os generos e os numeros, é relativa á coisa possuida, com a qual por isso sempre concorda. Assim, *cujo, cuja, cujos, cujas*, valem o mesmo que *do qual, da qual, dos quaes, das quaes*, com a differença porém, que estes referem-se e concordam sempre com um substantivo antecedente; aquelles porém referem-se sim a uma pessoa ou coisa antecedente, mas concordam sempre com o substantivo da coisa possuida ou pertencente que se lhe segue immediatamente. Exemplos: *Pedro, de cuja casa venho*, isto é, *da casa do qual venho.* A *arvore, cujo fructo Eva comeu*, isto é, *o fructo da qual Eva comeu. Restituir a coisa a cuja é*, isto é, *á pessoa de quem é. Ter cujo, ser cujo*, é ter dono ou ser dono, a quem pertence.

D'onde se vê que é erro o dizer: *um sujeito*, cujo *mora em tal logar*, em vez de, *o qual* mora em tal logar. Dos mesmos exemplos se vê outrosim, que quando usamos de *cujo*, o substantivo da coisa possuida, com quem concorda, sempre se lhe segue immediatamente; *cujo fructo, cuja casa.* Quando porém usamos *do qual*, o mesmo substantivo da coisa possuida sempre lhe precede, e o relativo não concorda com elle, mas com o nome do possuidor que vem atraz. O fructo *da qual, da casa do qual.* Quando usamos de *cujo, cuja*, ou só ou com preposição sem o possuidor expresso, este sempre se lhe entende. Assim, *ter cujo, ser cujo*, é *ter senhor, cujo é*, e *ser o senhor, cujo é*; e *restituir a coisa a cuja é*, é o mesmo que *restituir a coisa ao dono* cuja *ella é.* Veja-se **Syntaxe**, cap. II, art. III.

QUE

É outro demonstrativo conjunctivo, que sendo indeclinavel serve para todos os casos generos e numeros; mas o que caracterisa mais este conjunctivo é servir ordinariamente para ligar

as proposições incidentes com as principaes, e sempre as integrantes com as totaes. Quando elle liga as orações incidentes, umas vezes é **explicativo,** se o que affirma a oração incidente se acha já incluido na idéa do sujeito ou do predicado da oração principal, e o *que* por conseguinte se póde mudar na causal *porque*: outras vezes **restrictivo,** se o que a proposição incidente affirma é um accessorio novo, e não comprehendido nos termos da oração principal; e o *que* se póde mudar em alguma das conjuncções restrictivas *se, quando,* etc. Exemplo: *o homem,* que *foi creado para conhecer e amar a Deus, deve fugir de tudo* o que *o póde apartar d'este conhecimento e amor.* Onde o primeiro *que* é explicativo e se póde mudar em *porque,* e o segundo restrictivo, e por isso se póde substituir por *quando.*

O mesmo conjunctivo *que* é sempre o que ata as proposições integrantes, ou do indicativo ou do subjunctivo, com o verbo da oração principal, ao qual servem de complemento objectivo, como: *mando que faças, digo que podes.* O mesmo *que* é outrosim sempre obrigado, todas as vezes que a oração principal se faz com o verbo substantivo em uma ordem inversa da grammatical, pondo-o no fim, como: *em Deus é que devemos pôr todas as nossas esperanças.*

N'estas e semelhantes orações, é tão notavel a força conjunctiva do demonstrativo *que,* que muitos quizeram fosse então conjunctivo e não demonstrativo. Porém entendendo-se-lhe antes o demonstrativo neutro *isto,* que n'estes casos é o seu antecedente natural a que se refere, se vê que não sómente é conjunctivo, mas tambem relativo e por consequencia demonstrativo.

Sobre a syntaxe de todos estes demonstrativos conjunctivos é bom observar, que todos elles podem ser sujeitos, mas só das orações parciaes, quer incidentes, quer integrantes, e nunca das principaes. Se elles ás vezes começam o periodo, é sempre por ellipse, entendendo-se-lhes d'antes os demonstrativos puros. Quando por ex. digo *pol'o* que, *do* que *se segue, os* que *se salvam são poucos*; é o mesmo que dizer: *por isto* ou *d'isto* que *acabo de dizer*—os *homens* que *se salvam são poucos.* Para sujeito das orações incidentes, *que* é ordinariamente preferivel a *qual,* excepto quando o *que,* por não ter nem generos nem numeros, póde causar alguma ambiguidade ou fastio por se ter repetido muitas vezes. Assim é melhor dizer: *Deus* que *creou o ceo e a terra,* do que *Deus,* o qual *creou o ceo e a terra.* Porém dizendo: *A desobediencia dos israelitas ás ordens de Deus,* a qual é *materia continua das queixas de Moysés*; e *certas plantas,* as quaes *nada tem que as distinga*; se em logar de

qual pozessemos *que*, a primeira oração ficaria equivoca, e a segunda enfadonha pela repetição de um *que* ao pé d'outro.

Quando porém o conjunctivo *que* com sua oração é complemento objectivo da acção do verbo, então é regra geral usar sempre d'elle e não de *qual*. Pelo que qualquer estranharia estas expressões: *o homem*, o qual *Deus creou á sua* imagem; *a mulher*, a qual *Deus formou para companheira do homem*. Substituindo-lhes porém *que* em logar de *qual*, ficam boas.

Emfim, alguns pertendem que estes demonstrativos conjunctivos, quando são interrogativos, perdem a sua qualidade de relativos e fazem-se absolutos. Porém a interrogação, assim como não faz perder ás outras palavras a sua natureza, tambem a não deve fazer perder aos relativos. Estes sempre o são, porque sempre se lhes entende seu antecedente. Por ex.: quando digo: Quem *são os ricos n'este mundo?* Os que *tem muito? Não*. É o mesmo que se dissesse: *Dize-me os homens* que *são ricos n'este mundo?* Os *homens por ventura que tem muito? Não.*

Até aqui tratámos dos adjectivos determinativos que individuam os appellativos pelas suas qualidades particulares. Passemos já á segunda classe dos **determinativos de quantidade.**

§ IV

DOS DETERMINATIVOS DE QUANTIDADE

Os **determinativos de quantidade** são os que determinam e applicam os nomes appellativos aos individuos da sua especie, indicando estes, não já pelas suas qualidades como os antecedentes, mas pelo seu numero. Ora esta applicação póde-se fazer ou a todos os individuos da especie, ou a uma parte d'elles sómente. D'aqui a divisão mais geral d'estes determinativos em **universaes** e em **partitivos.**

Os **universaes** ou são **positivos**, porque affirmam alguma coisa de todos os individuos, ou **negativos**, porque a negam dos mesmos individuos. Os primeiros ou affirmam alguma coisa de todos os individuos considerados juntos e em multidão, e então chamam-se **collectivos:** ou considerados separadamente e cada um de per si, e chamam-se **distributivos.**

A Lingua Portugueza não tem senão um **collectivo** universal, que é no singular *todo* para o genero masculino, *toda* para o feminino e *tudo* para o neutro; e no plural *todos* para o masculino e *todas* para o feminino. Não é determinativo senão quando precede o nome appellativo: v. gr.: *todo o homem é mortal.* Quando se lhe segue é um adjectivo explicativo, que vale o

mesmo que **inteiro,** razão porque a mesma proposição de verdadeira passa a falsa, dizendo; *o homem todo é mortal.* Se digo *todo o homem é mortal,* o appellativo *homem* é tomado distributivamente por *cada.* Se digo no plural *todos os homens mentem,* toma-se collectivamente, e então sempre leva o artigo depois de si. Usamos do distributivo nas proposições metaphysicamente certas, e do collectivo nas que o são moralmente.

Este determinativo universal tem uma terminação neutra, *tudo*; porque esta nunca concorda com substantivo algum, mas só com as coisas que não tem genero ou não lh'o queremos dar, como: *os pyrrhonicos duvidam de tudo. Tudo está bem feito.* A terminação masculina *todo* tambem se neutralisa, substantivando-se por meio do artigo, como *o* todo *d'este quadro, o* todo *d'este discurso está bem feito.*

Os **universaes distributivos** são tres, um simples e indeclinavel, que serve só para o singular e para todos os generos, que é *cada,* e dois compostos dos demonstrativos *quem, qual,* e de *quer,* terceira pessoa do presente indicativo do verbo *querer,* a saber: *quemquer, qualquer*; *quemquer* é indeclinavel, tem só singular e diz-se só de pessoas; *qualquer* diz-se tanto de pessoas como de coisas, e é declinavel por numeros sómente, como *qualquer pessoa, quaesquer coisas.*

O distributivo *cada* é sempre relativo, e suppõe antes de si uma proposição universal collectiva, clara ou occulta, que elle distribue pelos individuos comprehendidos na mesma proposição para distinguir as suas differenças, quanto ao attributo que de todos se affirma collectivamente. Os distributivos *quemquer, qualquer,* são absolutos porque não se referem a outra proposição. Elles mesmos fazem a proposição e a distribuem. Estas proposições, por ex.: *quemquer póde dizer*; *qualquer coisa se póde dizer,* equivalem a estas: *todo homem póde dizer, tudo se póde dizer.*

O distributivo *cada* porém considera as partes de um todo, quaesquer que ellas sejam, como outras tantas unidades proporcionaes, para por ellas distribuir o attributo da proposição. Assim se ajunta elle, já aos appellativos *cada homem, cada casa, cada cidade, cada nação,* já aos numeraes *cada um, cada dois, cada tres, cada cento*; já aos partitivos *cada qual.* As partes suppôem o todo, e o distributivo das mesmas suppõe a proposição universal collectiva. Pelo que, quando digo: *cada homem tem seu genio, cada terra tem seu uso*; é o mesmo que se dissesse: *todos os homens tem genios, cada qual o seu*; *todas as terras tem seus usos, cada uma o seu.*

D'aqui se vê que a palavra *cada* é um verdadeiro adjectivo indeclinavel, que determina os nomes appellativos a tomarem-se

em um sentido distributivo por ordem á porção que do attributo lhes compete. Não póde por tanto ser *preposição*, em cuja classe a põe a *Grammatica da Lingua Castelhana da Academia Real Hespanhola*, part. I, cap. IX. Porque o sujeito da oração nunca póde levar preposição, e leval-a-hia se *cada* o fosse nos exemplos acima.

Todos estes **determinativos** acima são universaes *positivos*, e, ou sejam *collectivos* ou *distributivos*, todos fazem as proposições universaes affirmativas. Os que se seguem, são universaes negativos, porque fazem as proposições universaes negativas. D'estes temos tres, a saber: *nenhum*, *ninguem*, *nada*.

Nenhum é um adjectivo composto do adverbio *nem* e do numeral *um*, e assim recebe d'elle as mesmas terminações no singular para o masculino *nenhum*, e para o feminino *nenhuma*, e no plural para os mesmos generos *nenhuns*, *nenhumas*. Mas nem por isso vale o mesmo assim composto, que os seus simples separados *nem um*. Do primeiro modo póde negar a totalidade moral sómente; do segundo nega a totalidade physica. *Não ha nenhum que obre bem*, exclue esta mesma excepção.

Ninguem é tambem composto do *nem* e *alguem*. É do singular e indeclinavel, e diz-se só de pessoas e não de coisas, como: *ninguem está isempto de vicios*, que quer dizer: *nenhuma pessoa está isempta de vicios*. Na nossa Lingua *nenhum*, *ninguem*, vindo antes do verbo, exclue qualquer outra negação depois d'elle. Porém indo depois do verbo, não exclue outra negação antes d'elle, e vale então por *algum*, *alguem*. Assim, se em logar de dizer: *um espirito preoccupado não se rende a pessoa alguma*, eu dissesse: *um espirito preoccupado não se rende a ninguem*, ainda que o primeiro modo é mais portuguez, o segundo não deixa de ser auctorisado pelo uso, e empregado por bons auctores. Já *nenhum*, acompanhado de outra negação antes do verbo, é um idiotismo francez que alguns dos nossos escriptores imitaram, como: *mas* nenhum *mal* não *é crido*: *o bem só é esperado*. Porém semelhantes exemplos são mais para notar que para seguir.

Nada tambem é sempre do singular, indeclinavel, e diz-se só de coisas, e de coisas indeterminadas, que não tem genero algum, que por isso é neutro. Ex. *A consciencia que de* nada *se culpa*, *de* nada *se teme*. Não admitte artigo, como nem tão pouco os mais universaes negativos. Quando o tem se tomam substantivamente, como quando dizemos: *é um ninguem*, *é um nada*, *o mundo foi tirado do nada*, *uns nadas*.

Passando agora dos **determinativos universaes** aos **partitivos**, estes são os que fazem as proposições particulares, applicando o nome appellativo, não á totalidade dos individuos

que elle comprehende, mas a uma parte d'ella, para sobre esta só caír o attributo da proposição. Esta parte, ou é vaga e indeterminada, ou determinada e exacta, e d'aqui a distincção dos partitivos em *indefinitos* e *definitos*.

Principiando pelos *indefinitos*, a parte indeterminada que elles extrahem da totalidade dos individuos de uma classe, póde ser ou um só individuo, ou dois, ou muitos, ou ora um, ora muitos. Assim são elles ou *singulares*, ou *duaes*, ou *pluraes*, ou *communs* a um e outro numero.

Nós temos quatro **partitivos singulares**, a saber: *alguem, outrem, fulano, sicrano.* Os primeiros dois são indeclinaveis, dizem-se só de pessoas e valem o mesmo que *algum homem, alguma pessoa, outro homem, outra pessoa.* Os segundos tambem se dizem só de pessoas, porém são declinaveis por generos, *fulano, fulana, sicrano, sicrana.* O primeiro diz-se de uma pessoa indeterminada e vaga, que se não nomeia, nem póde nomear: *alguem ha que diz.* O segundo diz-se tambem de uma pessoa indeterminada, mas segunda na ordem, e sempre com relação a outra primeira: *não fazer mal a* outrem. O terceiro diz-se de uma pessoa tambem indeterminada, porém que se póde nomear se se quizer: *fulano disse isto.* E o quarto diz-se de uma segunda pessoa innominada e relativa á primeira, porém que se póde nomear, *sicrano disse estoutro.*

Os **partitivos duaes** são os que da totalidade dos individuos da mesma classe não extrahem senão dois individuos ou duas collecções d'elles, e isto ou collectivamente, como *ambos, ambas,* ou distributivamente, como no singular *outro* para o masculino, *outra* para o feminino, e o antigo *al* para o neutro; e no plural *outros, outras* para o masculino e para o feminino. Une-se para a distribuição com o partitivo *um* em logar de *algum,* como: *um* e *outro, uns* e *outros.* Ex. *S. Pedro e S. Paulo consummaram* ambos *em Roma o seu martyrio* no *mesmo anno e no mesmo dia,* um *pela cruz,* outro *pela espada.* A terminação neutra *al,* formada do *aliud* latino, é antiga, porém não antiquada. Na linguagem forense ainda se diz: *al não disse,* isto é, *outra coisa não disse mais,* e na proverbial: *al é martelar em ferro frio.*

Os **partitivos pluraes** são os que extrahem da totalidade dos individuos uma parte que consta de muitos indeterminadamente. Temos dois, um collectivo que é *muitos, muitas,* e outro distributivo que é *os mais, as mais,* sempre com o artigo. Ex. *De cem soldados cincoenta ficaram mortos no campo; dos outros cincoenta* muitos *ficaram feridos,* os mais *fugiram.* O distributivo *mais* sempre o é de um resto relativo a outra parte antecedente.

Emfim os **partitivos communs**, tanto no singular como no plural, são os que extrahem da totalidade dos individuos, já um, já muitos indeterminadamente. Temos tres d'esta especie, a saber: no singular *algum* para o masculino, *alguma* para o feminino, e *algo* (antigo) para o neutro; e no plural *alguns* para o masculino e *algumas* para o feminino, como: *alguns homens ha*. Quando com este verbo impessoal da terceira pessoa do singular se ajuntam appellativos do plural, como *homens ha*, *ha annos*, etc., sempre se lhes entende o partitivo *alguns*, e é o mesmo que *alguns homens ha*, *ha alguns annos*. O mesmo se entende n'estes demonstrativos com preposição, *d'elles*, *d'ellas*, de que usam nossos antigos ainda como sujeito da oração.

> *Com colera mil corpos derrubando,*
> D'elles *mortos, e* d'elles *mal feridos* [1].

Isto é: *alguns* d'elles *mortos*, *alguns* d'elles *mal feridos*.

O partitivo *algum*, *alguns* applica o nome commum a uma parte de seus individuos tão vaga e indeterminadamente, que não os poderiamos nomear ainda que quizessemos. Porém o partitivo *certo*, *certa*, *certos*, *certas*, applica o nome commum a uma parte de seus individuos, que deixamos sim indeterminados, porém que poderiamos individuar se quizessemos. *Certo homem*, *certa mulher* são individuos para mim certos, mas que quero deixar em incerteza para as pessoas com quem fallo. Este adjectivo como demonstrativo precede sempre ao substantivo; se se põe depois é um adjectivo explicativo, e significa então coisa verdadeira, como: *é coisa certa*.

Emfim o terceiro partitivo commum a ambos os numeros é o adjectivo *tal* no singular, e *taes* no plural para ambos os generos. *Tal seméa, que muitas vezes não colhe*, ou *taes seméam, que etc.* A terminação do singular serve tambem para o genero neutro, como: *tal não ha*, *não façàs tal*. Este partitivo tem differença dos antecedentes em determinar sempre os individuos com relação a outros occultos, dos quaes se extrahem ou de que já se fallou.

Restam os partitivos de *quantidade* certa e determinada, chamados por isso *definitos* ou *numeraes*. Estes são de quatro modos, ou *cardeaes*, ou *ordinaes*, ou *multiplicativos*, ou *fraccionarios*.

Os *cardeaes*, assim chamados porque são os fundamentaes e primitivos de quasi todos os outros, exprimem simplesmente o numero das unidades ou individuos, taes como *um uma*, *dois*

[1] Corte Real, *Cerco de Dio*, cant. X.

duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, cem, mil, e todos os mais compostos d'estes. Todos estes adjectivos são invariaveis, menos o primeiro e o segundo, e os compostos do substantivo *cento,* como *duzentos, trezentos homens,* etc.

Os *ordinaes,* assim chamados porque determinam os individuos pela ordem em que um numero está para outro, tem terminações genericas e numeraes. Taes são *primeiro primeira, primeiros primeiras,* e por este mesmo modo *segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, septimo, oitavo, nono, decimo,* etc.

Os numeraes *multiplicativos* designam os individuos pela determinação numerica da quantidade que resulta de sua multiplicação. Taes são os adjectivos: *simples* (tomado como *uniplo*), *duplo* ou *duplicado,* ou *dobrado, triplo* ou *triplicado,* ou *tresdobrado, quádruplo, quíntuplo,* etc.

Finalmente, os numeraes *fraccionarios* são os que determinam os individuos pelo numero das partes ou fracções em que se divide um todo ou a unidade concreta. Elles não tem differença dos numeraes ordinaes, quanto ao material do vocabulo, senão o terem só terminação feminina por concordarem sempre com o substantivo *parte* ou *fracção,* claro ou occulto. Mas quanto ao sentido differem muito, porque aquelles indicam só a ordem, e estes a quantidade total das fracções. Todas as vezes que queremos indicar sómente uma quota parte, usamos d'estes adjectivos femininos, e sempre com artigo, como: a *quarta,* a *quinta,* a *decima,* a *duodecima,* e com os cardeaes: *uma quarta, duas sexmas, tres oitavas, quatro decimas partes,* etc.

ARTIGO II

DOS ADJECTIVOS EXPLICATIVOS E RESTRICTIVOS

Dos **adjectivos determinativos** passemos aos **explicativos** e **restrictivos.** Uns e outros são mui differentes. Os primeiros, como vimos, individuam os appellativos, os segundos qualificam-os. Aquelles precedem sempre os substantivos, estes ordinariamente seguem-os. Aquelles não recebem graus de augmento na sua significacão, nem absolutos, nem comparativos, estes sim. Aquelles são poucos em numero, estes infinitos.

Os adjectivos explicativos e os restrictivos tem isto de commum, que ambos modificam o substantivo a que se ajuntam: porém tem caractéres proprios que os distinguem.

Os **explicativos** não acrescentam á significação de seu substantivo idéa alguma nova, e o que fazem só é desenvolver as

que o mesmo substantivo contém na sua noção, ainda que confusamente. Os *restrictivos* porém acrescentam ao appellativo uma idéa nova, não comprehendida na sua significação, pela qual esta fica restringida a um menor numero de individuos. Quando por ex. digo: *Deus é justo*; o adjectivo *justo* é explicativo, porque modifica o substantivo *Deus* com uma idéa que já tinha. Quando porém digo: *homem justo*, o mesmo adjectivo já não é explicativo, mas restrictivo, porque a idéa de justiça não se contém necessariamente na idéa de homem, e por tanto restringe a classe mais geral dos *homens todos* á mais particular dos *homens justos*, que são poucos.

D'aqui veio 1.º que, como os individuos são o que são, nem mais nem menos, e por consequencia não se podem restringir; todos os adjectivos que modificam, ou nomes proprios, ou já individuados pelos determinativos pessoaes e demonstrativos, nunca podem ser restrictivos, e são sempre explicativos de alguma qualidade existente nos mesmos individuos. Por ex. n'estas orações: *Deus justo castiga os impios. Esta terra, que habitamos, é redonda*; os adjectivos *justo*, *redonda*, são explicativos, porque não fazem outra coisa senão desenvolver a idéa de *justiça*, incluida na de Deus, e a de *redondeza*, incluida na da terra que habitamos, e assim qualquer outro adjectivo.

2.º Que todas as vezes que a um appellativo se ajunta um adjectivo para o modificar, se elle exprime uma qualidade constante e essencial á noção significada pelo nome commum, é sempre explicativo; e é pelo contrario restrictivo, se a qualidade que elle exprime é accessoria e accidental. Assim n'estas expressões *homem mortal*, *homem justo*, o adjectivo *mortal* apposto ao appellativo *homem*, é explicativo, porque já se comprehendia na sua noção; porém o adjectivo *justo*, é restrictivo porque na idéa do *homem* não se inclue a idéa de *justiça* que lhe é accessoria, e por isso restringe a noção da especie humana mais geral á particular dos *homens justos*.

3.º Que todo o adjectivo apposto a um nome, equivalendo a uma proposição incidente ou explicativa, ou restrictiva, quando elle é explicativo, póde-se resolver por uma proposição com a causal *porque*; e quando é restrictivo, se póde resolver por outra proposição, porém com as conjuncções restrictivas *se*, *quando*. Exemplo: *Deus justo castiga os maus*, onde o adjectivo *justo*, apposto ao nome proprio *Deus*, é explicativo, e por isso se póde resolver por esta proposição: *Deus*, porque *é justo*, *castiga os maus*. E quando digo: *o homem justo dá a cada um o que é seu*, o adjectivo *justo*, apposto ao appellativo *homem*, é restrictivo, e por isso se deve resolver por esta proposição: *o homem*, quando é *justo*, *dá a cada um o que é seu*.

4.º Que todo adjectivo explicativo apposto, ou a proposição em que se resolve, se póde tirar da oração onde está sem prejuizo de sua verdade; o adjectivo restrictivo não. Eu posso dizer com verdade: *Deus castiga os maus,* mas já não posso com a mesma dizer: *o homem dá a cada um o que é seu.*

5.º Que os adjectivos explicativos não sendo outra coisa senão os mesmos nomes, ou proprios ou communs, explicados, é indifferente pol-os ou antes ou depois dos substantivos, com que concordam. Posso dizer: *o rico Lucullo,* ou *Lucullo o rico. A inconstante fortuna,* ou *a fortuna inconstante.*

Já com os restrictivos corre outra regra. Como a restricção suppôe d'antes a coisa que se restringe, devem por via de regra ir adiante dos appellativos; tanto assim, que pondo-se antes, fazem tomar o nome commum em um sentido individual. Se digo: *o homem rico,* entendo todo o homem que é rico; se digo porém: o *rico homem,* faço entender que fallo de um certo homem rico. O mesmo succede se digo: *o homem pobre,* ou *o pobre homem.* Taes são os caractéres notaveis que distinguem os adjectivos explicativos dos restrictivos.

Á classe d'estes restrictivos pertencem muitos nomes que significam varios estados accidentaes do homem, os quaes nomes pondo-se ordinariamente sós na oração como os substantivos, e muitas vezes sendo acompanhados de adjectivos, que os modificam, deram occasião á duvida entre os grammaticos, se pertencem á classe dos substantivos, se á dos adjectivos. Taes são, por ex. os nomes, *cortezão, philosopho, irmão, peão, pintor, rei, soldado,* e outros muitos d'este genero.

Para decidir se estes e outros nomes semelhantes são substantivos ou adjectivos, observaremos 1.º, se elles recebem terminações femininas, ou se tendo uma só terminação se ajuntam já com o artigo masculino, já com o feminino, e n'este caso devem ser contados como adjectivos. Assim, porque dizemos *pintor pintora, cortezão cortezã, peão peã, orfão orfã, irmão irmã,* da mesma sorte que *lavrador lavradora, vencedor vencedora, christão christã*; ha a mesma razão para pôr todos estes nomes na classe dos adjectivos, como tambem os nomes chamados communs de dois, *artifice, interprete,* etc., porque dizemos *o artifice* e *a artifice, o interprete* e *a interprete,* etc.

Observaremos 2.º se o uso da Lingua costuma algumas vezes ajuntar, ou soffre que a estes nomes se ajuntem os appellativos *homem, mulher, coisa*; e juntando-se, é signal que são adjectivos; eu posso dizer *homem philosopho, homem soldado, homem cortezão,* como digo *homem sabio, homem militar, homem pagão,* e já não digo *homem rei, mulher rainha, homem magistrado.* Aquelles pois são adjectivos, estes não.

Observaremos em 3.º logar, se a significação do nome é susceptivel de graus de augmento e diminuição, e sendo-o é signal de ser adjectivo; porém do contrario não se segue que o deixe de ser. Porque ha muitos nomes realmente adjectivos, que não são susceptiveis d'este augmento, como mais adiante veremos. A propriedade de poder receber graus na sua significação, da qual estão excluidos os adjectivos determinativos, é commum aos explicativos e restrictivos, como tambem a de serem susceptiveis de terminações e inflexões genericas, como vamos a ver nos dois §§ seguintes.

§ I

DOS GRAUS DE AUGMENTO NA SIGNIFICAÇÃO DOS ADJECTIVOS EXPLICATIVOS E RESTRICTIVOS

A maior ou menor intensidade da qualidade exprimida pelo adjectivo, fórma uma especie de escada, cuja base e assento é a significação do mesmo adjectivo, que por isso a este respeito se chama então **positivo**. Este não tem graus, mas d'elle começam, e vão subindo até o supremo, e d'este descem até o infimo. Estes dois graus extremos de intensidade são os que nós chamamos **superlativos**. Entre elles ha outros para subir e para descer, que se podem chamar **augmentativos**, porque augmentam a significação do positivo ou para mais ou para menos.

O nome de comparativos que os grammaticos lhes tem dado é improprio. Porque todos estes graus podem ser **absolutos** ou **comparativos**. Os *absolutos* exprimem a maior ou menor intensidade de qualidade, dentro do mesmo sujeito que o adjectivo positivo qualifica; os *comparativos* porém exprimem o excesso, ou parcial ou total, da qualidade de um sujeito com relação a outro. Se digo: *o sol está brilhante, está mui brilhante; está brilhantissimo*; estes graus são absolutos, porque não saem do mesmo objecto para o comparar com outro. Já se digo: *o sol é tão brilhante como as estrellas, é mais brilhante que ellas, é o mais brilhante dos astros*; estes graus são comparativos, porque consideram o excesso d'esta qualidade no sol relativamente aos mais astros. Os nossos grammaticos não fizeram até agora esta distincção dos sentidos graduaes, já feita por outros, e bem precisa. Ha pois *positivos absolutos* e *positivos comparativos*; *augmentativos absolutos* e *augmentativos comparativos*; e *superlativos* tambem *absolutos* e outros *comparativos*, como passamos a ver.

Positivos absolutos são só os que podem receber graus

na sua significação, e taes são todos os adjectivos explicativos e restrictivos, excepto 1.º, os que são derivados de nomes proprios, como *portuguez, lisbonense, solar, terrestre, maritimo, aureo, argenteo*, etc. 2.º Os derivados de nomes appellativos de substancias, como *espiritual, corporeo, divino, humano*, e outros tomados no sentido proprio e não no figurado. 3.º Os que significam um estado, para o qual se passou por um acto instantaneo, como *nascido, morto, desterrado, vivente, finado, casado, solteiro*, etc. 4.º Emfim os adjectivos verbaes em *or, ora*, como *amador, vencedor, guardador, salvador, matador*, etc.

Os **positivos comparativos** são de duas sortes; ou de semelhança, como *tal, qual*, ou de egualdade, como *tanto, quanto, tamanho, quamanho*, e geralmente todos os adjectivos feitos comparativos pelos adverbios *tão, como*. Exemplo: *a fazenda, a vida, as victorias e todas as felicidades do mundo são* tão *falsas e vãs*, como *o mesmo mundo, com o qual todas acabam.*

Os **augmentativos absolutos** ou augmentam para mais ou para menos. Os primeiros fazem-se juntando o adverbio *muito* aos positivos, como *muito grande, muito pequeno, muito bom, muito mau*. Os segundos juntando aos mesmos o adverbio *pouco*, como *pouco alto, pouco bom*, etc. Os mesmos positivos se fazem augmentativos ainda sem adverbios, tomando as terminações augmentativas e diminutivas de que fallamos atraz, cap. II, art. I, tratando das varias fórmas dos substantivos. Assim de *soberbo* se faz *soberbão, soberbinho*, e de *velhaco, velhacaz, velhaquinho*, etc.

Nossos antigos costumavam muitas vezes, á maneira dos latinos, juntar aos mesmos superlativos os adverbios augmentativos *mui* e *tão*, como *mui santissimo, tão grandissima*, cujos exemplos se podem ver nos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, impressos em Lisboa em 1799, pag. 323, nota IX. Este uso porém com justa causa se aboliu, e hoje se acha de todo antiquado.

Os **augmentativos comparativos** se fazem ou com uma palavra só, como, *maior, menor, melhor, peior*, e os adjectivos do singular *mais, menos*, seguidos do conjunctivo *que*, que são os unicos adjectivos comparativos de uma só palavra que tomámos dos romanos; ou com duas palavras que são para augmentar o adverbio *mais*, posto antes do positivo com o conjunctivo *que*, posto depois; e para diminuir, o adverbio *menos*, posto tambem antes do positivo com o mesmo conjunctivo *que*, posto depois. O *augmentativo comparativo* ou simples ou composto, mostra a coisa que se compara, e o conjunctivo *que* mostra e ata a outra coisa com que a primeira se compara.

Exemplos: Melhor *é dar* que *receber*. *O filho é* peior que *o*

pae. Varão maior que *sua fama. A Europa é* menor que *a Asia. Os dotes d'alma tem* mais *preço* que *os do corpo. Não é* menos *do* que *elle. Um homem póde ser* menos rico *e* mais feliz *do* que *outro.*

Os adjectivos *superior* e *inferior, anterior* e *posterior, interior* e *exterior*, que o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* dá como comparativos, não o são senão no latim; porque não dizemos *superior que, inferior que,* mas *superior a, inferior a.* O que mostra que são uns adjectivos positivos com a significação das preposições de que se formaram, e se vê em *interior* e *exterior*, que valem tanto como *interno* e *externo.*

Os **superlativos absolutos** são os que exprimem o maior grau de intensidade, ou para mais ou menos, do qual é susceptivel a significação do positivo, sem comtudo fazer comparação alguma. Os nossos escriptores que primeiro começaram a polir a Lingua Portugueza, suppriam algumas vezes a falta que então havia de superlativos em uma só palavra, com pôr *mui, muito* antes do positivo, v. gr. *Gente de pé* mui muita *sem conto. Este é o caminho* mui muito *breve para chegar á perfeição.* Depois tivemos toda a facilidade e abundancia n'este genero, formando, á maneira dos latinos, os superlativos dos mesmos adjectivos positivos com lhes acrescentar *issimo* á ultima consoante final, como *cruelissimo* de *cruel, santissimo* de *santo.*

Os adjectivos que acabam em vogal nasal ou em diphthongo nasal, mudam o *til* ou o *m* em *n* para formarem pelo sobredito modo seus superlativos d'esta sorte: *bom bonissimo, commum communissimo, chão chanissimo, são sanissimo, vão vanissimo.* O adjectivo *mau* muda o *u* em *l*, e faz *malissimo.* Os que hoje terminam em *z*, acabavam antigamente em *ce*, e assim sem perderem a sua formação regular trocam agora o *z* em *c*, como: *tenaz tenacissimo, feliz felicissimo, atroz atrocissimo.*

Quaesquer outros superlativos que não sejam assim formados, passaram da Lingua latina para a nossa sem mais alteração do que a troca do *us* final em *o* na terminação masculina. Taes são além de infinitos outros, *antiquissimo, aspérrimo, dulcissimo, humíllimo, miserabilissimo, nobilissimo, terribilissimo.* Porém se estes mesmos se formarem pelo modo regular que nos mais segue nossa Lingua, e de que ha exemplos, dizendo *antiguissimo, asperissimo, docissimo, humildissimo, miseravelissimo, nobrissimo, terrivelissimo*, etc., ficarão sendo puramente portuguezes. Os superlativos *maximo, minimo, optimo, pessimo, summo* e *infimo*, nos vieram do latim assim mesmo, só com a mudança de terminação.

Porém cumpre advertir que todos estes e semelhantes super-

lativos não são comparativos na Lingua Portugueza, como o são na latina. Com o que se enganaram muito nossos grammaticos, e o auctor mesmo dos *Rudimentos da Lingua Portugueza*, pondo-os na mesma linha dos comparativos. Todos são superlativos absolutos, e se alguma vez se empregam comparativamente, é como partitivos e precedidos do artigo, como: *o optimo, o pessimo de todos.*

Os verdadeiros *superlativos comparativos* da Lingua Portugueza fazem-se dos positivos com lhes acrescentar os mesmos adverbios comparativos *mais* e *menos,* que se ajuntam aos augmentativos comparativos, só com a differença que n'estes não levam artigo, e são seguidos de *que*; nos superlativos comparativos levam artigo e são seguidos da preposição extractiva *de.* Por ex. *Varrão foi* o mais douto d'*os romanos. O conselho prudente é* o menos arriscado de *todos.* Os comparativos *maior, menor, melhor, peior,* levam já comsigo o *mais* e *menos*; e assim com a addição do artigo se fazem superlativos d'este modo: A melhor *e a* peior *coisa que ha no mundo, é o conselho*: *se é bom, é o* maior *bem*; *se é mau, é o* peior *mal.*

Onde se vê que o nosso artigo acrescentado aos augmentativos comparativos, faz d'elles uns *superlativos comparativos*, convertendo-os em partitivos, que por meio da preposição *de* ou *entre* extrahem da totalidade dos individuos do mesmo genero aquelle que queremos engrandecer ou diminuir. Assim no exemplo acima, *a melhor e a peior coisa,* é o mesmo que *a melhor e a peior de todas as coisas*; e *o maior bem e o peior mal,* é o mesmo que *o maior de todos os bens e o peior de todos os males.* A preposição *de* com o determinativo universal *todos, todas,* supprime-se muitas vezes por brevidade, mas sempre se entende.

§ II

DAS TERMINAÇÕES E INFLEXÕES GENERICAS DOS ADJECTIVOS

Os adjectivos portuguezes são ou de *uma só terminação*, ou de *duas*, ou de *tres.*

São de *uma só terminação* 1.° os acabados em *e* pequeno ou breve, como *breve, grave, prudente, triste,* que é a terminação mais abundante d'esta sorte de adjectivos na nossa Lingua. 2.° Os acabados em *al, el, il,* como *celestial, amavel, facil.* 3.° Os acabados em *ar, az, iz, oz,* como *exemplar, capaz, feliz, veloz.* D'estes mesmos adjectivos os que hoje acabam em *il,* sem ser agudo, e em *az, iz, óz,* acabavam antigamente como os primeiros em *e* pequeno, como: *esterile, facile, contumace,*

felice, *atroce*, etc. Afóra estes são tambem de uma só terminação os quatro adjectivos *affim*, (affinis), *cortez*, *montez*, *rũi*. Tambem *grão*, abbreviado de *grande*, serve como este para ambos os generos: o *grão prior*, a *grão mestra*.

São de *duas terminações* 1.º os que acabam em *o*, mudando-a em *a* na feminina, como *justo*, *justa*, e se acabam em *ózo*, com o penultimo *ó* fechado, mudando-o em aberto na feminina, como *virtuóso*, *virtuósa*. 2.º Os que na masculina acabam em *éz*, *ól*, *ór*, *ú* e *um*, tambem tem a feminina em *a* que se lhes acrescenta, como: *portuguêz portuguêza*, *hespanhól hespanhóla*, *creador creadóra*, *crú crúa*, *um uma*, *commum commua*. Comtudo bons auctores portuguezes não dão terminação feminina, nem a este ultimo, servindo-se da em *um* para um e outro genero, nem aos em *éz*, *ól* e *ór*, que faziam de uma terminação só, commum a um e outro genero. Assim diziam elles: *vida commum*, *linguagem portuguêz*, *nação hespanhol*, *cidade competidor*; e João de Barros diz:[1] *Vara de disciplina* destroîdor *dos males*, defensor *da pureza*. 3.º Os que acabam em o diphthongo nasal *ão*, perdem o *o* na terminação feminina, ficando só com o *ã* nasal, como *christão christã*.

São irregulares *judêu*, *mêu*, *têu*, *sêu*, *bom*, *máo*, que fazem na feminina *judia*, *minha*, *tua*, *sua*, *bóa*, *má*.

São de *tres terminações*: 1.º os nossos quatro adjectivos demonstrativos, *este esta*, *isto*, *esse essa*, *isso*, *aquêlle aquêlla*, *aquillo*, e *o qual a qual*, *o que* ou *o qual*; 2.º os quatro determinativos de quantidade, a saber: os dois universaes collectivos *todo*, *toda*, *tudo*, e *nenhum nenhuma*, *nada*, e os dois partitivos *algum alguma*, *algo*, e *outro outra*, *al*.

N'estes adjectivos de tres fórmas é certo que a primeira é para o genero masculino, e a segunda para o feminino. A terceira pois para que genero será? O auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, part. I, cap. II, § III diz que é uma fórma substantivada do genero masculino, porque os nossos substantivos não tem outro genero senão o masculino ou o feminino, neutro não ha. Comtudo nosso João de Barros em sua *Grammatica da Lingua Portugueza*, pag. 92, ed. de 1785, a *Grammatica da Academia Real Hespanhola*, part. I, cap. III, art. IV, e o abbade de Condillac na sua *Grammatica*, part. II, cap. V, dizem que estas fórmas são do genero neutro.

Com effeito nenhuma Lingua dá terminações superfluas aos seus adjectivos; e se a nossa deu uma terceira a estes adjectivos, como os gregos e latinos a davam aos mesmos e a muitos outros, é porque reconheciam que era necessaria, não só para

[1] *Dial. da vicios. verg.*, p. 255, ed. de Lisb. 1785.

concordar com os substantivos do genero neutro entre elles, mas tambem para modificar alguma coisa ou idéa que não era nem do genero masculino nem do feminino, e por consequencia d'uma classe neutra. Toda a equivocação pois dos grammaticos foi assentarem que os adjectivos não foram feitos senão para concordarem com substantivos, e que não tendo estes na nossa Lingua genero neutro, nenhum adjectivo tambem o devia ter.

Porém os adjectivos podem concordar não só com os nomes, mas tambem com as coisas, como são varias idéas, sentidos totaes e discursos inteiros, que não tendo per si, nem podendo ter genero algum, não podiam ser mais bem determinados do que por uma fórma adjectiva que não fosse de genero algum, e que por consequencia fosse neutra.

Taes são as terminações neutras dos oito adjectivos acima, e a primeira dos adjectivos de duas terminações, e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando se empregam no discurso ou substantivamente, ou para modificarem orações inteiras, como n'estas expressões: *o sublime, o bello de um pensamento. É egualmente* perigoso *crêr tudo,* e *não crêr nada. Tudo está perdido.* Nada *do que disseste é verdade.* O *al é martelar em ferro frio. Mais vale* algo *que* nada. Isto, *que eu disse,* isso, *que tu disseste,* aquillo, *que elle disse,* tudo é *verdade.*

Deve-se pois estabelecer como regra geral, que todo adjectivo que se refere mais a uma idéa ou sentido do que a um nome, não tem genero algum, e é por consequencia neutro. O genero ou classe assim dos nomes como das coisas, é que determina as fórmas adjectivas a tomarem tambem o genero ou classe que lhes convém, e não ás avessas. Entre os mesmos gregos e latinos, os tres generos dos nomes determinavam os adjectivos de uma só fórma a tomar o genero que lhes competia. Porque não poderão fazer o mesmo os pensamentos, quando precisam elles mesmos de ser modificados por um adjectivo?

Com isto concluimos tudo o que tinhamos para dizer de mais importante a respeito das *partes nominativas* do discurso. Passemos já ás *conjunctivas,* que são o **verbo**, a **preposição** e a **conjuncção**, que farão a materia dos tres capitulos seguintes.

CAPITULO IV

DO VERBO

O **verbo** «é uma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito debaixo de todas suas relações pessoaes e numeraes, enunciando por differentes modos a coexistencia e identidade de um com outro, por ordem aos differentes tempos e maneiras de existir.»

O **verbo**, pois, além da sua significação primaria e principal, que é a da *existencia*, comprehende em si cinco idéas accessorias, indicadas todas pelas differentes fórmas e terminações que toma, a saber: 1.º A do sujeito da oração debaixo das tres relações pessoaes; ou de 1.ª pessoa, que é *quem falla*; ou de 2.ª, que é a *com quem se falla*; ou de 3.ª, que é a *de quem se falla*. 2.º A de numero, ou singular ou plural de cada uma d'estas pessoas, como *eu sou*, *tu és*, *elle é*, *nós somos*, *vós sois*, *elles são*. 3.º A dos differentes modos de enunciar esta mesma existencia, ou simples e vagamente, *ser amante*, ou directa e affirmativamente, *sou amante*, ou indirecta e dependentemente, *fôr amante*. 4.ª A dos tempos d'esta existencia, *preterito*, *presente* e *futuro*, como *fui*, *sou*, *serei*. 5.ª Emfim a dos differentes estados d'esta mesma existencia, ou começada só e vindoura, ou persistente e continuada, ou finda já e acabada, para o que toma o verbo substantivo a ajuda dos verbos auxiliares, como *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*.

D'esta breve analyse do verbo se vê, que sua essencia consiste propriamente na enunciação da coexistencia de uma idéa com outra, e não na expressão d'estas idéas, que já para isso tem palavras destinadas nos substantivos e adjectivos que se nomeiam, e que esta coexistencia não póde ser expressada, nem o é, em todas as Linguas, senão pelo verbo substantivo, que por isso, a fallar propriamente, é o unico verbo em que por ultima analyse veem a reduzir-se todos os verbos adjectivos, os quaes lhe não acrescentam outra coisa mais do que a idéa do *attributo*.

Os verbos auxiliares servem ao verbo substantivo para o ajudarem a exprimir os differentes modos de existencia, ou começada, ou continuada, ou acabada, em que se póde considerar qualquer objecto ou acção. Podemos pois distinguir tres especies de verbos em geral, que são o **verbo substantivo**, os **verbos auxiliares**, e o **verbo adjectivo**, dos quaes passamos a tratar nos artigos seguintes.

ARTIGO I

DO VERBO SUBSTANTIVO E SEUS AUXILIARES

Tudo o que acima fica dito, não convém propriamente senão ao nosso verbo substantivo *ser*, assim chamado, porque elle só é que exprime a existencia de uma qualidade ou attributo no sujeito da proposição. Elle, propriamente fallando, é o unico verbo, e o de uma necessidade indispensavel na oração. Com elle só se podem formar todas as sortes de orações, e todas as que se fazem por outros verbos se resolvem por este em ultima analyse.

Porque, como qualquer proposição ou oração não é outra coisa senão a enunciação da identidade e coexistencia de uma qualidade ou attributo com um sujeito: em havendo um substantivo para significar este, um adjectivo ou nome geral para significar aquelle, e o verbo substantivo *ser* para servir de nexo ou copula a um e outro, está feita qualquer proposição. Tudo o que o verbo adjectivo tem de essencial e proprio para exprimir esta coexistencia dos dois termos da proposição com todos seus modos, tempos, pessoas e numeros, não é seu: tudo é emprestado do verbo substantivo que leva concentrado e entranhado em si; e a unica idéa nova que lhe ajunta é a de qualidade ou attributo particular que se affirma do sujeito, que por isso se chama *adjectivo*, como mais largamente veremos quando d'elle tratarmos.

A essencia do verbo *ser* não consiste na *affirmação*, como muitos grammaticos pretendem. Sua fórma infinitiva, que é a primitiva, nada affirma. A linguagem subjunctiva affirma sim, mas não absolutamente, e só com dependencia de outra linguagem que a determine. A *affirmação* pois é o caracter do *modo indicativo*, e não do verbo substantivo em geral.

O seu caracter proprio é o enunciar a existencia de uma coisa em outra, e por consequencia a sua mutua coexistencia e identidade. N'estas proposições; *ser Deus justo, que Deus seja justo, Deus é justo*; a primeira enuncia a existencia da justiça em Deus simplesmente, sem outra determinação alguma; a segunda enuncia já com affirmação, mas suspensa e dependente de outra proposição; e a terceira enuncia com affirmação absoluta e independente de outra oração.

Em todo caso pois, a essencia do verbo substantivo consiste na significação ou enunciação da *existencia*, e como tudo o que

existe são coisas ou pessoas, e estas não podem existir senão em certos tempos, d'aqui vem que estas duas circumstancias são sempre relativas á idéa principal de existencia, e por isso proprias só do verbo substantivo, ou incluido no verbo adjectivo, que não é outra coisa senão a reducção e abbreviatura do verbo substantivo com todos seus modos, tempos e pessoas, e do attributo particular que lhe acrescenta.

Os differentes modos de enunciar esta existencia, seus tempos e a da pessoa ou pessoas enunciadas, tudo é indicado pelas differentes fórmas e terminações que o mesmo verbo *ser* toma, para este fim, nas suas linguagens simples, como *sou*, *fui*, *serei*, etc. Mas estas terminações temporaes indicam sim as differentes épocas da existencia, mas não o modo e estado d'ella. Uma coisa póde começar e haver de existir, póde continuar a existir, e póde ter cessado de existir em todas as épocas e tempos, quer presente, quer passado, quer futuro. Estas differentes maneiras de existir, não tem na conjugação do verbo *ser* fórmas algumas ou terminações especiaes com que se indiquem, e comtudo eram necessarias para exprimir todas as vistas do espirito, e prover a todas as precisões da enunciação. Por ex. *sou*, no seu tempo presente simples, não explica a mesma idéa de existencia que explicam os presentes compostos do mesmo verbo com seus auxiliares, *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*. Foi necessario pois, para a enunciação completa de nossos conceitos, que o verbo substantivo simples chamasse em sua ajuda outros verbos, que juntos e conjugados com elle, acabassem de formar o painel da enunciação total dos diversos modos possiveis, porque o espirito póde conceber, e concebe uma coisa existente. Estes verbos chamam-se por isso *auxiliares*, porque auxiliam o verbo *ser* para tomar todas as fórmas compostas, e as combinações precisas para este fim.

Taes são os tres verbos *haver*, *estar* e *ter*, combinados com o infinito impessoal e participios do verbo *ser*, d'este modo: *haver de ser*, *estar sendo*, *ter sido*. O primeiro acrescenta á idéa da existencia simples a idéa accessoria de um principio, dado a ella na resolução e projecto que toma o agente, e a da sua futuridade na execução; *hei* ou *tenho de ser*, não é o mesmo que *sou* ou *serei*. O segundo acrescenta á mesma idéa geral de existencia a idéa particular do estudo, persistencia e continuação da mesma existencia começada; *estou amando* não é o mesmo que *sou amante*. O terceiro finalmente acrescenta á mesma idéa principal de existencia a accessoria do seu termo e cessação; *tenho sido* não é o mesmo que *fui*. Esta linguagem póde-se dizer de quem ainda é, a primeira não. Estes tres auxiliares pois, juntos com o verbo substantivo, fazem com elle tres linguagens,

compostas que se podem chamar, a primeira *inchoativa*, a segunda *continuativa* e a terceira *completiva* da existencia do attributo no sujeito, significada pelas fórmas infinitas do verbo *ser*.

Estas fórmas são invariaveis em qualquer das conjugações compostas do verbo *ser* com seus auxiliares, porque a idéa principal de *existencia*, ou *começada*, ou *acabada*, é sempre a mesma e invariavel desde o principio da conjugação até ao fim. O que varía são os **modos**, os **tempos**, os **numeros**, e as **pessoas**; e por isso as terminações indicativas d'estas idéas accessorias pertencem todas aos verbos auxiliares, que se conjugam como outros verbos, e passam por todas estas variações.

Estes verbos considerados como *auxiliares*, não tem a mesma accepção que tem quando se tomam em sua significação primitiva, como verbos activos, transitivos, ou intransitivos, dizendo v. gr. *eu haverei de ti esta divida, eu estou em pé, eu tenho dinheiro*. Mas juntos aos nomes verbaes *ser, sendo, sido*, perdem então a sua significação propria e natural para exprimirem os varios estados de existencia, ou começada, ou continuada, debaixo dos quaes se póde considerar um objecto em qualquer época ou tempo.

Isto não obstante, é comtudo verdade, que apartando-se estes verbos do seu destino primitivo, e tomando o serviço de auxiliares, ainda assim conservam alguns resquicios da sua natureza primitiva, exprimindo uma especie de posse virtual, e de situação metaphorica, em que se considera o sujeito da proposição por ordem á qualidade que se lhe attribue. O verbo *haver*, como impessoal, significa tambem existencia, como quando digo: *ha muitos homens, havia muita gente*. Mas n'esta significação não é auxiliar, porque não se ajunta com verbos, mas só com nomes; nem tão pouco póde substituir na oração o logar do verbo substantivo, porque exprime só uma existencia absoluta, e não a coexistencia relativa do attributo e sujeito da proposição, como exprime o verbo substantivo.

Alguns de nossos grammaticos fazem tambem do nosso verbo *ser* um verbo auxiliar, pela razão de que, junto com os participios passivos, serve e ajuda a conjugar a voz passiva dos verbos adjectivos de nossa Lingua, que para ella não tem fórma propria e simples, como tem a grega e a latina. Porém o verbo *ser* n'este uso não tem outra significação e emprego senão o seu proprio, que é o de exprimir a existencia de uma coisa em outra. N'estas duas orações, *eu sou amado*, e *eu amo* ou *sou amante*, o verbo *sou* affirma do mesmo modo na primeira a coexistencia em mim do amor que outro me tem, que na segunda a do amor que eu tenho a outrem. Isto é claro. Não é pois auxiliar, mas um verbo substantivo, simples, e o unico e

principal, a que os mais servem de auxilio para o acabarem de conjugar de todos os modos possiveis.

É verdade que estes mesmos verbos auxiliares, que ajudam a conjugar o verbo substantivo, ajudam tambem a conjugar os verbos adjectivos em todas suas vozes. Porém elles não são auxiliares do verbo adjectivo, se não porque primeiro o foram do verbo substantivo. O verbo adjectivo não contribue para as linguagens, ou simples ou compostas do verbo substantivo, se não com o attributo. Tudo o mais não é senão uma reducção e expressão da linguagem substantiva, em que por fim se resolve, como em seus primeiros elementos. Assim quando digo: *hei de amar*, *estou amando*, *tenho amado*; é o mesmo que dizer: *hei de ser amante*, *estou sendo amante*, *tenho sido amante*, onde do verbo *amar* não entra se não o adjectivo, participio activo, *amante*, que é o attributo d'estas proposições. Isto se verá ainda mais claramente quando tratarmos da natureza do verbo adjectivo.

Entretanto não se deve estranhar que eu olhe só como verdadeiras linguagens as que só são elementares e analyticas, quaes são as do verbo substantivo, ou simples, ou com seus auxiliares; e que, em consequencia d'isto, eu applique a estas sós toda a theoria da conjugação dos verbos em todos seus *modos*, *tempos*, *numeros*, e *pessoas*. Tudo o que a este respeito se disser sobre o verbo substantivo e seus auxiliares, convirá exactamente a todas as linguagens dos verbos adjectivos, que não são outra coisa se não as mesmas do verbo substantivo, á excepção das syllabas iniciaes, que são as que contém o attributo, ou adjectivo da proposição.

Além d'estes *tres* verbos auxiliares, que exprimem os tres differentes estados de *existencia*, ha outros *tres*, que exprimem tambem os tres differentes modos de acção e movimento, pelos quaes um agente passa para mostrar ou a duração de uma acção, ou sua proximidade no tempo, quer anterior, quer posterior. Taes são os nossos tres verbos de movimento *andar*, *vir* e *ir*, que juntos com os infinitos e participios de outros verbos, d'este modo: *ando* ou *vou escrevendo*, *venho de escrever*, *vou escrever*: o primeiro exprime um movimento reiterado e frequente da acção, e corresponde aos verbos frequentativos latinos; o segundo um preterito proximo; e o terceiro um futuro proximo, correspondentes aos *aoristos* e futuros proximos dos gregos [1].

[1] Tambem *acertar de*, *dever de*, tem força de auxiliares, o primeiro para exprimir a *casualidade*, o segundo a *probabilidade* de uma acção, como: *acertou de passar*, isto é, *casualmente passou*; *os autos devem de ser perdidos*, isto é, *provavelmente se perderam*.

Porém estes auxiliares são mais proprios do verbo adjectivo, e por isso não entrarão nos paradigmas de sua conjugação.

ARTIGO II

DA CONJUGAÇÃO DO VERBO SUBSTANTIVO E DE SEUS AUXILIARES

Conjugação é o systema total das differentes terminações que a fórma primitiva de qualquer verbo toma para indicar os differentes modos de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito; os differentes tempos d'esta coexistencia; e os differentes personagens que o sujeito do verbo faz no acto do discurso; e **Conjugar** é recitar todas estas fórmas e variações, segundo a ordem dos *modos*, dos *tempos*, do *numero* e qualidade das *pessoas*.

A conjugação é ou *simples*, ou *composta*, *regular*, ou *irregular*. A simples consta em todas as suas fórmas de uma só palavra, como *sou*, *fui*, *serei*; a composta consta da combinação de duas até tres, como *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*. Alguns grammaticos tem por imperfeição nas linguas vulgares a necessidade de recorrerem aos verbos auxiliares para conjugarem todos seus tempos. As linguas grega e latina tambem recorriam a elles; e este recurso tão longe está de prejudicar a perfeição de uma lingua, que antes dá mais doçura, variedade, e harmonia á expressão; e tem sobre isto a vantagem de lhe dar mais vivacidade, podendo ás vezes separar o auxiliar para incorporar de algum modo o adverbio com o verbo auxiliado cuja significação elle modifiça.

Conjugação regular é aquella que segue uma mesma regra na formação dos tempos derivados de seus primitivos, e nas terminações de uns e de outros; e **irregular** a que ou em tudo ou em parte se aparta d'esta regra. Os verbos *defectivos*, que carecem de certos tempos, ou de certas pessoas, que o uso não admitte, pertencem em certo modo á classe dos irregulares.

O verbo substantivo *ser*, e os seus tres auxiliares *haver*, *estar* e *ter*, são todos irregulares. Mas toda a conjugação, ou regular, ou irregular, tem *modos*, *tempos*, *numeros* e *pessoas*. A conjugação simples concentra em uma mesma palavra todas as variações precisas para indicar seu attributo e significação principal com todas estas modificações; a composta porém faz separação. Tudo o que pertence ao modo de enunciar a coexistencia do attributo e sujeito, á designação dos tempos, e á distincção dos numeros a das pessoas, é da repartição do verbo

auxiliar. O que pertence á significação de existencia, é privativo do verbo substantivo; e o que pertence ao modo e estado d'esta existencia, é effeito da combinação dos verbos auxiliares com as differentes fórmas infinitivas do verbo substantivo; de sorte que nas linguagens compostas se vêem desenvolvidas e separadas as idéas, que nas simples se acham envolvidas e concentradas. De todas as propriedades do verbo passamos a tratar nos §§ seguintes.

§ I

DOS MODOS DOS VERBOS.

Chamam-se **modos** as differentes maneiras de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição. Os grammaticos se dividem sobre a natureza e numero d'estes modos, entendendo por modos todas as modificações que acrescem á enunciação simples da coexistencia, e em consequencia d'isto mettendo n'esta conta não só o *indicativo*, *subjunctivo*, e *infinitivo*, no que todos convém, mas tambem os modos *suppositivo*, *imperativo*, e *optativo*, e alguns fazendo dos tempos outros tantos modos, como faz Sanches.

Eu porém, creio que o melhor systema dos modos e tempos do verbo é o mais simples; e que, a não se assentar no verdadeiro, sempre deve ter preferencia aquelle que por caminho mais breve e plano chega ao mesmo fim, que outros não alcançam senão depois de mil rodeios pelos labyrinthos de disputas e discussões, que mais embrulham a verdade do que a aclaram.

Quanto a mim, sendo o verbo uma oração recopilada, tantos devem ser, nem mais, nem menos, os modos do verbo, quantas são as especies de orações ou proposições por ordem á sua syntaxe e contextura no discurso. Ora, assim como em qualquer proposição ha uma idéa principal e independente, que faz o sujeito da oração, ha outra accessoria e subordinada áquella, que é o attributo ou adjectivo da mesma; e as mais, a fóra estas, são modificações, ou complementos do sujeito, do verbo, e do attributo; assim tambem em qualquer periodo ou pensamento total não ha, nem póde haver, se não tres especies de orações, que entram na composição, que são a *principal*, as *subordinadas* (nas quaes vão incluidas já as incidentes, pois fazem parte ou do sujeito ou do attributo de umas e outras), e finalmente as *regidas*, assim chamadas, porque servem do complemento aos verbos e ás preposições.

A estas tres especies de orações, de que são tecidos todos os

periodos do discurso, correspondem justamente os tres modos de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição; ou enunciando-o pura e simplesmente sem determinação alguma, nem de affirmação, nem de subordinação, nem de tempos e pessoas, e este é o **modo** chamado por isso mesmo **infinito**, ou *indeterminado*, que é a fórma primitiva de qualquer verbo, como: *ser*, *haver*, *estar*, *ter*, e as suas derivadas *sendo sido*, *havendo havido*, *estando estado*, *tendo tido*; as quaes todas nunca se empregam no discurso senão como additamentos e complementos de outros verbos, ou preposições, por quem são regidas á maneira dos nomes substantivos e adjectivos, de cuja natureza, indeterminação e propriedades participam para este mesmo fim, chamadas por isso *participios*, ou *modo participal*; porque participam dos nomes o poderem ser, como elles, complementos da oração, e participam do verbo a propriedade de enunciarem a coexistencia indeterminada de uma coisa com outra.

Este é o primeiro **modo** do verbo, e que por isso deve ter o primeiro logar na ordem de sua conjugação, assim por ser a extrema mistica entre as duas primeiras partes elementares do discurso, nome e verbo, como por ser a sua fórma a primitiva e original; e bem assim por ser tambem o formativo principal de todas as mais linguagens do verbo.

O segundo **modo** de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição é o **indicativo**, assim chamado porque mostra pela sua mesma fórma, que elle é o principal e dominante no discurso, a que todos os mais verbos do periodo se referem; e que é a linguagem directa, affirmativa, e determinante das mais linguagens indirectas e subjunctivas do periodo, as quaes ella determina, e que por isso lhe ficam subordinadas. O seu caracter proprio, unico e incommunicavel é o ser absoluto e independente, e assim poder estar só, e figurar no discurso sem ajuda de outro *modo*. Taes são as fórmas indicativas *sou*, *sê* tu, *era*, *seria*, *fui*, *fôra*, *serei*, que todas podem fazer orações directas e absolutas.

O terceiro **modo** é o **subjunctivo**, assim chamado porque suas linguagens vem sempre em consequencia de outras, pelas quaes são determinadas. Ellas enunciam a coexistencia do attributo no sujeito da proposição de um modo affirmativo, mas sempre precario, e dependente da affirmação de outro verbo, em cuja significação vá preparada a indecisão e incerteza propria da linguagem subjunctiva. O seu caracter proprio é não poder figurar só no discurso sem dependencia de outra oração clara ou occulta, a que fique subordinada sempre, e ligada ordinariamente pelo conjunctivo *que*. Taes são as fórmas subjunctivas do verbo

substantivo *seja, fosse, for*, e as de seus auxiliares *haja, houvesse, houver, esteja, estivesse, estiver, tenha, tivesse, tiver*. Estes são os tres unicos modos de qualquer verbo, caracterisados, o primeiro pela sua indeterminação total, o segundo pela sua independencia, e o terceiro pela sua dependencia.

No **indicativo** vae incluido o chamado modo *imperativo* e o *suppositivo* ou condicional, porque ambos formam orações directas, absolutas e independentes. As idéas accessorias de *imperio* e de *condição*, que ajuntam á enunciação affirmativa do modo indicativo, fazem com que se lhes dê um logar e nome distincto entre as linguagens do mesmo modo, mas não são uma razão sufficiente para constituirem *modos* á parte, os quaes só se dizem taes, quando influem differentemente na ordem, subordinação e syntaxe das proposições que compôem qualquer periodo, o que não fazem os dois pretendidos *modos* senão como directos e indicativos. Quanto ao *optativo*, já todos os grammaticos, desenganados das antigas prevenções, lhe assignaram seu verdadeiro logar no modo subjunctivo, de cujas linguagens se serve. Assim determinados d'esta sorte, simplicissimamente, os *modos* do verbo, passemos já a seus **tempos**.

§ II

DOS TEMPOS DO VERBO EM GERAL

Tempo é uma parte da duração ou existencia, quer continuada da mesma coisa, quer successiva de muitas que se seguem umas ás outras. Ora, onde ha successão continuada e não interrompida, não póde haver *tempos*, senão relativos a uma época arbitraria, que se fixa primeiro, para d'ella se proceder á comparação de um espaço anterior, e de outro posterior.

Esta época, tratando-se de grammatica, isto é, da arte de fallar e escrever correctamente, foi muito natural o fixal-a no acto mesmo da palavra, isto é, no espaço e duração em que qualquer está fallando ou escrevendo. A esta época se deu o nome de **tempo presente**, e por ordem á mesma chamou-se **tempo preterito** ou *passado* toda a existencia ou começada e não acabada, ou acabada, dos seres que a precederam; e **tempo futuro** ou *vindouro*, toda a existencia quer começada, quer continuada, quer acabada, dos seres que se lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existencia meramente possivel das coisas que nunca existiram nem hão de existir, mas que poderiam existir, dada certa hypothese.

Não ha pois verdadeiramente senão *tres* durações ou tempos, a saber: o *presente*, que é o em que se está fallando; o *preterito*, que é todo aquelle que precedeu ao presente; e o *futuro*, que é todo o que se lhe ha de seguir. Mas todas estas durações e tempos se podem considerar de dois modos: ou como continuados e não acabados, ou como não continuados e acabados. D'aqui a *subdivisão* dos mesmos tres tempos em *imperfeitos* ou periodicos, e em *perfeitos* ou momentaneos.

Os *tempos imperfeitos* exprimem durações não acabadas, e como estas são outras tantas continuações da existencia dentro dos espaços que correm ou até á época da palavra, ou no tempo d'esta, ou depois d'ella, formam ellas outros tantos periodos, os quaes confinam uns com outros. O periodo anterior pega com o periodo actual, e este com o posterior; de sorte que o fim do primeiro é o principio do segundo, e o fim do segundo é o principio do terceiro. D'aqui vem communicarem-se mutuamente entre si as linguagens dos tempos imperfeitos, a do preterito e a do futuro com a do presente, como: *estava hontem, estava agora, estarei agora, estarei amanhã comtigo*; e a do presente com ambos dois, e podermos assim dizer do preterito *ha muito tempo, que sou teu amigo*; e do futuro *amanhã sou comtigo, amanhã parto.*

Não succede já o mesmo com os *tempos perfeitos* que exprimem uma existencia acabada. As linguagens d'estes não se communicam. Não posso dizer: *tinha sido, terei sido*, em logar de *tenho sido*, e muito menos substituir esta linguagem ás duas antecedentes. A razão é porque os seus tempos são momentaneos. O que cessa de existir, cessa em um instante do periodo, ou actual, ou anterior, ou posterior; e estes instantes não se notam como os periodos, para se poderem trocar.

Os tempos *imperfeitos* e *perfeitos* podem ser ou *absolutos* ou *relativos*. São *absolutos* quando notam só um tempo, ou presente, ou preterito, ou futuro sem relação a outro. *Sou, era, fui, serei*, são d'este genero. São *relativos*, quando além do tempo ou presente, ou preterito, ou futuro, que indicam, denotam tambem outro presente, outro preterito e outro futuro, a respeito dos quaes se dizem perfeitos ou acabados. Todas as linguagens compostas do auxiliar *ter*, e do participio perfeito do verbo substantivo *sido*, são d'este genero.

Assim, *tenho sido* é um presente perfeito relativo, porque não só nota um presente acabado, do qual não resta nada, mas acabado tambem em respeito ao presente actual em que estou fallando. Do mesmo modo *tinha sido* não só é um preterito acabado, mas acabado a respeito de outro preterito, que suppõe depois de si, como: *hontem ao meio dia, quando chegou Anto-*

nio, tinha eu jantado. O mesmo se deve dizer do futuro perfeito *terei sido*. O auxiliar *terei* nota um futuro, e o participio perfeito *sido* denota outro, a respeito do qual o primeiro é acabado, como: *ámanhã, quando tu chegares, terei feito o que me encommendas*.

O que succede com os tempos *perfeitos*, acontece tambem com os *imperfeitos*. Elles são *relativos*, quando, além do tempo que significam, denotam outro, qual é ou o da execução da acção ou o de uma hypothese, da qual se faz depender a verdade da proposição affirmativa. Taes são o presente imperfeito *sê* tu, *sêde* vós, e o preterito condicional imperfeito *eu seria*, ou perfeito *eu teria sido*, etc.

O *imperfeito* é um *presente* quanto ao mandamento, mas denota um *futuro* quanto á execução do que se manda; e o preterito condicional quer imperfeito, quer perfeito, além d'este tempo diz sempre relação a outro preterito, que é o da hypothese ou condição, a qual, só posta e executada, é que se verificaria a verdade da proposição affirmativa.

Mas como esta hypothese é meramente possivel, e o que é só possivel póde ter a sua existencia em todos os tempos, d'aqui vem a linguagem affirmativa condicional, cujos tempos andam sempre concordes com os da sua condição, tambem se póde empregar e applicar a todos os tempos, e dizermos: *eu partiria hontem, se tivesse em que*; *eu partiria já, se tivesse em que*; *eu partiria amanhã, se tivesse em que*. Esta linguagem, *partiria*, é do tempo preterito imperfeito, porque a da sua condição, *se tivesse*, é do mesmo tempo. E bem assim podemos tambem dizer: *eu* teria partido *hontem*, *se* tivesse tido *em que*; *eu* teria partido *a esta hora*, *se N*. tivesse chegado; e *ámanhã a esta hora* teria eu partido, *se hoje me não* tivessem embaraçado. Esta linguagem, *teria partido*, é do tempo preterito perfeito, porque as das suas condições, *tivesse tido*, *tivesse chegado*, *tivessem embaraçado*, são do mesmo.

Na linguagem condicional imperfeita, a execução da promessa seria simultanea com a execução da condição: na perfeita, a execução da promessa seria posterior á da hypothese. Mas tanto a promessa como a condição ficam sempre na massa dos possiveis, que nunca existiram nem existirão; que por isso os antigos grammaticos chamavam *potencias* estas linguagens. Dos *tempos* em geral passemos já aos de cada *modo* em particular.

§ III

DAS LINGUAGENS DO MODO INFINITO

O **modo infinito** tem linguagens, porém não tem *tempos*. Porque o seu caracter é enunciar pura e simplesmente a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer, abstrahindo os tempos, numeros e pessoas; e posto que a nossa Lingua faça uma excepção n'esta regra, ella comtudo é geral em todas as mais. Por isso este modo se chamou *infinito*, isto é, indeterminado, porque não determina circumstancia alguma d'aquellas que os mais modos determinam, participando assim da natureza do nome appellativo e adjectivo, para como elles poder ser complemento de outros verbos, e das preposições.

Este **modo** tem só quatro linguagens, que são dois *infinitos*, um *impessoal* e outro *pessoal*, e dois *participios*, um *imperfeito* e outro *perfeito*, como vamos ver.

1.º INFINITO IMPESSOAL

Esta fórma, terminada sempre em *r*, é a primitiva de todos os verbos, e por consequencia tambem do verbo substantivo e seus auxiliares, a saber: *ser, haver de ser, estar sendo, ter sido*. Esta linguagem é um verdadeiro substantivo appellativo verbal. Participa do verbo a propriedade de enunciar vagamente a coexistencia de uma idéa em outra, e do nome o poder ser já sujeito e attributo de outro verbo e de si mesmo, como: *ser é* melhor que não *ser*; já complemento objectivo, como: *desejo ser*; já emfim complemento de qualquer preposição, como: *a ser, de ser, para ser*, etc. Por esta mesma razão não tem tempo algum, e por isso se póde applicar a todos, como o applica o seu auxiliar *haver* no uso que d'elle faz com a preposição *de*.

2.º INFINITO PESSOAL

Esta linguagem é um idiotismo singular, só proprio da Lingua Portugueza, que conjuga a fórma primitiva de seus verbos por numeros e pessoas, dizendo no singular: *ser eu, seres tu, ser elle*; e no plural: *sermos nós, serdes vós, serem elles*, e por este mesmo modo os auxiliares *haver, estar, ter*, e todos os mais verbos.

Este *infinito pessoal* é outro substantivo appellativo verbal com as mesmas propriedades que o impessoal, e o que tem de particular é o enunciar a coexistencia de um attributo em um sujeito differente do da oração antecedente. Estes *infinitos pessoaes* dão á nossa Lingua sobre as outras a grande vantagem de evitar na expressão muitos equivocos, e fazel-a mais breve e corrente, desembaraçando-a da necessidade de repetir a cada passo o sujeito da oração finita, como veremos adiante quando fallarmos mais particularmente do emprego e uso d'estas e outras linguagens no discurso.

3.° PARTICIPIO IMPERFEITO

Sendo, havendo de ser, estando sendo, e *tendo sido*, são adjectivos verbaes indeclinaveis, como todos os dos verbos adjectivos que tomámos dos ablativos dos participios latinos, chamados do presente. Antigamente acabavam elles como os ablativos latinos, em *ante, ente*, e *inte*: v. gr. *acabante, conhecente, servinte*. Depois mudaram o *te* em *do*, porém ficaram com a mesma natureza de participios imperfeitos activos, tomando do verbo a significação, e do nome adjectivo a propriedade de se construirem com qualquer nome ou pronome para o modificarem.

Este *participio* tem dois usos na nossa Lingua. O primeiro o de compor linguagem com o auxiliar *estar*, como *estou sendo amante*, ou *estou amando*, que é o mesmo (*sum amans*). O segundo o de fazer por si uma oração á parte, porém sempre subordinada a outra principal e dependente d'ella, ou como circumstancia, ou como modo, ou como causa. O que veremos mais largamente quando tratarmos dos participios dos verbos adjectivos.

4.° PARTICIPIO PERFEITO

Sido, havido, estado, tido, são da mesma sorte adjectivos verbaes indeclinaveis, como os dos verbos adjectivos, que antigamente eram declinaveis, e assim mesmo se combinavam em linguagem composta com o auxiliar *ter*, e significação passiva, porém depois ficaram indeclinaveis e activos. Assim, o que nossos melhores escriptores diziam: *a honra que n'isso* tendes ganhada, *os serviços que* tendes feitos; dizemos nós: *a honra que n'isso* tendes ganhado. *Os serviços que* tendes feito. Estes participios perfeitos dos verbos, assim substantivo como adjectivo, nunca andam senão com o auxiliar *ter*, para exprimirem uma existencia já acabada e finda, do attributo no sujeito em qual-

quer tempo ou época, quer actual, quer anterior, quer posterior, que por isso não tem tempos fixos e determinados, e se accommodam com todos, como se vê em sua mesma conjugação com os auxiliares. É preciso não confundir as idéas de uma coisa imperfeita ou não acabada com as do tempo presente; e as de uma coisa perfeita ou acabada com as do preterito. São mui differentes: e o que é acabado ou por acabar, póde-o ser em qualquer tempo.

§ IV

DOS TEMPOS DO MODO INDICATIVO

Sendo, como é, o caracter d'este modo poder elle por si formar no discurso orações directas e affirmativas, e estas tão absolutas e independentes, que por si sós podem subsistir e figurar n'elle sem dependencia de outras; e formar outrosim orações principaes que subordinam e determinam outras, sem que ellas por sua natureza sejam subordinadas; ninguem me deve levar a mal que eu, para simplificar e facilitar mais a theoria dos tempos, metta n'este modo indicativo todas as linguagens que tiverem este caracter, bem que n'isto me aparte da opinião commum dos grammaticos.

Ora *dez* são as linguagens de nossa Lingua que tem este caracter indicativo de affirmação, independencia, e para assim dizer, de principalidade, a saber: *tres presentes, cinco preteritos* e *dois futuros*, quaes são:

1.º PRESENTE IMPERFEITO ABSOLUTO

Como: *sou, estou sendo, hei de ser.* A primeira linguagem affirma simplesmente a existencia actual, a segunda affirma a mesma continuada, e a terceira affirma a mesma começada de presente na tenção, e futura na execução. São todas umas linguagens imperfeitas, significativas de uma existencia presente, não acabada, e por consequencia periodica, que por isso posso dizer do passado: *ha muito tempo que* sou *mestre, que* estou sendo *mestre* ou *ensinando*; e do presente e futuro, *agora* hei de ser *teu conductor*; *á manhã* hei de ser *conduzido por ti*. Chama-se absoluto, porque nota só a época actual, e para distincção de outro presente imperfeito relativo, qual é o seguinte.

2.º PRESENTE IMPERFEITO IMPERATIVO

Estas linguagens: *sê tu meu mestre, sêde vós meus amigos, está tu sendo vigia* ou *vigiando, estae vós vigiando,* são imperativos do presente, e não acabadas quanto á execução. Pertencem pois á classe dos presentes imperfeitos. São relativas, porque notam um mandato presente, e denotam uma execução futura.

São umas orações absolutas e independentes, que podem subsistir per si no discurso. Podem ser principaes e determinar, como determinam frequentemente, as orações subjunctivas. Quem manda ou exhorta, não enuncia com menos asseveração a existencia de uma acção para o futuro do que quando a indica simplesmente. O modo imperativo não destroe a affirmação, antes a confirma. Nós servimo-nos a cada passo dos futuros do indicativo como imperativos, e nem por isso deixam de ser affirmativos, e como taes contados unanimemente entre os tempos do indicativo. Porque se não ha de contar tambem entre elles a linguagem imperativa? e que necessidade ha de fazer d'ella um modo á parte?

Este *presente imperfeito imperativo* tem seu logar proprio logo immediatamente depois do presente imperfeito absoluto, que é o seu formativo e gerador. Não ha mais do que tirar o *s* final á sua segunda pessoa do singular e do plural, e fica formado o imperativo em todo o verbo regular. Elle não tem mais pessoas do que estas. As terceiras, que os grammaticos lhe acrescentam, como *seja* elle, *sejam* elles, *esteja* elle, *estejam* elles, não são suas, mas emprestadas do presente do subjunctivo, a que verdadeiramente pertencem, e que por isso dependem de outra linguagem indicativa, clara ou occulta, que as determine, como por ex.: *mando que seja elle, quero que sejam elles.*

Os verbos *haver* e *ter,* como auxiliares, não tem linguagem imperativa, mas só como verbos activos: v. gr. *tem tu cuidado, tende vós cuidado.* Ainda n'este mesmo sentido a unica segunda pessoa do singular do verbo *haver*, que antigamente foi *have,* e que se lê na—*Regr. e Pref.*, traduzida pela infanta D. Catharina, filha d'elrei D. Duarte, liv. II, cap. IV e XII, não está em uso.

3.º PRESENTE PERFEITO

D'este *tempo* não ha mais que uma unica linguagem, que é a composta do participio perfeito do verbo *ser* e do auxiliar *ter*, como *tenho sido*. O auxiliar nota manifestamente um tempo presente, e o participio *sido* denota uma existencia da qual já nada resta, e assim acabada a respeito da época actual em que estou fallando.

Pelo que esta linguagem póde-se dizer de qualquer tempo passado, cujo periodo venha a acabar na época presente. Posso dizer: *hoje, esta semana, este anno, muitos annos* tenho sido *espectador de grandes acontecimentos*. Mas não a posso dizer de tempo algum preterito, cuja época tenha expirado antes da presente. Não posso dizer: *hontem, a semana passada, ha dois annos* tenho lido *este livro, o seculo passado* tem sido *fertil em acontecimentos*. Devo dizer: *li este livro, foi fertil em acontecimentos*. Comtudo, os nossos grammaticos confundem n'um estes dois tempos, dizendo *li* ou *tenho lido*.

4.º PRETERITO IMPERFEITO ABSOLUTO

Era, havia de ser, estava sendo, são preteritos de uma existencia ou simples, ou começada então para o futuro, ou continuada, porém não acabada, e por isso periodica, cujo espaço vem tocar com o periodo actual. Esta é a razão, por que tanto do preterito como do presente, posso dizer: *era hontem preciso, era já já preciso, hontem havia eu de partir, hontem estava eu lendo, agora estava eu lendo*. Ainda mesmo do futuro se póde dizer esta linguagem, quando é determinada por outra, como: *disse que partia* ou *partiria hontem, que partia* ou *partiria hoje, que partia* ou *partiria á manhã*. Chamo *absoluto* a este preterito *imperfeito* para o distinguir de outro *relativo*, que é o seguinte.

5.º PRETERITO IMPERFEITO CONDICIONAL

A este *tempo* pertencem as linguagens terminadas em *ria*, como *eu seria, eu haveria de ser, eu estaria sendo*, das quaes uns fazem um modo á parte, que chamam *condicional* ou *suppositivo*, e outros não, contando-as entre os tempos do módo subjunctivo. Mas para que é multiplicar modos sem necessidade? Estas linguagens são evidentemente affirmativas, posta

uma hypothese. Esta hypothese ou condição, debaixo da qual affirmam, não lhes tira a affirmação. Esta proposição: *eu seria feliz se quizesse*, não é menos affirmativa do que esta: *eu serei feliz se quizer*. Toda a differença está em a condição da primeira ser preterita e possivel, e a da segunda futura e factivel.

Estas linguagens, além d'isso, formam proposições principaes e independentes, que bem longe de serem determinadas, ellas mesmas determinam sempre as condicionaes com que andam juntas, e que lhes são subordinadas.

As linguagens do preterito perfeito relativo, acabadas em *ra*, como *fôra, houvera de ser, estivera sendo*, pôem-se muitas vezes em logar das condicionaes em *ria*, novo argumento de que, assim como aquellas são indubitavelmente indicativas, assim tambem o são estas. Os nossos melhores escriptores empregam frequentemente aquellas tanto para a proposição affirmativa, como para a condicional. Ex. *Se eu* fôra *um dos benemeritos, em mim mesmo, e no meu proprio merecimento*, achára *tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê nem despacho me* dera *por mui contente e satisfeito* [1]. Onde a primeira linguagem, *fôra*, faz a proposição condicional e subordinada; e as segundas *achara* e *dera* fazem as duas proposições affirmativas, uma principal e outra incidente, e valem tanto como *acharia* e *daria*, pelas quaes se podem substituir.

Esta disposição da linguagem condicional em *ria* no modo indicativo, diminue em grande parte os embaraços em que se vêem os grammaticos, que as collocam no subjunctivo, para distinguirem os casos em que se ha de usar, ou da fórma em *sse*, ou da em *ra*, ou da em *ria*.

A fórma em *ria* sempre é indicativa, e por isso nunca póde ser determinada pelas outras fórmas indicativas dos verbos que costumam levar outros ao subjunctivo, quaes são os verbos de *duvidar*, e os que exprimem *desejo* e *vontade*. Se algumas vezes é determinada, como o são outras linguagens do indicativo, é só pelos verbos de *dizer* e *julgar*, que affirmam sem incerteza nem contingencia alguma. Eu posso dizer: *elle disse que viria, eu soube que elle viera*, assim como: *disse que vinha, soube que viera*. Porém não posso dizer: *desejei que elle viera*, mas sim *que viesse*.

Mais. A fórma *ria* nunca se póde fazer condicional nem optativa, como as em *sse* e *ra*. Posso dizer: *se eu fosse* ou *fôra, oxalá eu fosse* ou *fôra*: mas de modo nenhum *se eu seria, oxalá eu seria*. Da mesma sorte esta linguagem póde-se fazer

[1] Vieira, *Serm.*, tom. I, col. 312.

dubitativa pela conjuncção *se* em logar de *se por ventura*, como n'esta frase: *duvidei se, chamando-o eu, elle viria*; mas já não com *que*, d'este modo: *duvidei que, chamando-o eu, elle viria* ou *viera*, e devo dizer *viesse*.

A razão d'isto não é outra senão serem as linguagens em *ria* e em *ra* de sua natureza indicativas, e assim podermos dizer: *duvidei se elle viria*; *duvidei se elle viera*, como dizemos: *duvidei se vinha, duvidei se tinha vindo*. Mas d'isto mesmo teremos nós ainda occasião de fallar em outras partes.

6.º PRETERITO PERFEITO ABSOLUTO

Eu fui, eu houve ou *tive de ser, eu estive sendo*, são linguagens de um tempo passado, e de uma existencia já acabada em respeito á época actual, porém absoluta e indeterminadamente, sem dizer quando foi acabada; e esta é a razão por que se podem dizer tambem do tempo presente, quando d'elle resta ainda alguma coisa, como: *Agora fui sabedor* ou *soube. Esta manhã houve eu de ser presente* ou *de presenciar. Hoje estive presente* ou *presenciando*. Porque uma hora, uma manhã, um dia tem sua extensão, e n'esta póde alguma coisa ter cessado de existir sem que a mesma extensão ou espaço tenha expirado.

A linguagem simples *fui* mostra a cessação da existencia simplesmente; a composta *houve de ser* mostra a cessação de uma existencia, começada no preparo, porém não acabada na execução; e a terceira *estive sendo* mostra a cessação de um estado ou existencia continuada por algum espaço.

D'aqui é facil de perceber a differença do preterito perfeito *absoluto* ao presente perfeito *relativo*. Posso dizer *hoje, esta manhã, agora tenho sido sabedor*, como digo *fui sabedor*, porque fallo de um tempo que não está ainda acabado. Porém não posso dizer *hontem tenho sido sabedor*, como posso dizer *hontem fui sabedor*, porque fallo de um tempo já acabado a respeito do presente. Erram pois os grammaticos, quando só com a differença de simples e composto dão o mesmo nome de preterito perfeito a estas duas linguagens: *eu amei* ou *tenho amado*.

O verbo *ter*, como verbo adjectivo, tem este preterito na significação de *possuir*, como *tive razão, tive que fazer*. Porém como auxiliar não o tem na nossa Lingua, como o tem na castelhana *hube sido*, e na franceza *j'eus été*. Nós não dizemos *tive sido* na linguagem substantiva, nem *tive feito esta coisa* na linguagem adjectiva: mas sim *tive esta coisa feita*, usando do verbo *ter* na sua accepção primitiva de *possuir*, e do participio passivo declinavel concordado com o substantivo, como usavam nos-

sos primeiros escriptores, não só em este tempo, mas em todos os mais, dizendo: *como foram os* (serviços) *que até agora tendes feitos*[1]. *Como pela muita honra que n'isso tendes ganhada*[2]. *D'onde vem terem feitas em nossos tempos em Africa e em Asia façanhas tão excellentes e pasmosas*[3]. Mas se o verbo *ter* n'este tempo não é auxiliar com o participio *sido*, póde-o ser com o seu infinito impessoal em logar do verbo *haver*, e dizermos *teve de ser* em logar de *houve de ser*.

7.ª PRETERITO PERFEITO RELATIVO

Este *preterito* nota uma existencia não só passada, como o preterito imperfeito; e não só passada e acabada indeterminadamente, como o preterito absoluto; e não só passada e acabada relativamente á época actual da palávra, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época tambem passada, mas ha mais tempo, e marcada ou por um tempo determinado, ou por um facto quer expresso, quer subentendido, como quando digo: *hontem ao meio dia tinha eu acabado esta obra*; onde o *meio dia* é a época passada, a respeito da qual, e antes d'ella, era já passada e acabada a obra. E quando digo: *eu tinha saido, quando elle entrou*; a *entrada* é tambem uma época preterita a respeito da presente em que estou fallando. Mas a minha *saida* não só é anterior e passada, mas ainda concluida e acabada a respeito da dita entrada.

Nós temos *cinco* linguagens para exprimir este *tempo*, uma simples que é *fóra*, e quatro compostas do mesmo verbo *ser* e de seus auxiliares, que são: *houvera de ser*, *estivera sendo*, *tinha sido* e *tivera sido*. As linguagens *houvera de ser* e *estivera sendo*, exprimem no tempo preterito uma coisa ou começada para o futuro, ou continuada por algum tempo antes de outra pertencente ao mesmo tempo preterito, como: *sei que tu estiveras sendo ouvinte*, ou *ouvindo o meu discurso antes d'hontem*, e *eu houvera de por isso ser mais acautelado*.

As *tres* linguagens *fóra*, *tinha sido* e *tivera sido* são synonymas, porém com differente uso na nossa Lingua; *tivera sido* não se emprega ordinariamente senão nas orações incidentes e integrantes; nas principaes não se usa senão como condicional. Assim posso dizer: *elle disse que nunca tivera sido doente*, mas

[1] Jac. Fr. *Vid. de D. J. de Castro*, pag. 95, ed. de Paris, 1759.
[2] Id. ibid. pag. 96.
[3] Heitor Pinto, *Dial. da Vid. Solit.*, cap. V.

já não: *elle nunca tivera sido doente* em logar de *nunca tinha sido*.

As *duas* linguagens *fóra* e *tinha sido* não só se usam nas orações incidentes, mas ellas mesmas fazem orações principaes, e a segunda ainda mais que a primeira. Para prova d'isto apontarei, entre muitos, alguns exemplos tirados de nossos melhores escriptores, em que o preterito perfeito simples é empregado no principio das orações em logar do composto do auxiliar *tinha* e do participio perfeito activo, como: Viera *Urbano com parte de seu rebanho da ribeira do Tejo, patria sua, desterrado a seu pezar*[1]. *Mal poeria Adão nome á nau, pois nunca* navegára[2]. Fôra *a cidade antigamente habitada de bramanes*[3]. Quizera *o governador dissuadil-o*[4]. Onde as linguagens simples *viera, navegára, fôra, quizera,* fazem proposições principaes, e valem tanto como *tinha vindo, tinha navegado, tinha sido habitada,* e *tinha querido.*

Mas d'aqui não se segue que uma linguagem se possa sempre pôr em logar de outra indifferentemente. Ellas todas são preteritos perfeitos relativos a uma época tambem preterita, ou expressa, ou subentendida. Quando a época está expressa, a linguagem composta *tinha sido* é então mais usada, e nem sempre se póde substituir pela simples *fôra.* Se posso dizer: *eu tinha saído, quando elle entrou*; não posso dizer: *eu saira, quando elle entrou.* Em todos os exemplos acima não ha época alguma determinada.

8.º PRETERITO PERFEITO CONDICIONAL

Este *preterito* tem uma fórma propria e sua, que é a composta do auxiliar *ter*, e do participio *sido*, como as de todos os mais tempos perfeitos relativos. Tal é *teria sido*, que é um preterito condicional como o da linguagem *seria*, ambos acabados em *ria*, que é a terminação caracteristica das linguagens condicionaes. Mas *seria* é um preterito imperfeito condicional, e *teria sido* um preterito perfeito condicional. N'este modo de fallar, por ex.: *eu seria feliz se seguisse teus conselhos*, a linguagem *seria* nota um tempo passado, mas não acabado a respeito de uma condição tambem passada, mas egualmente não acabada; que por isso a mesma linguagem *seria* se póde dizer do presente a respeito de uma condição que se suppõe já aca-

[1] Fernão Alvares, *Lus. Transf.* ed. de Lisboa 1781, pag. 28.
[2] Barr. *Gramm.* pag. 214.
[3] Jac. Fr. *Vid. de D. J. de Castro,* pag. 67.
[4] Id. ibid. pag. 334.

bada, como: *eu seria agora feliz, se tivesse seguido teus conselhos.*

Porém em est'outro modo de fallar: *eu teria sido feliz, se tivesse seguido teus conselhos*, a linguagem *teria* nota um preterito, e o participio perfeito *sido*, mostra que o mesmo preterito deveria ser acabado a respeito de uma condição, tambem preterita e acabada, qual exprime a linguagem subjunctiva do mesmo tempo *tivesse seguido.*

Além da linguagem em *ria* propria, tem este tempo mais duas, emprestadas do preterito perfeito relativo com a terminação em *ra*, que são a composta *tivera sido*, e a simples *fôra.* A primeira, que como preterito perfeito relativo não entra senão nas proposições incidentes, faz a proposição principal e affirmativa nas condicionaes, como *eu tivera sido feliz se*, etc., em logar de *eu teria sido.* A segunda, que se põe muitas vezes em logar da condicional imperfeita, como vimos atraz, põe-se egualmente pela perfeita d'este tempo em logar de *teria sido*, como n'este exemplo: *era o Hidalcão liberal e valeroso, e sem duvida* fôra *um grande principe, se* conservára *o reino com as mesmas virtudes com que soube adquiril-o*[1]. Onde, *fôra* está por *tivera* ou *teria sido*, e *conservára* por *tivesse conservado*, e d'isto ha infinitos exemplos.

D'aqui se vê que a linguagem indicativa em *ra* tem quatro usos na nossa Lingua. O primeiro de condicional imperfeito em logar de *seria*; o segundo de preterito perfeito relativo em logar de *tinha sido*: o terceiro de condicional perfeito em logar de *teria* ou *tivera sido*: e o quarto de preterito subjunctivo ou imperfeito em logar de *fosse*, ou perfeito em logar de *tivesse sido.*

Mas nem por isso d'aqui se segue, que quando a linguagem em *ra* passa a ser condicional, passe tambem a ser subjunctiva, como o é a linguagem em *sse*, que muitas vezes substitue. A conjuncção condicional *se* não é signal certo de que a linguagem a que se ajunta seja subjunctiva. Nós ajuntamol-a a todas as linguagens indicativas, menos ás do futuro. A lingua franceza nas suas linguagens condicionaes exprime sempre a condição pelos preteritos do indicativo, dizendo: *je lirais, si j'avais des livres: j'aurais dîné avant midi, si l'on ne fut pas venu m'en détourner.* O que nós dizemos: *eu lera se tivera livros*: *eu tivera jantado antes do meio dia, se me não tiveram estorvado.*

O que decide se a linguagem é ou não subjunctiva, é poder ser ou não determinada por verbos que exprimem *duvida, medo, desejo* ou *vontade*; e não o podendo ser não é subjunctiva. Ora

[1] Jac. Fr. *Vid. de D. J. de Castro*, pag. 43.

nós dizemos: *duvidei que viesses* ou *que tivesses vindo*, e não podemos dizer: *duvidei que virias* ou *vieras*, que *terias* ou *tiveras vindo*. Não pertencem pois estas linguagens ao modo subjunctivo onde as pôem os nossos grammaticos, mas ao indicativo, onde as pozemos.

9.º FUTURO IMPERFEITO

O futuro imperfeito exprime uma existencia posterior á época em que estou fallando, ou simples, como *serei*, ou começada e por concluir, como *haverei de ser*, ou continuada, como *estarei sendo*; mas uma existencia indeterminada e não acabada, como *eu serei presente, eu haverei* ou *terei de ser presente, eu estarei presente á manhã á tua partida*. Uma coisa que ha de começar, ou que começada ha de continuar no tempo futuro, não póde existir de presente. Pelo que não posso dizer com verdade e exactidão: *agora haverei, haverei de ser presente, agora estarei escrevendo*. Mas a existencia de uma coisa que ha de existir, póde principiar já. Pelo que posso muito bem dizer: *desde agora serei teu amigo*, e *escreverei a vida de D. João de Castro*, quando principio a escrevel-a.

Este futuro tem a força de imperativo, quando exprime um mandato ou uma prohibição, como: *amarás a Deus de todo teu coração, não mentirás*, que valem o mesmo que *ama a Deus de todo teu coração*, e *não mintas*.

10.º FUTURO PERFEITO

Este tempo tambem é um futuro como o antecedente, mas um futuro acabado a respeito de outra coisa futura, como: *á manhã, ao nascer do sol, antes de tu chegares*, terei eu partido. É pois um futuro perfeito relativo, como o presente perfeito e o preterito perfeito; os quaes todos sempre tem dois tempos, um principal, notado pela linguagem do auxiliar *ter*, e outro concomitante, denotado pelo participio perfeito *sido*, que levando comsigo a idéa de uma existencia acabada, esta se não póde dizer tal, senão relativamente a uma época do mesmo tempo, ou presente, ou preterito, ou futuro.

§ V

DOS TEMPOS DO MODO SUBJUNCTIVO

O **subjunctivo** ou *conjunctivo*, é um **modo** pelo qual o verbo enuncia a coexistencia do attributo no sujeito de uma maneira affirmativa, porém indirecta e dependente de outro verbo claro ou occulto que o determina, e sem o qual não faz sentido nem póde estar na oração. Chamam-se subjunctivas estas linguagens, porque são de sua natureza subordinadas a outras, e ligadas com ellas ordinariamente pelo conjunctivo *que*.

É verdade que tambem ha orações indicativas determinadas por outras, e ligadas com estas pelo mesmo conjunctivo *que*, como: *creio que Antonio é vindo*; mas estas não o são de sua natureza, e desligadas das que as prendem ficam absolutas e podem estar sós na oração, como: *Antonio é vindo*. As subjunctivas porém são taes da sua mesma natureza; de sorte que separadas das que as determinam, nenhum sentido fazem, e estão sempre pedindo outra que lhes determine e complete o sentido. N'estas por ex.: *duvido que partas á manhã*; *se partires no outro dia, talvez te possa acompanhar*; as subjunctivas *partas á manhã*, *partires no outro dia*, e *te possa acompanhar*, por si nenhum sentido fazem para poderem estar sós. Este modo não tem mais que *seis* tempos, a saber: *presente*, *preterito* e *futuro*, ou *imperfeitos* e *não acabados*, ou *perfeitos* e *acabados*.

1.º PRESENTE IMPERFEITO

As linguagens *seja*, *haja de ser*, *esteja sendo*, são do tempo presente n'estas orações: *estimo que* sejas *o que és*: *estimo que* estejas *gozando da companhia dos teus*: *espero que teus serviços* hajam *agora* de ser *premiados*. Porém as mesmas linguagens parecem do futuro n'estes logares de João de Barros: *a linguagem portugueza que* tenha *esta gravidade*, *não perderá a força para declarar*, *mover*, *deleitar e exhortar a parte a que se inclina. Assim que, podemos usar de alguns termos latinos que a orelha bem* receba. *Não são todos para isso licenciados, e os que o forem, será em alguns vocabulos que a natureza da nossa linguagem* aceite[1]. Onde as linguagens *tenha*, *receba*, *aceite*, valem por *tiver*, *receber*, *aceitar*.

[1] *Dialogo em louvor da nossa Linguagem*, ed. de Lisboa 1785, a pag. 222 e 225.

A razão d'isto é tirada da natureza mesma dos tempos imperfeitos ou não acabados, cujas existencias são continuadas sem determinação do fim: o que se diz do presente se póde tambem dizer em algum modo do futuro, cujo periodo vem a coincidir com o do presente. Os verbos mesmos de *duvidar, desejar* e *mandar*, que são os unicos que levam os outros verbos ao subjunctivo, tendo sempre por objecto coisas futuras, incertas e contingentes, concorrem muito para isso mesmo.

2.° PRESENTE PERFEITO

Já, se digo: *estimo que* sejas, *ou* tenhas vindo, esta linguagem é tambem um presente, porque falla d'elle e emprega para isso a mesma fórma que acima *sejas, tenhas*: mas é um *presente perfeito*, ou acabado já a respeito da época presente. Por isso não posso dizer a respeito de uma época já passada, e da qual nada resta: *estimo que* tenhas vindo *hontem*, e muito menos de uma futura: *estimo que á manhã* tenhas vindo, mas sim: *estimo que* tivesses vindo *hontem*: *estimarei se á manhã pela manhã* tiveres vindo. O que a este respeito dissemos dos tempos perfeitos relativos do indicativo, é applicavel tambem aos do subjunctivo.

3.° PRETERITO IMPERFEITO

O *preterito imperfeito* do subjunctivo não tem na Lingua Portugueza senão uma unica fórma e terminação, que é em *sse*, como: *fosse, houvesse de ser, estivesse sendo*. A castelhana tem outra que é em *ra*, como: *el queria, ó quiso, ó habia querido que yo* viniera *ó* viniese, *que tu* vinieras *ó* vinieses, *que el* viniera *ó* viniese, etc. E talvez d'aqui procedesse que nossos grammaticos, achando no portuguez a mesma linguagem em *ra*, a collocassem não só no indicativo, mas tambem no subjunctivo, seguindo a analogia da lingua matriz. Porém não reflectiram que se nós dizemos: *elle queria que eu* viesse, já não dizemos como em castelhano: *elle queria que eu* viera.

Este preterito é imperfeito e periodico; e, conforme a natureza d'esta especie de tempos, póde-se dizer não só do tempo passado e do presente, mas ainda do futuro, quando este é determinado por verbos que tem por objecto coisas futuras, como são os de *mandar, desejar, temer* e *duvidar*. Por esta razão, não só dizemos, *eu desejava que elle* chegasse *hontem*, ou *que elle* chegasse *hoje*, mas tambem *que elle* chegasse *á manhã*.

Porém já não posso dizer: *duvidava que elle* chegasse *á manhã*, porque o *duvidar* não demanda de sua natureza um futuro. A linguagem condicional do indicativo é mais propria para dizer: *duvidei se* chegaria *á manhã*. Quando estas linguagens condicionaes são as que determinam as do preterito imperfeito do subjunctivo, como ellas são de todos os tempos, segundo o que atraz dissemos, podem determinar aquellas a um tempo futuro, como: *partiria á manhã, se tu* quizesses; o que, sem hypothese, é o mesmo que *partirei á manhã, se tu* quizeres.

4.º PRETERITO PERFEITO

Já não passa o mesmo com este *tempo*, que tambem é *preterito*, mas *perfeito* e acabado a respeito de outra coisa tambem preterita, como: *se eu* tivesse sido *sciente d'isto, ou* tivesse sabido *isto ha dois dias, teria tomado outra resolução*: *desejei que* tivesses sido presente *ao caso, quando succedeu*, e não *desejei que agora* tivesses sido presente *a este caso*; e muito menos *que á manhã* tivesses sido presente.

Quando as linguagens determinantes são hypotheticas, corre outra regra. Por ex. n'esta frase: *á manhã, a esta hora, teria eu partido, se hoje me não* tivessem embaraçado; a linguagem condicional do preterito perfeito, *teria eu partido*, determina a do preterito perfeito subjunctivo, *se me não tivessem embaraçado*, a uma época presente, qual é a do dia de *hoje*, porém que tem sua extensão, para de parte d'ella, já passada ao tempo em que se falla, se poder dizer: *se hoje até agora me não* tivessem embaraçado, *á manhã a esta mesma hora* teria eu partido.

5.º FUTURO IMPERFEITO

Assim como as linguagens do preterito imperfeito e perfeito do subjunctivo, são as proprias para formarem a condição das linguagens condicionaes do indicativo que as determinam: assim as do *futuro imperfeito* e *perfeito* do mesmo subjunctivo, servem de condicionaes ás do presente e futuro imperfeito e perfeito do indicativo, que são as suas determinantes proprias, como: *se* fores *applicado, aprenderás. Se* houveres de ser *prégador, pratica primeiro o que* houveres de prégar. *Quando* estiveres lendo, *medita no que* leres. As incidentes de futuro contingente, como as acima, *o que houveres de prégar, no que leres*, e outras semelhantes, sempre se fazem com estas linguagens.

Todas estas linguagens são do *futuro imperfeito*, e por isso

se podem tambem dizer de um tempo presente de que ainda resta alguma coisa, como: *se eu* for hoje *ao campo, passarei por tua casa.*

6.º FUTURO PERFEITO

Já este *futuro*, por isso mesmo que é perfeito e acabado, se não póde dizer de um tempo ou periodo, de que ainda resta alguma parte. Elle marca sempre uma coisa futura, porém já finda e acabada a respeito de outra tambem futura, a qual lhe serve de época e termo para mostrar em que tempo a outra já não existia, como por exemplo: *se á manhã a esta hora* tiver chegado a *Lisboa, ainda te poderei ver antes de partires.*

As fórmas regulares d'estes *dois futuros* do subjunctivo são as mesmas que as dos infinitos pessoaes. Para prova d'isto basta ajuntar aos mesmos infinitos a conjuncção *se* para os fazer passar de um modo a outro, como *amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Se,* faz subjunctivo dizendo: *se eu amar, se tu amares,* etc. Não succede ordinariamente o mesmo com os verbos irregulares, como o verbo substantivo e seus auxiliares, que fazendo no infinito *ser, haver de ser, estar sendo, ter sido*; no futuro do subjunctivo fazem *for, houver, estiver, tiver,* e assim outros muitos. Isto mostra que os verbos irregulares tinham ao principio duas fórmas infinitas, as quaes sendo os principaes formativos dos tempos do verbo, não é para admirar que suas conjugações se apartem da regra commum dos verbos regulares, que tem um só infinito por unico gerador de muitos tempos. Mas d'isto teremos occasião de fallar mais a proposito, quando tratarmos de reduzir quanto possivel for os verbos irregulares de nossa Lingua á analogia commum.

§ VI

DOS NUMEROS E PESSOAS DO VERBO

O **verbo** não enuncia a existencia de qualquer attributo e qualidade, senão em uma coisa ou individuo em que exista como em seu sujeito. Este sujeito porém póde ser ou um só ou mais, e d'aqui a necessidade de haver nos tempos dos verbos, terminações que indicassem o numero d'estes sujeitos, que fazem o principal objecto da oração.

Os **numeros** pois do verbo são dois, **singular** e **plural**. O singular indica que o sujeito da oração é um só, como: *eu* sou *amante, tu* estás *amando, elle* ha *de ser amante.* O plural

indica que não é um só, mas muitos os que entram na oração, como: *nós* somos *amantes*, *vós* estaes *amando*, *elles* tem *amado*.

As terminações temporaes, indicativas d'estes numeros, são pela maior parte as letras finaes, a saber: as vogaes para a primeira e terceira pessoa do singular: a consoante liquida *s* para a segunda do singular e primeira e segunda do plural: e os diphthongos nasaes para todas as terceiras pessoas do plural. Esta é a idéa mais geral que se póde dar d'estas terminações numeraes.

O numero dos sujeitos da oração era necessario para a sua verdade; porém a distincção da qualidade dos mesmos por ordem ao papel e figura que fazem no discurso, não o era menos para a sua clareza e intelligencia. Cada numero pois tem tres fórmas differentes, segundo as tres figuras ou personagens que qualquer sujeito póde fazer no discurso; ou *primeira* quer do singular quer do plural, que é aquella que falla, como: *eu* sou *quem fallo*; ou *segunda*, que é aquella com quem se falla, como: *tu* és *com quem* estou *fallando*; ou *terceira*, que é aquella de quem se falla, como: *esse* é *de quem se falla*; e do mesmo modo no plural: *nós* somos, *vós* sois, *elles* são.

As terminações adoptadas para designar estes differentes personagens que figuram no acto da palavra, são as mesmas que as dos numeros, porém com differentes elementos que compôem as syllabas finaes. Geralmente podemos dizer que as vogaes *a*, *e*, *i*, *o*, são as finaes da primeira e terceira pessoa do singular de quasi todos os tempos; que a segunda do mesmo numero acaba sempre em *as* ou *aste*, em *es* ou *este*; que a primeira do plural acaba constantemente em *mos*, a segunda em *aes* ou *astes* em *eis* ou *des*, em *is* ou *des*; e a terceira ou em *am* ou em *em*, segundo a terceira do singular tem *a* ou *e*. O que tudo melhor se verá nos paradigmas das conjugações regulares que poremos adiante, e ainda nos das conjugações irregulares do *verbo substantivo e seus auxiliares*, que passamos a representar.

§ VI

PARADIGMAS DA CONJUGAÇÃO DO VERBO SUBSTANTIVO E SEUS AUXILIARES

MODO INFINITO

IMPESSOAL

Ser. Haver de ser. Estar sendo. Ter sido

PESSOAL

S.	1.ª	Ser.	Haver	Estar	Ter	
	2.ª	Seres.	Haveres	Estares	Teres	
	3.ª	Ser.	Haver	Estar	Ter	
			de Ser.	Sendo.	Sido	
P.	1.ª	Sermos.	Havermos	Estarmos	Termos	
	2.ª	Serdes.	Haverdes	Estardes	Terdes	
	3.ª	Serem.	Haverem	Estarem	Terem	

PARTICIPIO IMPERFEITO

Sendo. Havendo de ser. Estando sendo [1]

PARTICIPIO PERFEITO

Tendo sido [2]

[1] Os participios imperfeitos dos verbos *estar, andar, ir* e *vir,* por isso mesmo que são auxiliares, costumam-se conjugar com os participios imperfeitos de outros verbos, como: *estando sendo convalescente,* ou *estando convalescendo, andando vendo, indo continuando seu caminho, vindo passeando.*

[2] Os quatro participios perfeitos *sido, havido, estado, tido,* nunca se empregam na oração, como os dos verbos adjectivos; mas sempre juntos com o auxiliar *ter*, como *tendo sido, tendo havido, tendo estado, tendo tido.* N'este uso só o primeiro é auxiliar: os outros *havido, estado, tido* ou *teúdo,* como se dizia antigamente, são adjectivos, e por isso auxiliados e não auxiliares.

MODO INDICATIVO

PRESENTE IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Sou[1].	Hei	de Ser.	Estou	Sendo
	2.ª És[2].	Hás		Estás	
	3.ª É.	Há		Está	
P.	1.ª Somos.	Havemos		Estamos	
	2.ª Sôis.	Haveis[3]		Estaes	
	3.ª São.	Hão		Estão	

PRESENTE IMPERFEITO IMPERATIVO

S.	2.ª Sê *tu*.	Está *tu*	Sendo[4]
P.	2.ª Sede *vós*.	Estae *vós*	

PRESENTE PERFEITO

S.	1.ª	Tenho	Sido
	2.ª	Tens	
	3.ª	Tem	
P.	1.ª	Temos	
	2.ª	Tende	
	3.ª	Tem	

[1] Na antiga linguagem, e ainda agora na rustica, se diz *som*, depois se disse *sam*, e na 3.ª do plural *som*.
[2] Antigamente *eres*. V. Bernard. Ribeir. *Menin*. II, 13; Moraes. *Palmeirim*, p. I, cap. 27.
[3] *Havemos, haveis*, contrahem-se muitas vezes em *hemos, heis*.
[4] Vej. pag. 145.

PRETERITO IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Era.	Havia		Estava		
	2.ª Eras.	Havias		Estavas		
	3.ª Era.	Havia		Estava		
P.	1.ª Eramos.	Haviamos	de Ser.	Estavamos	Sendo	
	2.ª Ereis.	Havieis		Estaveis		
	3.ª Era.	Haviam		Estavam		

PRETERITO IMPERFEITO CONDICIONAL

S.	1.ª Seria.	Haveria		Estaria		
	2.ª Serias.	Haverias		Estarias		
	3.ª Seria.	Haveria		Estaria		
P.	1.ª Seriamos.	Haveriamos	de Ser.	Estariamos	Sendo	
	2.ª Serieis.	Haverieis		Estarieis		
	3.ª Seriam.	Haveriamos		Estariam		

PRETERITO PERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª Fui.	Houve		Estive		Tive[1]
	2.ª Fôste.	Houveste		Estiveste		Tiveste
	3.ª Foi.	Houve		Esteve		Teve
P.	1.ª Fômos.	Houvemos	de Ser.	Estivemos	Sendo.	Tivemos
	2.ª Fôstes.	Houvestes		Estivestes		Tivestes
	3.ª Fôram.	Houveram		Estiveram		Tiveram

[1] Este tempo não é do verbo *ter* como auxiliar, mas como activo. Porque dizemos: *logo que tive a coisa feita*, e não *logo que tive feita a coisa*. Vej. pag. 149.

PRETERITO PFRFEITO RELATIVO

S.	1.ª	...........Fôra; Tinha, *ou* Tivera	Sido
	2.ª	...........Fôras; Tinhas, *ou* Tiveras	
	3.ª	...........Fôra; Tinha, *ou* Tivera	
P.	1.ª	...........Fôramos; Tinhamos, *ou* Tiveramos	
	2.ª	...........Fôreis; Tinheis *ou* Tivereis	
	3.ª	...........Fôram; Tinham *ou* Tiveram	

PRETERITO PERFEITO CONDICIONAL

S.	1.ª	...........Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fôra
	2.ª	...........Terias, *ou* Tiveras sido, *ou* Fôras
	3.ª	...........Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fôra
P.	1.ª	...........Teriamos, *ou* Tiveramos sido, *ou* Fôramos
	2.ª	...........Terieis, *ou* Tivereis sido, *ou* Fôreis
	3.ª	...........Teriam, *ou* Tiveram sido, *ou* Fôram

FUTURO IMPERFEITO

S.	1.ª Serei.	Haverei	de Ser.	Estarei	Sendo
	2.ª Serás.	Haverás		Estarás	
	3.ª Será.	Haverá		Estará	
P.	1.ª Seremos.	Haveremos		Estaremos	
	2.ª Sereis.	Havereis		Estareis	
	3.ª Serão.	Haverão		Estarão	

FUTURO PERFEITO

S.	1.ª	..............................Terei	Sido
	2.ª	..............................Terás	
	3.ª	..............................Terá	
P.	1.ª	..............................Teremos	
	2.ª	..............................Tereis	
	3.ª	..............................Terão	

MODO SUBJUNCTIVO

PRESENTE IMPERFEITO

S.	1.ª Seja	Haja	de Ser.	Esteja[1]	Sendo
	2.ª Sejas.	Hajas		Estejas	
	3.ª Seja.	Haja		Esteja	
P.	1.ª Sejamos.	Hajamos		Estejamos	
	2.ª Sejaes.	Hajaes		Estejaes	
	3.ª Sejam.	Hajam		Estejam	

PRESENTE PERFEITO

S.	1.ª	Tenha	Sido
	2.ª	Tenhas	
	3.ª	Tenha	
P.	1.ª	Tenhamos	
	2.ª	Tenhaes	
	3.ª	Tenham	

PRETERITO IMPERFEITO

S.	1.ª Fôsse.	Houvesse	de Ser.	Estivesse	Sendo
	2.ª Fôsses.	Houvesses		Estivesses	
	3.ª Fôsse.	Houvesse		Estivesse	
P.	1.ª Fôssemos.	Houvessemos		Estivessemos	
	2.ª Fôsseis.	Houvesseis		Estivesseis	
	3.ª Fôssem.	Houvessem		Estivessem	

[1] Todos nossos escriptores antigos antes de Camões diziam constantemente *estê, estês, estê, estemos, esteis, estem*. Camões usa a cada passo da mesma fórma. Mas já disse pela primeira vez *esteja, estejaes*, por causa da rima. A fórma antiga ainda subsiste em alguns adagios, ex.: *estê como está*.

PRETERITO PERFEITO

S.	1.ª	Tivesse	Sido
	2.ª	Tivesses	
	3.ª	Tivesse	
P.	1.ª	Tivessemos	
	2.ª	Tivesseis	
	3.ª	Tivessem	

FUTURO IMPERFEITO

S.	1.ª Fôr.	Houver	de Ser.	Estiver	Sendo
	2.ª Fôres.	Houveres		Estiveres	
	3.ª Fôr.	Houver		Estiver	
P.	1.ª Fôrmos.	Houvermos		Estivermos	
	2.ª Fôrdes.	Houverdes		Estiverdes	
	3.ª Fôrem.	Houverem		Estiverem	

FUTURO PERFEITO

S.	1.ª	Tiver	Sido
	2.ª	Tiveres	
	3.ª	Tiver	
P.	1.ª	Tivermos	
	2.ª	Tiverdes	
	3.ª	Tiverem	

ARTIGO III

DO VERBO ADJECTIVO

Se as linguas se contentassem com explicar analyticamente as idéas que o verbo contém, empregando para cada uma sua palavra, não seriam necessarias outras linguagens senão as do verbo substantivo e seus auxiliares, que acabamos de conjugar na taboa antecedente. Ellas satisfazem a todas as precisões da enunciação do pensamento. Basta só ajuntar-lhes os adjectivos expressivos da qualidade ou attributo, que queremos affirmar de qualquer sujeito, para com ellas se formar todo o genero de proposições.

Na voz passiva dos verbos é isto evidente. Ajuntemos a cada uma das linguagens antecedentes o participio passivo de qualquer verbo adjectivo, e sua conjugação passiva se verá formada em um instante, d'este modo no infinito: *ser amado, estar esquecido, haver de ser amado, ter sido amado, sendo amado, tendo sido amado*; e do mesmo modo no indicativo: *sou amado, hei de ser amado, estou sendo amado, estou esquecido, tenho sido amado*; e assim nas mais linguagens por todos os tempos e modos.

Se ás mesmas ajuntarmos o adjectivo verbal activo de qualquer verbo adjectivo, que exprime simplesmente a idéa attributiva que o mesmo verbo significa; achar-se-ha tambem formada de repente a voz activa do mesmo verbo, ainda que analyticamente. Assim bastará accrescentar a cada uma das linguagens antecedentes o adjectivo verbal *amante*, derivado do verbo activo *amo*, para dizer em mais palavras o que elle diz em uma só. *Ser amante, haver de ser amante, estar sendo amante, ter sido amante, sendo amante, tendo sido amante*, é o mesmo que *amar, haver de amar, estar amando, ter amado, amando, tendo amado*; e bem assim: *sou amante, hei de ser amante, estou sendo amante, tendo sido amante*, vale o mesmo que *amo, hei de amar, estou amando, tenho amado*; só com a differença de as primeiras linguagens serem analyticas, e estas syntheticas, isto é, desenvolverem aquellas muitas idéas, que estas envolvem e abrangem em uma só palavra.

Os grammaticos chamam *compostas* as primeiras, e *simples* as segundas, por aquellas constarem de mais palavras, e estas de uma só. Mas fallando nós logica e exactamente, as mais compostas são as mais simples, e as mais simples são as mais compostas; porque estas exprimem separadamente, cada uma de

per si, as idéas elementares que aquellas encerram e apanham em um só vocabulo.

O primeiro cuidado das Linguas, como methodos analyticos, foi o de expressarem, á maneira dos do calculo, todas as idéas simples e elementares de um pensamento por outras tantas palavras, para d'este modo pôr á vista quanto elle continha. Satisfeita esta primeira necessidade da linguagem, que é a da clareza e distincção, passaram depois á segunda, que é a da brevidade e precisão, reduzindo as mesmas idéas á menor expressão possivel, para dar mais volubilidade ao discurso, e facilitar por este modo a comparação rapida de muitos juizos ao mesmo tempo. Chamo a isto *reducção*, tomando dos calculistas este termo.

Um exemplo notavel d'estas reducções e expressões abbreviadas é o verbo adjectivo. Elle apanha em si não só a significação de existencia, propria ao verbo substantivo, com todas as suas modificações de modos, tempos, numeros, e pessoas, mas ajunta-lhe além d'isso a idéa adjectiva de uma qualidade ou attributo, com a qual completa tudo o que necessario é para qualquer oração.

Para perceber isto melhor, dividamos qualquer verbo adjectivo em dois membros, partindo-o pelas suas terminações em *ar*, *er* e *ir*, d'este modo: *am-ar*, *tem-er*, *ouv-ir*. O primeiro membro, quer conste de uma, quer de mais syllabas, quer de uma letra só, é a parte *radical*, e a unica propria do verbo adjectivo, pela qual elle exprime a qualidade, ou acção, que affirma da pessoa ou pessoas que são o sujeito ou agente da linguagem. *Am*, por ex., *tem* e *ouv*, servem de outros tantos adjectivos, equivalentes aos verbaes *am-ante*, *tem-ente*, *ouv-inte*. Esta parte radical e adjectiva é sempre a mesma e invariavel em todos os tempos do verbo; porque exprime a mesma qualidade que elle, constantemente, desde o principio até o fim, enuncia das pessoas que actuam na oração.

A segunda porém, que é a terminação em *ar*, ou *er*, ou *ir*, na qual está toda a força do verbo substantivo, e que, se póde dizer, é o mesmo verbo transformado, esta varía de continuo, e toma, como elle, todas as fórmas necessarias para exprimir a coexistencia da dita qualidade nas pessoas, de quem a enuncía por differentes modos, e com relação a certos tempos, numero e qualidade das pessoas.

Na primeira parte pois do verbo adjectivo é que consiste toda a sua propriedade, pertencendo todo o resto ao verbo substantivo, do qual é uma reducção e expressão abbreviada. Por ordem pois áquella primeira parte adjectiva, é que o verbo adjectivo se divide em varias especies, segundo a significação d'aquella primeira parte é ou *absoluta* ou *relativa*.

Se ella exprime uma qualidade, estado, ou acção, que fica no mesmo sujeito do verbo, sem pedir objecto algum ou termo em que passe, o verbo adjectivo chama-se então **intransitivo,** como são todos os dos versos seguintes de Camões[1]:

Salta, corre, sibila, acena e *brada.*
Arde, morre, blasfema e *desatina.*

E os do primeiro verso d'este terceto de Ferreira[2]:

Se *ris,* s'*estudas, velas, andas, dormes,*
Não receba do corpo o sprito dano,
Nem todo em puro sprito te transformes.

Se porém a significação do verbo é relativa, ou porque exprime uma acção que pede depois de si um objecto em que se exercite, ou uma qualidade que pede um termo a que se dirija, chama-se então **transitivo,** que póde ser ou *activo só,* ou *relativo só,* ou *activo* e *relativo* ao mesmo tempo. Assim, *amo* é um verbo transitivo activo só; *dependo* é transitivo relativo só, e *dou* é transitivo activo, e ao mesmo tempo relativo.

É facil distinguir os verbos intransitivos dos transitivos; porque aos primeiros nunca se póde ajuntar a pergunta *a quem,* ou *o que?* e os segundos não só a soffrem mas pedem-a. Por ex.: *Amo. A quem? a Deos.—Estimo. O que? a virtude.—Pertence. A quem? a mim.—Dou. O que? um livro. A quem? a Pedro.* Quando porém digo: *brinco, salto, corro*; ninguem tem direito para me perguntar *o que?* ou *a quem?*

Esta divisão geral do verbo adjectivo é mais conforme á rasão grammatical, e usos de nossa Lingua, do que a vulgar adoptada sem maior exame das Grammaticas Latinas, que dividem o verbo adjectivo em *activo, passivo,* e *neutro.* A Lingua Portugueza não tem verbos passivos para poderem entrar n'esta divisão: e onde não ha verbos passivos não póde haver tambem verbos neutros, que são os que não são nem activos nem passivos.

O mais acertado é dar ao verbo transitivo tres *vozes,* ou maneiras, pelas quaes sua acção póde ser exercitada. Pois ou o sujeito da oração produz uma acção que outro recebe, e este modo de a exercitar se chama *voz activa,* como *amo a Deus*; ou o sujeito da oração recebe uma acção que outro produz, e

[1] *Lus.* Cant. I, est. 88, e VI est. 6.
[2] *Poem.* Liv. I, cant. XI.

é *voz passiva*, como: *Deus é amado por mim*; ou emfim o sujeito que produz a acção a recebe tambem em si, e é a *voz média*, ou *reflexa*, como: *eu me amo, tu te amas, elle se ama*. D'estas tres vozes trataremos depois em §§ separados.

Á significação do verbo adjectivo, assim *intransitivo*, como *transitivo*, pertence tambem a divisão do mesmo em *frequentativo* e *não frequentativo*. Os frequentativos, rigorosamente taes, são os que denotam a repetição frequente da acção significada de seus primitivos, como: *choramigar, choviscar, espicaçar, espesinhar*, etc. Mas d'estes ha poucos.

Para supprir sua falta usamos muitas vezes do verbo *andar*, como auxiliar, com os participios imperfeitos dos verbos que queremos fazer frequentativos, como: *ando cuidando, ando lendo*, etc. Assim como para os fazer *inchoativos*, nos servimos do mesmo modo do verbo *ir*, como auxiliar: v. gr. *vou aquecendo, vou aproveitando*, etc.

A divisão dos verbos em *pessoaes* e *impessoaes*, e em *simples* e *compostos*, já não pertence tanto á sua significação quanto á sua conjugação, e ao material do vocabulo. Chamam-se verbos *pessoaes* aquelles que se usam em todas as pessoas de ambos os numeros, como *bastar, cumprir, haver, parecer, relevar, ser*, e infinitos outros. Mas estes mesmos e outros passam a impessoaes, quando se empregam só nas terceiras pessoas do singular indeterminadamente, sem expressar o sujeito, como: *a mim* convém *dar doutrina, a ti* releva *aprender sciencia, aos homens* apraz *ter dinheiro, ás mulheres* cumpre *honestidade, e a todos obedecer aos preceitos da Egreja*[1].

Os verdadeiros impessoaes são aquelles que se não usam nunca na terceira pessoa do singular, como: *amanhece, anoitece, chove, neva, orvalha, troveja* ou *trovóa, venta*, etc., que pela maior parte se subentendem: ás vezes porém se expressam, como: *se amanhece* o *sol, a todos aquenta*; e *se chove* o *ceo, a todos molha*.

Verbos *simples* são os que não tem senão uma parte elementar da oração, como: *dizer, fallar, ouvir*, etc. A esta classe pertencem todos os verbos da nossa Lingua derivados de nomes com o additamento de *a* ou *em* no principio, como são: de *prompto, apromptar*; de *manso, amansar*; de *pedra, apedrejar*; de *noite, anoitecer*; de *proveito, aproveitar*; de *puro, apurar*; de *magro, emmagrecer*; de *grande, engrandecer*, etc. Os quaes todos são simples, e não compostos. Porque a verdadeira composição é quando se ajunta a preposição a um verbo simples, o que não ha n'estes: pois não ha *proveitar*, nem *magrecer*, para

[1] Barros. *Gramm.* pag. 156.

se dizer que se compôem com a proposição *a* por *ad*, ou com *em* por *in*.

Verbos *compostos* são os que se compôem de duas partes elementares da oração, ou seja um nome e o verbo, como: *maniatar*, *manobrar*, *manter*, *rarefazer*, *tresdobrar*; ou seja um adverbio e o verbo, como: *bemquerer*, *mallograr*, *menospresar*, *menoscabar*; ou seja de uma preposição, que por si tenha significação na nossa Lingua, e do verbo simples, como: *antever*, *contraminar*, *entreconhecer*, *sobscrever*, *socavar*, *sobresair*, *transmontar*; ou emfim da particula portugueza, *des*, que é privativa, como: *desfazer*, *desobrigar*, *desservir*, etc.

De qualquer modo que o verbo assim se ache composto, com tanto que elle e a palavra da composição sejam da Lingua Portugueza, póde-se chamar composto propriamente. São por tanto verbos compostos, mas impropriamente assim ditos, todos os que em grande numero nos vieram da lingua latina, da qual os tomamos inteiros, e compostos já com as preposições da mesma lingua, como: *affligir*, *affeiçoar*, *exhortar*, etc. N'esta conta devem entrar os que sendo portuguezes, quando simples, tomam a composição das preposições puramente latinas, como: *retalhar*, *retornar*, *transplantar*, *transtornar*, e outros semelhantes.

§ I

CONJUGAÇÃO DO VERBO ADJECTIVO EM SUA VOZ ACTIVA

A **conjugação** do verbo póde ser **regular** ou **irregular**. É regular, quando segue a regra commum da formação dos tempos; e irregular, quando ou em tudo ou em parte se aparta d'esta regra. A Lingua Portugueza tem só *tres* conjugações regulares, que são em *ar*, *er*, e *ir*, como: *amar*, *entender*, *applaudir*. Os que accrescentam uma quarta em *or*, por causa do verbo *pôr* e seus compostos, deveriam reflectir que este verbo é irregular, e que por consequencia não devia entrar nas conjugações regulares; que a entrar deveria ter o seu logar na segunda conjugação em *er*; pois que *pôr* não é se não uma contracção de *poer*, como diziam nossos antigos, e do que ainda ha restos nos adjectivos verbaes *poente*, *depoente*, *oppoente*, etc.

Chamam-se regulares estas tres conjugações, porque seus verbos tem certas letras radicaes ao principio, as quaes não se mudam nunca, nem alteram em qualquer modo, tempo, numero, ou pessoa que seja (á excepção de algumas mudanças meramente orthographicas): e bem assim certas terminações, que ainda que

sejam proprias de cada pessoa, são comtudo communs a todos os verbos pertencentes á mesma conjugação.

As letras radicaes dos verbos regulares são as que precedem as tres terminações do infinito em *ar*, *er*, e *ir*. Assim, em os verbos *amar*, *entender* e *applaudir*, as radicaes são *am*, *entend* e *applaud*. As terminações das pessoas são aquellas que estão depois das letras radicaes, as quaes sendo differentes em cada uma das tres conjugações, são comtudo as mesmas em todos os verbos regulares pertencentes a cada uma d'ellas. Os verbos que não guardam esta regra, assim da identidade das radicaes, como da uniformidade das terminações, chamam-se por isso *irregulares*, como se verá adiante.

Postos estes principios, será facil formar os tempos, e conjugar os verbos regulares só com lhes tirar do infinito as ultimas syllabas *ar*, *er*, *ir*; e accrescentar ás que restam as terminações que na taboa seguinte dos paradigmas pômos separadas com uma risquinha.

N'ella não deveriamos metter outros tempos se não os simples, que á excepção dos preteritos perfeitos, absoluto e relativo do indicativo, todos são imperfeitos. Porque os tempos perfeitos quasi todos são, na Lingua Portugueza, compostos do auxiliar *ter*, e do participio perfeito, ou do verbo substantivo ou do verbo adjectivo, que contém em si o mesmo participio substantivo, com o proprio adjectivo verbal, e cujos exemplos já ficam dados atraz nas linguagens do verbo substantivo e seus auxiliares.

Comtudo, para completar todo o systema dos tempos regulares, e dar um exemplo da reducção que os mesmos verbos adjectivos fazem do participio perfeito do verbo substantivo e do adjectivo verbal proprio, em um só vocabulo, poremos tambem na sua ordem os tempos perfeitos compostos, na maneira seguinte:

PARADIGMAS DAS TRES CONJUGAÇÕES REGULARES DO VERBO ADJECTIVO EM SUA VOZ ACTIVA

	I CONJUGAÇÃO	II CONJUGAÇÃO	III CONJUGAÇÃO

MODO INFINITO

IMPESSOAL

Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir

PESSOAL

S.	1.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir
	2.ª	Am-ares.	Entend-eres.	Applaud-ires
	3.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir
P.	1.ª	Am-armos.	Entend-ermos.	Applaud-irmos
	2.ª	Am-ardes.	Entend-erdes.	Applaud-irdes
	3.ª	Am-arem.	Entend-erem.	Applaud-irem

PARTICIPIO IMPERFEITO

Am-ando.	Entend-endo.	Applaud-indo

PARTICIPIO PERFEITO

Tendo { Am-ado / Entend-ido / Applaud-ido

MODO INDICATIVO

PRESENTE IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª	Am-o.	Entend-o.	Applaud-o
	2.ª	Am-as.	Entend-es.	Applaud-es
	3.ª	Am-a.	Entende.	Applaud-e
P.	1.ª	Am-amos.	Entend-emos.	Applaud-imos
	2.ª	Am-aes.	Entend-eis.	Applaud-is
	3.ª	Am-am.	Entend-em.	Applaud-em

PRESENTE IMPERFEITO IMPERATIVO

S.	2.ª	Am-a *tu.*	Entend-e *tu.*	Applaud-e *tu*
P.	2.ª	Am-ae *vós.*	Entend-ei *vós.*	Applaud-i *vós*

PRESENTE PERFEITO

S.	1.ª	Tenho	Am-ado.	Entend-ido.	Applaud-ido
	2.ª	Tens			
	3.ª	Tem			
P.	1.ª	Temos			
	2.ª	Tendes			
	3.ª	Tem			

PRETERITO IMPERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª	Am-ava.	Entend-ia.	Applaud-ia
	2.ª	Am-avas.	Entend-ias.	Applaud-ias
	3.ª	Am-ava.	Entend-ia.	Applaud-ia
P.	1.ª	Am-avamos.	Entend-iamos.	Applaud-iamos
	2.ª	Am-aveis.	Entend-ieis.	Applaud-ieis
	3.ª	Am-avam.	Entend-iam.	Applaud-iam

PRETERITO IMPERFEITO CONDICIONAL

S.	1.ª	Am-aria.	Entend-eria.	Applaud-iria
	2.ª	Am-arias.	Entend-erias.	Applaud-irias
	3.ª	Am-aria.	Entend-eria.	Applaud-iria
P.	1.ª	Am-ariamos.	Entend-eriamos.	Applaud-iriamos
	2.ª	Am-arieis.	Entend-erieis.	Applaud-irieis
	3.ª	Am-ariam.	Entend-eriam.	Applaud-iriam

PRETERITO PERFEITO ABSOLUTO

S.	1.ª	Am-ei.	Entend-i.	Applaud-i
	2.ª	Am-aste.	Entend-este.	Applaud-iste
	3.ª	Am-ou.	Entend-eu.	Applaud-iu
P.	1.ª	Am-ámos.	Entend-emos.	Applaud-imos
	2.ª	Am-astes.	Entend-estes.	Applaud-istes
	3.ª	Am-aram.	Entend-eram.	Applaud-iram

PRETERITO PERFEITO RELATIVO

S.	1.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira
	2.ª	Am-aras.	Entend-eras.	Applaud-iras
	3.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira
P.	1.ª	Am-aramos.	Entend-eramos.	Applaud-iramos
	2.ª	Am-areis.	Entend-ereis.	Applaud-ireis
	3.ª	Am-aram.	Entend-eram.	Applaud-iram

ou

S.	1.ª	Tinha, *ou* Tivera	Ama-do. Entend-ido Applaud-ido
	2.ª	Tinhas, *ou* Tiveras	
	3.ª	Tinha, *ou* Tivera	
P.	1.ª	Tinhamos, *ou* Tiveramos	
	2.ª	Tinheis, *ou* Tivereis	
	3.ª	Tinham, *ou* Tiveram	

PRETERITO PERFEITO CONDICIONAL

S.......	1.ª Teria, *ou* Tivera 2.ª Terias, *ou* Tiveras 3.ª Teria, *ou* Tivera	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido
P.......	1.ª Teriamos, *ou* Tiveramos 2.ª Terieis, *ou* Tivereis 3.ª Teriam, *ou* Tiveram.	

ou

S.......	1.ª Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira
	2.ª Am-aras.	Entend-eras.	Applaud-iras
	3.ª Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira
P.......	1.ª Am-aramos.	Entend-eramos.	Applaud-iramos
	2.ª Am-áreis.	Entend-êreis.	Applaud-ireis
	3.ª Am-aram.	Entend-eram.	Applaud-iram

FUTURO IMPERFEITO

S.......	1.ª Am-arei.	Entend-erei.	Applaud-irei
	2.ª Am-arás.	Entend-erás.	Applaud-irás
	3.ª Am-ará.	Entend-erá.	Applaud-irá
P.......	1.ª Am-aremos.	Entend-eremos.	Applaud-iremos
	2.ª Am-areis.	Entend-ereis.	Applaud-ireis
	3.ª Am-arão.	Entend-erão.	Applaud-irão

FUTURO PERFEITO

S.......	1.ª Terei 2.ª Terás 3.ª Terá	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido
P.......	1.ª Teremos 2.ª Tereis 3.ª Terão	

MODO SUBJUNCTIVO

PRESENTE IMPERFEITO

S.	1.ª	Am-e.	Entend-a.	Applaud-a
	2.ª	Am-es.	Entend-as.	Applaud-as
	3.ª	Am-e.	Entend-a.	Applaud-a
P.	1.ª	Am-emos.	Entend-amos.	Applaud-amos
	2.ª	Am-eis.	Entend-aes.	Applaud-aes
	3.ª	Am-em.	Entend-am.	Applaud-am

PRESENTE PERFEITO

S.	1.ª	Tenha	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido
	2.ª	Tenhas	
	3.ª	Tenha	
P.	1.ª	Tenhamos	
	2.ª	Tenhaes	
	3.ª	Tenham	

PRETERITO IMPERFEITO

S.	1.ª	Am-asse.	Entend-esse.	Applaud-isse
	2.ª	Am-asses.	Entend-esses.	Applaud-isses
	3.ª	Am-asse.	Entend-esse.	Applaud-isse
P.	1.ª	Am-assemos.	Entend-essemos.	Applaud-issemos
	2.ª	Am-asseis.	Entend-esseis.	Applaud-isseis
	3.ª	Am-assem.	Entend-essem.	Applaud-issem

PRETERITO PERFEITO

S.......	1.ª Tivesse 2.ª Tivesses 3.ª Tivesse	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido
P.......	1.ª Tivessemos 2.ª Tivesseis 3.ª Tivessem	

FUTURO IMPERFEITO

S.......	1.ª Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir
	2.ª Am-ares.	Entend-eres.	Applaud-ires
	3.ª Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir
P.......	1.ª Am-armos.	Entend-ermos.	Applaud-irmos
	2.ª Am-ardes.	Entend-erdes.	Applaud-irdes
	3.ª Am-arem.	Entend-erem.	Applaud-irem

FUTURO PERFEITO

S.......	1.ª Tiver 2.ª Tiveres 3.ª Tiver	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido
P.......	1.ª Tivermos 2.ª Tiverdes 3.ª Tiverem	

ADVERTENCIA SOBRE A FÓRMA ANTIQUADA DE ALGUMAS D'ESTAS LINGUAGENS

Na primeira linguagem antiga desde elrei D. Affonso Henriques até elrei D. Diniz, e ainda algum tempo depois, eram differentes as terminações das segundas pessoas do plural n'estas linguagens, pois em logar de *i*, prepositiva de todos os diphthongos finaes por que acabam estas segundas pessoas, substituiam um *de*, como nos versos de Egas Moniz Coelho á sua dama: *Amademe*, se *queredes*, em vez de *Amai-me*, se *quereis*. D'estas fórmas ainda ficou resto nas segundas pessoas do plural do futuro imperfeito do subjunctivo, e nas dos infinitos pessoaes, como: *amàrdes, entenderdes, applaudirdes*. Para facilitar a intelligencia dos manuscriptos mais antigos, damos aqui exemplo d'estas linguagens.

Amais.......Amades. *Temeis*......Temedes
Amai.......Amade. *Temei*.......Temede
Amaveis.....Amavedes. *Temieis*......Temiedes
Amarieis....Amariedes. *Temerieis*....Temeriedes
Amastes.....Amastedes. *Temestes*.....Temestedes
Amáreis.....Amáredes. *Teméreis*.....Temêredes
Amarêis.....Amarêdes. *Temerêis*....Temerêdes
Ameis.......Amedes. *Temais*......Temades
Amasseis....Amassedes. *Temèsseis*....Temessedes

Partis.......Partides
Parti........Partide
Partieis......Partiedes
Partirieis....Partiriedes
Partistes.....Partistedes
Partireis.....Partiredes
Partirêis.....Partirêdes
Partais......Partades
Partisseis....Partissedes

§ II

CONJUGAÇÃO DO VERBO ADJECTIVO EM SUA VOZ PASSIVA

O verbo adjectivo não tem na Lingua Portugueza linguagem simples para a voz passiva, como tem para a activa. Assim não se póde dizer que tem verbos passivos, como tinham os gregos e romanos, que expressavam esta voz com as mesmas linguagens simples da activa, dando-lhes só differentes caracteristicas e terminações: como de τιω, *eu honro*, faziam τιομαι, *eu sou honrado*; de αμο *eu amo*, faziam αμορ, *eu sou amado*.

Mas se não tem verbos passivos, nem por isso deixa de ter voz passiva, isto é, uma fórma de expressão que o verbo adjectivo toma para indicar que o sujeito da oração não é já o agente, como na voz activa, mas o paciente da acção. Ora para isto basta-lhe só uma linguagem simples, que é a do participio perfeito passivo, declinado por generos e por numeros, d'este modo:

S.....	M.	Am-ado.	Entend-ido.	Applaud-ido
	F.	Am-ada.	Entend-ida.	Applaud-ida
P.....	M.	Am-ados.	Entend-idos.	Applaud-idos
	F.	Am-adas.	Entend-idas.	Applaud-idas

Com estes participios passivos, que contém em si toda a força da significação propria do verbo adjectivo, e com o subsidio das linguagens do verbo substantivo e seus auxiliares, consegue nossa Lingua dar voz passiva a qualquer verbo adjectivo, ainda com mais riqueza e variedade do que faziam a grega e a latina, que tendo verbos passivos, nem por isso deixavam de usar em certos tempos d'estas mesmas linguagens, compostas dos participios passivos com o verbo substantivo, ou por necessidade ou para maior clareza.

Assim, para conjugar qualquer verbo adjectivo em sua voz passiva, não é preciso mais do que ajuntar estes participios passivos no genero e numero competente a todos os modos, tempos, numeros e pessoas do verbo substantivo e seus auxiliares, cujas conjugações demos no § VII do artigo antecedente, dizendo, por exemplo, no infinito:

Ser Haver de ser Ter sido Sendo Havendo de ser Tendo sido	Amad	o. a. os. as.	Entendid	o. a. os. as.	Applaudid	o a os as

E no indicativo do mesmo modo:

S.	1.ª Sou	Hei de ser	Tenho sido	Amad-o, a
	2.ª És	Has de ser	Tens sido	Entendid-o, a
	3.ª É	Ha de ser	Tem sido	Applaudid-o, a
P.	1.ª Somos	Havemos de ser	Temos sido	Amad-os, as
	2.ª Sois	Haveis de ser	Tendes sido	Entendid-os, as
	3.ª São	Hão de ser	Tem sido	Applaudid-os, as

E assim em todos os mais tempos d'este e dos outros modos, que é escusado aqui pôr por extenso.

Além d'esta voz passiva ordinaria e geral, feita do verbo substantivo e seus auxiliares com os participios perfeitos passivos, ha outro modo particular mais breve de formar a voz passiva das terceiras pessoas, principalmente quando os sujeitos das linguagens são coisas inanimadas, que é ajuntar o reciproco *se* ás terceiras pessoas, tanto do singular como do plural do verbo adjectivo, d'este modo: *n'este paiz* estima-se *a virtude*, e premêa-se *o merecimento. Isto* entende-se *muito bem. Quando as guerras são justas*, applaudem-se *as victorias*; onde *estima-se, premêa-se, entende-se, applaudem-se*, estão em logar de *é estimada, é premiada, é entendido, são applaudidas*.

O auxiliar *estar*, como exprime uma existencia persistente e continuada, é mais proprio para dar a passiva dos verbos intransitivos, que significam um estado ou qualidade permanente no sujeito da proposição, juntando-se-lhe os participios passivos dos mesmos verbos, como: *estou quieto, estou parado, estou morto, estou vivo, estou descançado*, etc.

Ainda com os verbos transitivos, quando se quer exprimir um estado passivo e não uma paixão passageira, é preferivel o auxiliar *estar* ao verbo substantivo *ser*. Se por ex. fallo de uma

coisa que não só foi escripta, mas ainda persiste tal, devo usar do verbo *estar*, e não do verbo *ser*, como: está escripto *na lei e nos prophetas*. *No padrão* estava escripto. Os latinos davam ambas estas duas accepções ao seu verbo *sum, es, fui*; e nossos bons escriptores tambem ao verbo *ser*, como: *á manhã* serei *comvosco*, serei *em Lisboa*, i. e. *estarei*.

Mais. Quando os participios passivos dos verbos adjectivos tem tambem significação activa, bem que intransitiva, como n'estes: *agoniado, arriscado, arrecadado, calado, desenganado, desmaiado*, e outros muitos; se se conjugam com o verbo *ser*, exprimem mais uma qualidade habitual do que um estado de paixão passageiro, para o que é mais proprio o verbo *estar*. D'aqui a differença d'estas expressões: *este homem é* agoniado, *ou* está agoniado. *Esta empresa* é arriscada, *ou* está arriscada. *Eu* sou calado, *ou* estou calado. *Este* é *um homem* desenganado, *ou* está desenganado. A *côr* é desmaiada, *ou* está desmaiada, etc.

§ III

CONJUGAÇÃO DO VERBO ADJECTIVO EM SUA VOZ MÉDIA OU REFLEXA

Entre os modos de exercitar a acção do verbo, ou produzindo-a em outro, ou recebendo-a produzida por elle, tem o meio, o produzil-a e recebel-a em si mesmo: por ex. *eu me amo, tu te entendes, elle se applaude*. Esta é a *voz média*, para a qual os gregos tinham uma fórma e terminação propria e differente da activa e passiva em alguns tempos.

Os latinos não tinham para isto fórma alguma especial, nem tambem nós. Porém elles e nós tambem supprimol-a com os pronomes da mesma pessoa do verbo, postos antes, ou depois d'elle, ou no meio, como: *eu me amo, eu entendo-me, applaudir-me-hei*. D'aqui veiu chamarem-se os verbos assim construidos *pronominaes*, e tambem *reflexos* ou *reciprocos*, porque os agentes da oração reflectem e fazem recair sobre si a mesma acção que produzem, exercitando-a e recebendo-a ao mesmo tempo.

Alguns grammaticos porém fazem distincção d'estes nomes. Chamam *pronominaes* aquelles verbos que nunca se conjugam sem os dois pronomes da mesma pessoa, dos quaes temos muitos em nossa Lingua, como são: *abster-se, arrepender-se, atrever-se, apegar-se, compadecer-se, descuidar-se, esquecer-se, gloriar-se, jactar-se, queixar-se*, etc. A estes pertencem tambem certos verbos, que sem mudança na significação, umas vezes ad-

mittem pronomes e outras não, como: *adormecer* e *adormecer-se*, *ajoelhar* e *ajoelhar-se*, *casar* e *casar-se*, *partir* e *partir-se*, *sair* e *sair-se*, etc.

Chamam *reciprocos* aos que com os mesmos pronomes exprimem uma acção reciproca entre duas ou mais pessoas, o que se faz de dois modos; ou pondo o verbo no singular, e exprimindo a segunda pessoa com a preposição *com*, v. gr.: *escrevo-me com Antonio*, *communica-se com João*; ou pondo o verbo no plural com o pronome da mesma pessoa, e ajuntando-lhe, para tirar toda a equivocação, as palavras *um a outro*, *entre si*, *mutuamente*, como: *abraçaram-se um ao outro*, *saudámo-nos mutuamente*. *É grande companheira da oração a leitura dos livros devotos*: dão-se *as mãos e* ajudam-se *muito bem* uma a outra [1].

> *As artes* entre si se communicam,
> *Cada* uma *ajuda* a outra *em seu officio* [2].

Chamam finalmente *reflexos* ou *reflexivos* aos verbos verdadeiramente activos, cujos agentes fazem recair sobre si mesmos, por meio dos pronomes de sua mesma pessoa, a acção que produzem, como:

S.	1.ª	Eu me Amo.	Eu Entendo-me.	Applaudir-me-ei
	2.ª	Tu te Amas.	Tu Entendes-te.	Applaudir-te-ás
	3.ª	Elle se Ama.	Elle Entende-se.	Applaudir-se-á
P.	1.ª	Nós nos Amamos.	Nós Entendemos-nos.	Applaudir-nos-emos
	2.ª	Vós vos Amaes.	Vós vos Entendeis.	Applaudir-vos-eis
	3.ª	Elles se Amam.	Elles se Entendem.	Applaudir-se-ão

Julgam alguns grammaticos impropria para estes verbos a denominação de *reflexos*. Porque (dizem elles) para isto seria necessario que significassem a acção de dois agentes, um dos quaes fosse o unico motor d'ella, e o outro a recebesse e immediatamente a rechaçasse ou despedisse de si: pois, sendo esta a reflexão physica e real, com ella deveria ter correspondencia a reflexão metaphorica d'estes verbos, qual não tem. Pois n'elles não ha mais que uma só pessoa ou agente, e uma só acção que recae sobre a mesma pessoa, a qual a recebe e não a repelle de si.

[1] Sousa. *Vid. de D. fr. Barth.*
[2] Ferreira. *Poem.* II.

Mas, para se usar de um termo mataphorico, não é necessario que a semelhança entre o semelhante e o assemelhado seja inteiramente exacta e perfeita. Um corpo impellido e repercutido por outro, torna sobre si para quem o impelliu. Eis aqui a *reflexão physica*. Uma acção produzida pelo agente da oração, faz-se voltar outra vez sobre o mesmo agente por meio dos pronomes. Eis aqui a *reflexão metaphorica*. Ainda que não haja repercussão, não ha por ventura bastante semelhança para estes verbos se poderem chamar *reflexos?* Mas, a não querer que se lhes dê este nome, dê-se-lhes o de *médios*, termo já consagrado pelos grammaticos gregos para significar a *voz* que tem o meio entre a activa e a passiva, pela qual a acção do agente se fazia recair sobre elle mesmo.

Á excepção da fórma exterior, esta *voz média* dos nossos verbos corresponde quasi exactamente á dos gregos. Estes se serviam d'ella não só para fazer reflectir a acção sobre o agente, mas tambem em sentido passivo. Os nossos verbos reflexos tem egualmente esta significação passiva nas terceiras pessoas de um e outro numero, quando o sujeito do verbo é um nome de coisas inanimadas, como: *muitas vezes* se perde *por perguiça o que* se ganha *por justiça*; e *as coisas* estimam-se *pelo que valem e não pelo que custam.*

Algumas vezes mesmo, bem que mais raras, tem a dita significação passiva, ainda quando o sujeito é nome de pessoas como: *no juizo de Deus até um ladrão* se salva, *no juizo, dos homens S. João Baptista* se condemna.

Porém o que mais importa saber é em que logar se hão de collocar estes pronomes, se depois do verbo, se antes d'elle, se no meio do mesmo, a respeito do que podem-se seguir as regras seguintes.

1.ª Que nos tempos simples, em cuja primeira pessôa do plural o accento nunca passa para traz da penultima, é coisa indifferente pôr d'antes ou depois do verbo o pronome, não havendo n'isto alguma cacophonia ou equivoco. Assim póde-se dizer, egualmente bem: *eu louvo-me* ou *eu me louvo, tu louvas-te* ou *tu te louvas, elle se louva* ou *elle louva-se, nós louvamos-nos* ou *nós nos louvamos, elles louvam-se* ou *elles se louvam.*

Mas para evitar a cacophonia ou dissonancia nascida da collisão das consoantes asperas, já não fica bem dizer: *vós louvaes-vos*, mas deve-se dizer: *vós vos louvaes.* E para evitar o equivoco que póde haver entre o presente imperativo e o presente subjunctivo, n'aquelle vae o pronome adiante: *louva-te tu, louvae-vos vós*; e n'este atraz: *eu me louve, tu te louves, elle se louve*, etc.

Nos tempos compostos do auxiliar *haver* e dos infinitos do

verbo adjectivo, o pronome póde, ou preceder áquelle, ou seguir-se a estes: *eu me hei de louvar*, ou *hei de louvar-me*; nos compostos porém dos auxiliares *estar*, *ter*, e dos participios, o pronome nunca vae depois d'estes, mas sempre com os auxiliares, ou d'antes: *eu me estou louvando*, ou d'antes e depois: *eu me tenho louvado* ou *tenho-me louvado*. Em todas as proposições condicionaes, quer do indicativo quer do subjunctivo, o pronome sempre vae antes do verbo *se eu me amo, se eu me amar*.

2.ª Nos tempos em que o accento da primeira pessoa do plural passa á antepenultima, o pronome sempre deve preceder; porque, como elle sempre é enclitico n'esta especie de conjugação, se se posesse adiante, viria a ficar o accento antes da antepenultima na primeira pessoa do plural, d'este modo: *amavamos-nos, amaramos-nos, amariamos-nos, amassemos-nos*. Devemos por tanto dizer: *eu me amava, tu te amáras, elle se amaria, nós nos amassemos, vós vos amaveis, elles se amariam.*

3.ª Nas linguagens condicionaes, e nas do futuro imperfeito do indicativo, é elegante metter o pronome no meio, entre a fórma primitiva em *ar*, *er*, *ir*, e a terminação final do modo seguinte.

S.	1.ª	Amar-me-ia.	Enterder-me-ia.	Applaudir-me-ia
	2.ª	Amar-te-ias.	Entender-te-ias.	Applaudir-te-ias
	3.ª	Amar-se-ia.	Entender-se-ia.	Applaudir-se-ia
P.	1.ª	Amar-nos-iamos.	Entender-nos-iamos.	Applaudir-nos-iamos
	2.ª	Amar-vos-ieis.	Entender-vos-ieis.	Applaudir-vos-ieis
	3.ª	Amar-se-iam.	Entender-se-iam.	Applaudir-se-iam
S.	1.ª	Amar-me-ei.	Entender-me-ei.	Applaudir-me-ei
	2.ª	Amar-te-ás.	Entender-te-ás.	Applaudir-te-ás
	3.ª	Amar-se-á.	Entender-se-á.	Applaudir-se-á
P.	1.ª	Amar-nos-emos.	Entender-nos-emos.	Applaudir-nos-emos
	2.ª	Amar-vos-eis.	Entender-vos-eis.	Applaudir-nos-eis
	3.ª	Amar-se-ão.	Entender-se-ão.	Applaudir-se-ão

Esta singularidade tem feito duvidar, se por ventura estas linguagens são simples, como se representam na conjugação da voz activa, pronunciando-se e escrevendo-se de junto *amaria*,

amarei; ou compostas dos infinitos *amar*, *entender*, *applaudir*, com o verbo auxiliar *hia* contrahido de *havia* e do presente *hei*, como quem dissesse *havia de amar*, *hei de amar*, como aqui se representam; e se por consequencia se devem escrever com *h* á maneira das mais linguagens do verbo *haver*, ou sem elle. O uso porém, e orthographia de nossos antigos escriptores auctorisa uma e outra opinião, escrevendo elles estas linguagens, já de junto sem *h*, já separados com elle.

Como as terceiras pessoas d'estes verbos médios se tomam a cada passo em sentido passivo, para tirar o equivoco, e mostrar que são reflexas, se faz muitas vezes preciso ajuntar ao pronome *se*, caso ou complemento objectivo, o caso terminativo do mesmo pronome com a preposição, dizendo: *a si mesmos*, etc. Por exemplo: *este homem reputa-se sabio*, *estes homens chamam-se sabios*, póde ter dois sentidos, um passivo em logar de *é reputado*, *são chamados*; e outro activo reflexo em logar de este homem *reputa-se sabio a si mesmo*, estes homens *chamam-se sabios a si mesmos*; e para tirar o equivoco necessitam d'esta addição.

Esta mesma se faz necessaria muitas vezes nas linguagens reflexas do plural. Porque, como os pronomes, que as acompanham, se podem tomar ou em um sentido reflexo sobre a mesma pessoa, ou reciproco entre duas e mais pessoas; para tirar o equivoco e determinar-lhes o sentido, precisam da mesma addição. Por ex.: n'estas phrases: *nós amamos-nos*, *vós vos amaes*, *elles amam-se*, não se sabe se ellas fallam de um amor proprio ou de um amor mutuo, sem se lhes acrescentar ou *a si mesmos* ou *um ao outro*, como: *nós amavamos-nos a nós mesmos*; *nós amavamos-nos um ao outro*, e assim nas mais.

§ IV

DA FORMAÇÃO REGULAR DOS TEMPOS DO VERBO E DOS VERBOS REGULARES

Todos nossos grammaticos, seguindo em suas artes a trilha das grammaticas latinas, costumam dar ás linguagens portuguezas tres tempos geradores ou formativos, d'onde os mais nascem, a saber: o *presente infinito*, o *preterito perfeito* do indicativo, e o chamado *supino*, a que damos o nome de *participio perfeito activo*.

Com effeito estes eram os tempos formativos das linguagens latinas, porque a figurativa propria de cada um d'estes tempos governava em todos os que d'elles se formavam. Por exemplo,

a letra radical que precedia immediatamente as terminações infinitas em *āre*, *ēre*, *ĕre*, *īre*, o *v*, ou consoante ou vogal, que precedia a terminação do preterito perfeito em *i*, e o *t* que precedia o *um* final dos supinos latinos, figuravam em todos os mais tempos que d'estes se derivavam.

Nossos grammaticos deveriam ter seguido esta mesma regra na formação das linguagens portuguezas, mas não a mesma applicação que d'ella fizeram os latinos ás suas. Nós em nossa Lingua não temos mais do que dois tempos formativos dos outros. Porque os nossos verbos regulares tambem não tem senão duas caracteristicas ou figurativas. O primeiro formativo são os infinitos impessoaes ou fórmas primitivas dos verbos, cujas figurativas são as suas mesmas terminações em *ar*, *ér*, *ir*. O segundo é o presente do indicativo, cuja figurativa é a lettra radical, que precede immediatamente as sobreditas terminações, qualquer que ella seja. Assim, *ar* é a figurativa do infinito *am-ar*, *ér* a do infinito *entend-er*, e *ir* a do infinito *applaud-ir*, e bem assim *m* é a figurativa do presente *am-o*; *d* a do presente *entend-o* e *applaud-o*, e *t* a do presente *part-o*. As primeiras figurativas não tem outra variação senão as das tres conjugações; as segundas são tantas quantas as lettras radicaes immediatas ás terminações infinitas. Isto proposto:

Dos *infinitos* primeiros geradores, formam-se cinco tempos, a saber:

1.º O preterito imperfeito condicional do indicativo só com lhes acrescentar em todas as conjugações as vogaes *ia*, d'este modo: *amar-ia*, *entender-ia*, *applaudir-ia*.

2.º O preterito perfeito relativo ajuntando-lhes só a vogal *a*, d'este modo: *amar-a*, *entender-a*, *applaudir-a*.

3.º O futuro imperfeito, do mesmo indicativo, acrescentando-lhes o diphthongo, *ei*, como: *amar-ei*, *entender-ei*, *applaudir-ei*.

4.º O preterito imperfeito do subjunctivo com mudar o *r* final em *s*, acrescentando-lhe *se*, como *amas-se*, *entendes-se*, *applaudis-se*.

5.º Finalmente, o futuro imperfeito do mesmo subjunctivo sem outra mudança ou alteração alguma mais do que conjugar-se por numeros e pessoas, como o infinito pessoal; *amar*, *amares*, *amar*, *amarmos*, *amardes*, *amarem*, e assim os mais.

Dos *presentes* imperfeitos do indicativo, segundos geradores, se formam sete tempos, a saber, no indicativo:

1.º O presente imperativo nas segundas pessoas, só com tirar o *s* ás mesmas do presente imperfeito, como: *amas ama*, *amaes amae*, *entendes entende*, *entendeis entendei*, *applaudes applaude*, *applaudis applaudi*.

2.º O preterito imperfeito absoluto juntando á radical da 1.ª

conjugação *ava*, á da 2.ª e 3.ª *ia*, d'este modo: *am-ava*, *entend-ia*, *applaud-ia*.

3.° O preterito perfeito absoluto ajuntando á radical da 1.ª conjugação o diphthongo *ei*, á da 2.ª e 3.ª um *i*, como: *am-ei*, *entend-i*, *applaud-i*.

4.° O presente do subjunctivo acrescentando á radical da 1.ª conjugação um *e*, e á da 2.ª e 3.ª um *a*, como: *am-e*, *entend-a*, *applaud-a*.

5.° Emfim, os participios do infinito acrescentando, para os imperfeitos activos, á radical da 1.ª conjungação as syllabas *ando*, á da 2.ª *endo*, e á da 3.ª *indo*: e para os perfeitos, tanto activos como passivos, *ado* na 1.ª conjugação e *ido* na 2.ª e 3.ª, como: *am-ando*, *entend-endo*, *applaud-indo*; *amado*, *entendido*, *applaudido*. O que tudo se vê representado a uma vista d'olhos na taboa seguinte.

		1.°	2.°	3.°	4.°	5.°
Infinito. 1.° Formativo.	Amar	ia	a	êi	sse	Amar
	Entender	ia	a	êi	sse	Entender
	Applaudir	ia	a	êi	sse	Applaudir

		1.°	2.°	3.°	4.°	5.°	
Presente Indicativo. 2.° Formativo.	Am	a	ava	êi	e	ando	ado
	Entend	e	ia	i	a	endo	ido
	Applaud	e	ia	i	a	indo	ido

VERBOS IRREGULARES

Todos os verbos, que se apartam da regra de formação que acabamos de mostrar, se chamam **irregulares**. Nossos grammaticos, em vez de se empenharem em lhe diminuirem o numero, quanto possivel fosse, a fim de abbreviar e facilitar mais aos principiantes sua comprehensão, o tem pelo contrario multiplicado em demasia, assim por falta de reflexão, como por ignorancia dos principios mechanicos da linguagem em geral, e dos sons elementares da nossa Lingua em particular. Para reduzir pois ao menos possivel estas irregularidades nas nossas linguagens, faremos as observações seguintes.

1.ª OBSERVAÇÃO

Nunca se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto é, os sons elementares das consoantes, com as letras consoantes, que nossa orthographia usual empregou para as exprimir na escriptura. Se um som elementar sôa sempre o mesmo ao ouvido, quer se escreva de um modo quer de outro, para que se ha de fazer da irregularidade da escriptura uma irregularidade na conjugação?

Por exemplo: as letras *c*, *g*, antes de *a*, *o*, *u*, dão a mesma consonancia que *qu*, e *gu* antes de *e* e *i*. Não se devia por tanto dar por irregular uma caterva de verbos portuguezes terminados em *car* e *gar*, como: *ficar*, *julgar*, *etc.* pela razão de nossa orthographia se servir não já d'estas figuras, mas das de *qu* e *gu*, para exprimir a mesma consonancia antes de *e* no preterito perfeito *fiquei*, *julguei*, e no presente do subjunctivo *fique*, *julgue*, *etc.*

Da mesma sorte a letra *g* antes de *e*, e *i*, representa ao ouvido a mesma consonancia que exprime o nosso *j* consoante antes de qualquer vogal. Os verbos pois em *gêr* e *gir*, como *eleger*, *fingir*, e infinitos outros d'esta especie, não deviam ser contados por nossos grammaticos na classe dos irregulares, por se escreverem com *j* em logar de *g*, quando se lhe segue *a*, *o*, como: *elejo*, *eleja*, *finjo*, *finja*. A anomalia, assim como a analogia, está sempre nos sons da lingua, e não em sua ortographia; e se de uma coisa se póde argumentar para outra, é d'esta para aquella, e não d'aquella para esta. Só esta observação restitue á classe dos irregulares um grande numero de verbos, excluidos d'ella sem razão por nossos grammaticos.

Pelo mesmo principio já estabelecido não são tambem irregulares os verbos *attrahir*, *cahir*, e seus compostos *contrahir*, *distrahir*, *recahir*, *etc.*, *sahir*, e outros semelhantes. Porque, se o *h*, com que ora se escrevem, é para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i* é longo e agudo; muito melhor faziam isto os nossos antigos dobrando o *i*, e escrevendo *caiir*, *saiir*; e nós ainda melhor, accentuando o mesmo *i*, d'este modo: *caír*, *saír*; e tirando o accento quando faz diphthongo no presente do indicativo e do subjunctivo, como: *caio*, *caia*, *saio*, *saia*, *etc.*

Do mesmo modo os verbos *crer* e *ler*, a que hoje se acrescenta um *i* ou *y*, na primeira pessoa do presente indicativo e subjunctivo, pronunciando-se e escrevendo-se *creio*, *leio*, *creia*, *leia*, nem por isso se devem ter por irregulares. Porque todas as vezes que o nosso *é* grande fechado é seguido de outra vo-

gal, com que não faz diphthongo, costumamos nós, para evitar este, juntar-lhe um *i* surdo na pronunciação, ainda que se não escreva, como *chèo*, *chéa*, em logar de *cheio*, *cheia*.

N'esta mesma conta pois entram tambem os verbos da primeira conjugação, que no infinito tem por figurativa radical um *e*, como: *afear*, *enlear*, *galantear*, *recear*, *etc.* os quaes todos nossos antigos escreviam sem *i*, d'este modo: *créo*, *léo*, *aféo*, *enléo*, *galantéo*, *recéo*, e bem assim *créa*, *léa*, *enlée*, *afée*, *galantée*, *recée*, *etc.* O verbo *alumear*, escrevendo-se assim uniformente, como antigamente se escrevia, entra na mesma regra: escrevendo-se porém com *i* na figurativa, d'este modo: *alumiar*, faz *alumio*, *alumias*, *alumia*, *etc.* como ha exemplos em nossos classicos.

2.ª OBSERVAÇÃO

Mas ainda se podem diminuir consideravelmente as anomalias com as advertencias seguintes. Primeiramente as *syncopes* e *apócopes*, isto é, as contracções e mutilações de syllabas, que se fazem nos tempos e pessoas de alguns verbos, não se devem contar como irregularidades; posto que o uso as não costume praticar nos outros verbos. Porque estes mesmos córtes e syncopes se costumam fazer em outras palavras da oração; e ninguem as tem por irregularidades; antes por figuras da dicção, para assim a fazer mais curta e elegante.

Por exemplo: dos infinitos *dizer*, *fazer*, *tràzer*, segundo as regras da formação regular, deveriamos nós derivar as linguagens condicionaes com lhes acrescentar *ia*, d'este modo: *dizeria*, *fazeria*, *trazeria*. Do infinito antigo *poêr* deveria dizer *poeria*, *poesto*. Se por syncope pois digo: *diria*, *faria*, *traria*; *pôr*, *poria*, *posto*; isto não deve constituir irregularidade.

N'esta classe entra por consequencia um grande numero de participios que, dados como irregulares por nossos grammaticos, não são senão umas contracções ou abbreviaturas dos participios regulares, como *gasto* de *gastado*, *junto* de *juntado*, *pago* de *pagado*, *escripto* de *escrevido*, *tinto* de *tingido*, e assim muitos outros de que fallaremos adiante.

Da mesma sorte os verbos, que por acabarem em *uz* na terceira pessoa do presente indicativo, parecem agora irregulares, não o são verdadeiramente. Nossos classicos diziam: elle *induze*, *produze*, *reduze*, *traduze*, *luze*, *reluze*. Se o uso depois, para evitar o equivoco d'estas terceiras pessoas com as segundas do imperativo, fez a apócope do *e*, dizendo: *induz*, *produz*, *reduz*, *traduz*, *luz*, *reluz*, como de *capace*, *felice*, *veloce*, fez *capaz*, *feliz*, *veloz;* estas apócopes não se devem reputar irre-

gularidades. Talvez succede o mesmo, e pelas mesmas razões, aos verbos *dizer, fazer, jazer, trazer, querer, valer,* que fazem nas mesmas terceiras pessoas, *diz, faz, jaz, traz, quer, val.* Pelo menos em nossos antigos acha-se *quere, requere,* e muitos ainda agora dizem *vale* em logar de *val.*

3.ª OBSERVAÇÃO

Mas a regra de reducção, que mais diminue as irregularidades dos nossos verbos irregulares, é a de lhes dar, para a formação de seus tempos, não só dois formativos, como se dão aos verbos irregulares, mas tres; quaes são o presente do indicativo, o infinito impessoal, e o futuro imperfeito do subjunctivo. Sabidos estes tres tempos, d'elles se fórma regularmente a maior parte das linguagens irregulares; e por este methodo vem a desapparecer um grande numero de anomalias apparentes, e as verdadeiras se reduzem a mui poucas.

Que nossos verbos irregulares, além dos dois formativos que lhes são communs com os regulares, tenham um terceiro, que lhes é proprio, parece innegavel. É provavel que muitos d'estes verbos tivessem antigamente duas fórmas infinitas, das quaes uma ficou no modo infinito, e outra passou a usar-se só nos futuros imperfeitos do subjunctivo, como ainda se vê no verbo substantivo *sér, fór,* e no verbo *ir, fór.* Pelo menos estes futuros imperfeitos são em nossos verbos regulares inteiramente conformes aos infinitos pessoaes, e não tem outra differença mais do que usarem-se aquelles só subjunctivamente, e estes infinitivamente.

Se pois aquellas duas linguagens são uniformes nos verbos regulares, e differentes nos irregulares, conservando comtudo no *r* final o caracter da fórma infinita, é necessario dizer, que estes verbos tinham antigamente dois infinitos, dos quaes se formam regularmente suas linguagens, e que seus futuros imperfeitos do subjunctivo não são tempos formados, mas antes formativos dos outros.

Por exemplo: *Estar,* faz no dito futuro *estiver; dar,* faz *der, pôr,* faz *pozer; fazer, trazer, dizer,* fazem *fizer, trouxer, disser; ter, haver, saber, caber, querer,* fazem *tiver, houver, souber, couber, quizer;* e fazem em *ver, vir;* em *vir, vier;* e em *ir, fór:* e assim outros, tomando ordinariamente um *é* aberto agudo em logar do *ê* fechado, que é a terminação regular dos infinitos da 2.ª conjugação.

Suppostos pois nos verbos irregulares estes dois formativos, um infinito, e outro o futuro do sujunctivo, do primeiro se for-

mam pela maior parte regularmente os tempos imperfeitos do indicativo, v. g. *estar, estava, estaria, estarei; dar, dava, daria, darei, etc.* e do segundo os tempos perfeitos do mesmo modo, a saber, o presente perfeito, tirando ao futuro subjunctivo o *r* final, ou a terminação *ér* se é precedida de *z*, como: *estiver, estive, fizer, fiz;* o preterito perfeito, acrescentando-lhe só um *a*, como: *estiver, estivera, fizer, fizera,* e emfim o preterito imperfeito do subjunctivo, como: *estiver, estivesse, fizer, fizesse.*

Póde-se dizer que esta formação ficaria ainda mais regular, e conforme á que seguem regularmente os grammaticos portuguezes, se em logar de fazer do futuro subjunctivo um formativo do preterito perfeito e dos mais tempos, se fizesse ás avéssas do preterito perfeito o formativo do futuro subjunctivo e dos mais tempos, d'este modo: *estive, estiver, estivera, estivesse; fiz, fizer, fizera, fizesse, etc.* Porém esta formação falha em todos os verbos irregulares que no preterito acabam em *i*, ou oral, ou nasal, como: *li, vali, vi, fui, vim;* e é menos conforme á analogia da formação dos verbos regulares. Comtudo, quem a preferir á outra, tem a commodidade de achar mais perto, e na ordem mesma da conjugação, os formativos das linguagens derivadas. Para me conformar mais ás idéas recebidas, seguirei esta formação nos paradigmas dos verbos irregulares, que adiante irão.

O terceiro formativo dos tempos nos verbos irregulares é, como nos regulares, todo o presente imperfeito do indicativo. De sua primeira pessoa do singular se fórma regularmente o mesmo presente do subjunctivo, como: *estó, esté, faço, faça*; e da sua segunda do singular e plural se formam tambem regularmente as mesmas do imperativo, como: *dás dá, daes dae, pões póe, pondes ponde.*

Mas para reduzir estas formações, quanto possivel é, á analogia dos regulares, é preciso observar tres coisas, que são a mudança da *terminação*, a mudança da *radical figurativa*, e a mudança da *penultima*, que precede immediatamente a mesma figurativa: mudanças todas, que alterando o material dos vocabulos causam sua estranheza e irregularidade na conjugação.

4.ª OBSERVAÇÃO

Pelo que toca á mudança da *terminação*, esta na primeira pessoa de todos os presentes do indicativo é um *o* breve. Mas não o póde ser já nos verbos monosyllabos, onde devendo ser longo, como o é em todas as palavras monosyllabas que não são encliticas, deve ser necessariamente ou o *ó* grande aberto,

ou o *ó* grande fechado. Feita esta observação, os nossos irregures, *estar*, *dar*, *ser*, e o antigo *var* (vadere) fórmam regularmente a primeira pessoa do presente indicativo, fazendo *estó*, *dó*, *só*, *vó*, ou se escrevam assim, ou *estou*, *dou*, *sou*, *vou*, que é o mesmo; e dos primeiros dois se formam regularmente os presentes do subjunctivo *esté*, *dé*. Porém, *esteja*, *seja*, *vá*, serão irregulares, como o são tambem na primeira pessoa do presente indicativo os verbos *haver* e *saber*, que fazem *hei* e *sei*.

5.ª OBSERVAÇÃO

Mudam de *figurativa*, 1.º os verbos *arder*, *fazer*, *jazer*, *medir*, *ouvir*, *pedir*, que ora trocam o *d*, *c*, *v*, em *c*, ou *ss*, como *arço*, *faço*, *jaço*, *meço*, *ouço*, *peço*, bem que em alguns de nossos classicos se encontre no subjunctivo *eu mida*, *eu pida*, e *pide tu*, signal de que antigamente se dizia *eu mido*, *eu pido*. 2.º Os verbos *dizer*, *trazer*, *perder*, que mudam o *z* e *d* em *g* e *c*, como: *digo*, *trago*, *perco*. 3.º Os verbos *ver*, *pôr*, *ter*, *valer*, *vir*, que fazem *vejo*, *ponho*, *tenho*, *valho*, *venho*, do latim *video*, *pono*, *teneo*, *valeo*, *venio*.

6.ª OBSERVAÇÃO

Quanto á mudança da *penultima*, só em nossa 3.ª conjugação, e só em algumas pessoas do presente indicativo, é que muitos de nossos verbos, antigamente regulares, costumam ora mudar irregularmente já o *e* em *i*, já o *o* em *v*, já o *v* em *o*, já acrescentar um *i* ao *a* ou *e* da penultima para fazerem diphthongo; as quaes mudanças passam consequentemente ao presente subjunctivo, que se fórma regularmente da primeira pessoa do presente indicativo, e ao imperativo, que se fórma das segundas pessoas do mesmo.

Os que tem *e* antes das radicaes figurativas *g*, *p*, *r*, *t*, e *v*, mudam em *i*, como são:

Advertir	Advirto.	Desmentir	Desminto
Assentir	Assinto.	Despir	Dispo
Competir	Compito.	Dissentir	Dissinto
Conferir	Confiro.	Enxerir	Enxiro
Conseguir	Consigo.	Ferir	Firo
Consentir	Consinto.	Fregir	Frijo
Deferir	Defiro.	Mentir	Minto
Desconsentir	Desconsinto.	Presentir	Presinto

Proseguir	Prosigo.	Sentir	Sinto
Referir	Refiro.	Vestir	Visto
Repetir	Repito.		
Resentir	Resinto.	Despedir	Despido
Seguir	Sigo.	Impedir	Impido

Estes dous ultimos, *despedir* e *impedir*, assim faziam antigamente a primeira pessoa do presente indicativo, e formavam consequentemente a do subjunctivo *despida* e *impida*, e não como agora *despeço despeça*, *impeço impeça*, o que Duarte Nunes de Leão (pag. 40) nota justamente de rusticidade. Pois estes verbos não são compostos de *peço* (peto), mas de *impido* (impido). Quanto aos mais, acham-se em nossos classicos exemplos de *advirte*, *compite*, *consinte*, *mento*, *minte*, *persigue*, *prosigue*, *sento*, *sinte*, *senta*, *sentas*, *sigue*, *sirve* tu.

Os que tem *o* antes das radicaes figurativas *br* e *rm*, mudam-o em *u*, como *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *dormir*, que fazem *cubro*, *descubro*, *eucubro*, *durmo*, e assim no subjunctivo *cubra*, *descubra*, *encubra*, *durma*. Nossos antigos parece continuavam esta mudança nas mais pessoas do presente indicativo; pois que em Bernardes, Ferreira, Duarte Nunes, e outros, se acha: elle *encubre*, *cubre* tu, *descubre* tu, *encubre*, tu.

Os que tem *u* antes das radicaes figurativas *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *p*, *ss*, e *st*, o mesmo *u* é radical, e mudam-o em *o* na segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural do presente indicativo, e por consequencia tambem na segunda pessoa singular do imperativo. Por esta causa *acudir*, *bullir*, *carpir*, *construir*, *consumir*, *destruir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tussir*, se conjugam no presente indicativo tu *acodes*, elle *acode*, elles *acodem*, e no imperativo *acode* tu, e da mesma sorte todos os outros.

Exceptua-se *presumir*, que por inteiro é regular. Os mais tambem parece o eram para com nossos antigos, pois n'elles se acha: *elle acude*, *acude tu*, *elles construem*, *tu consumes*, *elle consume*, *elles consumem*, *tu destrues*, *elle destrue*, *destrue tu*, *elle fuge*, *fuge tu*, *sacude tu*, *sabe tu*.

Emfim, acrescentam um *i* ao *a* ou *e* da penultima, para fazerem diphthongo, os verbos *caber* e *requerer* na primeira pessoa do presente indicativo *caibo*, *requeiro*; e o verbo *saber* a todas as pessoas do presente subjunctivo, como *saiba*, *saibas*, etc.

Feitas estas observações, pouca difficuldade póde haver nas conjugações dos verbos os mais irregulares de nossa Lingua, cujos paradigmas imos a propôr, tomando n'elles, como pontos fixos, os tres formativos, *infinito*, *presente*, e *preterito perfeito*, e dispondo debaixo d'elles todas as linguagens que dos mes-

mos se formam regularmente, e notando ao mesmo tempo com asterisco as que n'esta mesma parte são irregulares.

N'estes verbos não entra o verbo substantivo *ser*, nem seus tres auxiliares *estar*, *haver*, e *ter*, por ficarem já conjugados por inteiro nos paradigmas dos mesmos. Os que restam são: na 1.ª conjugação o verbo *dar* sómente; na 2.ª os verbos *caber*, *dizer*, *fazer*, *jazer*, *pôr*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer*, *valer*, *ver*; e na 3.ª os verbos *ir*, *vir*, *rir*. Reservamos para os defectivos os verbos *feder*, *prazer*, e outros.

PARADIGMAS DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

I CONJUGAÇÃO EM *AR*

INFINITO.. Dar, Dar-ia, Dar-ei

PRESENTE..
- D-ou, D-ava, D-ê, D-ando, D-ado
- D-ás, Dá *tu*
- Dá
- Damos
- Daes, Dae *vós*
- Dão

PERFEITO.. Dei, Der, Dera, Désse

II CONJUGAÇÃO EM *ER*

INFINITO.. Caber, Caber-ia, Caber-ei

PRESENTE..
- Ca-ibo, *Cab-ia, Caib-a, *Cabendo, *Cabido
- Cab-es, Cabe *tu*
- Ca-be
- Cabemos
- Cabeis, Cabei *vós*
- Cabem

PRETERITO. Coube, Couber, Coubera, Coubesse

INFINITO .. Dizer, Diria, Direi

PRESENTE.. Digo, *Dizia, Diga, *Dizendo, *Dito
Dizes, Dize *tu*
Diz
Dizemos
Dizeis, Dizei *vós*
Dizem

PRETERITO. Disse, Disser, Dissera, Dissesse

INFINITO .. Fazer, Faria, Farei

PRESENTE.. Faço, *Fazia, Faça, *Fazendo, *Feito
Fazes, Faze *tu*
Faz
Fazemos
Fazeis, Fazei *vós*
Fazem

PRETERITO. Fiz, Fizer, Fizera, Fizesse

INFINITO .. Jazer, Jazeria, Jazerei, Jazera, Jazesse

PRESENTE.. Jazo, Jazia, Jaza, Jazendo, Jazido; *antiq*. Jaço, etc.
Jazes, Jaze *tu*
Jaz
Jazemos
Jazeis, Jazei, *antiq*. Jazedes, Jazede *vós*
Jazem

PRETERITO. Jazi, *antiq*. Jouve, Jouver, etc.

INFINITO.. Pôr, Poria, Porei, *antiq.* Poêr, Poeria, Poerei

PRESENTE.. Ponho, *Punha, Ponha, Pondo, *Posto
Pôes, Pôe *tu*
Pôe
Pomos
Pondes, Ponde *vós*
Pôem

PRETERITO. Puz, Puzer, Puzera, Puzesse

INFINITO.. Poder, Poderia, Poderei

PRESENTE.. Posso, *Podia, Possa, *Podendo, *Podido
Podes
Póde
Podemos
Podeis
Podem

PRETERITO. Pude, Puder, Pudera, Pudesse

INFINITO.. Querer, Quereria, Quererei

PRESENTE.. Quero, Queria, *Queira, Querendo, Querido
Queres, *abbreviado* Qués, Quer, *ou* Quere *tu*
Quer, *antiq.* Quere
Queremos
Quereis, Querei *vós*
Querem

PRETERITO. Quiz, Quizer, Quizera, Quizesse

INFINITO.. Saber, Saberia, Saberei

PRESENTE.. Sei, * Sabia, Saiba, * Sabendo, * Sabido
Sabes, Sabe *tu*
Sabe
Sabemos
Sabeis, Sabei *vós*
Sabem

PRETERITO. Soube, Souber, Soubera, Soubesse

INFINITO.. Trazer, *abbr.* Traria, *abbr.* Trarei

PRESENTE.. Trago, * Trazia, Traga, * Trazendo, * Trazido
Trazes, Traze *tu*
Traz
Trazemos
Trazeis, Trazei *vós*
Trazem

PRETERITO. Trouxe, Trouxer, Trouxera, Trouxesse; *ant.* Trouve, etc.

INFINITO.. Valer, Valeria, Valera, Valerei, Valesse

PRESENTE.. Valho, * Valia, Valha, * Valendo, * Valido
Vales, Vale *tu*
Val
Valemos
Valeis, Valei *vós*
Valem

PRETERITO. Vali, Vales, Valera, Valemos, etc.

INFINITO .. Ver, Veria, Verei

PRESENTE.. Vejo, *Via, Veja, *Vendo, *Visto
Vês, Vê *tu*
Vê
Vemos
Vedes, Vede *vós*
Vêem

PRETERITO. Vi, Vir, Vira, Visse

III CONJUGAÇÃO EM *IR*

INFINITO .. Ir, Iria, Irei, Indo, Ido

PRESENTE.. Vou, *Ia, Vá, Vás, Vá, Vamos, Vades, Vão
Vás, Vae *tu*
Vae
Vamos, *ou* Imos
Ides, *abbr.* Is, **Ide* vós, *abbr.* I, *Vaes
Vão

PRETERITO. Fui, *Fôr, *Fôra, Fosse

INFINITO .. Vir, Viria, Virei, Vindo

PRESENTE.. Venho, *Vinha, Venha
Vens, Vem *tu*
Vem
Vimos
Vindes, Vinde *vós*
Veem

PRETERITO. Vim, *Vier, Viera, Viesse
Vieste, Veiu, Viemos, Viestes, Vieram

INFINITO.. Rir, Riria, Rira, Rirei, Risse, Rindo, Rido

PRESENTE..
- Rio, Ria, Ria
- Ris, Ri *tu*
- Ri
- Rimos
- Rides, Ride *vós*
- Riem

PRETERITO. Ri, Riste, etc.

Ha verbos que não só são *irregulares*, mas além d'isso *defectivos*, porque lhes faltam ou tempos em sua conjugação, ou pessoas em seus tempos. Alguns eram defectivos para com os antigos, que o não são para nós, como o verbo *jazer*, de que se não acham exemplos de algumas pessoas, como *jazes, jazei.* eu *jouve*, tu *jarás* em logar de *jazerás*, *elles jarão* em logar de *jazerão*, tu *jaças*, elle *jaça*, nós *jaçamos*, vós *jaçaes*. Outros eram para elles irregulares que o não são para nós: como os verbos *arder*, e *morrer*, que faziam no presente eu *arço*, eu *mouro*, e assim nos tempos da sua derivação.

Os verbos porém, *feder* e *prazer*, com seus compostos, *aprazer* e *desprazer*, eram antigamente defectivos, e o são ainda agora. O primeiro carece das pessoas todas em que depois da figurativa *d* se segue *a* ou *o*; porque não dizemos *fedo, feda*, etc. Os segundos não tem mais que as terceiras pessoas do presente e do preterito, e as das suas formações, como: *praz, apraz, desapraz, aprouve, desaprouve, prouvéra, prouvesse*, etc.

§ V

OBSERVAÇÕES SOBRE O USO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS DO VERBO NA ORAÇÃO

DO INFINITO IMPESSOAL E PESSOAL

O modo infinito enuncía a coexistencia do attributo no sujeito abstracta e indeterminadamente, e por isso não tem tempos. Esta coexistencia ou é imperfeita e não acabada, como *amar*; ou perfeita e acabada, como *ter amado*; ou principiada na tenção, e futura na execução, como *haver de amar*. Porém estes differentes modos de conceber a existencia não requerem um tempo mais que outro, e por isso são applicaveis a todos. N'estas orações: *quiz fazer*, *quero fazer*, *prometto fazer*, *prometto ter feito á manhã*, hontem *disse elle ter de partir á manhã*: os infinitos são determinados a todos os tempos pelos verbos do modo finito, cujos são.

A Lingua Portugueza tem a singularidade de ter dois infinitos, um *impessoal*, como todas as mais linguas, e o outro *pessoal*, o que é um idiotismo seu.

Usa do impessoal: 1.° todas as vezes que o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida, d'esta sorte: *eu quero fazer*, *tu quizeste fazer*, *nós queremos fazer*. Não devia por tanto dizer Camões:

E folgarás de *veres* a policia [1]

Nem:

Não te espantes
De a Baccho nos teus reinos *receberes*. [2]

Devia dizer *ver*, *receber*, porque os sujeitos d'estes verbos regidos são os mesmos que os de seus regentes, *folgarás*, *espantes*.

2.° Todas as vezes que lhe basta exprimir a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer sem o determinar; e então emprega-o como substantivo verbal que é, para todos os officios a que se prestam os mais nomes, servindo-se já d'elle para sujeito, já para attributo da oração, como: *mentir* é *faltar* á

[1] *Lus.* VII, 72.
[2] Ibid. VI, 15.

verdade; já para complemento objectivo de outro verbo, como: não querer *mentir*; já para complemento de varias preposições, como: *em mentir* ha peccado; *entre mentir* e não *mentir* ha meio; *sem mentir* posso dizer: *de mentir* se passa a *jurar* falso; *para mentir*, etc.

Usa do pessoal: 1.º quando o sujeito do verbo infinito é differente do verbo finito que determina a linguagem infinita: ou póde haver equivocação sobre qual é o de quem se falla, ainda que seja o mesmo. Então esta linguagem infinita para distincção dos dois sujeitos toma differentes terminações pessoaes com as quaes se tira o equivoco. Por exemplo: *julgo* seres *tu sabedor*, *creio* termos sido *enganados*. A haverem de chegar *á manhã*, *está tudo preparado*.

2.º Quando a oração do infinito, ou como sujeito e attributo de outro verbo, ou como complemento de alguma preposição se toma em um sentido não já abstracto mas pessoal, v. gr. *o louvares-me* tu me causa novidade. *Para me louvares* com verdade, farei aquillo de que me louvas. Os maus, *com se louvarem*, não deixam de o ser. Aqui, ainda que o sujeito de ambas as orações parece ser o mesmo, não o é. O pessoal *louvarem-se* era necessario para exprimir o sujeito que reflecte sobre si a oração, ou a recipróca com outro.

DO PARTICIPIO IMPERFEITO ACTIVO

Os **participios** portuguezes são uns adjectivos indeclinaveis, assim chamados, porque do nome participam a significação de uma qualidade que modifica o agente da oração, e do verbo o seu regime. Que sejam uns verdadeiros adjectivos, se mostra pelas mesmas linguagens latinas d'onde os houvemos; *sum amans* (estou amando) *amante me* (amando eu); e pela analyse da linguagem portugueza; pois *estou amando* é o mesmo que *estou sendo amante*.

A terminação em *ndo* semelhante á dos gerundinos latinos, impoz a nossos grammaticos para os terem por taes. Mas é mais provavel, que estes participios activos em *ndo* tivessem sua origem dos adjectivos verbaes em *nte*, a alguns dos quaes davam nossos antigos escriptores o mesmo regime do verbo d'onde se derivam, como *amante a Deus, temente a Deus, intemente a Deus, Annibal passante os Alpes*; do que ainda temos restos em alguns nomes compostos, como *logar-tenente, malfazente, maldizente, missacantante*, etc. O exemplo, que para prova d'isto mesmo allega a Grammatica da lingua Castelhana, e com ella o A. dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* n'esta formula,

isto não obstante, não faz ao caso, porque *isto* não é regime de *obstante*.

Presentemente é certo, que estes adjectivos verbaes não são participios, nem ainda quando tem dos verbos, d'onde nascem, o regime da preposição, como: *assistente em... bastante a... correspondente, pertencente, semelhante, temente a... participante, passante de...* etc. Porque estas regencias são communs aos mesmos adjectivos, que não são verbaes, como *morador em... util a... cheio de... vazio de...* e se dizemos *amante, temente a Deus*, não podemos dizer *amante as riquezas, temente os perigos*, como dizemos *amar as riquezas, temer os perigos*.

Nossa Lingua emprega os participios imperfeitos activos de dois modos, ou *conjugando-os*, ou *conjunctando-os*. Conjuga-os só com um dos tres verbos auxiliares, ou com o continuativo *estar*, ou com o frequentativo *andar*, ou com o inchoativo *ir*, como: *estou escrevendo, ando cuidando, vou convalescendo*.

Conjuncta-os fazendo-os depender de outro verbo e oração, ou principal, ou subordinada, ou incidente, a que servem ou de *modo*, ou de *circumstancia*, ou de *condição*, ou de *causa* e razão.

Servem de *modo* n'estas frases: *zombando se dizem as verdades*, e

> A disciplina militar prestante
> Não se aprende, Senhor, na fantasia,
> *Sonhando, imaginando*, ou *estudando*,
> Se não *vendo, tratando* e *pelejando*.[1]

Onde, *se dizem as verdades* e *a disciplina militar prestante não se aprende*, são as orações principaes, ás quaes estão subordinadas e servem de incidentes as orações dos participios *zombando, sonhando, imaginando, estudando, vendo, tratando* e *pelejando*. N'este caso o participio póde-se resolver e supprir com a preposição *com*, e com o infinito do mesmo verbo, dizendo: *com zombar, com sonhar, com imaginar*, etc.

Servem de *circumstancia* ordinariamente nos factos historicos, como n'este de Jacintho Freire[2] «*Passando* D. João de Cas«tro acaso pela Jubiteria, *vendo* estar penduradas umas calças «de obra, *parando* o cavallo, perguntou de quem eram; e *tor«nando-lhe* o official que as mandára fazer D. Alvaro, filho do «governador da India; pedio D. João uma tisoura, com que as «cortou todas, *dizendo* para o mestre: Dizei a esse rapaz que «compre armas.» N'este caso podem-se resolver e supprir pelos

[1] Cam. *Lus.* X, 153.
[2] *Vida de D. João de Castro*, liv. I.

adverbios *como*, com o subjunctivo, ou *quando*, com o indicativo, d'este modo: *como passasse, como visse*, e *como lhe tornasse o official*, etc., ou *quando passava*, etc.

Servem de *condição* n'esta frase de Vieira: *nobreza e desunida não póde ser*; *porque* em sendo desunida, *deixa de ser nobreza. Logo é vileza*. Onde, *sendo desunida*, se póde resolver e supprir pelas condicionaes *se, quando*, d'este modo: *se é desunida*, ou *quando é desunida*.

Servem emfim de *causa* e razão, como: *Alguns ha*, diz Ferreira, [1]

> ....que se fazem afamados
> *Julgando* e *interpretando* duramente,
> Dos innocentes *fazendo* culpados.

Onde os participios tanto valem, como se dissera: *porque julgam, porque interpretam, porque fazem*.

Estes participios imperfeitos activos ás vezes se constroem com a preposição *em*, como no exemplo acima de Vieira, e n'este de Sousa, *Hist*. parte II, liv. VI, cap. 21: *como o mundo estima só o que espanta*, em faltando *particularidades extraordinarias e fóra do commum, do ordinario e do commum nenhum caso faz*. Quando assim se constroem, valem tanto como os participios activos do preterito. Assim, *em faltando particularidades*, é o mesmo que *tendo faltado particularidades*. O que ainda se vê melhor n'estes exemplos: Em morrendo *todos somos uns*. Em me preparando *logo te acompanho*.

De tudo o sobredito se segue, que estes participios, formando frases subordinadas a outras, devem por consequencia referir-se ao sujeito da frase principal, quando não são precedidos ou seguidos de outro nome. Assim, em todos os exemplos acima não se expressa o sujeito das orações incidentes, porque é o mesmo que o das orações principaes que as determinam. Quando porém os sujeitos são differentes, é de necessidade pôr o da oração do participio, como: *conhecendo todos quanto val o tempo, poucos ha que o não desperdicem*. No primeiro caso as orações do participio são de ordinario parciaes incidentes, porque fazem parte da oração total, modificando o seu attributo: no segundo são orações totaes, mas subordinadas á principal, que lhes precede, ou se lhes segue.

Isto pelo que pertence aos participios imperfeitos activos, que exprimem uma existencia ou acção não acabada. Se porém queremos exprimir uma existencia ou acção já concluida e acabada, usamos então do participio composto do auxiliar *ter* e do par-

[1] *Poem*. I.

ticipio perfeito activo do verbo adjectivo, como: *tenho amado, tenho entendido, tenho applaudido*; e se a acção é por fazer para o futuro, usamos do participio composto do auxiliar *haver* com o infinito do verbo adjectivo, como: *havendo de amar, havendo de entender, havendo de applaudir*; e de todos elles para todos os tempos, ou preterito, como: *hontem*, tendo chegado o correio, *partiu Antonio*; e havendo eu de partir *tambem, chegou Pedro*: ou presente, como: *hoje tendo chegado o correio*, etc. (como acima): ou futuro, como: *á manhã* tendo tu chegado, *partirei eu*; e havendo tu de partir, *ficarei eu*.

DO PARTICIPIO PERFEITO ACTIVO

Os participios perfeitos activos, v. gr. *amado, entendido, applaudido*, participam, como os imperfeitos, do regimen de seus verbos, e são tambem uns adjectivos indeclinaveis, que significando um attributo e qualidade, modificam o agente do verbo auxiliar *ter* ou *haver*, com quem sempre se conjugam, e do qual nunca se apartam.

Elles são uns verdadeiros adjectivos, bem que indeclinaveis, semelhantes aos participios latinos depoentes, como: *hortatus sum* (tenho exhortado), *mensus sum* (tenho medido). A sua mesma analyse o demostra; pois *tenho amado* é o mesmo que *tenho sido amante*.

Estes participios perfeitos activos ao principio eram o mesmo que os participios perfeitos passivos, e declinaveis, como elles, por generos e por numeros. Nossos antigos usavam d'elles com o auxiliar *ter* ou *haver*, concordando-os com o substantivo sobre que caía sua acção. Esta era a pratica mais antiga, qual inda se vê das Leis das Partidas, que serviram de norma ás primeiras Leis de Portugal. Taes são: *aquellas* Leys *que* habemos *fechas* [1]. *Quando* todas estas cosas *hoviera* catadas [2]. *Aquella* penitencia *que* ha recebida [3]. Mas já nas mesmas Leis das Partidas se encontra algum exemplo do participio perfeito activo e indeclinavel, como este: *E tal* confesion, *como la* que habia fecho *primeramente com el lego, non vale* [4].

Nossos antigos classicos usavam d'estes participios com o verbo *ter*, já de uma, já de outra fórma; da passiva porém mais, e da activa menos, á proporção que mais se chegavam á

[1] *Fuero Juzgo*, Liv. II, Tit. I, Lei 1.
[2] *Partida* I, Tit. IV, Lei 25.
[3] Ibid. Lei 46.
[4] Ibid. Lei 29.

origem: e pelo contrario da activa mais, e da passiva menos, quanto mais d'ella se apartavam. O uso diplomatico e curial parece foi o mais tenaz da fórma antiga. Na carta d'elrei D. João III em Jacintho Freire [1] se diz: *como foram* (falla dos serviços de D. João de Castro) *os que até agora* tendes feitos. E na carta da rainha D. Catharina, *ibid.* n. 96: *como pela muita* honra *que nisso* tendes ganhada.

Mas o mesmo Jacintho Freire já pouco usa da fórma antiga, mui trivial em Barros e fr. Amador Arraes, e já menos em Camões, Lobo, Lucena, e Sousa. Citarei só um exemplo de Barros, e outro de Camões. Diz aquelle no *Dial. em louvor da nossa Linguagem* [2]. *A qual obra será posta no catalogo das* mercês *que estes reinos delle* tem recebidas. E este:

> E porque, como vistes, *tem passados*
> Na viagem tão asperos *perigos*,
> Tantos climas, e ceos *experimentados* [3].

O que tudo comprova, que os participios perfeitos activos são uns verdadeiros adjectivos indeclinaveis, nascidos dos passivos declinaveis.

D'aqui veiu ficarem ainda no uso presente de nossa Lingua muitos participios passivos com significação activa, posto que intransitiva, e fallando-se de pessoas, taes como os seguintes

PARTICIPIOS

PASSIVOS FALLANDO-SE DE COISAS		ACTIVOS INTRANSITIVOS FALLANDO-SE DE PESSOAS
Acreditado,	a, os, as;	Que tem credito e reputação
Agradecido,	a, os, as;	Que agradece
Atrevido,	a, os, as;	Que se atreve
Arriscado,	a, os, as;	Que se arrisca
Arrufado,	a, os, as;	Que se arrufa
Calado,	a, os, as;	Que cala, ou sabe calar

[1] *Vid. de D. J. de Castro*, ediç. de Paris, Liv. IV, pag. 95.
[2] Ediç. de Lisboa, 1785, pag. 237.
[3] *Lus.* cant. I, est. 29.

Cançado,	a, os, as;	Que cança os outros
Commedido,	a, os, as;	Que tem commedimento
Confiado,	a, os, as;	Que confia de si
Conhecido,	a, os, as;	Que conhece
Considerado,	a, os, as;	Que considera as coisas
Costumado,	a, os, as;	Que costuma
Crescido,	a, os, as;	Que cresceu
Desconfiado,	a, os, as;	Que desconfia
Desenganado,	a, os, as;	Que desengana os outros
Desesperado,	a, os, as;	Que desespera
Despachado,	a, os, as;	Que se despacha, despachamento
Determinado,	a, os, as;	Que se determina
Dissimulado,	a, os, as;	Que dissimula
Encolhido,	a, os, as;	Que tem encolhimento
Engraçado,	a, os, as;	Que tem graça
Entendido,	a, os, as;	Que tem entender e juizo
Esforçado,	a, os, as;	Que tem esforço
Fingido,	a, os, as;	Que finge
Herdado,	a, os, as;	Que herdou
Lido,	a, os, as;	Que lê
Moderado,	a, os, as;	Que tem moderação
Occasionado,	a, os, as;	Que dá occasião
Occupado,	a, os, as;	Que se occupa
Ousado,	a, os, as;	Que tem ousadia
Parecido,	a, os, as;	Que tem semelhança com outro
Pausado,	a, os, as;	Que obra com pausa
Precatado,	a, os, as;	Que tem precaução
Presado,	a, os, as;	Que se presa
Presumido,	a, os, as;	Que presume de si
Recatado,	a, os, as;	Que tem recato

Trabalhado,	a, os, as;	Que dá trabalho
Sabido,	a, os, as;	Que sabe muito
Sentido,	a, os, as;	Que sente muito qualquer injuria
Soffrido,	a, os, as;	Que tem soffrimento
Valido,	a, os, as;	Que tem valimento
Vigiado,	a, os, as;	Que vigia

Quando estes e outros participios passivos se juntam com o verbo *ter*, então este deixa de ser auxiliar, e passa á sua significação natural e primitiva de verbo activo no sentido de *possuir*: e então em vez do substantivo, em que se exercita a acção do participio activo, ir adiante d'este, passa para traz d'elle. Porque é coisa mui differente dizer: *tenho escripto um papel, tenho feito uma carta, terei concluido esta obra*, do que *tenho um papel escripto, tenho uma carta feita, terei esta obra concluida.*

Nas primeiras expressões o verbo *ter* é auxiliar, e os participios são activos; nas segundas o mesmo verbo é adjectivo activo, e os participios são passivos; que por isso concordam em genero e numero com os substantivos que os precedem, e devem preceder para evitar o equivoco que podia nascer da mesma linguagem, que antigamente era susceptivel dos dois sentidos. O verbo *ter* em seu preterito perfeito absoluto sempre é activo e nunca auxiliar, como já advertimos.

DO PARTICIPIO PERFEITO PASSIVO

Este tambem é um participio, porque participa do verbo a sua significação activa, não já exercitada pelo sujeito da oração, como o participio activo, mas recebida n'elle, e produzida por outro: e participa outrosim do nome adjectivo a propriedade de modificar qualquer nome substantivo, concordando com elle em genero e numero, que por isso sempre é declinavel, como: *amado, amada, amados, amadas*; *entendido, entendida, entendidos, entendidas*; *applaudido, applaudida, applaudidos, applaudidas*.

Estes participios tem tres usos em nossa Lingua; ou se tomam como participios passivos, e n'este caso sempre se conjugam e andam juntos com os verbos substantivos *ser* ou *estar*, como: *sou amado, estou perdido*: ou como adjectivos verbaes,

appostos aos substantivos para os modificarem, como: *hospede bem* ou *mal agasalhado*; *logar povoado*; *campos semeados, terrenos pousios*, etc., ou como nomes substantivados por meio dos artigos, v. gr. *um agasalhado gostoso, o povoado, os semeados, um terreno, os pousios*, etc.

No primeiro uso cumpre notar, que os participios passivos dos verbos intransitivos, chamados neutros, se accommodam melhor com o verbo *estar*, do que com o verbo *ser*; e os participios passivos dos verbos transitivos activos se dão melhor com este do que com aquelle. Assim diremos: *ser amado*, e *estar quêdo*; *ser morto* (por *matado*) e *estar morto*; *ser nascido*, e *estar vivo*; *ser lembrado*, e *estar esquecido*, etc.

Os participios de significação neutra, ou puramente relativa, ajuntam-se muitas vezes elegantemente, ainda em significação activa, com o verbo *ser* melhor do que com o auxiliar *haver*. Assim o usam nossos melhores classicos, como Heitor Pinto: *E por não gastar o tempo em recitar varões insignes, que* foram carecidos *da vista*[1]. Amador Arraes: *Sobre que* erão succedidos *muitos insultos*[2]. Sá de Miranda: São vindas *minhas culpas e querellas*[3]. Vieira: *Ainda não* era vinda *a hora do sol*[4]. O mesmo: *Porque não* era *ainda* vindo *o esperado*[5]. Sousa: Era entrado *o anno de duzentos e nove*[6]. Somos chegados *com a Historia aos annos do Senhor*[7].

Nos quaes exemplos, e em infinitos outros, é para notar, como os verbos, parecendo de voz passiva, tem todos significação activa, a tanto valem como se, para ella mudados, se dissesse no primeiro exemplo: *que tinham carecido*, ou *que careceram*; no segundo *que tenham succedido*, ou *succederam*; no terceiro: *tem vindo*, ou *vieram*, e assim nos mais que se seguem. Pelo contrario muitos participios de verbos puramente relativos se tomam por nossos auctores em sentido passivo, como: *Os levitas, como* elle *era, erão ali* respondidos. Barros, Dial. II, pag. 269. *Sem que fossem vistos, nem* resistidos: J. Fr. II, 77 e 148. *A crueldade o fazia mais* obedecido: ibid. 93. *Andavão* batalhados *com D. Alvaro*: ibid. 165. *Cidade* tributada *das aldêas visinhas*: ibid. IV, 5.

Ha muitos verbos que tem dois participios passivos, um in-

[1] *Dial. da Verd. Philos.*, cap. III.
[2] *Dial. V*, cap. XII.
[3] *Canção a Nossa Senhora.*
[4] *Serm.* tom I, col. 277.
[5] *Serm.* tom. VI, pag. 221, col. 1.
[6] *Histor. de S. Dom.*, part. I, liv. I, cap. III.
[7] Ibid. part. I, liv. IV, cap. I.

teiro e regular, e outro contrahido e irregular: os quaes pômos aqui, assim porque cumpre saberem-se, como para sobre elles cairem as observações que se lhes seguirão.

I CONJUGAÇÃO EM *AR*

Acceitar	Acceitado	Acceito
Affeiçoar	Affeiçoado	Affecto
Agradar	Agradado	Grato
Annexar	Annexado	Annexo
Aprompitar	Aprompitado	Prompto
Arrebatar	Arrebatado	Rapto [1]
Captivar	Captivado	Captivo
Cegar	Cegado	Cego
Descalçar	Descalçado	Descalço
Entregar	Entregado	Entregue
Enxugar	Enxugado	Enxuto
Excusar	Excusado	Excuso
Exceptuar	Exceptuado	Excepto
Expressar	Expressado	Expresso
Expulsar	Expulsado	Expulso
Fartar	Fartado	Farto
Gastar	Gastado	Gasto
Ignorar	Ignorado	Ignoto
Infestar	Infestado	Infesto
Isentar	Isentado	Isento
Juntar	Juntado	Junto
Limpar	Limpado	Limpo
Manifestar	Manifestado	Manifesto
Matar	Matado	Morto
Misturar	Misturado	Misto
Molestar	Molestado	Molesto
Occultar	Occultado	Occulto
Pagar	Pagado	Pago
Professar	Professado	Professo
Quietar	Quietado	Quieto [2]
Salvar	Salvado	Salvo
Seccar	Seccado	Secco
Segurar	Segurado	Seguro

[1] É de fr. Marcos de Lisboa, Camões, Sousa, Sá de Menezes, Francisco Barreto, etc.

[2] *Quietar* ou *aquietar*, na significação de *socegar*, *estar quieto*, e na de *parar*, *estar quedo*, do verbo antiquado *quedar*.

Sepultar	Sepultado	Sepulto
Soltar	Soltado	Solto
Sujeitar	Sujeitado	Sujeito
Suspeitar	Suspeitado	Suspeito
Vagar	Vagado	Vago

II CONJUGAÇÃO EM *ER*

Absolver	Absolvido	Absolto [1]
Absorver	Absorvido	Absorto
Accender	Accendido	Acceso
Agradecer	Agradecido	Grato
Attender	Attendido	Attento
Conter	Contido	Conteúdo
Convencer	Convencido	Convicto
Converter	Convertido	Converso
Corromper	Corrompido	Corrupto
Defender	Defendido	Defeso [2]
Eleger	Elegido	Eleito
Encher	Enchido	Cheio
Envolver	Envolvido	Envolto
Escrever	Escrevido	Escripto
Escurecer	Escurecido	Escuro
Extender	Extendido	Extenso
Incorrer	Incorrido	Incurso
Interromper	Interrompido	Interrupto
Manter	Mantido	Manteudo
Morrer	Morrido	Morto
Nascer	Nascido	Nado
Perverter	Pervertido	Perverso
Prender	Prendido	Preso
Resolver	Resolvido	Resoluto
Reter	Retido	Reteudo
Romper	Rompido	Roto
Suspender	Suspendido	Suspenso
Torcer	Torcido	Torto

[1] É de fr. Marcos de Lisboa, Sá de Miranda, Lucena, Sousa, Vieira, etc. Mas este tambem disse *absoluto*.

[2] Todos estes participios, *defeso*, *diffuso*, *diviso*, *instructo*, *oppresso*, etc., são de nossos melhores classicos, Fernão Lopes, Barros, fr. Marcos de Lisboa, Amador Arraes, Sá de Miranda, Camões, Bernardes, Ferreira, Heitor Pinto, etc.

III CONJUGAÇÃO EM *IR*

Abrir	Abrido	Aberto
Abstrahir	Abstrahido	Abstracto
Affligir	Affligido	Afflicto
Concluir	Concluido	Concluso
Confundir	Confundido	Confuso
Contrahir	Contrahido	Contracto
Cobrir	Cobrido	Coberto
Diffundir	Diffundido	Diffuso [1]
Dirigir	Dirigido	Directo
Distinguir	Distinguido	Distincto
Dividir	Dividido	Diviso [2]
Erigir	Erigido	Erecto
Exhaurir	Exhaurido	Exhausto
Expellir	Expellido	Expulso
Exprimir	Exprimido	Expresso
Extinguir	Extinguido	Extincto
Extrahir	Extrahido	Extracto
Frigir	Frigido	Fricto
Imprimir	Imprimido	Impresso
Incluir	Incluido	Incluso
Infundir	Infundido	Infuso
Inserir	Inserido	Inserto
Instruir	Instruido	Instructo [3]
Opprimir	Opprimido	Oppresso [4]
Possuir	Possuido	Possesso
Reprimir	Reprimido	Represso
Submergir	Submergido	Submerso
Supprimir	Supprimido	Suppresso
Surgir	Surgido	Surto
Tingir	Tingido	Tincto

Sobre o uso d'estas duas sortes de participios passivos não se póde estabelecer uma regra fixa e universal. Só sim se póde dizer em geral que os da primeira fórma regular são ordinariamente os verdadeiros participios, ou activos e indeclinaveis, conjugados com o auxiliar *ter*; ou passivos e declinaveis, conjugados com o verbo substantivo *ser*.

[1] Veja-se a nota 2 da pag. antecedente.
[2] Ibid.
[3] Ibid.
[4] Ibid.

Os da segunda fórma, pela maior parte contrahidos dos primeiros, são mais uns adjectivos verbaes do que participios. Elles de ordinario indicam uma qualidade subsistente no sujeito, sem relação alguma ao seu exercicio, ou activo ou passivo, bem como os mais adjectivos que não são verbaes. Esta a razão por que se attribuem aos sujeitos melhor com os verbos *ser* ou *estar*, do que com o verbo *ter*, como: *sou acceito, sou grato, estou prompto, estou afflicto, etc.*

Isto não obstante, alguns d'estes adjectivos verbaes se usam em sentido activo juntos ao auxiliar *ter*, como: *tenho entregue, tenho farto, tenho escripto, tenho gasto, tenho junto, tenho morto, tenho pago, tenho acceito:* e outros em sentido passivo, como: *ter aberto, coberto, expulso, extincto, eleito, morto, preso, roto, solto, etc.*

Muitos d'estes participios contractos não eram conhecidos de nossos antigos escriptores, como *afflicto, acceito, erecto, gasto, isento, impresso, pago, etc.* e em logar d'elles usavam dos regulares *affligido, acceitado, erigido, gastado, isentado, imprimido, pagado, etc.* Seja como for, estes participios passivos conjugados com o verbo substantivo em todas as suas linguagens e de seus auxiliares, e concordados em genero e numero com os sujeitos pacientes das mesmas, fazem a voz passiva dos verbos activos, como: *se vossos serviços* são *mal* premiados, *basta-vos saber que* são *bem* conhecidos. Veja-se atraz cap. IV, art. III, § II.

DO MODO INDICATIVO E DE SEUS TEMPOS

Já dissemos, que o caracter do **modo indicativo**, e de todas suas linguagens por consequencia, é poderem estar na oração sós; e quando se ajuntam com outras, serem ellas sempre as principaes que determinam e subordinam as mais que se lhes ajuntam. As subordinadas são as linguagens do subjunctivo e as do infinito: d'este, quando o sujeito de ambos os verbos é o mesmo, como: *quero fazer, queremos fazer*; e d'aquelle, quando o sujeito é o mesmo, e quando é differente, como: *duvido que* eu possa *fazer*, *duvido que* faças; e então ligam-se ordinariamente pelo conjunctivo *que*.

As linguagens do indicativo tambem podem ser determinadas por outras, e ligadas pela mesma ou outra conjuncção, como: *dizem que Antonio chegou*: *não sei se isto é verdade*. Porém esta subordinação é accidental, e só produzida pela conjuncção. Tirada esta, tornam a ficar na sua natureza de indicativas, e principaes, como: *Antonio chegou*: *isto é verdade*. Não acontece o mesmo com as outras, que desligadas não fazem sentido.

D'aqui se vê, que não é o conjunctivo *que*, quem determina a linguagem a ser ou subjunctiva, ou indicativa, como dizem muitos grammaticos; mas sim a significação do verbo principal: e cumpre muito á Grammatica saber, quando elle deve levar o outro verbo ao indicativo, e quando ao subjunctivo.

A regra pois é: que o verbo da oração subordinada deve estar no indicativo, todas as vezes que o da principal affirmar com asseveração e certeza, como affirmam os verbos de *julgar, suspeitar, dizer, contar, etc.* que mais pertencem ás faculdades do entendimento que da vontade: e pelo contrario deve ir ao subjunctivo, todas as vezes que o da principal e determinante affirmar com duvida e receio em razão do seu objecto ser contingente. E taes são os verbos de *ignorar, duvidar, temer, esperar, desejar, mandar, pedir, acontecer,* e outros semelhantes, que mais pertencem á vontade que ao entendimento. Porque todos envolvem em si alguma especie de incerteza, quanto a seu objecto futuro.

Por esta razão diremos: *sei que* vem, *duvido que* venha; *julgo que* virá; *temo que não* venha: *dizem que* veiu, *dizem que* viéra; *gosto que* viésse; *temi que não* viésse: e não ás avessas: *sei que* venha, *duvido que* vem: *julgo que* vier, *temo que não* vem; *dizem que* viesse, ou *que* tivesse vindo; *gosto que* viera, *temi que não viera.*

Esta mesma regra é applicavel a todas as conjuncções, ou frases conjunctivas, em que entra o mesmo *que*. Aquellas que affirmam um objecto certo, ou o suppôem, como: *visto que, já que, por que, por quanto, pelo que, assim que, eis que, tanto que, logo que, etc.* requerem a linguagem subordinada no indicativo.

Pelo contrario aquellas que suppôem duvida, e indicam alguma incerteza em seu objecto, como: *para que, comtanto que, sem que, antes que, caso que, até que, por mais que, como quer que, oxalá que, se por ventura, como se, etc.* todas estas demandam na proposição subordinada a linguagem subjunctiva.

Aquellas porém que são indifferentes, e que, conforme o sentido de quem falla, são susceptiveis já de certeza, já de duvida, como: *de sorte que, de tal sorte, modo,* ou *maneira que, ainda que, bem que, posto que, se, ou, etc.*, estas podem-se juntar, segundo as circumstancias, ou com o modo indicativo ou com o subjunctivo. O que tudo (torno a dizer) mostra que não é a conjuncção *que* quem determina a proposição subordinada a tomar um ou outro modo; mas sim a affirmação, ou decisiva, ou receosa, do verbo determinante, quer seja do indicativo, quer do subjunctivo mesmo, e do infinito.

Por isso as frases interrogativas ou negativas ainda dos verbos de *cuidar, dizer, etc.* que costumam levar as subordinações

ao indicativo, quando exprimem alguma duvida, levam-as então ao subjunctivo, como: *cuidas tu que, quando Deos formou a republica das abelhas*, não quizesse *ao mesmo tempo com seu exemplo ensinar os reis a governarem os povos com doçura, e os povos a obedecerem aos reis com amor? Eu não me* persuadia, *que as coisas* saissem *tão mal.* O mesmo passa com os demonstrativos conjunctivos *que, qual, cujo,* precedidos de uma frase interrogativa, ou de outra qualquer que indique duvida, desejo, condição, ou coisa semelhante, como: *ha por ventura alguem, que pela vista do universo* não venha *no conhecimento de seu auctor? No coração do homem* não ha *movimento algum bom que* não venha *de Deos.*

Até aqui temos visto as relações que, por ordem ás proposições subordinadas, tem o modo indicativo comsigo mesmo, e com o subjunctivo. Porém ainda resta ver as relações de correspondencia que os tempos do indicativo tem uns com outros, e estes com os do sujunctivo para determinarem mais uns do que outros. Pois nem todos pódem determinar a todos, e os que determinam e são determinados seguem certas regras fundadas na natureza mesma d'estes tempos, e que por isso foram adoptadas pelo uso quasi universal de todas as linguas, como vamos a ver.

REGRA I

Quando o primeiro verbo está no presente ou no futuro do indicativo, o segundo verbo póde ir a qualquer tempo do mesmo modo, tratando-se de verdades contingentes; e tratando-se de verdades necessarias, todos os tempos do primeiro verbo podem levar o segundo ao presente.

Quando porém o primeiro verbo está em qualquer dos preteritos, ou imperfeitos ou perfeitos, o segundo não póde deixar de ir tambem a outro preterito, imperfeito quando a coisa não foi acabada, e perfeito quando o foi. O que melhor se verá na seguinte

TABOA I

DA CORRESPONDENCIA DOS TEMPOS DO INDICATIVO ENTRE SI

O presente e futuro imperfeitos correspondem	a todos os tempos nas verdades contingentes.	Digo Dize tu Direi	Que *fazes*, ou *tens feito* bem Que *fazias* bem Que *fizeste* bem Que *tinhas feito*, *fizeras* ou *terias feito* bem Que *farás* bem, se... Que *terás feito* bem, quando...
Todos os tempos correspondem ao	presente nas verdades necessarias.	Digo Tenho dito Dize tu Dizia Disse Tinha dito Direi	Que *Deus é justo*
O condicional imperfeito corresponde ao	preterito perfeito relativo simples.	Diria ou Dissera	*Se podera*
Os preteritos imperfeitos ou perfeitos correspondem	aos mesmos ou imperfeitos, quando a acção não é acabada, ou perfeitos quando o é.	Dizia Disse Tinha dito ou Dissera	Que *fazias* ou *farias* bem Que *fizeste* bem Que *tinhas* ou *tiveras feito* bem. Que *terias feito* bem se...
O condicional perfeito corresponde	ao preterito perfeito, ou simples ou composto.	Dissera ou Teria dito	Se *podera* Se *tivera podido*

REGRA II

O tempo do primeiro verbo no indicativo é quem determina, ordinariamente, em que tempo deve estar o segundo verbo no subjunctivo.

Deve-se pois dizer: *é necessario* que eu *ame*, e não que *amas-*

se. *Era* necessario que eu *amasse*, e não que eu *ame*, *foi* necessario que eu *amasse* ou *tivesse amado*, e não que *tenha amado*. *Amaria* se eu *quizesse*, e não se *quereria*. *Teria amado*, se eu *tivesse querido*, e não se eu *teria querido*. Será necessario que eu *ame* ou *tenha amado*, e não que *amar*. Amarei se *podér*, e não se *poderei* ou *possa*.

Mas quando o verbo da proposição principal está no presente ou no futuro do indicativo, o da proposição subordinada vae para o presente do subjunctivo, se se exprimir um presente ou futuro; e para o preterito, se o que se quer exprimir é já passado. E quando o verbo da proposição principal está em algum dos preteritos imperfeitos ou perfeitos, põe-se o segundo no imperfeito do subjunctivo, se o que com elle se quer exprimir é presente ou futuro; e no preterito perfeito, se o que se quer exprimir é passado e acabado. O que tudo melhor se verá na seguinte

TABOA II

DA CORRESPONDENCIA DOS TEMPOS DO INDICATIVO COM OS DO SUBJUNCTIVO

O presente do indicativo corresponde ao	preterito imperfeito, quando a acção é vindoura,	Estimo que *venhas*	
	presente perfeito, quando a acção é acabada.	Estimo que *tenhas vindo*	
	preterito imperfeito, quando passada e não acabada.	Estimo que *viesses*	
Os preteritos do indicativo correspondem ao	preterito imperfeito, quando a acção é vindoura.	Estimava Estimaria Estimára Estimei	Que *viesses*
	preterito perfeito, quando é passada e acabada.	Estimava Estimaria Estimára Estimei	Que *tivesses vindo*
O futuro do indicativo corresponde ao	presente e aos futuros imperfeitos, quando a acção é futura e acabada.	Estimarei	Que *venhas* Se *vieres*
	futuro perfeito, quando a acção é futura e acabada.	Estimarei	Se *tiveres vindo*

DO MODO SUBJUNCTIVO E SEUS TEMPOS

Do que acabamos de observar sobre a corespondencia dos tempos do indicativo com os do subjunctivo, já em parte se póde saber o uso que d'estes se deve fazer na oração. Porém ainda restam algumas observações sobre as linguagens imperativas, e sobre as dubitativas e condicionaes d'este modo.

As linguagens verdadeiramente imperativas, são só as segundas pessoas do tempo do indicativo assim chamado. Ninguem manda directamente se não a pessoas com quem falla; e estas não são, nem pódem ser outras se não as segundas. As linguagens com que os grammaticos supprem a falta das outras pessoas do imperativo, pertencem ao presente do subjunctivo, e são por consequencia determinadas por outro verbo claro ou subentendido. Por exemplo: *ame eu, amemos nós, ame elle, amem elles*, é o mesmo que *praza a Deos*, ou *faze* com que *eu ame*, com que *nós amemos*: *quero*, ou *mando*, ou *exhorto*, ou *permitto* que *elle ame*, que *elles amem, etc.*

As frases *dubitativas* são ou contingentes, ou possiveis e hypotheticas. As primeiras nunca se exprimem senão ou com *se*, em logar de *se por ventura*, e com as linguagens indicativas; ou com *que*, e com as subjunctivas, como: *duvido se vem*, ou *que venha*; *duvido se é vindo*, ou *que tenha vindo*; *duvido se veiu*, ou *que viesse*: *duvido se era vindo*, ou *que tivesse vindo*; *duvido se ha de vir*, ou *que haja de vir*.

As possiveis e hypotheticas nunca se pódem exprimir senão com *se*, e com as linguagens condicionaes em *ria*, assim chamadas, não porque levem *se*, quando determinam outras, mas porque as que ellas determinam levam sempre a dita conjuncção; e só quando são determinadas pelos verbos de duvidar é que a admittem, e nunca *que*, como: *duvido se viria*, e não *que viria*; *duvidei se teria vindo*, e não *que teria vindo*.

As dubitativas, que levam comsigo o affecto de *medo*, ou *receio*, sempre se exprimem com *que* só, quando eu temo succeda um coisa que não desejo, como: *temo que me castigue*; ou com *que* acompanhado de *não*, quando eu temo não succeda uma coisa que desejo, como: *temo que não pague*.

As *condicionaes* tambem são ou contingentes, ou possiveis só, e hypotheticas. Aquellas affirmam debaixo de uma condição factivel, e estas affirmam debaixo de uma hypothese, ou caso meramente possivel. As linguagens determinantes das primeiras para o presente, e preterito, são as indicativas dos mesmos tempos, e as determinadas ou condicionaes lhes correspondem no mesmo modo e nos mesmos tempos: *sou, se és*; *se eras, era*

eu tambem; se fui, foste, etc.: e para o futuro as determinantes são do presente, ou futuro indicativo, e as determinadas do futuro subjunctivo: *prometto-te, se fizeres; farei o que me pedes, se podér; se até á manhã não tiver tido embaraço, por todo esse dia terei feito o que me pedes.*

Quanto ás condicionaes possiveis e hypotheticas, estas tem linguagens apropriadas, tanto para as proposições principaes e determinantes, como para as subordinadas que levam a condição. Umas e outras se correspondem sempre nos tempos. Se a primeira e principal é o preterito imperfeito condicional do indicativo em *ria*, a subordinada é tambem o mesmo tempo do subjunctivo em *sse*: *eu te* obsequiaria, *se tu me* obsequiasses: e se a mesma principal é a linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada como um preterito imperfeito, a sua subordinada correspondente é outra linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada tambem como preterito imperfeito: *se tu me* obsequiaras, *eu te* correspondera: ou a do subjunctivo em *sse*; *se tu me* obsequiasses, etc.

Do mesmo modo, nos preteritos perfeitos condicionaes, se a principal é a linguagem composta em *ria*, a sua subordinada é o correspondente do subjunctivo em *sse*, como: *eu te* teria obsequiado, *se tu me* tivesses obsequiado *primeiro*: e se a principal é a linguagem simples indicativa em *ra*, tomada como preterito perfeito, a sua subordinada correspondente é outra linguagem em *ra* do mesmo modo e do mesmo tempo; como: *eu te* obsequiara, *se tu me* corresponderas.

D'aqui se vê, que a linguagem condicional em *ra* tanto imperfeita como perfeita, é a mesma, e que só o sentido da frase é que a determina a tomar-se ou como imperfeita ou como perfeita. Nossos classicos melhores e mais antigos, que para um e outro tempo gostavam mais de empregar a fórma em *ra* do que em *ria*, usam a cada passo d'ella para um e outro tempo. Para o imperfeito João de Barros: *Se Catão* fora *vivo, me parece* se pejara *de a pronunciar* [1]. *Se Aristoteles* fora *nosso natural, não* fora *buscar linguagem emprestada.* [2] *E se lhe* falecera *algum termo sucinto*, fizera *o que vemos em muitas partes ao presente* [3].

Para o perfeito: *este exercicio se nós* o usaramos, *já* tiveramos, etc. [4] *E parece que* tivera *a fortuna* (de seu appellido), *se*

[1] Barros, *Dial. em louvor da nossa Linguagem*, ediç. de Lisboa 1785, pag. 221.
[2] Ibid. pag. 222.
[3] Ibid.
[4] Ibid. pag. 224 e 230.

não fora *tam breve o seu governo*[1]. *Além de cruel* fora desagradecido, *se não* aceitára, etc.[2] *Era o Hidalcão liberal e valeroso,* e *sem duvida* fora *um grande principe, se* conservára o *reino com as mesmas virtudes com que soube adquiril-o*[3].

A regra da linguagem subordinada corresponder sempre no tempo á da principal, é geral quando se trata de acções passageiras. Porém se se trata de um estado e qualidade fixa e permanente, então a linguagem condicional do preterito perfeito demanda não já este, mas o preterito imperfeito do subjunctivo. Se eu dissesse: *este homem* não teria soffrido *aquella affronta, se* tivesse sido *sensivel*; a expressão não seria exacta, porque se trata de uma qualidade de temperamento, estavel. Deve dizer-se: *se fosse sensivel.* Os que para ambas as proposições usam da linguagem em *ra,* livram-se d'este embaraço.

D'este modo acabamos de dizer tudo o que havia de mais importante, sobre a primeira e a principal parte conjunctiva da oração, qual é o verbo. Resta tratar das outras duas, **preposição** e **conjuncção,** que são o objecto dos dois capitulos seguintes.

CAPITULO V

DA PREPOSIÇÃO

Preposição é uma parte conjunctiva da oração, que posta entre duas palavras indica a relação de complemento que a segunda tem para a primeira. Assim, n'estas expressões; *venho* do *Porto, passo* por *Coimbra,* e *vou* para *Lisboa*; as tres preposições *de, por* e *para,* postas entre os verbos adjectivos, *venho, passo, vou,* e os nomes *Porto, Coimbra,* e *Lisboa,* mostram a relação de complementos em que estes estão para aquelles.

O verbo tambem é uma parte conjunctiva da oração. Porém tem differenças essenciaes que o distinguem da preposição. 1.° Quanto aos termos que combinam e ajuntam. O verbo combina e ata entre si os dois termos da proposição, sujeito e attributo: a preposição porém conjunta só as palavras que servem de complementos, ou ao sujeito, ou ao attributo, ou ao verbo da mesma oração. 2.° Quanto á especie de relação. A que o verbo pôe entre o sujeito e o predicado, é a relação de *identidade* e coexistencia de um com outro: e a que a preposição indica entre seus

[1] Jacintho Freire, *Vida de D. J. de Castro,* ediç. de Paris 1759, pag. 14.
[2] Id. ibid. pag. 71.
[3] Id. ibid. pag. 43.

dois termos, *antecedente* e *consequente*, é a relação de *determinação*, pela qual aquelle determina este, ou é determinado por elle. 3.º Quanto ao numero de idéas que cada um exprime. O verbo, além da sua idéa propria e principal da coexistencia dos dois termos, ajunta a esta muitas accessorias, como são a do numero e pessoas, e ainda a de um attributo, se é verbo adjectivo, que por isso é uma parte grande da oração e não particula, uma parte declinavel e summamente variada em suas determinações para poder comprehender toda esta variedade de idéas, uma parte, emfim, que póde ser composta e derivada de outras.

A **preposição** porém não indica senão uma unica idéa, e esta geral e simplicissima, qual é a relação de complemento em que um objecto está para com outro; a qual relação é um mero aspecto, e uma vista momentanea com que nosso espirito considera uma idéa em respeito a outra. D'aqui vem:

1.º Que o mechanismo da linguagem imitando, com os vocabulos, quanto lhe é possivel, a natureza das idéas, não podia deixar de escolher para representar esta relação simplicissima senão palavras curtas e monosyllabas, chamadas *particulas*, como escolheu em todas as linguas. Por isso qualquer palavra polysyllaba, que se queira introduzir na Grammatica como preposição, se faz suspeita pela sua mesma extensão.

2.º Que toda a **preposição** sempre é uma palavra **indeclinavel** e **invariavel**, simples e não composta, primitiva e não derivada. Porque a declinação, composição, e derivação dos vocabulos não se faz senão para concentrar em uma palavra com sua idéa principal outras accessorias; o que não cabe na preposição, que, como vimos, exprime uma idéa só, e essa simplicissima.

3.º Que exprimindo a preposição uma relação, e toda a relação tendo necessariamente dois termos pelo menos, ella requer por consequencia duas idéas para combinar, uma *antecedente*, e outra *consequente*; e requer outrosim estar no meio d'ellas segundo a ordem da construcção direita e analytica. Digo: *segundo a ordem da construcção direita e analytica*, porque na invertida muitas vezes succede o contrario, ou por necessidade, quando os complementos das preposições são alguns dos demonstrativos, ou puros, ou conjunctivos, como: *de Coimbra a Lisboa vão tantas leguas*, quando a ordem, seria: *tantas leguas vão de Coimbra a Lisboa*, ficando as preposições *de* e *a* entre o verbo *vão*, e seus respectivos complementos.

4.º Que, como a segunda idéa sempre é complemento da primeira, segue-se que esta é sempre incompleta. Ora uma idéa póde ser incompleta de dois modos; ou por ser vaga e geral;

e por consequencia susceptivel de determinação; ou por ser relativa, e demandar por consequencia um termo que complete sua relação. D'aqui duas especies de complementos, uns *determinativos*, e outros *terminativos*. Quando digo: *o livro de Pedro*; a preposição *de* com o nome *Pedro*, é um complemento determinativo; porque determina e restringe a significação geral e vaga da palavra *livro*. Porém se digo; *o filho de Pedro*; o o mesmo complemento já é terminativo; porque serve de termo á significação relativa da palavra *filho*, que o requer. As palavras de significação relativa tambem o são de uma significação vaga, mas não ás avêssas.

D'aqui se segue que a palavra que serve de termo antecedente á preposição, devendo ter uma significação vaga e indeterminada, e não havendo outras d'esta natureza senão os nomes appellativos, e os adjectivos explicativos e restrictivos, estes só, e não outros, são os que podem ser antecedente da preposição; bem entendido, que n'esta conta entram tambem os verbos adjectivos e os adverbios; porque aquelles levam comsigo o adjectivo, e estes o substantivo appellativo.

Pelo contrario não pódem ser antecedentes da preposição nem os nomes proprios, nem os adjectivos determinativos, menos quando são partitivos. Porque o que é determinado e determinativo, não é susceptivel de novas determinações. Mas se não podem ser antecedentes de preposição, podem ser consequentes da mesma, como tambem os nomes appellativos, quando sua significação geral é mais restricta que a do antecedente.

A **preposição** nunca póde ser nem antecedente, nem consequente de outra. Porque indica só uma relação entre duas idéas, e por si não significa idéa alguma; o que era preciso ou para poder ser determinada, ou para servir de termo e complemento a outra preposição. Quando, pois, se encontram duas preposições seguidas antes de um mesmo consequente, como: *perante o juiz, por de traz, por diante, por entre os perigos, para comigo, para com elle*, a segunda nunca é complemento da primeira, mas ambas tem um complemento commum, do qual exprimem duas relações ao mesmo tempo.

E pelo contrario, um signal certo de que uma palavra não é preposição, é quando ella é ou precedida ou seguida de preposição: e taes são muitos nomes e adverbios contados de nossos grammaticos como preposições, que estão tão longe de o serem, que antes servem ou de antecedentes á preposição que se lhes segue, ou de complementos á que lhes precede, como logo veremos.

Explicada assim a natureza da **preposição**, postos os principios em que a mesma se funda, e deduzidas d'elles as legitimas

consequencias, passaremos já a examinar: 1.º quaes são as verdadeiras preposições portuguezas, e quaes não: 2.º como se pódem classificar: 3.º e como as mesmas com seus complementos se reduzem a uma menor expressão pelos *adverbios* em todas as linguas, e pelos *casos* n'aquellas que os tem. O que fará a materia dos quatro artigos seguintes.

ARTIGO I

DO NUMERO DAS PREPOSIÇÕES PORTUGUEZAS

Nossos grammaticos contam na Lingua Portugueza até «quarenta» **preposições**, que pela sua ordem alphabetica são as seguintes: *a, abaixo, ácerca, acima, afóra, além, ante, antes, apoz, áquem, árroda, aorredor, até, atraz, com, contra, conforme, de, debaixo, decima, defronte, detraz, dentro, depois, diante, desde, em, entre, excepto, junto, longe, perto, para, per, perante, por, segundo, sem, sob,* e *sobre.* A palavra *cerca,* que João de Barros conta como preposição, e *fóra, poz, traz,* de que tambem usam nossos escriptores, são as mesmas que *ácerca, afóra, apoz, atraz.*

De todas estas quarenta palavras só «dezeseis» são *preposições* sem duvida alguma, a saber: *a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre.* As mais todas ou são nomes, ou adverbios, e como taes devem ser tirados da posse injusta em que as pozeram nossos grammaticos.

São nomes substantivos servindo de complementos ás preposições que os precedem, quer separadas, quer incorporadas na mesma palavra, as seguintes: *a baixo, de baixo, a cima, de cima, á cerca, de fronte, á roda, ao redor*: porque todas estas palavras se acham empregadas pelos nossos classicos, e no uso actual da Lingua como substantivos sem preposição alguma; e com ella ficam sendo o mesmo que eram sem differença alguma mais do que servirem de complementos á preposição, bem como os mais nomes. Se fossem preposições, mal podiam ser complementos d'ellas; porque uma preposição nunca póde ser complemento d'outra, como deixámos demostrado.

São *adverbios* ou *expressões adverbiaes* as seguintes: *afóra, além, áquem, atraz, conforme, detraz, dentro, depois, diante, excepto, junto, longe, perto, segundo.* Uma prova evidente d'isto, é que todas as palavras á excepção de *conforme, excepto, segundo,* se acham na oração ou precedidas ou seguidas de preposição; e a maior parte d'ellas precedidas e seguidas d'ella ao mesmo tempo. O que não podia ser, se ellas mesmas fossem verda-

deiras preposições. Pois uma preposição nunca póde ser nem antecedente, nem consequente de outra, como acima fica mostrado.

Se as palavras *conforme* e *segundo* se acham sem preposição nem d'antes nem depois, e seguidas immediatamente de seus complementos, como succede nas verdadeiras preposições, é porque tendo uma significação relativa, como os adjectivos *conforme conformes*, *segundo segunda*, d'onde se derivaram, era facil entender entre ellas e seus complementos a preposição *a*, a qual se expressa em seus primitivos quando por ex. dizemos: *julgar segundo* ou *conforme ás leis*. Quanto á palavra *excepto*, ella é um participio passivo, contrahido de *exceptuado*: e quando dizemos *excepto isto*, é o mesmo que *sendo isto exceptuado*. Em todo o caso uma palavra polysyllaba, derivada, e ella mesma nome adjectivo adverbiado, como estas são, nunca podia ser preposição pelas razões acima ponderadas.

Das palavras acima só em duas poderia haver duvida, se são ou não verdadeiras preposições, que são *diante* e *traz*. Nossos classicos as empregavam algumas vezes como preposições, pondo-as entre um antecedente e um consequente absolutamente, sem as fazer preceder nem seguir de outra preposição, como: *chegando* diante *ella*, *traziam* diante *si*, *postos uns* traz *outros*, Traz *os Montes*, etc.

Mas as mais das vezes usam d'ellas como de adverbios, já fazendo-os complementos de outras preposições, como: *de diante*, *para diante*, *em diante*, *a traz*, *de traz*, *para traz*; já fazendo-as antecedentes de outras, como: *diante de mim*, *diante de outrem*, *atraz da porta*, *detraz da porta*, *por detraz de mim*; já emfim usando d'ellas como de puros adverbios: *ir por diante*, *d'aqui em diante*, *deixar atraz*, *tornar atraz com a palavra*, etc. Determinado, pois, assim o numero de nossas preposições, passemos já a examinar as funcções e propriedade de cada uma d'ellas, para as reduzir, se possivel for, a classes, e fixar por este modo seu emprego no discurso.

Quasi todos nossos grammaticos e lexicographos dão por homonymas muitas das nossas preposições, pretendendo que uma mesma preposição exprima varias relações communs a outras, segundo o uso assim o quiz. Que a preposição *a*, por exemplo:

Está em logar de *com* n'estas expressões: *estar* a *mil modos atado*; *dizer* á *bocca aberta*; *pedir* a *altas vozes*.

Em logar de *contra* n'estas: *foi-se* a *elle*; *lançar barro* á *parede*.

Em logar de *de*, quando digo: *querer á boa mente*.

Em logar de *em*, como: *que arte* á *sua guerra*, á *sua paz achamos*.

Em logar de *para*, e *para com*, como: *viver* a *si e não para os outros*; *grandes queixas* a *Deos*, *e* ao *mundo*.

Em logar de *por*, como: *requerer á honra de Deus. Á mingua de ferro rapavam as barbas com pedras agudas.*

E finalmente em logar de *sobre*, como: *trazer* ás *costas*: *pôr* ás *costas*. Vej. o Diccionario da Academia das Sciencias de Lisboa.

O mesmo succede com a preposição *de*, que dizem se confunde:

Já com *em*, como: de *dia*, de *noite*, de *madrugada.*

Já com *para*, como: *facil* de *digerir*; *difficil* de *alcançar.*

Já com *por*, como: *fugi* de *medo*; *chorei* de *gosto.*

Já com *com*, v. gr. *fez isto* de *proposito, e* de *má vontade*, etc.

A ser assim, ficariam as preposições confundidas umas com outras, seu uso arbitrario e incerto, e frustrada a empreza de as reduzir a certas classes segundo suas propriedades. O uso porém não é tão cego e despotico, que não siga em seus procedimentos alguma razão e ordem, que cumpre indagar, para não fazer da Grammatica uma collecção mera de observações desvairadas, devendo ser um systema razoado de analogias. Isto é que passamos a mostrar com as observações seguintes.

1.ª OBSERVAÇÃO

O primeiro destino das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensiveis por ordem ao logar que occupam em um espaço, ou ao movimento que no mesmo fazem. Mas como as mesmas relações que ha entre os objectos sensiveis, póde tambem haver entre as idéas abstractas, que, como aquelles, são egualmente objectos de nossos pensamentos, e as idéas abstractas o podem ser mais, ou menos: d'aqui vem, que uma mesma preposição póde ter logar em casos bem dissemelhantes, de sorte que ás vezes as ultimas accepções apartam-se tanto das primeiras, que perdendo-se de vista o fio da analogia, pelo qual a preposição foi passando gradualmente de um uso a outro, não será facil dar a razão da differença entre as suas primeiras accepções e as ultimas. Comtudo, é certo que a ha.

Quem, por ex. póde duvidar de que n'estas expressões: *viver* á *lei da natureza, vestir* á *moda, trajar* á *franceza,* se não entenda por ellipse o adverbio *conformemente,* para ser o antecedente proprio da preposição *a*? E se o é, porque não será tambem n'esta: *fallar* a *torto e* a *direito*? Se fallar *conformemente* a *direito*, ainda se diz em bom portuguez, porque se não entenderá o mesmo adverbio quando dizemos *fallar* a *torto*? Pois

torto é egualmente complemento da preposição *a*, como é a palavra *direito*, e na mesma frase, e debaixo da mesma relação.

Com tudo, não obstante assim o pedir a razão, já fica mais dura a expressão pondo-se-lhe claro o mesmo antecedente, d'este modo: *fallar* conformemente a *torto*; e á vista d'isto já não parecem tão duras e escabrosas muitas outras expressões, em que a analogia pede se entenda o mesmo adverbio, como: *fazer* á *boa mente*, *tomar* á *peior parte*, *roubar mais* a *seu seguro*, *morrer* á *fome*, *pelejar* a *pé quedo*, a *cavallo*, *passar tudo* a *ferro*, *fogo e sangue; andar* ás *cegas*, ás *apalpadelas*, ás *avessas*; e n'estas: a *saber isto*, *não faria*, etc. A *ser assim*, *não quero*, etc., expressões em que os nossos grammaticos dizem estar a preposição *a* em logar da conjuncção *se*, fazendo as frases condicionaes. O que não podia ser sem perturbar todas as idéas que temos de grammatica e de logica.

De tudo isto se segue que, uma vez que o uso de nossa Lingua adoptou a preposição *a* para exprimir a relação de *termo para onde*, em geral, e em particular o de conformidade entre dois objectos, como os latinos empregavam a sua *ad* para o mesmo fim, como: *vivere* ad *similitudinem*, *non* ad *rationem*: todas as vezes que o complemento d'ella significar o modo e fórma de qualquer acção, e não tiver antecedente claro, este se deve supprir pelos adverbios *segundo*, *conforme*, ainda que, expressados elles, façam mais estranha a frase, por se usar d'ella só ellipticamente.

Em todas porém se percebe o fio da analogia primitiva, para não ser necessario confundir umas preposições com outras. A relação geral exprimida pela preposição é sempre a mesma. Os complementos d'ella são os que variam, e parecem mais ou menos duros, segundo se apartam e chegam mais áquelles com que a preposição se ajuntou ao principio.

2.ª OBSERVAÇÃO

A segunda observação é, que sendo o antecedente de qualquer preposição sempre um termo, ou relativo, ou vago, no primeiro caso é preciso não confundir a relação particular do termo com a geral indicada pela preposição, antes fazer sempre distincção de uma e outra. Sem esta distincção, a mesma preposição poderia parecer destinada a significar differentes relações, e ainda oppostas.

Estas frases: *dar alguma coisa* a *alguem*, *tirar alguma coisa* a *alguem*; *dizer bem* de *alguem*, *dizer mal* de *alguem*, fazem um sentido contrario. Porém, a contradicção não está nas pre-

posições *a* e *de*, que constantemente exprimem, aquella um termo a que se dirije uma acção ou relação, e esta um termo d'onde parte ou depende qualquer acção ou relação, ou que se olha como tal, para d'elle como principio, ou efficiente ou determinante, se enunciar qualquer coisa. A contradicção está toda nas differentes idéas relativas dos dois antecedentes da preposição *a*, que são *dar* e *tirar*, e entre os da preposição *de*, que são *dizer bem* e *dizer mal*.

Quando o antecedente da preposição *a* não tem uma significação relativa, que demande um termo para onde, não póde elle ser o verdadeiro antecedente da preposição. Necessariamente se lhe ha de então entender outro de fóra, que por ellipse se occulta. Taes são ordinariamente:

1.º *A respeito*, ou *relativamente*, n'estas expressões: *que arte* (sup. *respeito*) á sua guerra, á *sua paz achamos? Este rio* (sup. *relativamente*) a *logares* tem *quatorze e quinze braças de fundo*: *que ao rico*, a quem mais, *todos acodem*[1], isto é: porque *todos acodem ao rico* á porfia ou competencia, *quem mais* acodirá?

2.º *Conformemente*, como: *viver* (conformemente) á *lei da natureza*, á *moda*: *fallar* a *proposito*: *mandar* á *instancia do povo*.

3.º *Junto, proximo*, ou *immediatamente*, como: *está* a *partir*: *está* a *morrer*: *correr* a *o longo do rio*: *sentar-se* á *direita*: *chegar* á *noite*, a *o pôr do sol*.

4.º *Té* ou *até*, n'estas e semelhantes expressões: *comprar* a *tanto*, a *tres por cento*: o arratel de *uvas val* a *dez réis*, isto é, *até dez réis*, e não *por dez réis*, como Argote diz, julgando que a preposição *a* se põe em logar de *por*.

5.º *Virado* (versus) n'estas e semelhantes locuções: Ao *norte*, ao *sul*, ao *nascente*, ao *poente*: *lançar barro* á *parede*: *ir-se* a *elle*: ás *avessas*: á *direita*, etc.

6.º *Seguindo-se*, principalmente nas distribuições, como: *um* a *um*, *dois* a *dois*, etc.[2] Todas estas expressões são ellipticas; e porque só assim se usam, quando se supprem, parecem estranhas.

No segundo caso, quando a preposição *de* não tem um antecedente, ou relativo a um termo *d'onde*, ou vago, cuja significação ella haja de restringir com seu complemento; tambem ha ellipse, a qual é facil de supprir com algum nome appellativo, correspondente ao complemento da preposição, como, por ex. é o appellativo *tempo* ou *hora*, n'estas expressões: de *dia*, de

[1] Bernardes. *Lima*, Cart. 16.

[2] Nossos classicos dizem antes *um* e *um*, *dois* e *dois*, que *um* a *um*, *dois* a *dois*.

noite, de *madrugada*; o appellativo *por causa*, em estoutras: *fugio* de *medo*, *chorou* de *gosto*, *fez isto* de *proposito*, de *má vontade*, *vencido* da *paixão*; os appellativos *palavra*, *nome*, *resposta*, *carta*, *papel*, n'estas expressões, *dizer* de *não*, *responder* de *não*, *chamar* de *hypocrita*, *escrever* de *pezames*, *escrever* de *parabens*, *fazer* de *galante*: o appellativo *tenção* ou *resolução* em todas as linguagens compostas do verbo *haver* ou *ter* e dos infinitos com a preposição *de*, como: *hei* ou *tenho* de *fazer*, etc.

N'estas expressões *infeliz de mim! pobre d'elle!* e outras semelhantes, ha um ellipse do verbo *fallo*, que se deve entender antes da preposição *de*, pondo o accento exclamativo logo depois da primeira palavra, d'este modo: *infeliz! fallo* de *mim*, *pobre! fallo d'elle*: a qual ellipse outrosim se deve entender na expressão citada pelo A. da *Grammatica da Lingua Castelhana*; *o cão* do *criado veiu com o cão* do *amo*, a qual (diz elle) por elegancia e propriedade da lingua póde tomar-se em dois sentidos, ou que os dois cães vieram juntos, ou que vieram juntos o amo e o criado. No primeiro sentido a preposição *de*, é determinativa da significação vaga do nome *cão*, e no segundo terminativa da significação relativa do verbo *fallo*, que se lhe entende, d'este modo: *o cão* (fallo) do *criado*, *o cão* (fallo) do *amo*.

Depois d'estas observações não será tão difficil, como parece, o reduzir cada preposição ao seu significado proprio e natural de uma relação geral, differente das que tem as outras preposições, posto que modificada diversamente pelas differentes applicações que da mesma fazem os seus antecedentes e consequentes: e feita esta reducção particular, não será tambem difficil a geral de todas as preposições a certas classes, como passamos a ver no artigo seguinte.

ARTIGO II

CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES PORTUGUEZAS

Todas as **preposições** se podem reduzir a duas classes, segundo as duas relações geraes que os objectos podem ter uns com outros, ou de *estado* e *existencia*, ou de *acção* e *movimento*. Ambas estas relações são locaes em sua origem. A primeira diz respeito ao logar *onde* alguma coisa está ou existe. A segunda diz respeito aos logares *d'onde* alguma coisa vem, *por onde* vae, ou *aonde* vae: por isso ás preposições da primeira relação geral darei o nome de *preposições de estado e existencia*, e ás da segunda o de *preposições de acção e movimento*.

§ I

PRIMEIRA CLASSE

PREPOSIÇÕES DE ESTADO E EXISTENCIA

As preposições d'esta classe exprimem as relações dos objectos por ordem ao logar *onde* existem, ou absolutamente, ou tambem em respeito a outros objectos que no mesmo se acham. Porque a idéa do logar *onde* é geral e indeterminada, e por isso susceptivel de varias determinações particulares, quaes são as differentes *situações* de um objecto a respeito de outro no mesmo logar, e os *acompanhamentos* que com elle concorrem, ou deixam de concorrer. As situações podem-se considerar relativamente ou ás superficies horisontaes, ou ás perpendiculares. Tudo são modificações do logar *onde*, que as preposições d'esta classe exprimem do modo seguinte.

1.° DA PREPOSIÇÃO *EM* RELATIVA AO LOGAR *ONDE* EM GERAL

Todo o objecto sensivel, que existe, existe em um logar. Esta relação de existencia, a mais geral por ordem ao logar *onde*, é a que indica nossa preposição *em*, ou se exprima e escreva assim, ou *ẽe* com todos seus sons, ou só pela letra *n'* junta com o artigo, como: *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*. Assim, do espaço do logar dizemos: *estar* na *cidade*, *estar* em o *campo*. Do espaço do logar era facil passar ao espaço do tempo, do espaço do tempo a um espaço ideal, e dizer: *estar* no *inverno*, *estar* no *verão*, e d'ahi *estar* em *si*, *estar* em *seu juizo*; e junta com verbos de movimento significar o logar onde se vae estar, como: *passar* em *Africa*, *sair* em *terra*, *entrar* em *casa*, *entrar* em *si*; e d'aqui por analogia, em *observancia das ordens*, em *castigo de meus peccados*, em *continente*, em *geral*, em *extremo*, etc.

2.° DAS PREPOSIÇÕES *SOBRE*, *SOB* E *ENTRE*, RELATIVAS ÁS SITUAÇÕES HORISONTAES DO MESMO LOGAR *ONDE*

Por ordem ás superficies horisontaes, qualquer objecto póde ter uma situação ou *superior* ou *inferior*. A primeira situação local é indicada pela nossa preposição *sobre*, ou se diga de um logar real, como: *estar* sobre a *terra*; ou virtual, como: *estar*

sobre *si*, *disputar* sobre *alguma coisa*; ou do espaço do tempo, *sobre a tarde*, *sobre a noite*, ou de coisas, como: *sobre quéda coice*, e d'aqui *sobre feia*, *indiscreta*; *sobre ignorante*, *presumido*. As expressões adverbiaes *em cima*, *de cima*, *por cima*, indicam a mesma situação, tanto no sentido proprio, como no figurado.

A *situação inferior* é indicada pela preposição *sob*, ou no sentido proprio, como: *estar* sob *o ceo*, sob os *parallelos do tropico de Cancro*; ou no accommodaticio, como: *sob o governo de Tiberio*; ou no figurado, *sob tua protecção, amparo e favor*. As expressões adverbiaes, *a baixo*, *de baixo*, *por baixo*, exprimem a mesma situação.

Emfim, a *situação interior* é marcada pela preposição *entre*, ou seja quanto ao logar: *entre o ceo e a terra*; ou quanto ao tempo, *entre as dez e as onze*; ou quanto ás coisas, *entre fallar e calar*; *entre bem e mal*; *entre agradecido e queixoso*. Ás vezes com esta preposição se juntam outras para mostrar ao mesmo tempo duas relações locaes do mesmo complemento, como: *por entre os perigos*; *d'entre as garras*, etc.

3.º DAS PREPOSIÇÕES *ANTE*, *APÓS* E *CONTRA*, RELATIVAS Á SITUAÇÃO PERPENDICULAR NO MESMO LOGAR *ONDE*

Por ordem ás superficies perpendiculares ha tambem tres situações indicadas por outras tantas preposições. Em respeito a um objecto levantado ao alto póde outro estar ou diante d'elle, ou detraz d'elle, ou defronte do mesmo; d'onde nascem as tres situações *anterior*, *posterior* e *fronteira*.

A primeira é indicada pela nossa preposição *ante*, quando entre um e outro objecto nada se mette, como: *appareceu* ante *mim*; e como o que está diante precede no logar ao que está atraz, e é primeiro na ordem da processão de marcha, d'aqui veiu que esta mesma preposição exprime tambem uma relação de precedencia e anterioridade de tempo a respeito de outra que se lhe segue, como: ante *hontem*, *morrer* ante *tempo*, ante *todas as coisas*, isto é, antes *de hontem*, antes *do tempo*, antes *de tudo*.

Esta preposição se junta tambem com outras para exprimir duas relações locaes do mesmo complemento, como: *passar* por ante *mim*, isto é, por um espaço diante de mim: *pagar* d'ante *mão*, isto é, de mão antecipada. O adverbio *diante*, de que alguns classicos usam ainda como preposição, indica a mesma situação, como *diante mim* e *diante de mim*.

A posição *posterior*, contraria á *anterior*, é marcada pela

preposição *após*, ou *pós* por aphérese, quando se diz de logar, como: *após a cruz ia a bandeira real*, isto é, atraz da cruz; *após o cavalleiro na garupa vae sentado o negro cuidado* (Post equitem sedet atra cura). D'aqui veiu significar tambem esta preposição a relação de anterioridade, quando se applica ao tempo, assim como *ante* significa posterioridade, quando se diz do mesmo, como: *claro* após *chuva o sol*, pós *noite o dia*; isto é, depois da chuva, depois da noite.

A mesma preposição torna a sua significação propria e primitiva com os verbos de movimento, como: *correr* após *as honras*, após *a fortuna vem a adversidade*, isto é, *atraz* das honras, *atraz* da fortuna; que por isso este adverbio substitue ás vezes a preposição, e como tal é por vezes empregada pelos nossos classicos, como: *traz elles vindo, póstos uns* traz *outros*.

Finalmente, a posição *fronteira* de um objecto contraposto a outro, defronte do qual está, ainda que não immediatamente, é indicada pela nossa preposição *contra*, como: *virado* contra *o nascente, levantou os olhos* contra *o ceo*. Azurara C. 44. *Assestar a artilheria* contra *a cidade*. E como quem peleja tem sempre o inimigo defronte, foi facil da idéa de contraposição passar á de opposição; e d'aqui a analogia d'estas e outras expressões: *advogar* contra *o reo, fallar* contra *alguem*. A fórmula adverbial *defronte*, substitue esta preposição na sua primeira significação.

4.º DAS PREPOSIÇÕES *COM* E *SEM* RELATIVAS AOS ACOMPANHAMENTOS NO MESMO LOGAR

Outra determinação e circumstancia do logar *onde*, são os acompanhamentos do objecto situado, que compõem os ornatos e accessorios da scena em que elle se acha, ou faz alguma acção. Para exprimir as relações do objecto principal com estes acompanhamentos, temos duas preposições; uma que indica a relação de companhia, o concurso dos mesmos, e outra a exclusão total d'elles.

A primeira é a preposição *com*, que exprime ou a união e concurso mutuo de duas coisas principaes, como: *Portugal* com *Hespanha, estou* com *meus amigos*; ou de uma principal e outra accessoria, como é, já a causa com seu instrumento: *matar* com *a espada, escrever* com *a penna*; já a substancia com seu modo: *estar* com *medo, trabalhar* com *cuidado*; já de um termo de communicação com outro: *ganhar nome* com *os estrangeiros, caritativo* com *os pobres, cumprir* com *a obrigação*, etc.

Para fazer esta communicação comparativa, se costuma juntar com esta a preposição *para*, como: *para commigo*, *para com os outros*.

A segunda é a preposição *sem*, que exclue toda a união e concurso dos mesmos acompanhamentos, como: *Portugal* sem *Hespanha*, *estou* sem *amigos*, *matar* sem *espada*, *estar* sem *medo*, *trabalhar* sem *cuidado*, *ganhar nome* sem *o procurar*, *caritativo* sem *ter com quem*. N'este ultimo exemplo se vê que a preposição *sem*, não só exclue idéas, mas tambem orações inteiras, quando tem por complemento ou infinitos ou orações subordinadas e subjunctivas, como: *sem que faça duvida*, etc.

Todas estas novas preposições exprimem relações de estado e existencia em algum logar e situação: e por isso todas ellas se podem juntar, e se accommodam melhor com os verbos substantivos *ser* e *estar*, e com todos os mais que significam existencia, ou simples, ou qualificada, quaes são os verbos intransitivos. Assim, podemos dizer: *estar* em, *estar* sob, *estar* entre, etc. Mas não podemos egualmente dizer: *estar* de, *estar* a, *estar* para, etc. se não por ellipse, entendendo-se de fóra algum antecedente proprio ás preposições que exprimem relações, não já de estado e existencia, mas de acção e movimento, como são estas e outras que pertencem á segunda classe.

§ II

SEGUNDA CLASSE

PREPOSIÇÕES DE ACÇÃO E MOVIMENTO

Toda a acção é um movimento ou real ou vertical, e todo o movimento tem um principio *d'onde* parte, um meio *por onde* passa, e um fim *aonde* ou *para onde* se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino, tendo sido o de indicar o logar d'onde começa qualquer movimento, o espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; d'aqui, por analogia do espaço local com o espaço do tempo, passaram a significar as mesmas relações por ordem ao tempo em que uma coisa começa, pelo qual continúa, e aonde termina.

Depois de considerar o tempo como um espaço analogo ao do logar, não é para admirar, que o espirito humano passasse a considerar, como uma especie de espaço abstracto, qualquer pensamento em que podesse distinguir uma idéa, da qual como de principio fosse discorrendo por outras intermédias para che-

gar a uma terceira, que se propoz. A mesma palavra *discurso* suppôe uma especie de espaço ideal, em que as idéas se succedem umas a outras.

D'aqui vem as differentes accepções que uma mesma preposição vae tomando, á medida que se applica a idéas mais ou menos abstractas; as quaes comtudo se reduzem á mesma relação geral, que faz seu caracter, se ha cuidado em seguir passo e passo o fio da analogia, pelo qual, as que parecem mais desvairadas, andam ligadas com as primeiras e fundamentaes, como passamos a vêr.

1.º DAS PREPOSIÇÕES *DE*, *DESDE* E *POR*, PERTENCENTES AO LOGAR *D'ONDE*

Para o principio *d'onde* como começa qualquer movimento e acção, temos tres preposições, que são *de*, *desde* e *por*, que tem a mesma força que as latinas *de*, *a*, *ab*, *pro* e *propter*.

Mas a primeira e a segunda são mais proprias para denotar um principio physico, e a terceira um principio moral; aquellas um principio de origem, e esta um principio como causa.

A preposição *de* ou tem um antecedente de significação relativa, ou de significação vaga. No primeiro caso exprime um complemento *terminativo*, indicando o termo de um principio, d'onde alguma coisa ou vem, como: *venho* de *Lisboa*; ou provém, como: *nascer* da *terra*; ou começa, como: *de um cabo a outro*; ou é causada, como: *vencido* da *dor*, *morto* de *fome*.

No segundo caso exprime um complemento *restrictivo* que limita a significação vaga e geral de seu antecedente, ou pelo seu possuidor e auctor, como: *Senhor* d'o *mundo*, *pinturas* de *Vasco*; ou pela sua materia, *vaso* de *ouro*; ou pelo seu instrumento, *obras* de *mão*; ou pelo seu modo, *fallou d'esta sorte*; ou pelas suas qualidades, *homem* de *juizo*, *etc*. Todas as vezes que se encontrar esta preposição com seu complemento sem antecedente, é sempre uma expressão ou adverbial, ou elliptica, a que se deve entender um nome appellativo, que lhe sirva de antecedente, como atraz deixamos mostrado.

A preposição *desde* acrescenta á relação de principio, indicada pela preposição *de*, a idéa de continuação no mesmo espaço com tendencia ao seu fim, que por isso anda junta ordinariamente com a preposição *até*, e se diz propriamente só do espaço ou do logar, ou do tempo, como: *desde Coimbra até Lisboa*, *desd'a Pascoa até o S. João*; e com a apócope do *de* dizemos *des hi até aqui*, *des que nasci*, *etc*. Para differença d'esta preposição á antecedente deve-se notar, que não é o mesmo dizer: *de então*

para cá tem chovido, e *desde então para cá tem chovido*. Para se verificar a primeira preposição, basta ter chovido uma só vez; para se verificar a segunda, é preciso que a chuva fosse continuada.

O mesmo principio *d'onde*, é indicado pela preposição *por*, que tem duas significações, uma em logar de *por causa*, da preposição latina *propter*, ou esta causa seja physica, como: *vencidos* pol'os *romanos*, ou moral, como: *obrar* por *interesse*: outra, como se dissesse *em logar*, que é tambem o significado da preposição latina, *pro*, de que se usa nas trocas e substituições, como: *vender gato por lebre*.

E como em juizo, em logar do réo, se substitue o seu procurador e advogado, d'aqui as expressões *advogar* por *alguem*, *pedir* por *alguem*, *temer* por *si*.

A preposição *por* não se deve confundir com *per*, como vulgarmente se faz escrevendo *por* em logar de *per*, e *pel'o* em logar de *pol'o*, como: *cortar* por *si* em logar de *cortar* per *si*, e *pel'o amor de Deus* em logar de *pol'o amor de Deus*. Nossos classicos, e Lucena principalmente, guardam exactamente esta distincção no emprego e orthographia d'estas duas preposições: o que já notou Duarte Nunes de Leão na sua *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*, pag. 288, Regra X.

2.º DA PREPOSIÇÃO *PER* PERTENCENTE AO LOGAR *PER ONDE*

Para notar a relação de um espaço, *por onde* alguem passa, e consequentemente a de um meio pel'o qual alguma coisa se faz, não ha se não a preposição *per*. Ella significou primeiro o espaço do logar por onde alguma coisa se move, como: *andar* per *montes e valles*, *ir pel'o mar*, *ir pel'a terra*. D'aqui passou a significar o espaço do tempo pel'o qual alguma coisa aconteceu, como: *pel'os annos do mundo quatro mil nasceu Jesus Christo*. D'aqui por analogia passou a significar qualquer espaço ideal intermedio: *passar pel'os perigos*, *pel'a vergonha*, *fazer* por *necessidade*, por *bem*, por *mal* (usando como ora se usa de *por* em logar de *per*).

E como um espaço intermedio tem grande semelhança com o *meio*, *instrumento*, ou *modo* pel'o qual se consegue um fim, d'aqui veiu dizermos no sentido proprio, *traspassado* pel'a *lança*; e no figurado: *conhecer* pe'la *razão*, *elevar-se* pel'a *intriga*.

3.° DAS PREPOSIÇÕES, *A*, *ATÉ*, *PARA*, PERTENCENTES AO LOGAR *PARA ONDE*

Finalmente, o termo de um movimento e acção póde ser ou immediato e proximo, ou ultimo e final. O primeiro é aquelle em que se exercita uma acção, ou a que passa e se attribue sem outros termos intermedios: o segundo aquelle a que por ultimo se dirigem todos os termos immediatos e mediatos. Para exprimir o primeiro temos a preposição *a*, e para o segundo as preposições *até*, *para*.

A primeira accepção da preposição *a* é a de significar um logar, aonde se dirige immediatamente qualquer movimento sem tenção de parar no mesmo logar, como: *vou* a *Lisboa*, e *não* para *Lisboa*; *vou* a *Lisboa*, e *d'alli* para *o Brasil*. Do termo do logar passou a significar o termo do espaço do tempo: *de janeiro* a *janeiro vão doze mezes*.

Pela grande analogia que tem entre si o termo de um movimento e o termo de uma acção, quer seja corporal, quer intellectual, a mesma preposição *a* passou a exprimir todas as relações de termo *aonde*, ou este seja o primeiro e immediato de uma acção, chamado *objecto*, como: *amo* a *Deus*, ou o segundo e proximo, chamado de *attribuição*, como: *tenho amor* a *Deus*, á *virtude*; ou termo de *direcção*, como: *pôr os olhos* a *todas as partes*; ou de *relação* e respeito, como: *arte* á *sua guerra*, á *sua paz achamos*; ou de *contiguidade*, como: *correr* ao *longo do rio*, *estar* á *direita*, *chegar* ao *pôr do sol*: ou de *tendencia* e proporção, como: *ajustei* a *tanto*, *val* a *dez réis*; ou de *comparação*, como: a *qual mais sabio*; ou em fim de *conformidade*, como: *viver* á *moda*, *fazer* á *boamente*, *tomar* a *peior parte*, *morrer* á *fome*, *andar* a *pé*, a *cavallo*, *passar* á *espada*, *obrar* ás *claras*, ás *escondidas*, a *ser assim*, a *dizer a verdade*, etc. Vej. as *Observ.* 1.ª e 2.ª a pag. 223 e 224.

A preposição *até*, ou simplesmente *té*, ajunta á relação de termo significada pel'a preposição *a*, a de tendencia continuada para o mesmo, como: *vou* até *Coimbra*, e *depois chegarei* até *Lisboa; Alexandre foi* até á *India*; até *á manhã*, até *o outro dia*; *é necessario pelejar* até *vencer*; *levava* até *mil soldados*; *lançar* até *cem mil réis*.

Esta preposição parece adverbio, em logar de *ainda*, n'estas e semelhantes frases: até *os mais vis homens ousavam ludibrial-o*; *fazendo particulares tractados* até *dos ditos breves*; *as obras do victorioso* e *favorecido da fortuna* até *para cantar são gostosas*: porém não é; mas sim a mesma preposição que serve de remate e complemento a uma serie total de individuos, en-

tendendo-se-lhes antes *todos, tudo,* como: *todos continuadamente,* até *os mais vis ousavam,* etc. *Fazendo particulares tractados de tudo,* até *dos ditos breves*; *as obras do victorioso.... são gostosas para tudo,* até *para cantar.*

Finalmente, a preposição *para* mostra um termo final, para onde se dirige qualquer movimento ou acção, e tem a mesma differença da preposição *a* acima, que tinham entre os latinos as duas preposições *ad* e *in*; por exemplo: *S. Paulo em vida foi* ao *ceo* (ad coelum), *e depois de morto foi* para *o ceo* (in coelum). Porque *ir á cidade* (ad urbem) e *ir* para a *cidade* (in urbem) são coisas differentes. A primeira exprime o termo da acção, a segunda o fim da mesma. D'aqui vem, que a mesma relação do fim, que os latinos exprimiam pelo seu adverbio *ut,* exprimimos nós pela preposição *para,* como: *vim* para *te vêr,* para *te consolar.*

E como o fim a que se tende, leva comsigo a direcção das faculdades da alma e do corpo ao mesmo objecto, a qual os latinos notavam com as suas preposições *erga, adversus,* ou *versus*; a mesma direcção é exprimida pela nossa preposição *para,* como: *estar* para *o nascente, olhar* para *alguem, de mim* para *mim.*

E d'aqui a idéa de *tendencia* e inclinação: *os corpos tendem* para *o centro*; *ha oito* para *nove annos*; *estou* para *partir*; que não quer dizer o mesmo que *estou* a *partir.* A primeira expressão mostra tenção, a segunda proximidade. A mesma idéa de direcção traz comsigo a de comparação n'estas expressões: *para principiante, não o fez mal*; *para o que merecia, pouco se lhe deu*; e com a preposição *com*: *que é a creatura* para com *o Creador? Para comigo passa por ignorante,* etc.

ARTIGO III

REDUCÇÃO DAS PREPOSIÇÕES COM SEUS COMPLEMENTOS EM ADVERBIOS

Adverbio não é outra coisa mais do que uma *reducção,* ou *expressão abbreviada, da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinavel.* Chama-se **adverbio,** porque, bem como a preposição com seu complemento se ajunta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa, para a modificar, restringindo-a ou completando-a, o mesmo faz o adverbio com mais concisão e brevidade. Quer eu diga pela preposição com seu complemento *obrar com prudencia*; quer reduzindo a coisa a menor expressão diga *obrar prudentemente*: a significação vaga

do verbo *obrar* fica egualmente modificada e determinada pelo adverbio, como pela preposição com seu complemento.

O **adverbio**, pois, não modifica só os verbos, como querem os grammaticos, mas qualquer palavra susceptivel de determinação, quaes são tambem os appellativos, os adjectivos, e os mesmos adverbios, como se póde vêr n'estes exemplos: *Jesus Christo é* verdadeiramente Deus, *e ao mesmo tempo* verdadeiramente homem; *um homem* bem fidalgo. Iam attonitos de vêr tornar *tão cordeiro* quem *tão leão* viera. *Sousa.* Vida do Arc. III, 12. Nunca pareceu *mais* filho de tal pae. Jacintho Freire, IV, 67. Logo immediatamente *succedeu*. A etymologia da palavra *adverbio*, como quem diz *adjunto ao verbo*, não se deve entender do *verbo* como uma das seis partes elementares da oração, mas de qualquer palavra capaz de modificação; que isto significa o nome latino *verbum* em toda sua extensão.

D'aqui se vê, que o adverbio não constitue per si uma especie differente entre as partes elementares do discurso; pois que se resolve naturalmente nos dois elementos, já contados nas mesmas partes, e saber: a *preposição*, e o *nome* que lhe serve de complemento. Muitas palavras mesmo, que nossos grammaticos contam entre os adverbios, levam comsigo as preposições claras para se não poderem desconhecer, como são entre outras muitas *ácerca, abaixo, debaixo, acima, de cima,* etc.: e todos os adverbios de *qualidade*, formados dos adjectivos e terminados em *mente*, não eram na baixa latinidade senão uns ablativos regidos da preposição *cum*, como: *justamente, claramente.*

Para evitar n'esta materia qualquer confusão, faz-se preciso distinguir *adverbios* proprios ditos, *nomes adverbiados*, e *expressões* ou *formulas adverbiaes*

O **adverbio** é uma reducção da preposição com seu complemento em uma só palavra, e essa invariavel, e sem outro uso na lingua. Por exemplo, o adverbio *aqui* comprehende em si a preposição *em*, e o seu complemento é, *este logar*, como se dissessemos: *n'este logar*. É uma palavra indeclinavel e invariavel em genero e numero, e além d'isto não tem outro emprego em nossa lingua afóra este. O mesmo, que se observa n'este adverbio, se acha tambem em os mais que o são verdadeiramente.

Os **nomes adverbiados** tambem são reducções de uma preposição com seu complemento, e em uma só palavra. Porém esta palavra de sua natureza é declinavel, como nome que é, e assim susceptivel de outro emprego na enunciação do pensamento. Por exemplo, o nome *certo* varía de terminações genericas, como: *certo, certa*; varía de terminações numeraes, como: *certos, certas*. Mas sua terminação masculina e neutra do singular é adverbiada e empregada como adverbio, em logar de *certamente* n'es-

tas e semelhantes expressões: *certo sei, certo que isto é mal feito*, e além d'este uso tem tambem o de significar uma idéa accessoria de outra, como tem todos os adjectivos.

Expressões ou **fórmulas adverbiaes**, em fim, são as que, contendo o complemento com a sua preposição expressa, quer incorporada no mesmo, quer separada (o que não succede nem nos adverbios, nem nos nomes adverbiados), o mesmo complemento é elliptico, isto é, falto de alguma palavra que se lhe entende, ou por ser elle mesmo um adverbio, ou um adjectivo sem o seu substantivo expresso. Taes são as expressões *d'aqui, d'alli, d'aquem, d'além*, equivalentes a estas; *d'este logar, d'aquelle logar, da parte de cá, da parte de lá*; e bem assim est'outras: *álerta, ás avessas, ás direitas, ás claras, ás escondidas*, etc., na primeira das quaes se entende *orelha* (arrecta aure), e nas segundas seguintes o substantivo *partes*, como: *ás avessas partes*, etc.

Por falta d'esta distincção nascida mesmo da natureza adverbial, que requer necessariamente uma reducção ou na preposição ou no complemento, confundiram tudo nossos grammaticos. Esquecendo-se ainda das mesmas definições que dão do adverbio, que dizem ser uma voz indeclinavel, mettem n'esta conta expressões que nada tem de adverbiaes; porque são uns meros complementos com suas preposições, que não ha mais razão para pôr na classe dos adverbios do que qualquer outro substantivo com a sua preposição junta; o que seria uma estranha confusão. Taes são: *sem duvida, de nenhuma sorte, porque, porque razão, do mesmo modo, na verdade*, que *Argote* e *Lobato* contam como adverbios. Feitas assim as devidas advertencias, passemos já a dar listas mais exactas dos nossos *adverbios*, dos *nomes adverbiados*, e das *expressões* ou *fórmulas adverbiaes*, com suas analyses correspondentes.

§ I

ADVERBIOS PORTUGUEZES

Já dissemos que o **adverbio**, propriamente dito, é uma palavra só, e essa indeclinavel, e destinada pelo uso para exprimir com mais brevidade uma preposição com seu complemento. D'estes adverbios uns se acham feitos; e taes quaes são os recebemos do uso, como são quasi todos os adverbios de *logar*, de *tempo* e de *quantidade*: outros porém formam-se segundo as regras da analogia; e taes são quasi todos os de *modo* e *qualidade*. Em uns e outros sempre se supprime a preposição, que nos

primeiros é ordinariamente *em*, e nos segundos *com*, que por isso são mais faceis de supprir.

Só o complemento é que é exprimido pelo adverbio, e nos de logar, tempo, e quantidade é composto de duas idéas, uma geral, expressiva do logar, tempo e quantidade; e outra individual, indicada por algum dos demonstrativos; mas ambas encolhidas e concentradas em um pequeno vocabulo.

Assim, por exemplo, no adverbio de logar *onde*, 1.° ha uma ellipse da preposição *em*; a qual, como se não exprime, dá logar a este mesmo adverbio se poder ajuntar com outras preposições, como: *d'onde, por onde, aonde, para onde*, que acontece em que quasi todos os mais adverbios d'esta classe. 2.° O complemento indicado pelo adverbio *onde* é composto da idéa geral de logar, e da sua determinação particular, feita pelo demonstrativo conjunctivo *qual, que*; de sorte que esta pequena palavra, analysada, e resolvida em seus elementos, dá esta frase: *em o qual logar*, ou *em que logar?* O mesmo se póde observar nos mais adverbios de logar, de tempo e de quantidade, cujo catalogo com as suas analyses é o seguinte. N'elle entram não só os adverbios do uso, mas ainda os antigos, que ainda não caíram d'elle, e os antiquados, inteiramente já desusados.

ADVERBIOS DE LOGAR

Onde (ú *antiq.*)	Em o qual logar. Em que logar?
Algures *antig.*	Em algum logar
Alhures *antiq.*	Em outro logar
Nenhures *antig.*	Em nenhum logar
Aqui (qui *antig.*)	N'este logar
Ahi (hi *antiq.*)	N'esse logar
Dahi (Dhi *antig.* Ende *antiq.*)	D'esse logar (*Inde*)
Alli	N'aquelle logar
Aquem	D'esta parte, onde estamos
Além	Da outra parte contraria
Cá	N'este logar (*indeterminado*)
Lá	N'esse logar (*indeterminado*)
Acolá	N'aquelle logar (*indeterminado*)
Arriba	No logar acima
Cerca	Em torno. A respeito. Quasi
Dentro	Em a parte interior
Fóra	Em a parte exterior
Diante	Em a parte anterior
Traz	Em a parte posterior
Longe	Em muita distancia
Perto	Em pouca distancia

ADVERBIOS DE TEMPO

Quando	No tempo que. Em que tempo?
Sempre	Em todo o tempo
Nunca	Em nenhum tempo
Então	N'aquelle tempo
Agora	N'este tempo
Avante	Para o futuro
Antes	Em o tempo antecedente
Depois	Em o tempo seguinte
Hontem	Em o dia antecedente ao em que estou
Hoje	Em o dia presente
Logo	Em o mesmo instante
Já	N'este instante
Ainda (Inda *antig.* En *antiq.*)	Até esta hora
Cedo	Em pouco tempo
Asinha *antig.*	Depressa

ADVERBIOS DE QUALIDADE

Tão	Em tanta quantidade
Quão	Em quanta quantidade
Mui	Em muita quantidade
Mais	Em maior quantidade
Menos	Em menor quantidade
Assaz	Em abastança
Apenas	Com escassez
Adur *antiq.*	Apenas
Quasi	Com pouca differença para menos
Cerca	Pouco mais ou menos
Sequer	Ao menos

ADVERBIOS DE MODO E QUALIDADE

Sim (Si *antiq.*)	Affirmativamente
Não	Negativamente
Assim (Assi *antiq.*)	Em tal maneira
Como	Em qual maneira
Talvez	A caso. Por ventura
Quiçá (*ãntig. Quiçáis antiq.*)	Talvez
Eis	Em presença. Á vista

A maior parte porém dos adverbios de *qualidade* fórmam-se dos adjectivos de uma só terminação, e quando tem duas da feminina acrescentando-lhes a particula *mente*, como: *prudentemente, capazmente, justamente, irmãmente*; a qual particula, qualquer que seja sua origem, corresponde á terminação adverbial latina *ter*, e vale tanto como *cum*, de sorte que *prudentemente* é o mesmo que *com prudencia*, etc.

A formação d'esta sorte de adverbios é tão regular que não soffre excepção alguma. Se a alguns adjectivos se não póde ajuntar esta terminação adverbial, é, ou porque são determinativos, e como não podem ser antecedentes da preposição, tambem pela mesma razão se não podem adverbiar: ou porque, tendo duas fórmas, uma antiga e outra mais moderna, a antiga, com exclusão d'esta, ficou na posse de se adverbiar.

Assim, ao mesmo tempo que *impune* e *impunido* são dois adjectivos da mesma origem e significação, adverbiamos o primeiro dizendo *impunemente*, e não o segundo. Do mesmo modo dando agora alguns terminação feminina ao adjectivo *commum*, como antigamente a não tinha, ficou a masculina em sua posse, ao parecer, contra a regra, dizendo-se melhor *commumente* do que *commuamente*.

Quando se continuam muitos adverbios d'esta qualidade, só ao ultimo adjectivo é que se ajunta a particula *mente*, entendendo-se a mesma nos precedentes; que por isso, tendo duas terminações tomam sempre a feminina para se lhes poder accommodar, como: *verdadeira* e *realmente*; *segura* e *livremente*; *forte, sabia* e *constantemente*.

As vezes, com tudo, a mesma particula se ajunta a todos os adjectivos, quando se querem inculcar mais as idéas que exprimem, como: *vivamos n'este mundo*, diz o apostolo, *sobriamente, piamente e justamente*.

§ II

NOMES ADVERBIADOS

O segundo modo de reduzir a menor expressão as preposições com seus complementos é o **adverbiar** os mesmos **nomes**, de sua natureza destinados só a significar os objectos ou seus accessorios e attributos, e não as modificações accidentaes dos mesmos. O modo de fazer isto é, primeiramente a ellipse, pela qual se subentende a preposição ao nome que se quer adverbiar; e em segundo logar tomar o mesmo nome substantivamente, se elle é adjectivo, e na parte neutra, como costumavam os gregos e latinos.

A Lingua Portugueza tem muitos d'estes **nomes adverbiados** pelo uso, tanto substantivos como adjectivos. Taes são, para exprimir as modificações do *logar*, *alto*, *baixo*, *continuo*, *junto*, *segundo*, etc.: as do *tempo*, *ora*, *subito*, *tarde*; as de *quantidade*, *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *tanto*, *quanto*; e as de *modo* e *qualidade*, *attento*, *bastante*, *barato*, *caro*, *certo*, *claro*, *conforme*, *bem*, *mal*, *melhor*, *peor*, *justo*, *rijo*, *só*, etc., como: *fallar alto*, *baixo*, *rijo*, isto é, *em tom alto*, *baixo*, *rijo*; *comprar barato*, *caro*, isto é, *em preço barato*, *caro*, e assim nos mais.

§ III

EXPRESSÕES E FÓRMULAS ADVERBIAES

O terceiro modo de reducção das preposições com seus complementos se faz por meio das **expressões adverbiaes**. Chamam-se assim as fórmulas abbreviadas das preposições com seus complementos, não pela concentração de uma coisa e outra em uma unica palavra, como succede ao adverbio; nem pela suppressão só da preposição, como acontece nos nomes adverbiados; mas sim pela suppressão e ellipse de uma parte do complemento total.

Assim, esta locução, *com cegueira*, se reduz a menor expressão ou pelo adverbio *cegamente*, ou pela frase adverbial *ás cegas*; que analysada, e supprido o substantivo occulto, quer dizer: *ás apalpadelas cegas*. Ora o complemento de uma frase adverbial póde ser elliptico, ou por ser elle mesmo um adverbio, ou por ser um adjectivo com o seu substantivo occulto, ou pelo contrario o substantivo com o seu adjectivo subentendido.

Do primeiro modo são **frases adverbiaes** todos os adverbios de logar e de tempo, quando se lhes ajunta uma ou mais preposições para os determinar; ao que alguns grammaticos chamam *adverbios compostos* e *sobrecompostos*, como: *d'onde*, *por onde*, *aonde*, *para onde*, *d'aqui*, *desd'aqui*, *atéqui*, *d'ali*, *desd'ali*, *atéli*, *des hi*, *afóra*, *defóra*, *emfóra*, *ácerca*, *d'antes*, *de traz*, *por de traz*, *de cima*, *em cima*, *por de cima*, *de baixo*, *a baixo*, *por baixo*, *antehontem*, *trasantehontem*, *adiante*, *para diante*, *em diante*, e assim outros muitos.

Do segundo modo são frases, ou **fórmulas adverbiaes**, as seguintes: *a fim*, *em fim*, *de sorte*, *porque*, *a torto e a direito*, *ás claras*, *ás escuras*, *de improviso*, *de mais a mais*, *em continente*, *em vão*, *debalde*, *por de mais*, *sobre maneira* ou *sobre modo*, e infinitas outras que o uso ensina.

ARTIGO IV

REDUCÇÃO DAS PREPOSIÇÕES COM SEUS COMPLEMENTOS EM CASOS

Outro modo de adverbiar, e reduzir a menor expressão, as preposições com seus complementos é por meio de *casos*, ou determinações obliquas dos nomes. Para melhor se perceber isto, é preciso notar que tres são os modos pelos quaes as linguas pódem exprimir, e exprimem de facto, as relações que a idéa significada por um nome póde ter com outra: ou servindo-se sómente de *preposições*, isto é, de particulas postas para este fim antes dos nomes, quer separadas, quer juntas aos mesmos; ou de *posposições*, isto é, das mesmas particulas, accrescentadas no fim, e unidas aos mesmos nomes, dando-lhes assim varias terminações chamadas *casos*; ou de uma e outra coisa ao mesmo tempo.

As linguas hebraica, syriaca, chaldaica, e a portugueza, hespanhola, franceza, italiana, e ainda a ingleza, servem-se para este fim só das *preposições*. Porém a lingua vasconça (da qual usam os povos que habitam ao longo do golpho da Gasconha, assim da parte da Biscaia como da França), e a lingua dos povos do Perú na America hespanhola, não empregam preposição alguma, e usam só das *posposições*, ou particulas terminativas, que ajuntam ao fim dos nomes para os fazer complementos de varias relações.

Estas linguas pois, vem a ter effectivamente tantos casos, quantas são as encliticas finaes que admittem para denotar as relações geraes; e todos estes casos formados por este modo são adverbiaes, como o são sempre os genitivos e dativos latinos, que nunca levam preposição, e os mais casos tambem, quando não a levam. O padre de *Larramendi*, jesuita, que em 1739 deu á luz uma grammatica vasconça, escripta em hespanhol debaixo do pomposo titulo de *El imposible vencido*, ou *Arte de la Lengua Bascongada*, impressa em Salamanca, no cap. IX da II parte, reconhece que estas terminações, a que elle chama *posposições*, semelhantes aos *affixos hebraicos*, equivalem ás preposições, dizendo: *que as palavras bascas, sendo compostas de duas distinctas, parecem simples só pela continuação de uma com outra. Porém que se devem distinguir para a sua regencia, e para dar o correspondente ás preposições do latim, e das outras linguas.*

As linguas em fim, que empregam ao mesmo tempo as *posposições*, ou *casos*, e as *preposições*, são, entre as antigas, a

grega e a latina, e entre as modernas a armenia e a allemã. Como o numero dos casos em estas linguas nunca chega ao das linguas vasconça e peruviana, nem excede o de seis, viram-se obrigados tambem a recorrer ás preposições para exprimir muitas outras relações, que mal se podiam indicar só com os seis casos das linguas grega e latina.

Não discuto aqui a questão sobre as vantagens comparativas das linguas, segundo ellas usam ou só de casos, ou só de preposições, ou de uma coisa e outra. O que é certo, é que a Lingua Portugueza e as mais do meio dia da Europa, chegam por meio só das preposições a exprimir com fidelidade, e talvez ainda com mais clareza e distincção, todas as relações indicadas pelos casos em outras linguas.

A unica vantagem que tem os casos, é a de abbreviarem mais a expressão, mettendo em uma palavra só a idéa significada por ella e a sua relação com outra, como fazem os adverbios. A Lingua Portugueza não tem declinações, propriamente ditas, nem casos por consequencia, á excepção dos pronomes primitivos, que sendo de um uso continuo e repetido no discurso, se d'elles se usasse sempre com preposições, retalhariam sobremaneira o discurso, e impediriam muito a marcha da oração e do sentido.

Estes pois tem casos, uns á vasconça com as preposições affixas no fim, como: *migo, tigo, sigo, nôsco, vôsco*; outros adverbiaes sem preposição alguma, á latina, como: *mè, nòs, tè, vòs, sè, ò, à, òs, às, lhè, lhès*: outros, que se não usam se não juntamente com as preposições atraz, como: *mim, ti, si*; e outros em fim, que levam as preposições atraz e as posposições adiante, á grega e latina, como: *comigo, comnôsco, comtigo, comvôsco, comsigo*.

Afóra estes, nenhum outro nome portuguez tem casos. Porém, isto não obstante, nossa Lingua consegue o exprimir com toda a facilidade pela posição dos nomes, pelo artigo, e pelas preposições, todas as relações que os latinos exprimiam pelos seus seis casos, d'este modo: a *relação subjectiva* do nominativo latino pela posição do nome antes do verbo, e pelo artigo que lhe ajunta, como: *o entendimento, a razão, e o conselho residem nos velhos*: a *relação* de uma segunda pessoa com quem se falla, indicada pelo vocativo latino, é exprimida em nossa lingua pela interjeição vocativa *ó*, ou clara ou entendida antes do nome, como: *ó ceos ouvi-me*; a *relação restrictiva* do genitivo latino, pelo nome com a preposição *de* atraz, como *vaso de oiro*; a *relação terminativa* do dativo latino, pelo nome com a preposição *a* dantes, como: *applicar-se* ás *lettras, ser util* á *patria*: a *relação objectiva* do accusativo latino ou pela simples

posição do nome logo depois do verbo activo: *amo as riquezas, desejo as honras*, ou com a preposição *a* quando o nome é de pessoa, como: *amo* a *Deos*; a *relação* em fim de *circumstancia* exprimida pelo abblativo latino, com o nome feito complemento de varias preposições, como: *vou* com *Antonio* de *Coimbra* para *Lisboa* em *companhia* de *outras pessoas*, sem *outro fim mais* do *que divertir-me*. Mas d'isto trataremos nós a proposito no livro da Syntaxe. Passemos já á ultima parte elementar do discurso, que é a **conjuncção.**

CAPITULO VI

DA CONJUNCÇÃO

Conjuncção é uma parte conjunctiva da oração, que exprime as relações de *nexo* e *ordem* que as proposições tem entre si para fazerem um sentido total. O verbo, pois, combina e ata os termos da proposição, que são o sujeito e o attributo; a preposição conjuncta os complementos com o sujeito e com o attributo: porém, a conjuncção não ata nem os termos da preposição, nem os seus complementos; mas as mesmas proposições entre si, em ordem a formarem um sentido total. Ella, pois, é verdadeiramente a *parte systematica* e *methodica* do discurso, destinada a ligar as proposições em membros, os membros em periodos, e os periodos em um discurso seguido e continuado.

Como as relações de *nexo* e de *ordem*, que as proposições tem umas para com outras, são umas vistas simplicissimas, e uns meros aspectos debaixo dos quaes nosso espirito as considera; as conjuncções, que as indicam, devem ser, bem como as preposições, umas palavras curtas e não polysyllabas, primitivas e não derivadas, simples e não compostas.

Por esta razão merecem ser excluidas do numero das conjuncções.

1.° Todas as expressões, que, ainda que tenham alguma coisa de conjunctivas, são com tudo compostas de outras partes da oração, a cujas classes pertencem, e não á das conjuncções, como são as que se compôem de uma preposição com seu complemento, v. gr. *por que, por quanto*, etc.

2.° Todas as expressões e frases compostas de algum nome, ou adverbio com o conjunctivo *que*, como: *ainda que, bem que, posto que, além de que*, etc. O que estas locuções tem unicamente de conjunctivas é o *que*; o qual, pelo que tem de relativo, pertence aos adjectivos demonstrativos; e só pelo que tem

de conjunctivo para unir as proposições parciaes ás totaes, é que pertence tambem á classe das conjuncções.

3.º Toda a palavra, ainda que simples, que serviu de nome ou de adverbio em outras expressões, como: *ora, logo, quer, assim*, e *tambem*. Porque o que uma vez foi nome ou adverbio, não póde mudar de especie, salvo se o uso lhe antiquou seu proprio destino para lhe dar outro novo. Mas persistindo ainda aquelle, dar-lhe outro de differente ordem e natureza é perturbar todas as idéas da etymologia, e confundir despoticamente as classes elementares das palavras, o que o uso não costuma fazer.

Pelo que conjuncções propriamente ditas não ha na Lingua Portugueza senão *nove*, a saber: a antiquada *cá* em logar de *que*, e as usadas *e, mas, nem, ou, pois, porém, que* e *se*. Todas as mais que nossos grammaticos ajuntam a estas não são conjuncções, mas sim ou palavras conjunctivas, ou frases conjunctivas.

Chamo *palavras conjunctivas* qualquer nome ou adverbio, que além da sua significação principal tem a accessoria de indicar de mais uma relação a outra idéa, ou antecedente ou seguinte, como são:

1.º Os comparativos *tão, tanto, quão, quanto, tal, qual, mais, menos, maior, menor, melhor, peor*; dos quaes procede a virtude conjunctiva, que se observa nos adverbios *tambem, assim, talvez, de sorte, de modo*, isto é, *de tal sorte, de tal modo*, etc.

2.º Os demonstrativos puros *este, esse, aquelle, o mesmo*, os quaes se subentendem nas expressões conjunctivas *ora, pois que, excepto que, posto que*, por isso costumam trazer comsigo o relativo conjunctivo *que*, para atar o que se segue com as frases ellipticas que estas palavras contém.

3.º Os demonstrativos conjunctivos, *o qual, quem, que, cujo*, os quaes suppôem antes de si outra preposição, que atam com aquella a que dão principio. D'elles vem a força conjunctiva do adverbio *como*, que quer dizer *de que modo, do qual modo*, e a do adverbio *donde* em logar de *d'o que se segue*.

Chamo *frases* ou *fórmulas conjunctivas* todas aquellas que constam de mais de uma palavra, e que ordinariamente terminam pel'o *que*, como: *bem que, se bem que, tanto que, desde que, como quer que, a fim de que, porque, posto que, visto que, bem entendido que, tanto mais que, com tanto que, menos que, ainda que, de sorte que, assim que, logo que, pelo que*, e outras muitas, as quaes todas nada tem de conjunctivo senão o *que* preparado e conduzido pelos nomes e adverbios, que o precedem n'estas e semelhantes fórmulas. Do que tudo resulta que

não ha conjuncções, que verdadeiramente mereçam este nome, senão as oito ou nove acima apontadas.

Comtudo, como tão poucas conjuncções não são bastantes para indicar todas as relações que as proposições podem ter umas com outras, e as de ordem e subordinação principalmente, foi preciso supprir esta falta com frases conjunctivas; que por isso teremos tambem conta com ellas na classificação que passamos a fazer das conjuncções.

Estas ainda que pareçam ligar só as palavras, entre as quaes se acham, não ligam verdadeiramente senão as proposições, que sendo ou simples, ou compostas de outras proposições parciaes, quer incidentes, quer integrantes, quando as conjuncções estão entre varios nomes, ou adjectivos continuados debaixo do mesmo regime, são um signal de que tantas são as proposições que ellas ligam.

Todas estas proposições, quer simples, quer compostas, quer incomplexas, quer complexas, uma vez que se combinem e ajuntem para fazerem todas um sentido total, tem necessariamente relações naturaes entre si, as quaes são marcadas pelas conjuncções. Ora estas relações, geralmente fallando, são de dois modos, ou de *nexo* sómente, ou de *nexo* e *ordem* ao mesmo tempo. Ás conjuncções, que exprimem as primeiras, chamo ou *homólogas*, ou *similares*, porque estão uma para as outras na mesma razão; e ás que exprimem as segundas, dou o nome de *anhomólogas*, ou *dissimilares*; porque estão umas para as outras em razão differente, como passamos a vêr.

ARTIGO I

CONJUNCÇÕES HOMÓLOGAS OU SIMILARES

PRIMEIRA CLASSE

Estas **conjuncções** são as que ligam proposições que estão na mesma razão umas para as outras, ou da mesma *affirmação* e *negação* simultanea; ou da mesma *affirmação alternada* separadamente, com exclusão uma de outra; ou de *identidade* de sentido; ou de *affinidade* do mesmo. D'aqui quatro especies de conjuncções, a saber: *copulativas, disjunctivas, explicativas* e *continuativas*.

1.º CONJUNCÇÕES COPULATIVAS

Chamam-se assim as que ligam umas com outras, as proposições susceptiveis da mesma affirmação ou negação ao mesmo tempo. Assim são ellas ou affirmativas ou negativas. Das affirmativas não temos senão uma que é *e*; a qual variamos ás vezes com as frases conjunctivas: *tambem, e bem assim, outro sim*. Da mesma sorte não temos senão uma conjuncção negativa, que é *nem*, como:

> *Pompas e ventos, titulos inchados*
> *Nam dão descanço,* nem *mais doce sono*[1].

Nas proposições compostas de muitos sujeitos, ou predicados, não se costuma pôr a conjuncção *e* senão antes do ultimo, entendendo-se nos mais, que por isso se distinguem com virgulas, como: os *prazeres,* as *honras* e as *riquezas são* o *objecto das paixões dos homens, sua tentação* e *sua ruina.* Porém a conjuncção negativa *nem* repete-se, quando é preciso, como: *são justamente despresados os homens que não são uteis* nem *a si* nem *aos outros.* Esta conjuncção vale tanto como *e não,* e por isso é sempre relativa a uma proposição antecedente negativa, ainda quando por ella se começa a frase, porque então se lhe entende.

2.º CONJUNCÇÕES DISJUNCTIVAS

Estas são as que ligam proposições susceptiveis da mesma affirmação, considerada cada uma á parte, porém incompativeis com ella ao mesmo tempo, de sorte que só uma d'ellas póde ser verdadeira, comparada com a outra. Na lingua portugueza não temos tambem senão uma d'este genero, que é *ou.* Exemplo: *um dos maiores males, que se póde fazer a um reino, é* ou *desenganar,* ou *encurtar,* ou *afrouxar as esperanças dos homens; porque é tirar-lhes o principal cabedal de que se sustentam*[2].

Mas para variar usamos muitas vezes do verbo conjunctivo *quer,* como: quer *chova,* quer *faça sol*; e para as coisas que se revesam, temos os tres adverbios, *já, ora, quando,* que repetidos servem de disjunctivos nas proposições alternadas, como:

[1] Ferreira. *Castro, Act.* II.
[2] Paiva. *Sermões,* Part. I, fol. 165.

o homem é inconstante nas suas resoluções; já quer uma coisa, já outra. O tempo vae desegual, ora *está frio,* ora *está quente. Os japões... todos á uma amanhecem vestidos,* quando *de verão,* quando *de inverno*[1].

3.º CONJUNCÇÕES EXPLICATIVAS

Chamam-se assim as que ligam proposições que fazem em substancia o mesmo sentido, indicando aquella que desenvolve ou exemplifica a primeira. Tal é o adverbio conjunctivo *como,* e as fórmulas: *a saber, isto é, de sorte que, por tal que, certo que, mórmente, principalmente, em quanto,* etc. Todas ellas ligam a oração explicativa com a explicada, d'este modo: *condemnou-o* como *juiz*; como *testemunha absolvel-o-hia. Jesus Christo,* em quanto *Deus, é impassivel,* em quanto *homem soffreu a morte por nós. As virtudes Theologaes são tres,* a saber: a *Fé,* a *Esperança* e a *Caridade.* Pertencem tambem a esta classe as fórmulas comparativas: *como, assim, bem como, assim como, assim tambem,* etc.

4.º CONJUNCÇÕES CONTINUATIVAS

Em fim, conjuncções *continuativas* ou *transitivas,* são as que ligam duas proposições, fazendo passagem de uma para a outra em razão da affinidade do sentido que ambas tem. A conjuncção *pois,* posposta á primeira palavra da proposição é a unica que temos d'este genero. Porém a palavra *ora,* que é o mesmo que *agora,* sendo um nome adverbiado de tempo, já serve de *disjunctiva,* quando é repetida, como vimos; já de *continuativa,* quando é só: e além d'estas ha outras fórmulas de *transição,* como: *mais, de mais, quanto ao mais, além d'isto, com effeito, na verdade, assim mesmo,* etc. Exemplos: *sabido,* pois, *que elle foi o vendedor, segue-se,* etc. *Digo,* pois, *que escapei d'aquelle perigo,* etc. *Deve-se amar o que é amavel.* Ora *Deus é amavel*; *logo Deus deve-se amar,* etc.

[1] Lucena. Liv. VII, Cap. V.

ARTIGO II

CONJUNCÇÕES ANHOMÓLOGAS OU DISSIMILARES

SEGUNDA CLASSE

Chamam-se assim todas as conjuncções que atam proposições que não estão umas para outras na mesma razão, mas em differente. Pois ou uma está em razão de *excepção* para outra, que contém um principio e *regra geral*; ou em razão de *condição* para outra, que contém um *problema*; ou de *conclusão* para outra, que contém as *premissas*; ou de *hypothese* e circumstancia para outra, que lhe serve de *these*; ou em fim de *oração parcial* para outra *total*, a que serve de parte.

Todas estas especies de proposições são correlativas umas com outras, e guardam por consequencia entre si certa ordem e subordinação, que as conjuncções dissimilares apontam e caracterisam. As que na ordem directa e analytica do periodo tem o primeiro logar, chamam-se *principaes*, porque determinam. conduzem e subordinam as outras; e as que na mesma ordem tem o segundo logar, chamam-se *subordinadas*, porque estão a serviço das primeiras.

Pelo que, como na ordem directa das idéas a regra é primeiro que a excepção; a proposição affirmativa primeiro que a condicional; a proposta ou problema primeiro que sua prova; as premissas primeiro que a conclusão; a these geral primeiro que o caso particular; e o todo primeiro que a parte separada: d'aqui vem que as proposições que contém, ou a regra geral, ou a asserção, ou a proposta, ou as premissas, ou a these, ou o pensamento capital, são as *principaes*; e as que contém a excepção, a condição, a prova, a conclusão, a hypothese, e a parte, são as *subordinadas*, as quaes vão ligadas ás principaes pelas conjuncções dissimilares, que levam ordinariamente na sua frente, e pelas quaes facilmente se reconhecem. Estas subordinadas na ordem inversa, vão muitas vezes primeiro que as principaes; mas est'outras nunca deixam de ter o seu logar na ordem directa e analytica do periodo.

Segundo, pois, estas seis relações de *ordem*, em que uma proposição póde estar para outra, assim ha tambem seis especies de conjuncções dissimilares, que são as *adversativas*, as *condicionaes*, as *causaes*, as *conclusivas*, as *circumstanciaes*, e as *subjunctivas*, das quaes todas passamos a tratar por esta mesma ordem.

1.º CONJUNCÇÕES ADVERSATIVAS

Conjuncções *adversativas* são aquellas que ligam proposições oppostas e incompativeis só a certos respeitos, pela razão da compatibilidade, que aliás tem em tudo o mais. Nós temos na Lingua Portugueza só *tres* conjuncções *adversativas*, e essas só para a proposição subordinada, que é a que faz uma excepção na primeira e principal. Taes são *mas*, que é sempre prepositiva, *porém*, que póde ser ou prepositiva ou pospositiva, e *senão*, por *excepto*, nas proposições affirmativas. Exemplos: *o amor e a amizade verdadeira não nas bonanças,* mas *na adversidade se conhece*[1]. *O cobiçoso, que não é avarento, serve-se do dinheiro*; porém *o avarento* (ou *o avarento porém*) *em logar de se servir d'elle, serve-o a elle*[2]. *Tudo o que podiamos haver mister, tinha Jesus Christo* senão *fazenda e terra*. Arraes, Dial. IX. Cap. IV. Estas conjuncções variam-se e substituem-se algumas vezes com as frases conjunctivas *todavia, ainda assim, comtudo. isso não obstante*; como: *não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos deveras*; todavia *se conhecem uns dos outros nas adversidades*[3].

Estas conjuncções *mas, porém,* suppôem d'antes outra proposição, que é a principal; mas não outras conjuncções adversativas, que liguem tambem a principal com a subordinada, quaes não temos. Temos porém para a principal as fórmulas *bem que, posto que, ainda* ou *ainda que,* e antigamente *en que,* como:

Que tem o que não tem gosto da vida,
Inda que só do mundo senhor seja?[4]

A ordem é: *o que não tem gosto na vida,* indaque *do mundo senhor seja*; *que tem*? Nossos antigos diziam, *e porém,* em logar de *por isso* (corrompendo o vocabulo mais antigo *por onde,* vindo do latim *proinde*): mas tambem em logar de *mas*:

Mas se sei que me esperam coisas certas,
E porém *tão incertas que as não sei*:
Para que... etc.[5]

[1] Moraes. *Palmeirim*, Parte II. Cap. 81.
[2] Vieira. *Serm*. T. VII, pag. 325.
[3] Ibid.
[4] Bernardes. *Lima*, Egloga IV.
[5] Fernão Alvares. *Lus. Transf.* ed. de Lisboa, 1781, pag. 1 e 8.

2.º CONJUNCÇÕES CONDICIONAES

As conjuncções *condicionaes* ligam duas proposições pela relação de condição em que uma está para outra, a qual faz que a verdade da principal dependa da condicional subordinada que a restringe. Nós temos duas, uma simples que é *se*, para as proposições affirmativas, e outra composta *senão*, que é para as negativas. Exemplos:

> *Mais val a curta geira, a pobre herdade*
> *Que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesouro*;
> Se *a justiça se rouba*, se *a verdade*[1].

Nenhuma sciencia se *aprende fundadamente* senão *em escolas, onde a conferencia e emulação põe esporas e aviva os engenhos*[2]. Quando as condicionaes são tambem dubitativas, costumam-se ajuntar ao *se* as frases adverbiaes *acaso*, *por ventura*.

Além d'estas conjuncções ha para o mesmo effeito os adverbios *como*, *quando não*, e as fórmulas *salvo se*, *com tanto que*, *excepto que*. Exemplo: *a cobiça se emprega nas mais humildes e indignas coisas da terra*, como *d'ellas possa tirar fructo o cobiçoso*[3]. *Fazei penitencia*, quando não, *ou* senão, *perecereis todos*.

3.º CONJUNCÇÕES CAUSAES

E estas ligam duas proposições pela relação de consequencia, em que uma está para outra, como razão e prova da mesma. A que serve de razão e prova á outra sempre é a subordinada, e a que é provada é a principal.

Para quando a subordinada precede, temos o adverbio conjunctivo *como*, e as frases conjunctivas *por quanto*, *visto que*, etc., v. gr. como *nós temos tudo de Deus, justo é lhe refiramos toda a gloria de nossas acções*.

Quando porém a principal está primeiro e a subordinada se lhe segue, para este caso tinham nossos antigos a conjuncção *ca*, corrupta de *que*, a *qual*, como se acha antiquada, servimonos em logar d'ella do *que*, ou da fórmula conjunctiva *porque*, ou da conjuncção *pois*, quer simples, quer composta, d'este

[1] Ferreira. *Poem*. Liv. II, Cant. 4.
[2] Sousa. *Hist*. Parte I, Liv. II, Cap. 16.
[3] Lobo.

modo *pois que*; a qual mesmo tem logar ainda quando a principal precede, como: *certo dos maus se não deve fiar ninguem*, porque *seus galardões sempre são conformes á sua condição* [1]. Pois *estamos aqui tão descançados, pratiquemos*, etc. *Não o tenho por fraco*, pois *vi já obras do seu esforço*. Nossos classicos empregam frequentemente *que* sómente, em logar de *porque*. *Livrae, Senhor, não sómente a mim*, que *não são vossos poderes e liberalidades tão limitados, mas a todo o vosso povo* [2].

4.º CONJUNCÇÕES CONCLUSIVAS

Chamam-se assim as que ligam as proposições pela razão que umas tem como conclusões para outras como premissas. Estas são sempre as principaes a respeito das outras. As conclusões podem ser ou logicas, deduzidas de um raciocinio precedente, ou simplesmente locaes para terminar o discurso.

Para as primeiras temos a conjuncção *pois*, porém posposta á primeira ou segunda palavra da proposição, como: *nosso principe é bom e humano*; *podeis* pois *implorar sua clemencia*. Tambem servem de conjuncções conclusivas os adverbios *logo* e *d'onde*, e as frases conjunctivas *por tanto, por conseguinte, pelo que, assim que*, etc., como: *Deus é justo* logo *recompensa a virtude*.

Para as conclusões locaes temos as fórmulas conjunctivas: *alfim, em fim, por fim, finalmente, em final*, etc.

5.º CONJUNCÇÕES CIRCUMSTANCIAES

Chamam-se assim as que ligam uma proposição com outra, em razão de uma conter uma circumstancia da qual depende a verdade ou o complemento da outra. A que leva a circumstancia, é sempre a subordinada; porque é como a condição ou caso debaixo do qual se verifica e inteira a proposição principal. Estas conjuncções são ordinariamente relativas ao tempo, que por isso alguns grammaticos lhes dão tambem o nome de *periodicas*.

Taes são os adverbios conjunctivos *tanto, quanto, quando, como*; e as frases conjunctivas *tanto, em quanto, logo que, como quer que, até que, eis que*, etc. Exemplos: *como o levavam ao supplicio*, isto é, *ao tempo que o levavam*, etc. *Era no tempo*,

[1] Moraes. *Palmeirim*, II, 96.
[2] Paiva. *Sermões*, Part. III, fol. 195.

quando etc. *Como elle acabava de chegar*, eis que *lhe vieram dizer*, etc.

D'onde se vê, que um mesmo conjunctivo póde supprir differentes relações. Pois *como*, já é condicional, já causal, e já circumstancial, como temos visto.

6.º CONJUNCÇÕES SUBJUNCTIVAS

Emfim, conjuncções *subjunctivas* são aquellas, que postas na cabeceira da proposição, mostram que ella faz parte da antecedente immediata, á qual, como principal a seu respeito, fica subordinada. Taes são as proposições incidentes e integrantes.

As primeiras são aquellas que se ajuntam ou ao sujeito ou ao attributo da proposição antecedente para os modificar, quer explicando mais a sua significação, quer restringindo-a, como:

> *Aquelles são sós homens*, que *se afamam*
> *Com letras, com saber*, com que *alumiam*
> *O mundo: e tudo o mais fortuna chamam* [1].

Onde a primeira incidente, *que se afamam*, é restrictiva do sujeito da proposição principal, *aquelles homens*; e a segunda, *com que alumiam*, é explicativa do attributo da mesma, *com saber*.

As integrantes são aquellas que acabam de inteirar e completar a significação ou activa ou relativa de um verbo antecedente, que demanda um objecto ou um termo em que se empregue; e são de dois modos: ou indicativas se o verbo que as determina affirma com certeza; ou subjunctivas, se o mesmo affirma com receio e incerteza. Do primeiro genero é esta: *creio* que *parte á manhã*, e do segundo est'outra: *duvido* que *parta á manhã*.

Ambas estas especies de proposições parciaes são subjunctivas, porque se pôem sempre immediatamente depois das palavras que ou explicam, ou restringem, ou completam; nem podem ter outro logar senão este. Ambas outrosim fazem parte da oração total antecedente. As incidentes fazem parte ou de seu sujeito ou de seu attributo; e as integrantes fazem parte e completam a significação do verbo que as determina.

Todas estas proposições se ligam com aquellas de que fazem parte, por meio da conjuncção subjunctiva *que*; a qual verdadeiramente não é outra coisa senão o demonstrativo *o qual, a*

[1] Ferreira. *Poem.* liv. I, cart. 6.

qual, o que, porém pelo que tem de conjunctivo, entra tambem na classe das conjuncções; porém com esta differença, que nas proposições incidentes póde-se muitas vezes substituir com *qual,* como: *aquelles homens,* os quaes se *afamam com saber, com* o qual *alumiam*: mas nas proposições integrantes nunca. Não posso dizer: *creio* o qual *parte, duvido* o qual *parte.*

Isto tem feito duvidar a muitos, se n'este segundo caso o *que* é uma mera conjuncção, ou se é o mesmo relativo conjunctivo. Ao que se póde responder que é um conjunctivo expresso e um relativo elliptico, cujo antecedente occulto n'esta especie de orações é sempre o demonstrativo neutro *isto*: v. gr. *creio* isto, que *é, parte hoje*; *duvido* d'isto, que *é, parta hoje.* Como porém estas ellipses nunca se expressam, a suppressão total e constante d'ellas fez com que sobresaisse só o que elle tem de conjunctivo, e desapparecesse o que tem de relativo.

As proposições incidentes e integrantes são tambem subordinadas ás de que fazem parte. Porém tem uma grande differença das totaes, que são ligadas ás principaes por outras conjuncções sem ser o *que.* Estas totaes subordinadas não tem logar certo no periodo; podem estar ou depois das suas principaes ou antes; aquellas porém, que fazem parte das outras, tem seu logar assignado, que nunca podem mudar, a saber: as incidentes logo immediatamente ao sujeito ou attributo da proposição total; e as integrantes logo immediatamente depois do verbo activo, que as determina para fazerem o objecto de sua acção.

Assim damos por concluida a terceira parte d'esta Grammatica, que é da **Etymologia,** ou das partes fundamentaes e elementares da oração portugueza. Ellas, como temos mostrado, são seis por todas, uma *interjectiva* e cinco *discursivas.* D'estas, duas são *nominativas* dos objectos de nossas idéas e pensamentos, as quaes são *nome substantivo* e *nome adjectivo,* e tres *combinatorias* ou *conjunctivas,* destinadas a comparar e combinar de varios modos os mesmos objectos, em ordem a formarem de suas idéas separadas um painel unico e seguido do pensamento; unindo-as pelas relações ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e complemento, ou de nexo e ordem que pôem entre ellas. Taes são o *verbo,* a *preposição* e a *conjuncção.*

Estes e não outros são os materiaes de que se fórma e levanta o edificio do discurso, por meio da sua coordenação e construcção, que é o objecto da **Syntaxe,** a que vae dar principio o livro seguinte.

FIM DA ETYMOLOGIA

LIVRO IV

Da Syntaxe e Construcção

Syntaxe quer dizer *coordenação*; e chama-se assim esta parte da Grammatica, que das palavras separadas ensina a formar e compor uma oração, ordenando-as segundo as relações, ou de conveniencia ou de determinação em que suas idéas estão umas para as outras.

Os grammaticos, traduzindo com mais liberdade a palavra grega *syntaxis*, lhe dão o nome de *construcção*. Mas esta palavra tem mais extensão que a de syntaxe. A syntaxe é uma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das coisas que ellas significam, e a construcção uma ordem local auctorisada pelo uso nas linguas. Assim, a construcção póde ser ou direita ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N'estas duas orações: *Alexandre venceu a Dario*, e *a Dario venceu Alexandre*, as construcções são contrarias, porém a syntaxe é a mesma.

Ambas ellas em quanto conduzem para a maior ligação das idéas e clareza da enunciação, são do fôro da Grammatica em geral, e da da Lingua Portugueza em especial, que entre os signaes das relações conta tambem a construcção local dos vocabulos. Trataremos, pois, de uma e de outra separadamente. Mas para bem se entender a syntaxe e construcção das partes da oração, é preciso saber primeiro distinguil-as; o que vamos a fazer pela analyse da oração em geral, e das varias especies d'ella que entram na composição do discurso.

CAPITULO I

DA ORAÇÃO EM GERAL

Oração ou *Proposição* ou *Frase* (pois tudo quer dizer o mesmo), é qualquer juizo do entendimento, expressado com palavras. Ora, não sendo qualquer discurso outra coisa senão ou um juizo ou uma serie d'elles, todo elle não é tambem senão ou uma oração ou uma continuação de orações; e assim o que aqui dissermos da oração em geral, será applicavel a cada uma d'ellas em particular.

Toda a oração tem necessariamente *tres termos*, um que exprime a pessoa ou coisa, da qual se diz e enuncia alguma coisa; outro que exprime a coisa que se enuncia; e o terceiro que exprime a identidade e coexistencia de uma coisa com outra. O primeiro termo chama-se *sujeito*, o segundo *attributo*, e o terceiro *verbo*. Toda oração, pois, é composta de um sujeito, de um attributo e de um verbo, os quaes se exprimem ou com tres palavras, *eu sou amante*; ou com duas equivalentes ás tres, *sou amante*, ou com uma só que concentra em si as tres, como: *amo*.

O sujeito é o principal termo da proposição ao qual todos os mais se referem. Elle sempre é, ou um nome substantivo, quer proprio sem artigo, como: *Pedro é homem*; quer appellativo com elle, como: *o homem é mortal*; ou qualquer parte da oração substantivada pelo artigo, quer seja um adjectivo *o justo, o honesto*; quer um verbo no infinito *o saber*, ou no modo finito *o praz-me*; quer uma preposição *o pro e o contra*; quer um adverbio *o como e quando*; quer uma conjuncção *o senão*. O attributo é sempre ou um adjectivo, *o homem é mortal*; ou um appellativo adjectivado pela ausencia do artigo, *Pedro é homem*. E o verbo é sempre o verbo substantivo *ser*, ou só, *sou amante*, ou incorporado com o adjectivo na mesma palavra, como: *amo*.

Se a oração não tem mais que um sujeito e um attributo, chama-se *simples*, como as que se acabam de dizer; se porém tem mais de um sujeito, ou mais de um attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo, chama-se *composta*, como: *eu e tu somos amantes e estimadores da virtude*. Esta oração é composta de dois sujeitos *eu* e *tu*, e de dois attributos, *amantes* e *estimadores*; e contém em si não menos que quatro juizos correspondentes aos seus quatro termos, que são: *eu sou amante, tu és amante, eu sou estimador, tu és estimador*. O mesmo verbo,

posto entre os varios sujeitos e attributos, serve de cópula a cada um d'elles, e vale tanto como se se repetisse.

Estes mesmos sujeitos e attributos da oração simples e composta podem elles mesmos ser compostos e complexos, isto é, modificados por varios accessorios, como são ou um substantivo com sua preposição *homem de honra*, ou um adverbio *obrou honradamente*, ou um adjectivo *homem honrado*, ou uma oração incidente *o homem que é honrado*. Estas orações que modificam ou o sujeito ou o attributo da proposição principal, chamam-se *parciaes*, porque fazem parte dos mesmos em contraposição ás *totaes*, que não fazem parte, nem grammatical, nem integrante de outras.

As orações ou proposições *parciaes* são de dois modos, ou *incidentes* ou *integrantes*. As primeiras são as que modificam qualquer dos termos da proposição total, ou explicando-o ou restringindo-o. Por exemplo, n'esta proposição total: *os sabios,* que *são mais instruidos que o commum dos homens, deveriam tambem excedel-os em virtude*; a parcial *que são mais instruidos que o commum dos homens* é uma incidente explicativa do sujeito *sabios*; e em est'outra *a honra, que vem da virtude, é mais solida que aquella que vem do nascimento,* as duas incidentes *que vem da virtude* e *que vem do nascimento* são restrictivas, a primeira da significação geral do apppellativo *honra,* sujeito da proposição total; e a segunda da significação indeterminada do mesmo appellativo, e do demonstrativo *aquella,* attributo da mesma.

Todos os adjectivos appostos, e todos os complementos com preposição ou sem ella, que se ajuntam ou ao sujeito, ou ao attributo da proposição total para os modificarem, não fazem per si orações incidentes, porque não tem verbo, mas equivalem ás mesmas, e por ellas se podem resolver. Pois são uns verdadeiros juizos mentaes, que para se converterem em proposições não lhes falta senão a expressão do verbo. Elles modificam, do mesmo modo que as proposições incidentes, os termos da proposição total, ou explicando-os ou restringindo-os.

Assim, n'estas orações: *as acções generosas e não os paes illustres, são as que fazem fidalgos*: *e os homens de bem regulam as suas acções pela lei de Deus, e pela lei de quem são*: os adjectivos *generosas, illustres,* e o complemento *de bem,* valem tanto como: as acções *que são generosas,* os paes *que são illustres,* e os homens *que são homens de bem.* As proposições incidentes e os adjectivos modificativos dos termos da proposição total, conhecer-se-ha se são explicativos, quando tirados d'ella nada alteram a sua verdade; e se são restrictivos, quando, tirados da mesma, o sentido fica destruido.

A segunda especie de orações parciaes são as *integrantes*, assim chamadas, porque não só inteiram o sentido da proposição fatal, como as incidentes, mas tambem a sua grammatica, completando a significação relativa do attributo da mesma, a qual sem isto ficaria incompleta e suspensa. O attributo pois de uma significação relativa, exprimido pelo adjectivo, ou só ou mettido no verbo adjectivo, é quem determina e demanda estas orações integrantes, as quaes se enunciam ou pelos infinitos impessoaes, quando o sujeito do verbo determinante é o mesmo que o do verbo determinado, como: *quero amar-te*; ou pela linguagem indicativa, quando o verbo determinante affirma com asseveração e certeza, como: *creio que me amas*; ou pela subjunctiva, quando o verbo determinante affirma com receio e incerteza, como: *quero que me ames*. Onde as orações *amar-te*, *que me amas*, *que me ames*, são integrantes, não só do sentido dos verbos determinantes *quero* e *creio*, mas ainda da sua syntaxe; pois são complementos necessarios de sua acção, que não póde ficar suspensa.

Todas estas orações parciaes dos modos finitos, assim incidentes como integrantes, são ligadas com as suas totaes pelo relativo conjunctivo *que*, o qual nas primeiras se póde algumas vezes variar por *quem*, *cujo*, *qual*, conforme cabe; nas segundas não. As do modo infinito não tem conjunctivo algum. O que as conjuncta é a identidade do mesmo sujeito, ou seja do infinito impessoal *quero amar-te*, ou do participio imperfeito activo *Cantando espalharei por toda a parte*. Umas e outras são faceis de reconhecer pelo mesmo logar que occupam na oração de que fazem parte, que é sempre o immediato aos termos que modificam ou completam.

Das orações fataes, e não das parciaes, é que se fórma o *periodo*, que é o ajuntamento de muitas proposições, que não sendo partes umas das outras, estão comtudo ligadas entre si de tal modo, que umas suppôem necessariamente as outras para o complemento do sentido fatal. O periodo póde ter ou duas proposições chamadas tambem *membros*, ou tres ou quatro. Passando d'este numero, tem antes o nome de *oração periodica* que o de periodo.

Qualquer que seja o numero das proposições, uma d'ellas é sempre a *principal*, e as mais *subordinadas*. O caracter ordinario da principal é ser enunciada por alguma linguagem do modo indicativo (qual nós representámos em seu logar), e poder por consequencia subsistir per si, ou fazer um sentido independente fóra do periodo. O caracter ordinario das proposições subordinadas, é serem enunciadas pelas linguagens subjunctivas ou tambem indicativas, mas ligadas ás principaes por conjuncções que lhes suspendem o sentido.

Umas e outras não tem logar fixo no periodo, como tem as proposições incidentes e integrantes. Ou a principal vae primeiro e as subordinadas depois, ou estas precedem e segue-se aquella. Quando as subordinadas começam o periodo, sempre ficam suspensas, fazendo esperar a principal; e quando o terminam, suppôem aquella d'antes, mas a principal nem sempre as suppôe. Tudo isto se vê nos seguintes periodos.

Periodo de dois membros: *Se eu quero parecer discreto á custa da ignorancia de outro, parecer zeloso á custa dos peccados do proximo, fazer meus negocios ao som do requerimento das partes; trato estas coisas como melhor me servem, não como a obrigação do officio o pede.* (Paiva)

Este periodo tem duas orações totaes, que são a subordinada *se eu quero, etc.*, e a principal *trato estas coisas, etc.*, Mas além d'estas tem cinco proposições parciaes, a saber: tres integrantes da acção do verbo *quero*, que são, *parecer discreto, etc. parecer zeloso etc.*, e *fazer meus negocios, etc.*; e duas incidentes restrictivas da significação do verbo *trato*, que são: *como melhor me servem*, e *não como a obrigação do officio o pede.*

Periodo de tres membros: *Os doutos, quanto mais o são, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha para saber.* (Severim)

N'este periodo, a primeira proposição *os doutos quanto mais o são*, é subordinada pelo comparativo conjunctivo *quanto* á segunda e principal *tanto menos, etc.*, e a terceira *entendendo, etc.*, subordinada á segunda pela identidade do mesmo sujeito, e porque é sua razão e prova. *Entendendo o muito, etc.*, vale tanto como se dissesse: *porque entendem o muito que ainda ha para saber.* É uma proposição complexa com a incidente *que ainda*, a qual explica o significado vago de *muito.*

Periodo de quatro membros e oração periodica: *É tanto menos o que nos basta do que o com que nos contentamos: que se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis rico; se a conformáreis com a natureza, nunca fôreis pobre.* (Lucena)

Este periodo, considerado todo, é uma *oração periodica* de cinco membros ou proposições totaes marcadas pela pontuação. Tirando-lhe porém a primeira, fica um periodo quadrado de quatro membros em outras tantas proposições simples que são: 1.ª *se na vida seguirdes a opinião*, 2.ª *nunca sereis rico*, 3.ª *se a conformáreis com a natureza*, 4.ª *nunca fôreis pobre.*

D'estas analyses se vê a facilidade com que, á primeira vista, se póde saber quantas são as orações de qualquer ponto ou periodo, por mais extenso e complicado que seja, e quaes são as suas especies, assim por ordem á composição de cada uma, como ao ajuntamento de todas ellas no periodo. Nenhuma oração póde

haver sem verbo, e nenhum verbo sem oração. Contando pois em qualquer período os verbos que n'elle se contém, ou do modo indicativo, ou do subjunctivo, ou do infinito em todas as suas fórmas, tantas, nem mais nem menos, serão as orações: e observando os modos a que suas linguagens pertencem, se saberá a qualidade d'ellas.

As do indicativo de sua natureza são absolutas e independentes, e por conseguinte principaes; menos quando se fazem subordinadas pelas conjuncções. As do subjunctivo sempre são subordinadas, nem o podem deixar de ser; e as do infinito impessoal e pessoal, á excepção de quando servem de sujeito e attributo á proposição, sempre são regidas de verbo ou de preposição.

Os participios quasi sempre andam juntos com os verbos auxiliares a cujas orações pertencem. Se se empregam separadamente, fazem orações subordinadas á que ou procede ou se lhes segue immediatamente; e incidentes se ambos tem o mesmo sujeito, e a incidente exprime o modo da acção do verbo principal. Conhecidas assim as partes constitutivas da oração, e os differentes modos porque a podem compor, passemos já á sua Syntaxe, quer de **concordancia** quer de **regencia**.

CAPITULO II

SYNTAXE DE CONCORDANCIA

Concordancia é a conformidade dos signaes que o uso instituiu, para indicar as correlações das idéas com estas mesmas correlações. Para haver conformidade é preciso que haja umas partes que se conformem, e outras a que as mesmas se conformem. As partes a que as outras se conformam são sempre as principaes, e as que figuram no discurso em primeiro logar. Tal é em qualquer proposição o seu sujeito; em qualquer complexo de proposições a proposição fatal de que as mais fazem parte; e em quaalquer periodo ou ajuntamento de proposições fataes a principal, a que as outras estão subordinadas.

O fundamento de todas estas concordancias é a *identidade*. A identidade, digo, da idéa do attributo com a do sujeito da proposição, e das idéas adjectivas e accessorias com as de um e outro: a identidade das proposições que fazem parte de um todo com o todo mesmo: e a identidade das proposições fataes, porém subordinadas com uma principal para fazerem todas um sentido unico, comprehendido em um periodo.

O fundamento d'esta identidade consiste em umas idéas se incluirem nas outras. A idéa accessoria do attributo da proposi-

ção inclue-se na do sujeito da mesma, aliás não se poderia affirmar d'elle. A idéa accessoria do adjectivo apposto inclue-se na idéa do substantivo que modifica, como o modo se inclue na substancia, aliás não se lhe poderia attribuir. As idéas da proposição parcial fazem parte do sujeito ou do attributo da proposição fatal, e assim, como partes, se incluem no todo; aliás mal poderiam ellas explicar, ou restringir, ou completar a sua significação. Emfim, as idéas das proposições fataes, porém subordinadas a uma principal, conteem-se virtualmente nas idéas d'esta pois são ou uma consequencia da mesma, ou uma excepção, ou uma condição, ou uma circumstancia, etc. As concordancias pois, não são só entre os termos da proposição, mas tambem entre as mesmas proposições que fazem ou parte ou pertença umas das outras.

As palavras e orações que exprimem as idéas e pensamentos correlativos, deviam tambem levar comsigo signaes d'estas correlações mutuas, para mostrarem a sua correspondencia no discurso. Estes signaes são de tres modos, ou *terminações*, ou *posições*, ou *conjuncções*.

As *terminações* genericas dos adjectivos, as pessoas dos verbos e as numeraes de uns e outros, mostram a concordancia dos termos da proposição. Os gregos e latinos tinham mais uma, que era a dos casos, que nós não temos.

A *posição* immediata do adjectivo, principalmente indeclinavel, apposto ao substantivo; e a das proposições parciaes junto ás palavras que explicam, restringem ou completam, é o signal da concordancia entre as mesmas proposições parciaes e suas fataes.

E todas as *conjuncções*, palavras e frases conjunctivas que notam a ligação e ordem que entre si guardam os membros de um periodo, são os signaes naturaes de sua concordancia em todas as linguas.

A Syntaxe de concordancia póde ser ou **regular** ou **irregular**. De uma e outra passemos a tratar em os dois artigos seguintes.

ARTIGO I

SYNTAXE DE CONCORDANCIA REGULAR

Chama-me **concordancia regular,** aquella em que as partes concordantes correspondem exactamente áquellas com quem concordam, sem ser necessario fazer supplemento algum. Ella é ou dos termos da proposição entre si, ou das proposições parciaes com as totaes, ou das totaes subordinadas com a principal.

§ I

CONCORDANCIA ENTRE OS TEMPOS DA PROPOSIÇÃO

REGRA I

Todo o attributo da proposição, sendo um nome appellativo, concorda em numero com o sujeito da mesma, como: *Pedro é homem, o homem é animal*: e sendo adjectivo, concorda com o mesmo em genero e em numero, se é um nome appellativo, e se é nome proprio, com o appellativo competente que se lhe entende, como: *o ministro* deve ser *sabio, a lei* deve ser *justa, os ministros* devem ser *sabios, as leis* devem ser *justas*. Onde os adjectivos *sabio, justo*, concordam em genero e numero com seus appellativos *ministros, lei*, que são os sujeitos das orações, e bem assim n'estas orações *Pedro é sabio, Maria é virtuosa*, os adjectivos attributos *sabio, virtuosa* não concordam com os nomes proprios *Pedro* e *Maria*, mas com os appellativos *homem* e *mulher* que se lhes entendem, como se dissessemos: *Pedro é homem sabio, Maria é mulher virtuosa*. Veja-se liv. III, cap. III.

O que se acaba de dizer a respeito dos adjectivos, quando são attributos da proposição, se deve egualmente dizer dos mesmos quando são appostos aos nomes substantivos para os modificarem, ou determinando-os, ou explicando-os, ou restringindo-os. Determinando-os, como: *o homem, a mulher, os homens, as mulheres, todo homem, toda mulher, todos os homens, todas as mulheres, meu filho, minha filha, meus filhos, minhas filhas*, etc. Explicando-os, como: *Lucullo o rico*, isto é, *o homem rico, boi vagaroso, cavallo ligeiro*, etc. E restringindo-os, como: *ministro sabio, lei justa, soldado valeroso, mulher retirada*, etc.

O artigo neutro *o* não tem plural, e concorda sempre no singular ou com o sentido de uma oração, como: *o que eu disse é verdade*; ou com os adjectivos substantivados, como: *o bom, o mau, o facil, o grande, o sublime*. Mas estas mesmas terminações dos adjectivos não são então masculinas, porém neutras.

REGRA II

Todo o verbo da proposição concorda em numero e em pessoa com o sujeito da mesma, claro ou occulto; ou seja um nome proprio, *Deus é justo*, ou um appellativo, *os homens morrem*; ou um pronome: *eu temo, tu esperas, elles andam*. Os pronomes pessoaes entendem-se sempre quando os verbos se pôem

sem elles, como: *amo, amas, ama, amamos*; e nos verbos impessoaes *vive-se, chove, neva,* entende-se-lhes de fóra o sujeito.

§ II

CONCORDANCIA DAS PROPOSIÇÕES PARCIAES COM AS TOTAES

Nas proposições compostas de muitos sujeitos ou attributos continuados, os segundos concordam com os primeiros na mesma relação de sujeitos ou de attributos parciaes da mesma proposição, pela identidade do mesmo verbo e do mesmo artigo, ou conjuncção repetida.

Exemplos: *o oiro, os diamantes, as perolas, tudo* é *terra e da terra.* Onde os tres sujeitos *oiro, diamantes, perolas,* estão na mesma razão pela repetição do mesmo artigo, e os dois attributos *terra* e *da terra,* isto é, *coisa da terra,* estão tambem na mesma razão pela conjuncção que os ata. O que se vê ainda melhor no exemplo seguinte: *Não ha edade tão florente, nem saude tão robusta, nem vida tão regrada, que tenha um só momento seguro.* Em todas, o mesmo verbo applicado a cada sujeito e a cada attributo, faz de cada um d'elles outros tantos juizos parciaes da oração composta.

REGRA II

As proposições parciaes, tanto incidentes como integrantes, ligadas ás fataes de que fazem parte pelo relativo conjunctivo *que,* concordam ou com o sujeito ou com o attributo das mesmas pela posição immediata do mesmo conjunctivo, e não pelas terminações, que não tem. Quando porém as orações incidentes se ajuntam ás suas fataes pelos relativos conjunctivos que tem terminações genericas e numeraes, como: *o qual, a qual, os quaes, as quaes, cujo, cuja, cujos, cujas*; então concordam não só por posição, mas tambem em genero e numero com os mesmos sujeitos e attributos de que fazem parte.

Exemplo: *Quantos letrados ha, que o são para sustentar e defender seus maus partidos e cegos conselhos, aos quaes não servem de mais as sciencias* que *de mãos* com que *roubam o alheio, e o dão* a cujo *não é?* (Arraes) N'este exemplo ha quatro relativos conjunctivos que ajuntam e concordam com a proposição fatal, *quantos letrados ha,* quatro proposições parciaes, a saber: 1.ª a incidente explicativa *que o são*; onde o *que* indeclinavel concorda com o sujeito *letrados,* e a elle se refere só pela sua situação immediata: 2.ª outra incidente explicativa, *aos*

quaes, etc.; onde o relativo conjunctivo, declinavel, concorda não só por posição, mas tambem em genero e numero com o mesmo sujeito *letrados*: 3.ª a incidente restrictiva *que de mãos*; onde o *que* se refere ao substantivo occulto *prestimo*, e é o mesmo que se dissessemos *não servem de mais prestimo* além d'aquelle *que é de mãos*: 4.ª outra incidente restrictiva *cujo não é*, onde *cujo* se refere a dois antecedentes, um occulto que é *dono*, e outro claro, que é o *alheio*, com quem concorda em genero e numero, como se dissessemos: *e o dão áquelle homem*, de *quem ou do qual não é*.

Nas parciaes integrantes, como por ex.: *diga que fazes, manda que faças;* o *que* nunca se póde variar como nas incidentes, mas nem por isso deixa de concordar e conjuntar a proposição integrante com a sua fatal, entendendo-se-lhe sempre o antecedente *isto*, como se dissessemos: *diga* isto, *que* é: *fazes, etc.*, *mande* isto, *que* é: *faças, etc.*

REGRA III

Nas parciaes integrantes do infinito impessoal, o sujeito da acção do verbo regido sempre é o mesmo que do verbo regente; e esta identidade faz a sua concordancia. Porém as orações feitas do infinito pessoal sempre tem um sujeito differente do da oração regente. Por isso não é coisa indifferente empregar uma fórma ou outra. No pessoal disse bem Camões, *Lus.* X, 76:

> Faz-te mercê, barão, a sapiencia
> Suprema, *de* c'os olhos corporaes
> *Veres* o que não póde a vã sciencia.

E Garcez, *Comm.* tom. II, pag. 281, not. 180, não teve razão de tachar de bastantemente licenciosa-a locução *de c'os olhos veres*, pois o sujeito do verbo *veres* é differente do do verbo *faz*.

Mais razão teve Manuel de Faria e Sousa, *Comm.* tom. III, col. 335, para notar os dois logares de Camões, *Lus.* VII, 72:

> ..... *E folgarás de* veres *a policia*

e VI, 15:

> .... *Não te espantes*
> *De a Baccho em teus reinos* receberes.

N'estas duas orações os sujeitos dos verbos regidos são os mesmos que os dos verbos regentes, e assim devia dizer: *e fol-*

garás de ver, e *não te espantes de receber*, para guardar a concordancia. Comtudo algumas vezes se encontram nos classicos exemplos de infinitos pessoaes com o mesmo sujeito do verbo principal, a que servem de complemento. Mas ou vem antes d'elle ou depois; em todo o caso é sempre para tirar qualquer equivocação ou incerteza que possa haver sobre se é ou não o mesmo sujeito de ambos os verbos. Fóra d'estes casos, se se encontra algum exemplo, que é raro, deve-se ter por pouco correcto e por um pleonasmo escusado.

§ II

CONCORDANCIA DAS PROPOSIÇÕES TOTAES SUBORDINADAS COM A PRINCIPAL

REGRA I

A proposição responsiva, regular, concorda com a interrogativa na mesma linguagem e em sua regencia, ainda que em differente pessoa. *Quem és tu? Sou Antonio. De quem é este livro? De Antonio.* A razão está clara. Porque na frase responsiva, regular, ou se repete ou se entende o mesmo verbo, e no mesmo tempo, e com as mesmas dependencias.

REGRA II

As proposições fataes subordinadas concordam no periodo com a sua principal por meio das conjuncções, adverbios ou frases conjunctivas, que não só as ligam em um sentido total, mas mostram ao mesmo tempo a relação de correspondencia em que aquellas estão para esta; relação, digo, ou de *excepção*, ou de *condição*, ou de *prova* e de *explicação*, ou de *circumstancia*, ou de *graduação*, ou de *contraposição, etc.* Podem-se ver a explicação e exemplos d'esta regra, liv. III, cap. VI *Das Conjuncções*, e as discordancias d'este genero no fim do artigo seguinte.

ARTIGO II

SYNTAXE DE CONCORDANCIA IRREGULAR REDUZIDA A REGULAR PELA «SYLLEPSE»

Ha discordancias apparentes em que por uma parte o adjectivo parece discordar do seu substantivo, ou em genero, ou em numero, ou em tudo isto; e por outra o verbo parece discordar do seu sujeito ou em numero ou em pessoa.

Procede isto de que a concordancia não se faz então de palavra com palavra, mas da palavra com uma idéa. O entendimento obrigado da necessidade, e auctorisado pelo uso, sem se ligar á terminação da palavra, liga-lhe outra idèa de differente genero com a qual a concorda; vindo assim a fazer uma discordancia material e apparente para fazer uma concordancia real, porém só mental. A isto deram os grammaticos o nome de **syllepse** ou *synthese*, que querem dizer *concebimento* ou *combinação*. Vamos discorrendo por cada uma d'ellas.

§ I

SYLLEPSE DE GENERO

A regra da concordancia regular do adjectivo com o seu substantivo não suppõe senão um só substantivo na oração. Porém o mesmo adjectivo tem de concordar muitas vezes com dois ou mais substantivos, e estes mesmos de differentes generos. Pelo que pertence á concordancia no numero, nenhuma duvida ha que, sendo dois os substantivos, o adjectivo e o verbo devam ir sempre ao plural: e Camões, *Lus.* III, 41, não errou (como diz o auctor dos *Rudimentos da Gram. Port.* pag. 308) na concordancia, quando disse de Zopyro:

Onde rosto e narizes se cortava

em logar de *a si cortava*. Porém pode-a haver pelo que pertence á concordancia do genero, segundo os mesmos substantivos se acham ou todos no singular, ou todos no plural, ou um no singular e outro no plural, pela collisão que então ha entre a concordancia do numero e a do genero. A pratica do uso é:

1.° Se todos os substantivos estão no singular, o adjectivo do plural, sendo attributo da oração, concorda em genero com

o masculino, como: *o marido e a mulher são generosos*. Quando porém o adjectivo é apposto a muitos substantivos de coisas, e quasi synonymos, concorda com o ultimo de qualquer genero que seja, como: *o amor* e a amizade verdadeira. *A virtude, valor, magnanimidade* e esforço proprio. Os adjectivos *um* e *outro* algumas vezes se empregam assim no genero masculino, ainda que um dos substantivos antecedentes seja feminino, como: *eu devia-lhe* a vida e o reino; *elle* um e outro *me tirou*.

2.º Se os substantivos estão no plural, o adjectivo do plural concorda com o que lhe fica mais proximo, quer atraz, quer adiante, de qualquer genero que seja, como: *seus temores e* esperanças *eram* vãs, e *eram* vãos seus temores e *esperanças*; onde os adjectivos *seus* e *vãos* concordam em genero com o substantivo que immediatamente lhe precede ou se lhe segue.

Ás vezes porém o adjectivo do plural se acha em nossos escriptores concordando com o substantivo masculino, ainda que esteja mais remoto que o feminino, como: Os vicios, e *não* as virtudes, *são* os que *entre si discordam*[1]. Os louros e *heras por ti* honrados[2]. Porém faz uma grande differença ser o feminino mais proximo excluido da affirmação do verbo pelo adverbio negativo *não*.

3.º Se um substantivo está no singular e outro no plural, o adjectivo do plural concorda com o substantivo do plural em genero, qualquer que este seja, como: os dinheiros *e fazenda eram* muitos, e as fazendas *e o dinheiro eram* muitas. *Não são* vossos poderes *e liberalidades tão* limitados[3].

Porém do contrario ha tambem exemplos, como o de Camões[4]:

> *Porque essas* honras vãs, esse ouro puro,
> . . . .
> *Melhor é merecêl*-os *sem* os *ter*,
> *Que possuil*-os *sem* os *merecer*.

E o de Corte Real[5]:

> *De branca seda leva o charo esposo*
> As calças *e* o jubão *de ouro* lavrados.

[1] Arraes. *Dial.* III, cap. 5.
[2] Ferr. *Poem.* I.
[3] Paiva. *Serm.* tom. III, pag. 298.
[4] *Lus.* IX, 93.
[5] *Naufr.* IV.

E nós dizemos: *tinha os pés e a cabeça* descobertas. Mas faz uma grande differença serem os adjectivos ou attributos da proposição, ou meramente appostos aos substantivos.

Seja como for, esta mesma variedade do uso mostra que esta ultima concordancia do adjectivo com o substantivo feminino do plural em genero não é inteiramente certa e segura. O melhor pois é ou evitar a concorrencia de substantivos de differentes generos e numeros; ou, a não a poder evitar, dar a cada substantivo seu adjectivo separado, ou escolher algum de uma só terminação para concordar com ambos, como: *os dinheiros eram* avultados *e a fazenda* muita, ou *as fazendas e dinheiro eram grandes.*

Bem se vê, que em todos estes casos a concordancia não é exacta. Porém a **syllepse** é que salva todas estas discordancias parciaes e inevitaveis, fazendo concordar o adjectivo com um dos substantivos com que mais relações póde ter ou de *numero* ou de *proximidade*, ou de *preeminencia* no *genero*, visto não o poder concordar com todos senão mentalmente, applicando a cada um a sua significação.

Tambem ha **syllepse de genero,** quando não concordamos os tratamentos politicos das pessoas como os adjectivos e participios que se lhes seguem. Por exemplo, estes nomes *magestade, alteza, excellencia, senhoria, mercê*, etc., são substantivos femininos, e n'este genero concordamos com elles o possessivo *vossa*; e não obstante, dizemos: *vossa magestade é* magnifico, *vossa alteza foi* servido: onde os adjectivos *magnifico* e *servido* não concordam formalmente com os substantivos *magestade, alteza,* mas com os appellativos *rei* e *principe,* que temos em mente.

O que outrosim se vê nos substantivos femininos *charamela, sacabuxa, sanfonina, trombeta, mascara, pessoa* e outros a que se ajuntam adjectivos masculinos, entendendo-se-lhes pela *syllepse* o appellativo *homem,* como: *muitas charamelas* e *sacabuxas* vestidos; *uma sanfonina* cegô; *um mascara*; *um trombeta*; *uma pessoa* chamado, etc.

Os adjectivos *excepto, mediante, não obstante, salvo, supposto,* usados adverbialmente n'estas e semelhantes expressões: *excepto algumas pessoas nobres, mediante as suas orações, não obstante estas coisas, salvo a honra e os direitos, supposto esta certeza*; parecem discordar em genero e numero. Porém entendendo-se-lhes a todos *isto, que é,* como: *salvo* isto, que é *a honra e os direitos,* fica salva sua concordancia.

§ II

SYLLEPSE DOS NUMEROS

Ha syllepse dos numeros, quando a nomes do singular se ajuntam adjectivos ou verbos no plural; ou pelo contrario quando a nomes do plural se ajuntam verbos no singular. Succede isto principalmente com os nomes collectivos.

1.° Quando um substantivo *collectivo partitivo* do singular é seguido da preposição *de*, e de um nome do plural, o singular vae incluido no plural, como a parte em o todo. O adjectivo pois e o verbo concordam com o plural e não com o singular, como: *tanto que um* golpe d'elles se fizeram *senhores d'ella.* (Barros) Estavam pegados *com elles* uma infinidade de homens. (Sousa) A multidão dos artificios *de fogo, que continuamente* succediam *uns a outros*, alumiavam *a fumaça da polvora.* (Pinto Pereira)

2.° Quando porém o substantivo *collectivo* é *geral* e não partitivo, e é egualmente seguido da preposição *de* e de um nome do plural, este plural vae incluido no singular como a especie no genero. O adjectivo pois e o verbo concordam com o collectivo singular, e não com o nome do plural, como: *o exercito* dos infieis *foi* inteiramente *derrotado.*

3.° Quando o substantivo *collectivo geral* se põe só, ou com a preposição *de* e um nome do singular, o adjectivo e o verbo podem concordar ou regularmente com o mesmo collectivo no singular, ou pela *syllepse* concordar em plural com os muitos individuos que o mesmo comprehende, como: *povoavam* os degraus muita *sorte de gente*, que *pareciam pobres* (Sousa), ou *povoava* os degraus muita *sorte de gente*, que *parecia pobre.* Começou a quebrantar *o povo* com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor *os* dominar, *timidos* e *sujeitos* (J. Freire), ou: para melhor *o* dominar, *timido* e *sujeito.*

4.° Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o verbo vae ao singular, como: *o oiro, os diamantes, as perolas*, tudo é *terra e da terra. Bens, dignidades, honras*, tudo desapparece *á morte. Jogos, conversações, espectaculos*, nada o tirava *de seu retiro.*

5.° Assim como com os collectivos geraes do singular se põe ás vezes o adjectivo e o verbo no plural, assim com os substantivos do plural, tomados collectivamente, se põe ás vezes o verbo no singular, o que acontece sempre com o verbo *haver* impes-

soal na significação de *existir*, e com os verbos que o determinam ao infinito, como: *ha tempos, houve muitos homens, haverá cem annos, póde haver alguns, acontece haver pessoas*, etc.

Quando se usa dos pluraes *nós* e *vós*, em logar do singular *eu* e *tu*, os verbos concordam com elles no plural, mas os adjectivos pôem-se no singular pela *syllepse*, como: *se na vida seguirdes a opinião, nunca* sereis rico; se *a conformáreis á natureza, nunca* fôreis pobre (Lucena). *Antes* sejamos breve *que* prolixo (Barros). *Nós não somos abastante para compridamente louvar* (Fernão Lopes): o que não é falta de concordancia, como erradamente disse Francisco Dias na sua *Analyse* coroada em 1792. *Mem. de Litt. Port. da Academia*, tom. IV, pag. 34.

Um e outro e *nem um nem outro*, admittem a concordancia do adjectivo e do verbo em qualquer dos numeros, como: *um e outro é bom*, ou *são bons*; *nem um nem outro é bom*, ou *são bons*. Não corre a mesma regra com os appellativos. Posso dizer: *um e outro homem*, mas não *um e outro homens*.

§ III

SYLLEPSE DAS PESSOAS

Quando na oração concorrem muitos sujeitos de differentes pessoas do singular com um verbo só, este pôe-se sempre no plural concordando com todos em numero; e em pessoa com o mais nobre, qual é o da primeira pessoa a respeito do da segunda, e o da segunda a respeito do da terceira, como: *eu* e *tu andamos de saude*: *elle* e *tu estaes sentados*: *nós* e *vós iremos juntos*.

Em todas estas syllepses as discordancias apparentes dos termos da proposição são admittidas pela necessidade, concordadas pela razão e auctorisadas pelo uso. Mas as que não tem por si nem necessidade, nem razão, nem auctoridade, são as que merecem mais o nome de *solecismos* que o de *syllepses*, e que egualmente se podem commetter na syntaxe, ou dos termos da proposição, ou das proposições parciaes com as totaes entre si, como passamos a ver no artigo seguinte.

ARTIGO III

DAS DISCORDANCIAS OU SOLECISMOS

Segundo Quintiliano (I, 5) ha solecismo em qualquer oração de um sentido total, quando n'ella se pôe adiante alguma palavra que não condiz nem concorda com as antecedentes. Todo solecismo pois é um erro de syntaxe, ou de concordancia ou de regencia, mas d'aquella especialmente. Estes erros podem-se commetter ou nos termos mesmos da proposição, quer simples, quer composta, ou na união das proposições parciaes com suas totaes, ou na união das totaes entre si.

§ I

DISCORDANCIAS OU SOLECISMOS NOS TERMOS DA PROPOSIÇÃO

Nos termos da proposição ha erro, quando as conjuncções copulativas ajuntam sujeitos, attributos ou complementos pertencentes a differentes verbos, como: *condemno sua preguiça*, e as culpas *que seu descuido lhe fez commetter*, são inexcusaveis. Este defeito tem os versos de Camões, *Lus.* I, 1:

.........Que forão dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andaram devastando:

ou quando se emprega a disjunctiva *nem* sem preceder outra negação, a qual se entende nas frases interrogativas negativas, como: *por ventura ha merecimento* algum *no bem, que um homem faz a si*, nem *aos outros por amor de si*? Porém ainda com o mesmo Vieira não direi eu: *A affronta da cruz foi a maior que padeceu*, nem *podia padecer Christo a mãos da infidelidade e temeridade humana.* Vid. Lévizac, *Gramm.* part. II, cap. X, art. III.

Com *um e outro* ou *nem um nem outro*, podemos concordar o verbo e o adjectivo no plural como vimos, porém não os appellativos. Fr. Luiz de Sousa (*Vid. do Arceb.* V. 4), disse com mais liberdade do que devia: *não eram bem despedidos de* um e outro arcebispos.

Cada, cada um, cada qual, como são distributivos, não admittem o verbo no plural depois de si, antes sim. Assim, Azu-

rara disse bem e mal ao mesmo tempo n'este logar da Chronica de D. João I, part. III, cap. 34: *Cada um trazia* tamanha ledice, como se determinadamente *soubessem* que sem nenhum perigo *haviam de haver* victoria. Admittem porém no plural depois de si, nomes que se lhes referem, como: *vivia cada um* (dos eremitães) em sua cella, *feitas* de pedra e *cobertas* com ramos. Brito, *Chr.* V. 6.

Pelo contrario, quando muitos substantivos continuados não estão na mesma relação uns para outros, mas em differente, póde-se o verbo pôr no plural, como: *Patecatir com todolos seus* padeciam *grande fome. Goes*, Chronica de D. Manuel, part. III, 28; mas é erro concordar com elles o adjectivo em o numero plural. Assim disse Corte Real (*Naufr.*, cant. VIII):

> No batel vistes, já quasi *alagados,*
> *Esse bom capitão com quanta gente*
> N'aquella embarcação primeira vinha.

Melhor disse o mesmo Goes, ibid, I, 35. N'esta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens *ferido.*

O artigo neutro *o*, junto ao verbo substantivo *ser*, é sempre um attributo relativo ao sentido de um adjectivo ou appellativo da oração antecedente. É por tanto erro ou concordal-o com os ditos adjectivos e appellativos em genero e numero, ou concordal-o no genero neutro, não tendo a palavra a que se refere genero algum, como se dissessemos: esta historia acabará de *desenganar* os que devem *sel-o*, isto é, *desenganados*; o que não está na primeira frase, mas *desenganar.* No mesmo erro caíu Vieira, carta I, 67: Debaixo d'estes accidentes se encobre grande substancia, a qual se *manifestará* brevemente quando já hoje *o não esteja.*

Tambem se erra, ou omittindo o artigo quando se deve pôr, ou pondo-o quando se deve omittir. Quando concorrem muitos substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonymos, não basta pôr o artigo só ao primeiro, é necessario repetil-o a cada um, e dizer: *os paes e as mães*; o senhorio dos homens, das terras e dos ventos[1]; e não: *os paes e mães*: *o senhorio* dos *homens, terras* e *ventos.*

O mesmo se deve praticar com os adjectivos que tem significações oppostas. Jacintho Freire disse[2]: *se consumem com os successos prosperos e adversos.* Deveria dizer: *e com os adversos.* Quando em logar do artigo se pôe outro determinativo, este

[1] Jacintho Freire. *Vida de D. J. de Castro.* liv. III, pag. 104.
[2] Ibid. pag. 104.

mesmo se deve repetir a todos os substantivos continuados, principalmente quando são de differentes generos e numeros, e dizer: *meu pae* e *minha mãe*; *seus vestidos* e *suas joias*; *este homem* e *esta mulher*, e não *meu pae e mãe*; *seus vestidos e joias*; *este homem e mulher*. Pelo contrario, quando qualquer nome appellativo é determinado por algum dos adjectivos determinativos, é um pleonasmo escusado ajuntar-lhe o artigo. Nossos classicos dizem sempre: *meus avós, teus antepassados, seus bens, vossa fortuna*, etc, e não: *os meus avós, os teus antepassados, os seus bens, a vossa fortuna*, etc.

O collectivo universal *todo*, quando se toma distributivamente em logar de *cada*, tambem não admitte de companhia artigo depois de si, como: *todo homem póde mentir, mas nem todo homem mente*. Esta é a pratica de nossos melhores escriptores. Quando porém se toma pela totalidade ou absoluta ou parcial dos individuos, admitte artigo, mórmente seguindo-se-lhe alguma incidente que o restrinja, como: *querer contentar* todo o *mundo é loucura*; *é necessario cumprir* todas as *obrigações que contrahimos*. Taes são as discordancias e solecismos em que ainda agora caem muitos, a respeito dos termos da proposição e seus modificativos.

§ II

DAS DISCORDANCIAS E SOLECISMOS NA UNIÃO DAS PROPOSIÇÕES PARCIAES

Passando já ás discordancias das proposições parciaes com suas totaes, é uma observação certa, que nenhuma proposição incidente póde modificar um antecedente que se não ache já determinado ou pelos artigos, ou por outro determinativo. É pois erro ajuntar qualquer incidente a um appellativo indeterminado, como seria: *Pedro é* homem, que *muito estimo*: *casa que mal se edifica, em breve cae*. Devo dizer: *Pedro é* um *homem que muito estimo*. A casa que *mal se edifica, em breve cae*. Por esta razão é incorrecta a expressão de Barros[1]: *o tempo não gastará* doutrina, costumes, linguagem, *que os portuguezes n'estas terras deixaram*. Ficava melhor: *a doutrina, os costumes e a linguagem, que*, etc.

D'aqui vem, que, quando o antecedente é um appellativo com artigo, seguido de outro substantivo com a preposição *de* sem artigo, o relativo conjunctivo *que*, que lhe ata a proposição incidente, se refere naturalmente ao substantivo determinado e não

[1] *Dial. em louv. da nossa ling.* pag. 229.

ao indeterminado. Quando digo v. gr. *Pedro é um* homem de honra, que *eu muito estimo*; o *que* não causa equivoco, porque se refere não ao substantivo immediato antecedente *honra*, que se acha indeterminado, mas sim ao mais remoto *homem*, especificado pelo artigo *um*.

Não succede porém assim, quando o segundo substantivo tem tambem artigo. Então o *que* póde-se referir ou ao primeiro ou ao segundo; e n'este caso deve-se variar a fórma do relativo para tirar a ambiguidade, como n'este exemplo: *um milagre* da Divina Providencia, que *é grande*, etc. Onde o *que* é equivoco, e faz duvidar se a incidente pertence ao primeiro substantivo *milagre*, se ao segundo e mais proximo *Providencia*. Para se tirar a duvida, deve-se mudar o *que* em *o qual*, se se refere a *milagre*, e em *a qual*, se se refere a *Providencia*.

Tambem se costuma errar na concordancia das proposições parciaes, feitas pelos participios imperfeitos activos em *ndo*, quando, tendo differente sujeito do da sua principal, este se lhe não exprime, deixando assim em duvida, se o agente de ambos os verbos é o mesmo, se diverso. Jacintho Freire na mesma falla de Coge Çofar caiu duas vezes n'esta inadvertencia; a primeira quando diz: *sendo vassallo, me tratou como amigo, e me amou como filho*. Devia dizer: *sendo* eu *vassallo*, etc. A segunda, quando diz: *pois, insensiveis e ingratos, estamos alimentando os homicidas de nosso monarcha em nossa mesma casa*, gozando *como herança a praça que asseguraram com tão atroz delicto, hontem hospedes, agora senhores*. Deveria dizer: *gozando* elles, etc.

Um semelhante erro se commette nas orações parciaes integrantes do infinito, quando o verbo que as determina para lhe servirem de complementos, tem o mesmo sujeito ou differente, usando da fórma pessoal no primeiro caso, e da impessoal no segundo, e dizendo v. gr. *vens para me veres, e não para te ver*, quando pelo contrario se deve dizer: *vens para me ver, e não para te verem*. Veja-se cap. II, art. I, § 2, regra III.

Outro solecismo bem vulgar é empregar o relativo conjunctivo adverbial *cujo*, que vale o mesmo que *de quem*, *do qual*, ou sem a sua relação propria de *possessão* em logar de *qual* ou *que* sem preposição, dizendo: *um homem, cujo não conheço*: ou como complemento de outra preposição differente d'aquella que sempre leva comsigo, como: em todas estas sepulturas e moimentos ricos dos donos *de cujas* forão (Tenreiro, *Itin.*, cap. 10), ou dando á preposição *de*, incluida no mesmo conjunctivo, outra relação differente da que naturalmente tem para exprimir um possuidor, como fez nosso Lobo na *Egloga III*, dizendo:

Ao rico tudo lhe cabe:
O pobre lamenta e chora,
É só a canceira sua,
E o bem *de cujo* Deus sabe

De cujo em logar de *de quem* é um pleonasmo insupportavel; e se *de*, por ellipse, está em logar *de aquelle*, o relativo *cujo* já se não refere ao substantivo *bem*, nem com elle concorda, como devia, mas com o possuidor, *do qual, ou qual Deus sabe.* De qualquer modo, o abuso d'este e dos mais conjunctivos relativos, perturba inteiramente a ligação e concordancia das proposições incidentes com suas totaes de que fazem parte.

§ III

DAS DISCORDANCIAS OU SOLECISMOS NA UNIÃO DAS PROPOSIÇÕES TOTAES ENTRE SI

Finalmente, tambem ha *solecismos* e *discordancias* na ligação das proposições totaes que compõem os membros de qualquer periodo, todas as vezes que ha inconsequencia entre a proposição principal e suas subordinadas; ou por não haver correspondencia entre as conjuncções periodicas para as fazer jogar umas com outras, ou por esta correspondencia se achar perturbada com outras orações mal collocadas, que se lhe mettam de per meio.

Os grammaticos chamam *anacolutho* a esta especie de solecismo, como, se principiando v. gr. o periodo por *aindaque*, e fazendo esta conjuncção esperar a sua correspondente que é *comtudo*, se substituisse a de *assim tambem*: ou ás avessas começando por *assim como*, acabassemos por *comtudo*, e assim em outras, como: *Simão da Costa em vendo as vellas*, e se affirmou *serem galés, se foi saindo para o mar.* Andrade. Chr. D. João, part. IV, 92. *Começou a abrir outras minas, que sendo tambem conhecidas, se atalharam*; *as quaes não referimos, porque não involvem successo memoravel,* como por *evitar o fastio de relatar coisas tão parecidas.* Jacintho Freire, II, 183.

Mas, guardada ainda a devida correspondencia entre os conjunctivos e pensamentos que elles ligam, póde haver confusão no sentido, por não estarem as orações em seus devidos logares. Um auctor illustre diz: *sendo sempre justa e santa a vontade de Deus, ella da mesma sorte é sempre adoravel, e sempre digna de nossa submissão e amor*; *bem que seus effeitos se-*

jam para nós algumas vezes custosos e duros, pois que só as almas injustas é que podem achar que dizer contra a justiça.

A proposição principal d'este periodo é: *a vontade de Deus é sempre adoravel,* etc. Ella é precedida de uma proposição subordinada e seguida de outras duas. Cortada a ultima, que é: *pois que só as almas injustas,* etc., não ficaria o periodo mau; porque esta oração posta no fim d'elle, causa seu embaraço e sua confusão: embaraço, porque não está no seu logar em razão de se referir á proposição principal que lhe fica acima alguma coisa distante; e confusão, porque parece á primeira vista referir-se á subordinada immediata que lhe precede.

Nem este defeito se remediaria com transpol-a para o seu logar, antes viria a recair-se em outro. O unico meio pois de o evitar é cortar-lhe a conjuncção *porque,* e fazer uma oração á parte, que o sentido mesmo ligará naturalmente com as de cima.

CAPITULO III

SYNTAXE DE REGENCIA

Reger quer dizer *determinar* e demandar alguma coisa. E como em todas as linguas ha umas palavras cuja significação é transitiva ou relativa, e que por isso requerem se lhes complete para não ficar suspensa; d'aqui veiu dizer-se que, assim como a relação de *identidade* entre as idéas é o fundamento da **syntaxe de concordancia,** assim a relação de *determinação* entre as mesmas é o fundamento da **syntaxe de regencia.**

Por exemplo: os verbos activos transitivos requerem depois de si um objecto em que passe sua acção. Da mesma sorte, os adjectivos que tem uma significação relativa, requerem depois de si um termo que lhes complete sua relação; e as preposições com seus complementos requerem outrosim um antecedente a que sirvam de complemento.

Ha outras palavras cuja significação é intransitiva e absoluta, e que por isso não demandam depois de si outras para lhe completarem; como são quasi todos os nomes appellativos, e os adjectivos e verbos que exprimem um simples estado, uma qualidade absoluta. Porém assim mesmo são susceptiveis de varias determinações e circumstancias, com que sua significação se póde, ou restringir ou explicar pelas preposições com seus complementos, que se lhes ajuntam. Estas palavras pois não são regentes, mas sim regidas, e d'aqui duas especies de regencias, umas *correlativas* e outras simplesmente *relativas.*

Quando as palavras tem uma significação relativa, que para

se terminar necessita de uma preposição com seu complemento, esta regencia é correlativa, porque se a palavra demanda uma preposição com seu complemento, esta mesma preposição com seu complemento demanda um antecedente a que sirva de complemento. Quando digo, por ex.: *amo a Deus*; o verbo *amo* pede um complemento: mas tambem o complemento *a Deus* pede um antecedente, qualquer qne ello seja.

Quando porém as palavras tem uma significação absoluta, esta nada determina; mas póde ser determinada e modificada por uma preposição com seu consequente, a qual demanda necessariamente um termo antecedente a quem complete, qualquer que elle seja. Esta regencia pois, é simplesmente relativa, porque n'ella não ha senão uma só relação, que é a do termo consequente ao antecedente, e não d'este áquelle. Quando digo, por ex. *o amor de Deus*, o appellativo *amor* per si nada pede, porém o complemento *de Deus* pede infallivelmente um antecedente.

Onde ha regencia, necessariamente ha de haver *partes regentes* e *partes regidas*. As partes regentes propriameute fallando, não são senão duas, a saber: O adjectivo de significação relativa e a preposição; porque no adjectivo vae incluido o verbo adjectivo e o adverbio mesmo de significação relativa; pois que elles não tem esta significação senão do attributo relativo que levam comsigo, v. gr. *depender de Deus, dependente de Deus, dependentemente de Deus*, é tudo a mesma idéa relativa de *dependencia*, que se reproduz debaixo d'estas differentes fórmas. A preposição tambem de sua natureza é relativa, e pede não só um termo consequente que complete a sua relação, mas tambem um antecedente, a quem ella mesma com seu consequente sirva de complemento. Quando digo: *a Deus*, a preposição *a* não só requer o nome que tem adiante, mas um antecedente de significação relativa a que sirva de complemento, v. gr. *rogo a Deus*.

Partes regidas podem ser todas as que compôem a oração; ou um *nome*, quer proprio, quer appellativo, v. gr. *livro de Pedro*, onde *Pedro* é regido da preposição, e *livro* regido outrosim da mesma preposição com seu complemonto; ou um *verbo*, v. gr. *quero amar, para amar*; ou um *adverbio*, como: *d'onde, por onde*, ou qualquer outra parte substantivada, como: *com outro eu, querer o justo, o bom*; *lançar ais*; *dizer pro e contra*; *sem senão*, etc.

As linguas grega e latina, para mostrar as differentes relações em que estas palavras regidas estavam para as que as regiam, serviam-se ou das differentes terminações que davam ao mesmo nome, chamadas *casos*; ou, quando a palavra regida era indeclinavel, pondo-a junto da regente, como: *genu flectere, homo fru-*

gi, exinde, commisisse cavet. Nós, á excepção dos pessoaes primitivos, não temos casos. Mas nem por isso deixamos de exprimir as mesmas relações que os gregos e latinos exprimiam pelos seus casos, ou sós, sem preposição, ou com ella. O que elles faziam pelas *posposições* ou terminações acrescentadas no fim do nome, fazemos nós pelas *preposições* juntas ao principio do mesmo. Os signaes são alguma coisa differentes; as relações porém significadas por elles são as mesmas.

Ora todas estas relações se reduzem geralmente a *quatro*, correspondentes aos quatro casos latinos. Porque ou a parte regida está em razão do *objecto* para a parte regente, e lhe daremos o nome de *complemento objectivo*, que corresponde ao accusativo latino; ou em razão de *termo*, e lhe chamaremos *complemento terminativo*, que corresponde em parte ao dativo latino. Ambos estes completam a significação relativa das partes regentes.

Ha outros dois complementos que não completam, mas mudam a significação vaga e absoluta das partes que não regem; outros, ou restringindo-a ou explicando-a. Ao primeiro dou o nome de *complemento restrictivo*, que corresponde ao genitivo latino, e ao segundo o de *complemento circumstancial*, que corresponde ao ablativo latino. Os primeiros dois são regidos pelas partes regentes: estes dois segundos não são regidos nem determinados pelas palavras a que servem de complementos, mas elles são os que propriamente as regem e determinam. O que passamos a explicar no artigo seguinte, que trata da Syntaxe de Regencia **regular**, reservando para o segundo o tratar da regencia **irregular**.

ARTIGO I

SYNTAXE DE REGENCIA REGULAR

A **regencia** é **regular**, quando as palavras regentes tem expressos na oração os seus devidos complementos, e os complementos os seus devidos antecedentes, sem ser preciso entenderem-se-lhes de fóra. As palavras regentes ou significam tão sómente uma acção, ou tão sómente uma relação, ou uma acção e ao mesmo tempo uma relação.

As primeiras devem ter um complemento objectivo, as segundas um terminativo, e as terceiras dois, um objectivo e outro terminativo. As palavras, que não significam nem acção nem relação, não requerem complemento, mas podem receber ou o restrictivo, ou o circumstancial, como passamos a mostrar discorrendo por cada um d'elles.

§ I

COMPLEMENTO OBJECTIVO

Chama-se assim toda palavra ou acção, que é o primeiro termo ou objecto sobre que se exercita a acção do verbo activo, com a qual se responderia á pergunta *o que*? como quando digo: *eu amo*; se se me pergunta *o que?* e respondo *a Deus?* este substantivo *Deus* com a preposição *a* é o complemento objectivo do verbo *amo*.

Quando este complemento objectivo é de pessoa ou coisa personificada, sempre leva comsigo a preposição *a*, excepto se são pronomes pessoaes. Porque como estes tem casos apropriados para exprimir esta relação objectiva, comsigo mesmo levam adverbialmente a mesma preposição. Assim dizemos com preposição: *amor* a Deus *e* ao proximo *como* a nós mesmos: *honrar* a seu pae *e* a sua mãe; e sem ella: *eu* te *amo*, *tu* te *amas*, *elles* nos *amam*, *tu* me *amas*, *elles* vos *amam*, *elle* se *ama*, *elles* se *amam*, *eu* o *amo*, *tu* os *amas*. Estes casos são incliticos, e por isso tem todos accento grave, e podem estar antes ou depois do verbo. Estes mesmos pronomes nunca são complementos objectivos do verbo, senão quando este é simplesmente activo, e não ao mesmo tempo relativo. Porque então mudam de relação, como veremos mais abaixo.

Quando porém o complemento objectivo é de coisas e não de pessoas, então não leva comsigo preposição alguma. O logar immediato que se lhe dá logo depois do verbo na construcção directa, é o signal d'esta sua relação, quer leve artigo quer não, como: *amo a virtude*, *aborreço o vicio*, *busco honra* e *dinheiro*, *quero viver:* onde os vocabulos *virtude*, *vicio*, *honra* e *dinheiro*, e o infinito *viver*, sem serem precedidos da preposição *a*, só pela sua posição, fazem os complementos objectivos cada um de seu verbo.

A razão de uns complementos objectivos levarem preposição e outros não, é porque muitos verbos activos tem significação activa e ao mesmo tempo relativa, e pedem por consequencia não só um objecto, mas tambem um termo. E como aquelle ordinariamente é de coisas, as palavras qne exprimem estas vão sem a preposição *a*, ficando esta reservada para o termo da relação, que as mais das vezes é pessoa, como melhor se verá no § seguinte.

§ II

COMPLEMENTO TERMINATIVO

Chama-se assim toda palavra ou oração que serve de termo á significação relativa das palavras regentes: e assim como as significações relativas são differentes, assim o são tambem as preposições que se empregam n'estes complementos terminativos. As mais usuaes são *seis*, a saber: *a, para, por, de, com, contra,* com as quaes e com seus consequentes se responde ás perguntas, que naturalmente se fariam a quem empregasse uma d'estas palavras relativas sem termo algum que completasse sua relação, dizendo: *abalançar-se, prestar, trocar, lembrar-se, reconciliar-se, conjurar-se,* etc. Pois justamente se lhe perguntaria: *abalançar-se a que?* e se lhe responderia v. gr. *aos perigos*: *prestar, para que? para muito*: *trocar ouro, por que? por prata*: *lembrar-se de que? do tempo passado*: *reconciliar-se, com quem? como seus inimigos*: *conjurar-se, contra quem? contra a patria.* O mesmo aconteceria com os adjectivos de significação relativa, como: *pertencente, apto, empenhado, dependente, concorde, indignado,* e infinitos outros.

Aqui seria o logar proprio para fazer o catalogo de todas estas palavras de significação *relativa*, e das differentes preposições com seus complementos, que depois de si pedem como termos de suas relações, como fez o auctor da *Grammatica da Lingua Castelhana,* gastando n'elle uma sexta parte de sua obra. Porém esta empresa para ser completa, requereria um diccionario, que depois de feito, pouco aproveitaria aprendel-o de cór. Para saber as preposições regidas d'estas palavras, basta reflectir em sua significação, consultar o uso vivo, e na duvida os Diccionarios da Lingua.

Os adjectivos e adverbios que podem reger, nunca tem senão significação relativa. A maior parte dos verbos activos não tem senão esta significação simplesmente, sem ser relativa. Porém ha muitos cuja significação activa é tambem relativa. Taes são muitos dos verbos pronominaes, e os que significam *accommodar, ajuntar, attribuir, dar, tirar, receber,* etc.

Estes tem ordinariamente dois complementos, um objectivo correspondente á sua acção, e outro terminativo correspondente á sua relação, como: *dar louvor ao merecimento*: *tirar o direito a quem o tem*: *receber alguma coisa de alguem,* etc.

Como os casos pessoaes *me, nos, te, vos, se,* valem tanto como *a mim, a nós, a ti, a vós, a si,* quando se ajuntam aos verbos meramente activos, são sempre complementos objectivos dos

mesmos. Quando porém se ajuntam com os verbos activos relativos de que estamos fallando, são sempre complementos terminativos. O pronome directo da terceira pessoa *lhe, lhes*, é sempre terminativo, como se póde ver n'estas frases: *faze-me isto, faze-nos este favor, faço-te mercê, faço-vos mercê, dar-se louvores, querer-lhe todo o bem*, etc.

§ III

COMPLEMENTO RESTRICTIVO

Os dois complementos, *objectivo* e *terminativo*, de que acabamos de fallar, são os unicos regidos e determinados pelas partes regentes, e como taes os unicos tambem que são necessarios e indispensaveis para completar a significação das mesmas, a qual sem elles ficaria por completar e suspensa.

Os dois seguintes porém, que são os complementos, *restrictivo* e *circumstancial*, não são determinados nem regidos por parte alguma da oração, mas addicionados a ellas por quem falla ou escreve, para lhes modificar a significação, já restringindo-a, já explicando-a e ampliando-a. Não são por tanto essenciaes e necessarios á integridade grammatical da oração, ainda que o sejam para a sua verdade e boa intelligencia.

O *complemento restrictivo* é qualquer palavra precedida da preposição *de*, e posta immediatamente depois de qualquer nome appellativo, para lhe restringir e determinar a significação vaga e geral que sempre tem, como quando digo: *livro de Pedro, homem de virtude, amor de Deus, senhor de escravo*, onde os nomes appellativos *livro, homem, amor* e *senhor*, sendo communs a toda a casta de livros, de homens, de amores e de senhores, são restringidos, o 1.º a um individuo pela addição do nome proprio *Pedro*; o 2.º a uma classe particular de homens virtuosos pelo complemento *de virtude*; o 3.º a um amor singular pelo complemento *de Deus*; e o 4.º a um possuidor privativo pelo complemento *de escravos*.

Os grammaticos deram a este complemento, e ao genitivo latino que lhe corresponde, o nome de *caso de possessão*. Porém se o é algumas vezes, não o é sempre, como se vê nos tres exemplos ultimos: *homem de virtude, amor de Deus, senhor de escravo*; e o nome de complemento restrictivo sempre lhe convém.

Este complemento, quando se faz dos pronomes pessoaes, sempre se exprime pelos pessoaes derivados, *meu, nosso, teu, vosso, seu*; e não pela preposição *de* com os pessoaes primitivos, *de mim, de nos, de ti, de vós, de si*, como: *saudades minhas*,

saudades tuas, isto é, *que eu tenho*, *que tu tens*. Quando dizemos: *saudades de mim*, *saudades de ti*, são as que outrem tem de mim e de ti, e então é este complemento não restrictivo, mas terminativo.

Porque não se deve confundir a mesma preposição *de*, quando é restrictiva, quando terminativa, e quando circumstancial. Ella é restrictiva quando se ajunta a nomes de classes ou appellativos. Quando porém se pôe depois de substantivos, adjectivos ou verbos de significação relativa, é terminativa, como quando digo: *filho de Antonio*, *pae de Pedro*, *irmão de Sancho*, *desejo das honras*, *compaixão dos miseraveis*, *cheio de favores*, *rico de dinheiro*, *pobre de fazenda*; e, geralmente fallando, quando seu antecedenle tem a significação de *encher*, *despejar*, *privar*, *separar*, *escrever*, *gosar*, etc.

Quando porém o antecedente tem uma significação absoluta, a mesma preposição é então circumstancial, como: *tratar ou fallar de alguma coisa*. Se em todos estes casos a preposição *de*, parece tambem restringir de alguma sorte a significação de seu antecedente, é porque todo o complemento ajuntando sempre alguma idéa nova á palavra que modifica, parece tambem restringil-a: mas este não é o seu fim principal.

§ IV

COMPLEMENTO CIRCUMSTANCIAL

Toda palavra ou oração precedida de preposição, qualquer que esta seja, e junta a qualquer verbo ou adjectivo sem ser pedida pela sua significação, é um *complemento circumstancial*, que se lhe dá para a explicar.

Estes complementos são de dois modos. Uns pertencem ao verbo substantivo, que faz sempre o fundo e a base de todo o verbo adjectivo, e outros ao attributo ou adjectivo proprio de cada verbo. Todos os complementos circumstanciaes relativos ao logar, ao tempo, e aos graus de affirmação pertencem ao primeiro; porque todos elles dizem respeito á existencia e ao modo de a enunciar; o que é privativo do verbo substantivo, e não da idéa attributiva que o verbo adjectivo lhe acrescenta.

Todos os mais complementos circumstanciaes relativos á quantidade, qualidade, modo, fim e meios, ou instrumentos com que alguma coisa se faz, pertencem ao attributo do mesmo verbo adjectivo, pois que todos são modificações ou da acção do verbo ou da qualidade que elle exprime. Tudo isto se perceberá melhor no seguinte exemplo, feito de proposito para o demonstrar.

«*Em* Coimbra, *desde* aquelle tempo, *até* agora, *sem* interrupção alguma, *com* todo o ardor *me* entreguei, *entre* outros, *aos* estudos das sciencias naturaes *sob* professores excellentes, *para* instrucção minha, e *em* utilidade publica.»

O unico verbo d'esta oração é o verbo activo *entreguei*, que dividido em seus elementos vale o mesmo que *estive applicado*. A elle só estão subordinados nada menos que onze complementos, um sem preposição, que é o pronome *me*, e os mais regidos todas das preposições, *em*, *desde*, *até*, *sem*, *com*, *entre*, *a*, *sob*, *para*, e outra vez *em*.

O primeiro, que é o pronome pessoal *me*, é o complemento objectivo sobre que cae a acção do verbo *entregar*; o segundo é *aos estudos*, complemento terminativo da significação relativa do mesmo verbo. Estes dois complementos são indispensaveis e necessarios para encher e completar a significação do verbo, por isso mesmo que d'elle são demandados e regidos. Todos os mais são accessorios, e sem elles ficaria a oração perfeita em sua integridade grammatical, bem que imperfeita quando a seu sentido e circumstancias.

Taes são os nove complementos circumstanciaes, cujos primeiros quatro pertencem ao dito verbo como substantivos, e os outros cinco ao mesmo verbo como adjectivos. Aquelles são: *em Coimbra*, *desde aquelle tempo*, *até agora* e *sem interrupção alguma*. Todos elles são relativos á existencia *em Coimbra*, e ao espaço de tempo da mesma, fixado pelas duas épocas, *desde*, *até*, e pela sua continuação *sem interrupção alguma*. O que se vê claramente juntando estes quatro complementos só ao verbo substantivo, e dizendo: *desde* aquelle tempo *até* agora, *sem* interrupção alguma estive *em* Coimbra applicando-*me*, etc.

Já os outros cinco são todos relativos á *applicação*, que é o attributo do mesmo verbo. O primeiro, *com todo o ardor*, nota a circumstancia do *modo*. O segundo, *entre outros*, nota a circumstancia da *concomitancia* de uma applicação com outras. O terceiro, *sob professores excellentes*, nota a circumstancia dos *meios* e *instrumentos* da applicação. O quarto, *para instrucção minha*, acrescenta a circumstancia do *fim proximo* da mesma applicação. E o quinto, *em utilidade publica*, ajunta a circumstancia de outro *fim* mais remoto e ultimo, que *me* propuz na mesma applicação.

Além d'estes onze complementos pertencentes todos ao mesmo verbo, já como substantivo, já como adjectivo, ha ainda um duodecimo, pertencente ao nome appellativo *estudos*, que é, *das sciencias*, complemento restrictivo, que limita a significação dos estudos em geral ao estudo particular das sciencias naturaes. D'aqui se vê, que cada uma das preposições debaixo da sua re-

lação geral, se póde applicar a muitas particulares, segundo a significação das palavras regentes que a determina, e segundo os consequentes que se lhe dão. Passemos á Syntaxe de Regencia **irregular.**

ARTIGO II

SYNTAXE DE REGENCIA IRREGULAR REDUZIDA A REGULAR PELA «ELLIPSE»

Pelo que temos dito se vê, que qualquer frase ou oração para ser cheia e inteira, deve ter um sujeito, um verbo e um attributo, ou separado ou incluido no mesmo verbo; e qualquer dos termos da proposição ou oração, tendo significação ou activa ou relativa, deve ter um complemento que lha complete e termine; e todo o complemento um antecedente ao qual se refira.

Todas as vezes pois, que falta qualquer d'estas partes na oração, ha **ellipse** ou *falta*, a qual é uma figura pela qual se calla alguma palavra ou palavras necessarias para a integridade grammatical da frase, mas não para sua intelligencia. Digo, *não necessaria para sua intelligencia*, porque toda *ellipse* que não é viciosa, anda sempre junta com os supplementos que a *razão* ou o *uso* subministram ao *espirito* de quem ouve ou lê, para completar o sentido, e d'aqui *duas* sortes de *ellipses*, umas que tem por fundamento a *razão*, e outras o *uso*.

§ I

ELLIPSES QUE TEM POR FUNDAMENTO A «RAZÃO»

Tem a razão por fundamento todas as *ellipses* que se supprem com alguma palavra, declarada já em alguma parte analoga da mesma oração ou periodo, e que se não repete nas outras por causa de brevidade, e por ser facil de entender. Taes são:

1.° Quando nas orações compostas de muitos sujeitos ou de muitos attributos, se pôe um só verbo ou no principio para se entender a todos os que se seguem, ou no fim para servir a todos os que precedem, como: *no ceo* creou *Deus os anjos, no ar as aves, ao mar os peixes, na terra as plantas, os animaes, e ultimamente o homem.* Onde o verbo *creou* se entende a cada um dos objectos que se lhe seguem; e n'este exemplo: *o mercador no tracto*, o *lavrador no campo*, o *bom frade na religião* se deleita; o verbo *deleita* que está no fim, se entende a cada um dos sujeitos antecedentes.

2.° Todas as vezes que se repete o artigo sem substantivo, se lhe entende sempre o que immediatamente lhe precede, como: *o caminho da verdade é* o *unico* e *simples*, e o *da falsidade é vario e infinito*. Onde os dois artigos seguintes ao primeiro, querem se lhes entenda o substantivo *caminho*.

3.° Nas proposições complexas de muitas incidentes continuadas, o mesmo sujeito ou attributo da primeira se subentende em todos os relativos conjunctivos das seguintes, o que não succede, quando as incidentes são subordinadas umas ás outras. Exemplo: *a ingratidão*, que *perverte o juizo*, que *perturba a razão*, que *cega o entendimento*, que *corrompe a vontade, impede o caminho da salvação*.

N'estas e semelhantes ellipses, a razão mesma, e a analogia das orações entre si, mostram logo a palavra que se lhes deve entender sem ser necessario repetil-a, e por isso ellas são mui ordinarias e communs a todas as linguas.

§ II

DAS ELLIPSES QUE TEM POR FUNDAMENTO O «USO» E SOLECISMOS DO «ABUSO»

N'aquellas *ellipses* porém, que só são auctorisadas pelo uso de cada lingua, não ha o mesmo recurso que nas primeiras. É preciso supprir de fóra as palavras que faltam, que por isso não são sempre as mesmas em todas as linguas, e cada uma tem as suas. As mais ordinarias são:

1.° A todo adjectivo que se acha só na oração, se entende sempre um substantivo. Assim, quando dizemos: *os mortaes, os christãos, os infieis, os sabios*, se lhes entende *homens*.

2.° A todo artigo que não tem nome appellativo diante de si, se lhe entende ou o proximo antecedente, ou um de fóra. Assim, quando elle vem com nomes proprios de provincias, reinos, rios e ainda de pessoas, se lhe deve entender o nome commum a cada um d'elles, como: o *Brasil*, suppl. o *paiz do Brasil*; o *Portugal antigo*, suppl. o *reino de*; o *Douro*, o *Tejo*, o *Mondego*, suppl. o *rio de*; o *Camões*, suppl. *poeta*.

3.° A todo appellativo, ou adjectivo ou complemento qualificativo com sua preposição, quando sem conjuncção se acham appostos ao sujeito ou attributo da proposição, se entende sempre o relativo conjunctivo *que*, com o verbo substantivo, ou no indicativo, ou no participio em *ndo*, equivalendo a uma proposição incidente, como: *o Tejo, rio principal da Europa*, suppl., *que é um*; *Lisboa, cidade das mais nobres do mundo*, suppl.,

que é uma; as coisas bem acertadas hão de ter execução breve, suppl., *que são bem acertadas*; *um engenho naturalmente mordaz, assim reprehende as coisas que não sabe, como as que entende,* suppl., *que é naturalmente mordaz*; *o homem de prudencia e conselho considera primeiro do que obre,* suppl., *o homem, que é homem de prudencia.*

Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana.

suppl. *Sendo em perigos e guerras esforçados.*

4.° A todo relativo que está só na oração sem antecedente, ou pareça meramente conjunctivo, ou faça parte de uma frase adverbial, ou seja interrogativo, se entende sempre seu antecedente, como: *creio que sabes, duvido que saibas,* suppl., *isto* que *é*: *sabes*; *isto* que *é*: *saibas*; *depois que partiste, desde que partiste,* suppl., *depois* ou *desde o momento em que partiste*; *visto que não é possivel,* suppl., *visto isto, pelo que não é possivel.*

Em todas estras frases interrogativas: *Quanto custa este livro? Como vão as coisas? Aonde vás tu? Porque? Quando tornarás tu? Que se segue? Quem é? Que esperas tu? Qual dos dois?* em todas, digo, se entende sempre a frase imperativa, *dize-me o preço por* quanto, *o modo* como, *o logar* aonde, *a razão* por que, *o tempo* quando, *aquillo* que se segue, *a pessoa* quem é, *aquelle* dos dois o qual, etc.

5.° A todo substantivo solitario que está na oração sem verbo, se entende um, como: *antes poucas lettras com boa consciencia, que muitas sem temor de Deus,* suppl., *haja. Bons dias,* suppl., *te dê Deus. Que tal?* suppl., *te parece. Bem vindo,* suppl. *sejas.* Todos os vocativos são umas orações ellipticas, cujo verbo é *ouve-me, attendei-me,*

6.° A todo verbo que está na oração sem sujeito, se deve entender um. Assim entendemos nós facilmente os pronomes pessoaes *eu, tu, nós, vós,* em todas as fórmas verbaes das primeiras e segundas pessoas de ambos os numeros, quando se não expressam; e uma terceira pessoa do singular se deve entender em todos os verbos chamados impessoas, como: *chove, faz bom tempo, neva, trovoa,* onde suppl., *o ceo* ou *Deus,* e bem assim: *peza-me, cumpre, releva, importa* e outros semelhantes, em que de ordinario servem de sujeitos as orações mesmas que se lhes seguem, ou coisa semelhante.

7.° A todo verbo activo, e a qualquer outra palavra de significação relativa, estando só e absoluta na oração, se deve enten-

der um complemento, que seja ou o objecto da sua acção, ou o termo de sua relação, e a toda linguagem subjunctiva se deve entender outra indicativa que a determine. Assim: *o turco arma,* suppl., *gente. Este homem está sempre lendo, meditando e escrevendo,* suppl., *lendo escriptos, meditando coisas, escrevendo papeis. Sou pae,* suppl., *de filhos. Os estudos são uteis, a ignorancia prejudicial,* suppl., *ao homem. Eu vou agora, tu irás depois,* suppl., *de mim. Praza a Deus que te encaminhe bem,* suppl., *desejo que praza a Deus,* e assim em todas as mais.

8.° A toda a preposição *a* com seu complemento se deve ender um antecedente de significação relativa, quando o não tem. Assim, n'estas expressões vulgares: *a Deus, até logo,* suppl., *a Deus peço que te guarde, até logo te espero,* e em Camões, *Lus.* III, 45.

> Elle adorando a quem lhe apparecia,
> Na Fé todo inflammado assi gritava:
> *Aos infieis,* Senhor, *aos infieis,*
> E não *a mim,* que creio o que podeis!

suppl. *Aos infieis* apparecei, e *não a mim que creio,* etc.

Da mesma sorte a toda a preposição *de* com seu complemento, sendo restrictivo, se deve entender um nome appellativo, quando o não tem claro, para lhe poder restringir a significação. Vejam-se estes supplementos no cap. V. *Da preposição.*

Todas estas syntaxes ellipticas são irregulares. Porém os supplementos, que ou a razão ou o uso promptamente subministram, fazem com que facilmente se reduzam ás mesmas regras da regencia regular, que propozemos no artigo precedente. E além d'isso, as ellipses são naturaes a todos os homens, porque todos procuram dar ás suas expressões a mesma rapidez do pensamento, que em uma idéa vê muitas ao mesmo tempo. As ellipses reduzem á menor expressão possivel frases inteiras, do mesmo modo que os nomes appellativos são umas reducções dos nomes proprios, que seriam infinitos; os adjectivos umas reducções dos attributos que notam, e dos sujeitos que denotam; o verbo adjectivo uma reducção do verbo substantivo com o attributo da proposição; e os adverbios e casos umas reducções das preposições com seus complementos.

As mesmas ellipses são uteis no estylo simples para lhe dar mais luz e clareza, porque quanto menos palavras se empregam em uma frase, mais se chegam as idéas umas ás outras, e melhor se percebem assim as suas relações. Ellas por outra parte são necessarias ao estylo pathetico e vehemente, para dar mais fogo e vivacidade ao discurso, e assim imitar melhor a marcha pre-

cipitada das paixões. O ponto todo está em que as idéas que se supprimem sejam faceis de supprir, ou pelo raciocinio, ou pela associação que o uso tem feito de umas com outras, ou pelo estado de agitação em que se acha tanto quem falla, como quem ouve.

Os solecismos contra as regras da regencia, pouco logar tem no que respeita aos complementos restrictivos e circumstanciaes. No uso d'elles póde haver impropriedade, como dizer: *morto com espada, edificio posto em terra, historia contada por pedaços*, em logar de *morto á espada, edificio posto por terra, historia contada a pedaços*; mas estes erros não são propriamente erros de regencia.

Onde os póde haver, e ha frequentemente, é no uso dos complementos objectivos e terminativos, principalmente quando estes são infinitos regidos de outros verbos. Pois ha verbos que querem infinito sem preposição, como: *devo dizer, faço saber, oiço fallar, pretendo fallar, sei viver, etc.*

Outros querem infinito com a preposição *de* antes, como: *acabar de fazer, acertar de passar*, e por este mesmo modo *admirar-se, cançar-se, cessar, convencer, desacostumar-se, desesperar-se, desgostar-se, desviar-se*, e outros semelhantes compostos de *des*; *edificar-se, espantar-se, ensoberbecer-se*, e outros pronominaes semelhantes.

Outros querem a preposição *a* antes, como: *acostumar-se a estudar*, e do mesmo modo: *ajudar, animar, aprender, chegar, contribuir, convidar, exhortar, etc.*

Outros querem *em*, como: *condescender, convir, comprazer, cuidar, empenhar-se, exercitar-se, metter-se, occupar-se, persistir, etc.*

Outros emfim usam-se com quasi todas estas regencias, como: *começar por escrever, começar de escrever* e *começar a escrever*, e com *a* e *em* são usados de nossos classicos *acrescentar, determinar-se, inspirar, outorgar, prover, restituir, resolver, subir, tornar, trabalhar*, e outros muitos.

Dar pois outras regencias a estes e outros verbos, que não sejam do uso portuguez, é solecismo.

Hoje confundem-se ordinariamente as duas preposições, usando-se de *por* em logar de *per*, quando não tem artigo diante de si, dizendo-se: por *interposta pessoa, requerer* por *procurador, conseguir* por *empenho, obrar* por *interesse*. Nossos melhores classicos empregavam n'estes e semelhantes casos a preposição *per*. Porém se n'esta parte se tem cedido ao uso, não se lhe deve ceder, ao menos, quando as mesmas preposições são seguidas do artigo, e para melhor se ligarem com elle mudam o *r* final na consonancia euphonica *l*. Comtudo muitos usam ás

avessas sempre de *pel'o, pel'a, pel'os, pel'as*, em logar de *pol'o, pol'a, pol'os, pol'as*, quando deveriam fazer distincção de uma coisa e outra nos casos competentes, e dizer: *pol'o amor de Deus, pol'a graça de Deus*, e *pol'a via ordinaria, pol'o empenho, etc.* Mas para exemplos do solecismo na regencia bastam estes. Passemos á **Construcção.**

CAPITULO IV

DA CONSTRUCÇÃO DIREITA DA ORAÇÃO PORTUGUEZA

Já dissemos que **Syntaxe** e **Construcção** são coisas differentes. A **Syntaxe** não consiste senão nos signaes escolhidos por qualquer lingua para indicar as correlações e relações das idéas exprimidas pelas palavras. A **Construcção** porém consiste nas differentes collocações que se podem fazer d'estas mesmas palavras na oração, salvas suas concordancias e regencias. Ora, como estas collocações das palavras e das frases podem variar, segundo as differentes disposições que ou pede a necessidade da enunciação, ou se permitte o genio do escriptor, as construcções são tambem differentes, porém a *syntaxe* fica sempru a mesma.

Todas as construcções se reduzem a duas geraes, que são a *direita* e a *invertida*. A *direita* é aquella em que as palavras e as orações seguem a mesma ordem de sua syntaxe, referindo-se cada uma successivamenle áquella que lhe precede immediatamente, de sorte que o sentido nunca fica suspenso, antes se vae percebendo á medida que se vae ouvindo ou lendo. A *invertida*, pelo contrario, é aquella em que se muda a ordem da syntaxe, e as palavras e orações, ou regidas ou subordinadas, vão primeiro que as que regem ou subordinam, de sorte que o sentido vae suspenso.

Exemplo de construcção direita: *Um principe, que cumpre exactamente com suas obrigações, merece o amor de seus vassallos, e a estimação de todos os povos.* Aqui *um principe* é o sujeito da oração, e o objecto principal de que se falla, o qual nada suppõe d'antes, e todas as mais palavras que se seguem, se vão referindo successivamente cada uma áquella que lhe precede, de sorte que o sentido se vae desenvolvendo á medida que a oração vae correndo.

Viremos agora a mesma oração d'este modo: *Merece o amor de seus vassallos, e a estimação de todos os povos, um principe que cumpre exactamente com suas obrigações.* A ordem aqui já é invertida; porque principia pelo verbo, que suppõe d'antes

um sujeito, e vae a oração continuando assim suspensa até chegar a elle.

Ambas estas construcções se podem chamar *naturaes*, porque ambas são necessarias, e usadas, mais ou menos, em todas as linguas. Para a direita se chamar a natural com exclusão da invertida, seria preciso que tivesse seu prototypo na mesma ordem successiva das idéas em os pensamentos. Porém as idéas de qualquer pensamento são simultaneas no espirito; bem como o são á vista todos os objectos de uma fachada, para se fazer idéa de todos elles.

A successão não a ha senão no discurso, que dispõe as idéas, e consequentemente as palavras, na ordem que mais lhe convem para ser entendido, guardadas as regras da syntaxe. Da construcção *invertida* trataremos no capitulo seguinte: agora da *direita*, que se póde considerar nas *palavras*, ou da oração *simples*, ou da *composta*, ou da *complexa*, ou do *periodo*.

§ I

CONSTRUCÇÃO DIREITA DA ORAÇÃO SIMPLES

A oração simples não tem mais que tres termos, que são um sujeito, o verbo substantivo *ser*, e um adjectivo ou appellativo; por ex: *eu sou amante*; *eu sou homem*. O adjectivo mesmo póde ir incluido no verbo, como: *eu amo*, que é o mesmo que *eu sou amante*, e o sujeito mesmo, quando é da primeira ou segunda pessoa, como: *amo, amas*.

Quando a oração se reduz ao verbo *ser*, não póde haver ordem; quando porém tem os dois ou tres termos expressos, a ordem e construcção dos mesmos é: o sujeito preceder ao verbo, e o verbo ao attributo, quer seja adjectivo, quer appellativo, como nos exemplos acima. Porque o sujeito é a idéa principal da frase, á qual estão subordinados o verbo e o adjectivo. Nas frases prohibitivas, imperativas, e interrogativas, o verbo vae antes do pronome, como: *não te persuadas tu*; *ama tu*; *amae vós*; *queres tu?*

Todo sujeito de qualquer oração deve ter uma idéa determinada; pois que é a coisa de que se falla, e por isso se deve representar como per si subsistente. Não póde por tanto ser senão ou um nome substantivo, ou um pronome, ou qualquer outra parte de oração, mas substantivada por algum dos artigos geraes.

O substantivo póde ser ou um nomo proprio, *Deus é santo*, ou um nome appellativo, porêm sempre determinado por um

dos dois artigos, *o* ou *um*, ou por outro qualquer determinativo. Eu não posso dizer: *homem fez*; *homem é mortal*. Hei de dizer: *um homem fez*; *o homem é mortal*. N'estes casos os artigos, ou qualquer outro determinativo, sempre precedem o nome appellativo. Tal é a construcção ordinaria e regular dos termos da proposição simples.

§ II

CONSTRUCÇÃO DIREITA DA ORAÇÃO COMPOSTA

Mas na mesma oração podem-se combinar muitos sujeitos com um mesmo attributo, muitos attributos com um mesmo sujeito, ou ao mesmo tempo muitos sujeitos e muitos attributos entre si. Em todos estes casos temos uma oração implicitamente composta de outras tantas quantos são os sujeitos e os predicados.

A construcção de todas estas palavras continuadas na mesma oração não tem maior difficuldade. Quando nos varios sujeitos da mesma proposição ha precedencia ou de dignidade ou de tempo, esta mesma se deve seguir na sua ordem, e dizer: *eu, tu e elle*; *o pae e a mãe*; *o marido e a mulher*; *o filho e a filha*; *o rei e os vassallos*; *as cidades, villas e logares*; *o ceo e a terra*; *o sol e a lua*; *o nascente e o poente*; *o dia e a noite*; e não ás avessas.

Da mesma sorte, quando nos attributos ha alguma especie de gradação, deve-se guardar na sua construcção a ordem d'ella, como guardou Camões, *Lus.* I, 88, fallando do toureiro e do touro.

O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, assovia, acena e brada.
Mas o animal atroce n'este instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando, duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra.

Mas já não a guardou, quando de Baccho disse: VI, 6: *arde, morre, blasfema e desatina.*

Quando não ha que guardar nenhuma d'estas ordens, as construcções são então arbitrarias; e para ordenar as palavras não se consulta senão o ouvido, afim de evitar os concursos asperos das vogaes, ou das consoantes, e procurar á frase toda a melodia e harmonia possivel.

§ III

CONSTRUCÇÃO DIREITA DA ORAÇÃO COMPLEXA

Os tres termos da oração, quer simples, quer composta (o *nome*, o *verbo*, e o *attributo*), podem ser modificados com varios accessorios, que se lhes ajuntam ou por apposição, ou com as conjuncções. Estes accessorios são, ou adjectivos, ou adverbios, ou substantivos regidos de preposição, ou orações parciaes, ou tudo isto junto. Qualquer d'estas modificações que accresça a um dos tres termos da oração, a faz complexa, ou complicada; e tanto mais é mister saber a ordem que se deve guardar na construcção d'estes accessorios. Para procedermos com clareza, trataremos separadamente das modificações do nome, das do verbo, e das do attributo.

1.° O nome, ou sujeito da oração, quando é modificado por um adjectivo, ou este é determinativo, ou restrictivo, ou explicativo. Se é determinativo, deve-se pôr antes d'elle, e dizer: *este homem, qualquer homem, todo homem*, etc. Se é restrictivo, deve-se pôr depois, por via de regra, e dizer: *o homem sabio, a mulher virtuosa*. Pondo-se d'antes, muda muitas vezes o sentido, como dizer: *bom homem*, ou *homem bom*; *pobre homem*, ou *homem pobre*. Se, emfim, é explicativo, é coisa indifferente pôl-o antes ou depois, e dizer: *este feliz mortal*, ou *este mortal feliz*.

Se o nome é modificado por um substantivo com sua preposição, ou este substantivo se toma em um sentido vago e adjectivamente, pela preposição *de* sem artigo, ou em um sentido determinado e individual pela mesma preposição com artigo. No primeiro caso o uso não permitte aos prosadores senão uma construcção, que é pôl-o sempre depois do nome que modifica. Assim diremos: *o homem de fortuna*, e não *de fortuna o homem*. No segundo caso póde ou seguir-se ou antepor-se; e dizer-se: *os revezes da fortuna*, e *da fortuna os revezes*.

Ás vezes se ajunta ao nome, para o modificar, um adjectivo tambem modificado por um substantivo com sua preposição, como: *o homem, cheio de dinheiro, quer mais. O povo, distante do mar, commercêa pouco. Os povos, proximos á côrte, vendem mais e melhor seus fructos. Os homens, inclinados á ambição, nunca socegam*. Aqui a construcção é obrigada pela subordinação e regencia das palavras, umas ás outras. Quando não haja esta, nem por conseguinte equivoco, podemos dizer: *um excellente fructo do Brasil*, ou *um fructo excellente do Brasil*.

Se o nome é modificado por uma oração incidente, esta se junta immediatamente a elle por meio dos demonstrativos conjunctivos *o qual, que, cujo,* ou sós ou precedidos de preposição, como: *o homem,* que *me fallou de ti,* o qual *tu conheces,* cujo *nome sabes, e* a quem *tu veneras.* Quando por este modo são muitas as incidentes pertencentes ao mesmo nome, é preciso dispol-as na ordem ou dos tempos, ou da gradação das idéas, por ex: *Este grande general* que *atacou as tropas inimigas com um exercito mui inferior,* que *as desbaratou em muitas batalhas seguidas,* que *pôz nossas fronteiras em seguro contra qualquer insulto,* etc.

Finalmente, se o nome é modificado ao mesmo tempo por adjectivos, substantivos, e proposições incidentes, os adjectivos e substantivos devem seguir-se-lhe immediatamente, e depois as incidentes. Porque, ainda que todas estas modificações se podem reduzir a proposições parciaes, com tudo as que tem expressão por palavras simples, chegam-se mais á idéa principal que modificam, e não arredam tanto da mesma a incidente, que tambem lhe pertence, como se vê n'este exemplo: *o famoso descobrimento da navegação do Oriente, tantas vezes tentado, e ultimamente feito por Vasco da Gama,* sobre que *Camões compoz seu poema,* etc. Isto pelo que pertence ao nome que faz o sujeito da oração.

2.° Quanto ás modificações do attributo, se este é um adjectivo, póde ser modificado ou por um adverbio, ou por um substantivo com sua preposição. Se por um adverbio, ou este é de quantidade, deve ir antes do adjectivo, como: *os phenomenos são* mais *communs, depois que os observadores são* menos *raros*; ou de qualidade e modo, e então podem-se pôr ou antes ou depois, como: *este homem é* claramente *ambicioso,* ou *ambicioso* claramente.

Quando o adjectivo é modificado por um substantivo com sua preposição, se este equivale a um adverbio, deve ir depois do adjectivo: *poupado* sem avareza, *intrepido* com prudencia. Porém se o substantivo com a preposição é complemento da significação relativa do adjectivo, não póde deixar de ir diante elle, como: *dependente da fortuna, superior aos outros, egual a todos.* A construcção ficaria invertida dizendo: *aos outros superior, a todos egual.*

Todo o verbo adjectivo leva incluido em si o attributo da proposição; e quando sua linguagem é simples, constroe-se com os adverbios e com os substantivos precedidos de preposição, do mesmo modo que o attributo exprimido separadamente pelo adjectivo. Quando porém sua linguagem é composta dos verbos auxiliares com os participios, ou infinitos, o adverbio póde ir

ou antes ou depois dos mesmos participios ou infinitos, e dizer-se *este homem me tem tratado magnificamente*, ou *magnificamente tratado*. Não succede o mesmo resolvendo-se o adverbio pelo substantivo com sua preposição. Não posso dizer: *este homem me tem com magnificencia tratado*, mas sim *tratado com magnificencia*.

Quando o attributo é um substantivo, devem-se fazer a respeito d'elle as mesmas observações que já fizemos a respeito do nome substantivo quando é sujeito da oração; só com a differença, que o substantivo attributo não é tão susceptivel de transposições, em suas modificações, como o é quando sujeito da oração.

3.º Resta-nos fallar das modificações que se costumam juntar ao verbo da oração, e das que se juntam a seu objecto, e a seu termo. Das modificações do verbo como adjectivo já fica dito acima. Como substantivo, tem as mesmas que o verbo *ser*, que são todas as modificações relativas ás circumstancias do logar, do tempo, e ao modo de affirmar. Estas podem ter logar onde melhor couberem na oração, quer antes do verbo, quer depois, como: *os conselhos agradaveis*, raras vezes *são uteis*; *e aquillo que mais lisongêa os principes*, de ordinario *causa a desgraça dos povos*. Onde as locuções adverbiaes, *raras vezes* e *de ordinario*, podiam tambem estar no principio das orações em que se acham. E do mesmo modo podemos dizer: *de certo não posso affirmar*, e *não posso affirmar de certo*. Todas estas modificações, como dizem respeito á existencia e á affirmação, em qualquer logar que estejam, d'ahi, per si mesmas, se referem á significação substantiva do verbo.

Aos verbos activos se costuma ajuntar primeiramente seu complemento objectivo, sobre o qual cae mediatamente sua acção: *dei um livro*. Em segundo logar o complemento terminativo, se o mesmo verbo tem tambem acção relativa, *dei um livro a Pedro*; e muitas vezes o fim da mesma acção, *dei um livro a Pedro para estudar*. O complemento objectivo, quando é de coisa, sempre deve ir depois do verbo, ou immediata ou mediatamente, *dei um livro a Pedro*, ou *dei a Pedro um livro*, ou *a Pedro dei um livro*. Já são justamente notadas de equivocas estas construcções de Camões:

> Senão no summo Deus que *o ceo* regia,
> N'aquelle Deus que *o mundo* governava.

Pelo sentido, bem se vê que o nome *Deus* é o sujeito de *regia*, e de *governava*, mas a syntaxe e construcção pedem mais que elle seja o objecto da acção dos verbos, e o *ceo* e *mundo*

seus sujeitos. O auctor da *Arte da Gram. Portug.* impressa em Lisboa em 1799 principia a dedicatoria: *quando esta grammatica portugueza comecei a escrever*, etc., querendo por ventura imitar a João de Barros, *Dial. em louvor da nossa L.*, pag. 207, da edição de Lisboa, 1785, onde diz: *que importa o meu trabalho ao principe N. S. começar d'aprender*, etc. Porém esta construcção é muito mais retorcida que a que o mesmo João de Barros tacha de tal nos versos, *ibid.*, pag. 219.

Quando porém o complemento objectivo é de pessoa sem preposição, como acontece nos pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, então póde ir antes, ou depois immediatamente; e quando é de pessoa com preposição, a ordem direita pede que vá depois, como: *amo* a *Deus*. Mas como a preposição é que indica a relação, ás vezes póde ir antes, como: *a Deus amo de todo o meu coração.*

Estes dois complementos são os unicos necessarios para completar todas as relações do verbo activo. Os mais, tirados das circumstancias, do fim, dos meios, do modo, do logar, e do tempo, todos são accidentaes, e de sobreselente, e por isso não tem logar certo na oração. Podem ir ou antes do verbo ou depois.

Mas o objecto, o termo, e o fim da acção de um verbo podem ser outros verbos, como: *quero mandar entregar este livro a Pedro para estudar. Vou dizer*, etc. *Venho de passear pelo campo. Trabalho para ganhar a vida*, etc.: e outrosim póde ser tambem uma proposição parcial integrante, ligada pelo conjunctivo *que*, como: *creio que sabes*, etc. *Quero que saibas*, etc. *Exhorto-te a que faças*, etc., e todos estes verbos subordinados, podem egualmente trazer depois de si os mesmos complementos e modificações que são dados ao verbo principal. Ora como se hão de accommodar e construir na oração todos estes complementos, quando passam além dos tres acima ditos?

As duas regras mais geraes, que se podem dar para bem ordenar os complementos, pertencentes ao mesmo verbo, quando são muitos, são:

1.ª Nunca pôr depois do verbo mais de dois até tres complementos, entre os quaes devem ter o primeiro logar o objectivo e terminativo; e se ha mais, pôl-os antes, como: *hoje pelo meu criado mandei um livro a Pedro para estudar.*

2.ª Ordenar estes mesmos complementos appostos e pertencentes á mesma palavra, de modo que o mais curto vá sempre immediato á palavra a que serve de complemento, e ir seguindo nos mais a regra, de maneira que o mais comprido fique para o fim. D'esta sorte, os que ficarem em ultimo logar, achar-se-hão o menos longe que é possivel da palavra que modificam, e sua

relação, por consequencia, menos se perderá de vista. Assim diremos: *disfarçar o vicio com a mascara da virtude*, e *disfarçar com a mascara da virtude os vicios mais vergonhosos e infames.*

Esta mesma regra se deve guardar com as orações incidentes. Assim, em vez de dizer: *o Evangelho inspira uma piedade, que nada tem de suspeitosa, ás pessoas que deveras se querem dar a Deus*: fica melhor, mudada a construcção, pôr primeiro a incidente menos comprida, d'este modo: *o Evangelho inspira ás pessoas, que devéras se querem dar a Deus, uma piedade que nada tem de suspeitosa.*

§ IV

DA CONSTRUCÇÃO DIREITA DO PERIODO

Quanto á construcção das proposições subordinadas por ordem á principal, na composição e coordenação de qualquer periodo, a principal sempre é a primeira na ordem direita. Ella se dá a conhecer logo pela linguagem indicativa, quando sua affirmação se não suspende com alguma conjuncção, propria a produzir este effeito.

Mas esta ordem direita inverte-se muitas vezes, assim para variar a marcha do discurso, como para melhor ligar uns pensamentos com outros, e sobre tudo para excitar mais a attenção por meio da suspensão do sentido, e dar com isto mais fogo e alma á oração. Taes são os fins das *construcções invertidas*, de que passamos a fallar no capitulo seguinte.

CAPITULO V

DA CONSTRUCÇÃO INVERTIDA DA ORAÇÃO PORTUGUEZA

A construcção *invertida* é a contraria á *direita*. Esta pede o sujeito antes do verbo, aquella depois; esta põe o adjectivo depois do substantivo e o adverbio depois do adjectivo, aquella antes: esta põe os complementos depois de seus antecedentes, aquella antes; esta em fim constroe as palavras na ordem de sua subordinação e regencia, as subordinantes primeiro que as subordinadas, e as regentes primeiro que as regidas, de sorte que a marcha do pensamento vae seguindo a da oração sem suspensão nem embaraço algum; aquella constroe as palavras pela ordem retrograda, de sorte que o espirito está sempre suspenso

á espera das palavras seguintes, de que depende o sentido das antecedentes. Os gregos e latinos chamavam *anastrophes* a estas inversões, e não *hyperbatos*, como ora lhe chamam nossos grammaticos.

O **hyperbato**, quer dizer *transposição*, a qual se faz, ainda sem haver inversão, quando entre as palavras ou concordadas ou regidas, postas mesmo em sua ordem direita, se mette alguma coisa por meio, de sorte que as duas idéas correlativas não ficam juntas na oração, mas separadas uma da outra por algum espaço pequeno ou grande.

N'esta expressão, por ex: *o espaço dilatado do ceo á terra*, a construcção das palavras está direita. Se digo: *do ceo á terra o espaço dilatado*, já a mesma fica invertida, sem comtudo se separarem as idéas umas de outras. Porém dizendo: *o espaço do ceo á terra dilatado*, a construcção fica então transposta. Porque as duas idéas correlativas, do *espaço* e da sua *extensão*, juntas nas duas primeiras construcções, ficam transpostas e separadas uma da outra pelas palavras *do ceo á terra*, que caem no meio.

As construcções *direita* e *invertida* são ambas naturaes, porque ambas, quanto lhes é possivel, se conformam á ordem com que nosso espirito concebe as coisas. Elle concebe os objectos juntos com suas relações ao mesmo tempo, e liga assim tudo sem todavia fazer succeder, uma idéa a outra. O discurso não póde fazer o mesmo. Como suas palavras se succedem necessariamente umas ás outras, as idéas que as mesmas representam hão de ir tambem necessariamente umas após outras. Mas em que o discurso póde imitar o pensamento, é em ligar umas com outras as idéas correlativas, pondo juntas immediatamente as palavras que as significam. Ora esta união é a que se vê tanto na construcção direita como na invertida. Ou o substantivo vá atraz ou adiante do adjectivo, a ordem é differente, porém a ligação é a mesma.

Não succede já o mesmo no *hyperbato* ou ordem transposta. Cicero lhe dá com razão o nome de *interrupta*. Porque assim como a *tmese* rompe a unidade da palavra composta, separando seus elementos com lhe metter outra de permeio, e a *parenthese* rompe a do sentido da oração, mettendo-lhe outra no meio, assim o *hyperbato* rompe e separa a unidade da idéa da sua modificação, que na natureza e no nosso modo de pensar andam juntas.

A ordem, pois, interrupta ou *transpositiva*, é a unica contraria á natural, que consiste na ligação immediata das idéas relativas, a qual o discurso guarda quando ajunta suas palavras, quer na ordem direita, quer na invertida. Como porém nem to-

das as transposições são viciosas, trataremos, no artigo seguinte, das que podem ser permittidas aos prosadores e aos poetas, e das que não; e n'este das inversões concedidas á nossa linguagem e auctorisadas pelo uso.

ARTIGO I

DAS INVERSÕES OU ANASTROPHES

Todas as linguas tem inversões, mais ou menos. As *transpositivas*, que são aquellas que tem casos, admittem mais em razão dos nomes levarem comsigo os caracteres de suas relações, e serem assim mais faceis de se reconhecerem em qualquer parte da oração em que estejam. As *analogas*, que são as que carecem de casos, admittem menos inversões, mas nem por isso as deixam de ter, e quasi tantas como as transpositivas, á excepção das que dependem da declinação. A nossa pelo menos é uma das mais abundantes n'este genero de construcções, pela facilidade que para isto lhe dão os artigos, e os casos obliquos de seus pronomes pessoaes.

As inversões umas vezes são *necessarias* e outras *uteis*. São necessarias para *aproximar* mais as idéas relativas; para evitar as *amphibologias*; para dar força aos *contrastes*; para ajuntar em *um pensamento total* muitos parciaes; e para certas *fórmas de expressão* que não admittem construcção direita.

1.° *Para aproximar mais as idéas relativas.* D'aqui vem, que todas as orações parciaes que principiam pelos demonstrativos, ou puros ou conjunctivos, quando fazem o complemento objectivo de algum verbo, ou são regidos de preposição, todas de necessidade tem sua construcção invertida, como se póde ver n'estas orações de Jacintho Freire.

«Chamou o Capitam-mór os nossos a segundo trabalho, *o qual* «*lhes fez mais facil ou a necessidade ou a victoria.—O que se* «*lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alhéos.* «—*Cujo nome os Africanos ouvião* com temor, e nós com re«verencia.» Como estes demonstrativos são todos relativos, se se construissem pela ordem direita de sua regencia, ficariam mui apartados dos objectos a que se referem, e perturbariam as relações das coisas, querendo seguir escrupulosamente as grammaticaes.

2.° *Para evitar as amphibologias,* quando a ordem direita as traz comsigo, como n'este exemplo: *este é o mais digno de compaixão, de todos os homens*; dizendo ás avessas: *de todos os homens, este é o mais digno de compaixão*; evita-se a ambiguidade

que podia causar a primeira frase, querendo pôr o substantivo depois do partitivo.

3.º *Para dar força aos contrastes* faz-se outrosim necessaria a inversão, todas as vezes que se ajuntam duas idéas ou dois pensamentos, e para melhor se compararem se põe um junto do outro, a fim de fazer mais sensivel o seu contraste. Jacintho Freire é abundante em demasia n'este genero de inversões. D'elle são as seguintes: *crescerá com a nossa* paciencia *o seu* atrevimento. — *Que a tão ardua navegação* os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. — *Elles tinham a vantagem* do numero, *a do* logar *os nossos.* — *Assim o faziam duas vezes cruel* o vicio e a necessidade; — e por este modo infinitas outras.

4.º A necessidade tambem de *ajuntar em um periodo* ou *pensamento total muitos parciaes,* traz comsigo as inversões. Por pouco composto que seja um pensamento mal se póde elle desenvolver como convém, e dispol-o de modo que se perceba o todo d'elle, sem o meio das inversões. Sem estas, por exemplo, não poderia Duarte Ribeiro ajuntar com graça em um ponto de vista suas idéas, como juntou, quando fallando dos validos que se querem levantar sobre as ruinas dos outros, diz assim: «Áquelles que conservam merecimentos, e fidelidade inculpa«vel, dão commissões perigosas, exercitos sem força e subsis«tencia para expugnar praças fortes, em que percam a vida ou «a reputação.» (Disc. VII).

5.º As inversões mesmas são fórmas consagradas pelo uso para certa especie de frases, quaes entre outras são as interrogativas e exclamativas. Ninguem póde dizer de outro modo as seguintes: *Que disciplina póde estabelecer em seu exercito um general que não sabe regular a sua vida? Como poderá ou excitar ou acalmar em seus soldados differentes paixões conforme é preciso, quem não é senhor das suas?* Nem tão pouco posso dizer de outro modo estas: *Ditosos paes que tem bons filhos! Feliz o reino em que os homens vivem em paz! Acertadamente governa quem sabe precaver os delictos. Raramente se perde logar que póde ser soccorrido.* Se todas estas orações se reduzirem á ordem directa, perderão não só sua força, mas ainda o sentido. É pois de absoluta necessidade o fazer inversões; e se ellas são necessarias, tambem não podem deixar de ser naturaes.

Mas ainda sem necessidade se costumam ellas fazer pela utilidade que das mesmas resulta, ou para variar a fórma das construcções, e evitar assim a monotonia, ou para apresentar e pôr desde logo á vista uma idéa importante que nos occupa, e queremos occupe tambem o espirito dos ouvintes, ou, finalmente, para desempeçar mais a marcha da oração, e dar-lhe assim mais facilidade, graça e harmonia.

Pela primeira razão de variar as construcções, não ha coisa mais ordinaria nos bons escriptores do que principiarem as orações pelo verbo, e pôr-lhe depois o seu sujeito. Só na primeira folha da *Vida de D. João de Castro* empregou Jacintho Freire não menos que cinco inversões d'esta especie, que são: *Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente.—Nas casas grandes forão sempre neste Reino as letras o segundo morgado.—Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade.—Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes.—Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras e circulos de Euclides.* As dos adjectivos prepostos aos substantivos, e as dos complementos aos verbos, são tão frequentes, que nem é preciso trazer exemplos.

Pela segunda razão inverte-se muitas vezes a ordem da frase ou do periodo para pôr desde logo á vista uma idéa interessante, sobre que queremos se fixe a attenção do ouvinte, a qual idéa em meio da oração ficaria encoberta, porém posta ou no principio ou no fim d'ella, faz mais impressão. Estas idéas importantes se vêem figurar logo na cabeça d'estes dois periodos, um de Jacintho Freire e outro de Paiva. *A tão honrados Turcos e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acodir pela honra de vossa gente, e de vosso imperio, como cousa mais justa da guerra que fazemos.—De perverter-se a ordem das cousas, e levarem ás vezes ao fundo o proveito publico respeitos particulares, e fazer sizo de accommodar as cousas a pertenções, nascem as injustiças, e todos os males.*

O nosso pronome directo da terceira pessoa, *o, a, os, as*, junto aos verbos, e referindo-se aos complementos objectivos dos mesmos, facilita grandemente estas inversões. Sem elle seria escuro o periodo de Vieira, quando disse: *Os generosos e fieis soldados e capitães, toda a gloria de suas façanhas e victorias,* a *devem renunciar de sua parte, e não* a *querer para si, e para sua fama e honra; senão inteiramente para o Rei, a quem servem*: e muito mais o de Jacintho Freire: *tomar para si o reino quem era digno delle, os primeiros* o *recebiam como escandalo, os outros como lei.*

Por falta do mesmo pronome pecca o periodo de Duarte Ribeiro, *Disc. Polit.* VII, em que fallando dos reis, diz: *Seus pensamentos, que só se deviam occupar em acções gloriosas, e ter por objecto a saude publica, empregão* (devia dizer: *empregam-n'os*) *na exaltação dos validos; abrem os thesouros para os enriquecer.* A regra é que toda a inversão que faz o sentido da frase ou difficil de perceber, ou escuro, ou equivoco, é viciosa. Por esta razão talvez não mereçam imitar-se as inversões que nossos antigos soiam fazer das conjuncções *não* e *nem*, pondo

á franceza, esta primeiro e aquella no fim, como: *mas de uns nem de outros*, não *houve necessidade*, e estas de Jacintho Freire: *as quaes* (forças), *na maior prosperidade, vão acabando suas mesmas victorias*. Melhor diria: *as quaes na maior prosperidade suas mesmas victorias vão acabando*. E em outro logar: *crecia a fome e liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum*. Se dissesse: *que a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum fazia maior*, ficava mais desempeçada a frase. Mas este não é o gosto de Jacintho Freire.

Em fim, a terceira coisa para que são uteis as inversões, é para procurar ás orações mais harmonia, dispondo as palavras de modo que não façam embate umas com outras, antes corram com suavidade e acabem com boa cadencia. Mas esta utilidade é mais do fôro da eloquencia que da grammatica, e por isso não allego exemplos. Passemos ás construcções *transpostas* ou **hyperbatos.**

ARTIGO II

DAS TRANSPOSIÇÕES OU HYPERBATOS

Fazem-se as *Transposições* ou **hyperbatos**, quando se separam ou o adjectivo do seu substantivo com quem concorda, ou a proposição incidente da palavra a quem modifica, ou o verbo de seus complementos necessarios, quaes são o objecto de sua acção e o termo de sua relação, ou a preposição, com seu consequente, do seu antecedente, cuja significação ou restringe ou completa, ou emfim a preposição mesma do seu consequente.

1.º As transposições do adjectivo e do seu substantivo, com o qual concorda, nunca são permittidas, senão quando a interrupção é feita por algum modificativo do mesmo adjectivo, como são os adverbios ou locuções equivalentes a elles. Posso dizer: *esta queixa, mil vezes repetida*; *o homem, verdadeiramente sabio*, e com Camões: *Mares nunca d'antes navegados*. Porque as modificações fazem uma mesma coisa com a idéa que modificam, e realmente não ha interrupção alguma.

Mas se no verso se perdôa a Camões, *Lus.* I, 9.

Em versos divulgado *numerosos*;

não se deve louvar na prosa o dizer Jacintho Freire: «*A quem* o nascimento fez em Portugal, *grande*, o valor no Oriente.» Melhor dissera: *A quem* fez *grande*, em Portugal o nascimento, no Oriente o valor. Nosso Antonio Pinheiro usa em demasia,

como Jacintho Freire, de semelhantes transposições na traducção do *Panegirico* de Plinio. Na dedicatoria diz: apodaduras de *homens*, com abatimento de sua pessoa, *graciosos*.

E nem em prosa nem em verso se deve louvar a transposição que fez Camões, *ibid.* III, 94.

.... Que em *terreno*,
Não cabe o altivo peito, tão *pequeno*.

E muito menos a de Ferreira, *Poem.* I, 13.

Os louros e heras, de que coroados
Serão os bons poetas, já crescendo
Soberbamente vão, *por ti honrados*.

Semelhantes transposições causam sempre desordem nas idéas.

Os gregos e latinos lhes davam com razão o nome de *synchysis*, isto é, de *misturas* ou *confusões*, e as contavam entre os vicios de linguagem. Alguns de nossos grammaticos comtudo as tem por figuras, e as auctorisam com estes e outros exemplos de poetas, que mais são para estranhar que para imitar.

2.° Entre o nome substantivo e a proposição incidente que o modifica, póde-se e costuma-se muitas vezes metter ou um adjectivo, ou um complemento restrictivo, para tambem lhe modificar sua significação, como: *os soldados* valerosos *ou* de valor, *que defendem a patria*, etc. Porém deve haver muito cuidado em evitar a ambiguidade que d'aqui póde nascer, todas as vezes que o relativo conjunctivo se póde referir egualmente bem ou ao primeiro substantivo mais remoto, ou ao segundo e mais proximo, principalmente quando este é determinado pelo artigo, como n'esta frase: *a gloria da virtude que é constante*; onde não se sabe o *que é constante*, se *a gloria*, se *a virtude*. Que quanto a transpor o substantivo para depois da sua incidente, isto nunca é permittido senão nas linguas que tem casos; e com justa razão mofa nosso Barros (*Gramm.* pag. 170) d'aquelle letrado, que querendo passar por eloquente, traduzida a *Oração da Paz* em linguagem, d'este modo: *Dá-nos Senhor, aquella, a qual o mundo não póde dar, paz.*

3.° Entre o verbo e o termo de sua acção muitas vezes se mettem palavras, e ainda alguma oração, com tanto que seja breve e não aparte muito as duas relações. Nossos antigos faziam uma elegancia, mórmente nas orações incidentes, em metter os sujeitos das mesmas, e algum adverbio, entre o verbo e seu termo, quando este era pronome, e dizer: *que vos Deus fez: o filho, que lhe Deus dera: terra, que te eu leixo: tudo o que lhe*

assim deu: *por lh'o assim maldizer sua mãi.* E no exemplo acima de Jacintho Freire se vê um incidente entre o termo e o verbo: *a tão honrados turcos e valentes janizaros*, como estaes presentes, *toca*, etc. O que egualmente se vê no logar de Duarte Ribeiro acima citado: *áquelles a que conservam*, etc.

Porém entre o verbo e o objecto de sua acção não se costuma metter senão algum adverbio ou expressão adverbial modificativa do mesmo verbo, principalmente quando o complemento objectivo não leva preposição. Eu posso dizer: *amo anciosamente as honras*: *amo, mais que tudo, a Deus*: mas não: *amo mais, do que deveria, as honras*: *amo mais, que tudo o que ha no mundo, a Deus*. A relação do verbo com o objecto de sua acção é mais estreita que todas as outras, para se não poder separar para mui longe ainda por modificativos da mesma acção; que, não sendo taes, peor é. Eu não diria com Jacintho Freire (pag. 103): *fazendo juntamente do commercio á religião escada*; mas sim: *do commercio fazendo escada á religião*, ou *para a religião*.

4.º Mas ainda é maior a relação entre a preposição com seu consequente e o antecedente, a quem determina ou por quem é determinada, para nunca se poder interromper, mettendo alguma coisa estranha entre um e outro. Quando digo: *o rei, que é, de Portugal*; *o cabo, chamado das Tormentas*; os antecedentes *rei* e *cabo* não se separam, porque se tornam a entender nos seus complementos, como se dissessemos: *o rei, que é rei de Portugal*; *o cabo, chamado cabo das Tormentas*: mas nunca posso dizer como aquelle de quem falla João de Barros (*Gram.*) pag. 179) dizia no fim da carta: *D'esta de Lisboa cadêa, onde ha mezes sete que sou abitante.*

A licença de separar uma coisa de outra, se a póde haver, só será tolerada nos poetas, mas nunca louvada, como não louvo, nem em Mausinho, dizer em seu *Affonso Africano*, IX, 73:

> Entre *todos* c'o dedo eras *notado*
> *Lindos moços* de Arzilla, *em galhardia*

Isto é: *Entre todos os lindos moços de Arzilla, com o dedo eras notado em galhardia*, etc., nem tão pouco em Franco Barreto, *Eneid.* I, 132:

> Por ver em que montanhas, se dos mares
> Livrou, anda vagando, e em que logares.

Isto é, *por ver em que montanhas, e em que logares anda vagando, se dos mares se livrou.*

5.º Finalmente, é sobre todas ainda mais estreita a relação entre a preposição e o seu consequente para nunca se poderem

separar. Se entre as preposições e os infinitos dos verbos, que lhes servem muitas vezes de consequentes, se mette alguma coisa, é por ser pertencente aos mesmos, e não estranha, como quando dizemos: *Para*, com mais clareza, *me explicar*, etc. As regras pois das transposições são: 1.ª Nunca metter entre duas idéas relativas uma terceira que tenha outra relação differente. 2.ª Que as mesmas modificações, que como parte de uma das duas idéas relativas se lhes mettem no meio, não sejam tão extensas que apartem demasiadamente uma da outra.

Os nossos melhores grammaticos, enganados com a affinidade que ha entre a inversão e a transposição ou hyperbato, não perceberam bem os caractéres que as distinguem, como conheceu Cicero, chamando á primeira *inversa*. e á segunda *intercisa*. Entre as idéas parciaes de um pensamento, e entre as palavras que as exprimem, é necessario distinguir estas duas coisas, *ligação* e *relação*. De qualquer modo que se ordenem duas palavras correlativas, se uma fica junto de outra, a imagem de sua ligação fica salva. *De Portugal o reino*, ou *o reino de Portugal* é o mesmo, quanto á ligação das idéas.

Mas se entre dois correlativos se mette qualquer palavra estranha, como: *o reino*, dizem, *de Portugal é muito rico*: é um hyperbato ou transposição contra toda a razão, e por isso mesmo contra a natureza da linguagem; porque destroe ao mesmo tempo toda a ordem e ligação das idéas. Estes hyperbatos, bem longe de serem figuras da elocução, são solecismos da construcção. Pois n'esta tambem os ha, quando se perturba a ordem das relações, segundo Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 5.

Taes são as regras e observações mais importantes sobre a *Etymologia* e *Syntaxe* da Lingua Portugueza, com cuja applicação ao principio dos *Lusiadas* de Camões daremos por concluida esta nossa **Grammatica**.

CAPITULO VI

APPLICAÇÃO DOS PRINCIPIOS D'ESTA GRAMMATICA ÁS DUAS PRIMEIRAS ESTANCIAS DO CANTO I DOS «LUSIADAS» DE CAMÕES

Para proceder com methodo, consideraremos estas duas estancias primeramente no seu todo, dividindo-o em seus principaes membros, e subdividindo estes nas orações de que consta cada um, e depois analysaremos cada uma d'estas orações em particular. Estas duas estancias formam a proposição geral de todo o poema, que é da maneira seguinte.

I

As armas, e os varões assinalados.
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana;
[1] Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana;
[2] E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

II

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

§ I

ANALYSE GERAL

Estas duas estancias não formam senão um periodo de dois membros, ou proposições totaes. O primeiro membro, ou proposição, corre desde o principio até o fim do penultimo verso na segunda estancia, *cantando espalharei por toda parte*. O segundo contem-se no ultimo verso da mesma estancia, que é: *se a tanto me ajudar o engenho e arte*.

Estas duas proposições totaes, que compõem o periodo, estão na ordem direita; a affirmativa primeiro, enunciada pelo futuro imperfeito do indicativo *espalharei*, a qual é a principal: e a condicional em segundo logar, enunciada pelo futuro imperfeito

[1] As edições mais antigas trazem: *Que em perigos*. Porém o *que* repetido, sobre ser escusado, corta o sentido, e de uma acção principal vem a fazer duas. Conservo pois a lição, *em perigos*, que é de muitas edições, ou, a fazer alguma mudança, diria: *E em perigos*.

[2] Nas mesmas edições mais antigas não se vê a conjuncção *e*, por ser inutil, supposta a lição: *Que em perigos*.

do subjunctivo *ajudar*, a qual é a subordinada; tudo segundo a regra que diz: que as proposições principaes dos periodos são sempre indicativas, e que as subjunctivas são sempre subordinadas. (Pag. 138)

A primeira proposição e a principal está toda na ordem invertida, e por isso vae suspensa até o fim, principiando e continuando pelos complementos objectivos da acção do verbo *espalharei*. A ordem direita seria: *Cantando espalharei por toda parte, as armas, e os varões assinalados, etc.* A segunda e subordinada tambem está invertida na construcção, sendo o verbo *ajudar* precedido dos complementos de sua acção, a saber, o terminativo *a tanto*, e o objectivo *me*; e seguido dos sujeitos ou agentes da mesma acção, que são: *o engenho e arte me ajudar a tanto.* Esta pequena inversão ainda na prosa seria permittida; porém a primeira não. Comtudo ella faz no verso, e aqui especialmente, um effeito maravilhoso pela suspensão em que tem os leitores, esperando pelo desfecho de acontecimentos tão raros.

Tornando á primeira proposição e principal; ella é *composta*, e ao mesmo tempo *complexa.* Composta, não quanto ao sujeito, que é um só, *eu espalharei*; nem tambem quanto ao attributo, que é a unica acção de *espalhar:* mas sim quanto aos varios e differentes objectos d'esta mesma acção, que são tres, a saber: 1.º *As armas, e os varões assinalados, etc.* 2.º *As memorias gloriosas d'aquelles reis, etc.* 3.º *Aquelles que, etc.* Como os complementos do attributo fazem parte d'elle, o mesmo póde ser complexo não só por si, mas tambem pelos differentes objectos e termos de sua acção. (Pag. 255)

A mesma proposição é outrosim complexa por conter em si quatro proposições incidentes; tres expressas, marcadas pelos tres relativos conjunctivos: *Que da occidental praia lusitana, etc. Que foram dilatando, etc. Que por obras valerosas, etc.*; e uma implicita, que é: *em perigos e guerras esforçados*: as quaes incidentes, ellas mesmas são conjunctas de varios attributos, e complexas de outras incidentes, e muitos adjectivos appostos aos sujeitos e attributos das mesmas. O que melhor se verá na analyse miuda de suas palavras. (Pag. 256)

A segunda proposição e subordinada é tão sómente composta de dois sujeitos do verbo *ajudar*, que são: *o engenho* e *arte.* Em tudo o mais é simples e incomplexa.

Todo este grande periodo comprehende em si dez orações, indicadas pelos dez verbos que n'elle se vêem, e são pela sua mesma ordem os seguintes: *passaram, promettia, edificaram, sublimaram, foram dilatando, andaram devastando, vão libertando, cantando, espalharei, ajudar*. As suas mesmas fórmas dão

a conhecer, que, á excepção do participio *cantando*, e do futuro subjunctivo *ajudar*, as suas orações são todas indicativas. Porém d'estas uma só é absoluta, que é a do verbo *espalharei*. As mais todas são determinadas por outras, e a ellas ligadas por conjuncções que lhes tiram a natureza de independentes. Passemos já á analyse particular de cada uma d'estas orações. (Pag. 258)

§ II

ANALYSE PARTICULAR

Para melhor se perceber a analyse de cada uma d'estas orações, tomal-as-hemos em sua ordem direita, principiando pelas ultimas, e d'esta subindo ao principio da primeira estancia, para d'aqui discorrer outra vez até o fim.

> Cantando espalharei por toda parte,
> Se a tanto me ajudar o engenho e arte,
> As armas e os varões assinalados, etc.

Estes versos contém tres orações, segundo os tres verbos que nos mesmos se vêem: duas totaes, constitutivas do periodo, que são, a principal *espalharei por toda parte*; a sua subordinada *se a tanto me ajudar o engenho e arte*; e uma parcial, exprimida pelo participio imperfeito activo do verbo *cantar*.

Cantar é um verbo activo da primeira conjugação portugueza. *Cantando* fórma uma oração parcial incidente, subordinada ao verbo principal *espalharei*, porque tem o mesmo sujeito, e vale tanto como *eu, cantando, espalharei por toda parte*. Estas orações parciaes, formadas pelos participios, activo e passivo do infinito, exprimem a acção particular que serve ou de modo, ou de meio, ou de motivo, ou de circumstancia á acção principal, exprimida pelo verbo da oração total; e como taes fazem parte d'ella, tendo o mesmo sujeito. (Pag. 201)

Espalharei é o futuro imperfeito indicativo do verbo *espalhar*, pertencente tambem á 1.ª conjugação. Elle não tem conjuncção alguma suspensiva, que lhe prenda o sentido. Está absoluto, e por isso faz a proposição principal do periodo. (Pag. 211)

Por toda parte é um complemento circumstancial do logar *por onde*, que explica a significação do verbo *espalharei*, não como verbo adjectivo mas substantivo. (Pag. 219) A preposição *por* mostra a relação do espaço, ou do meio e instrumento pelo qual se passa a um fim ulterior. (Pag. 232)

Toda parte é o consequente da preposição. *Parte* é um substantivo appellativo do genero feminino, cuja significação indeterminada se acha determinada pelo collectivo universal affirmativo *toda*, que com elle concorda em genero e numero. (Pag. 261) Está antes do substantivo, porque todos os adjectivos determinativos precedem ordinariamente aos appellativos, para indicar que elles se tomam em sentido individual, e não no de especie, que elles significam. (Pag. 97) Esta é a razão porque *parte* escusa aqui artigo, que muitos erradamente lhe pôem, o qual não escusaria, se não tivesse o determinativo *toda*, com o qual se não ajunta o artigo quando significa o mesmo que *cada*, como aqui succede. (Pag. 103)

Da oração principal passemos já á subordinada, *se a tanto me ajudar o engenho e arte*. Ella é condicional contingente, e subordinada á principal pela conjuncção condicional *se*, que leva o verbo *ajudar* ao futuro imperfeito do subjunctivo, pela regra de que os futuros indicativos demandam o mesmo tempo do subjunctivo nas orações condicionaes que determinam. (Pag. 216) O subjeito do verbo *ajudar* são os dois substantivos *engenho e arte*, com os quaes concorda; com o primeiro, que é o mais proximo, em numero e pessoa, e com o segundo em pessoa sómente. Mas a ellipse suppre o numero, aliás deveria dizer *me ajudarem*. (Pag. 283)

O poeta poz artigo só ao primeiro. Parece comtudo deveria dizer: *o engenho e a arte*; assim como disse: *as armas e os varões assinalados*: porque a regra geral é repetir os determinativos quando modificam substantivos de differente genero. (Pag. 271) Seja como for, é certo que o artigo *o* é aqui necessario, não só para mostrar que o appellativo *engenho* se toma aqui individualmente pelo engenho de Camões, mas tambem para indicar que este substantivo, bem que posposto ao seu verbo *ajudar*, é comtudo o sujeito da oração. (Pag. 102)

O complemento objectivo d'este mesmo verbo é o pessoal enclitico *me*, terminação ou caso destinado para complemento objectivo, e tambem terminativo. (Pag. 278) Está anteposto ao verbo, porque, inda que estes casos encliticos muitas vezes se podem pôr indifferentemente ou antes ou depois do verbo, não succede assim nas orações condicionaes, quer contingentes, quer hypotheticas, em que o uso de nossa Lingua não permitte pol-os depois, mas sempre d'antes. (Pag. 184)

A *tanto* é o complemento terminativo do mesmo verbo *ajudar*, que além de ser activo, tem tambem significação relativa (Pag. 279): de sorte que esta oração vem a ter todos os complementos necessarios, quaes são: um sujeito, *o engenho e arte*; um objecto, *me*, sobre que cae a mesma acção; e um termo a

que a mesma se dirige, *a tanto*. Assim como a preposição *a* com seu consequente *tanto*, é o complemento terminativo do verbo *ajudar*, assim tambem o comparativo positivo *tanto* é complemento da preposição *a*. *Tanto* concorda com o sentido da oração antecedente, que não tem genero algum grammatical, nem masculino nem feminino. Está por tanto no genero neutro, isto é, em nenhum genero, e não no masculino como pretendem nossos grammaticos. (Pag. 130)

Da oração subordinada tornando outra vez á principal, o seu verbo, *espalharei*, tem tres complementos objectivos que levam todo o resto das duas estancias, a saber: o 1.º *As armas e os varões assinalados, etc.*; o 2.º *E tambem as memorias gloriosas, etc.*; e o 3.º *E aquelles que por obras valerosas, etc.* D'estes dois ultimos trataremos depois. Vamos ao primeiro.

1.º *As armas e os varões assinalados, etc.* *Armas* é um substantivo do plural, que tomado pela arte da guerra como aqui se toma, não tem singular, como nem tão pouco o substantivo *lettras* tomado pela profissão litteraria. (Pag. 92) *Varões* é da mesma sorte um substantivo appellativo do plural, que se fórma do singular *varão*, pela regra mais commum aos nomes d'esta terminação, que é mudarem o diphthongo *ão* do singular em *õe* no plural, juntando-lhe o *s* final. (Pag. 93) Ambos estes appellativos tem artigo, e artigo repetido, assim por serem de differente genero, como porque Camões não podia deixar de o pôr ao nome *varões*, porque immediatamente lhe vae a explicar a significação pela incidente, *que da occidental praia lusitana, etc.*: e é uma regra geral, que as incidentes nunca se ajuntam a nomes que não tenham sido determinados, ou por algum dos artigos, ou por outro determinativo. (Pag. 271)

O primeiro artigo *as* concorda com *armas*, e o segundo *os* com *varões* em genero e em numero, pela regra de que os adjectivos que precedem aos substantivos, concordam com elles em genero e numero (Pag. 265): e aquelles tambem que se lhes seguem immediatamente, como aqui mesmo o adjectivo *assinalados*, que concorda em genero e numero com o substantivo *varões* que lhe precede. Este adjectivo, a incidente que se segue, e a de *esforçados* mais abaixo, todos são explicativos, porque se referem a pessoas determinadas e certas, quaes eram as que com D. Vasco da Gama embarcaram para a India, as quaes se não podiam por isso restringir, mas só explicar pelas qualidades que lhes eram proprias. (Pag. 123) Passemos á incidente.

Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana;

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana.

A ordem direita é: *Que—em perigos e guerras esforçados—mais do que promettia a força humana—da occidental praia lusitana—por mares nunca d'antes navegados—passaram inda além da Taprobana.*

O poeta porém, por amor da rima, fez n'estas frases uma grande transposição ou hyperbato, qual é o dos dois versos: *Em perigos e guerras esforçados—Mais do que promettia a força humana*; cujo logar proprio era o immediato ao relativo conjunctivo *que*, que tanto vale como *os quaes*, por onde principia a incidente explicativa das palavras *os varões assinalados*.

Semelhante transposição, por longa, não seria permittida na prosa. Porém os poetas tem outros privilegios, que a necessidade da rima desculpa e o uso universal auctorisa. Ella todavia não é viciosa, porque o que se mette entre ella e o *que* não é estranho, pois são complementos circumstanciaes que explicam a significação do verbo *passaram*, ao qual serve de sujeito o relativo *que*. (Pag. 301)

Os ditos dois versos transpostos, equivalem a outra proposição incidente, subordinada e explicativa do sujeito *que*, como se estivesse: *Os quaes*, sendo *em perigos e guerras esforçados—Mais do que promettia a força humana—Da occidental praia*, etc. Todos os adjectivos appostos aos relativos conjunctivos das orações incidentes, se resolvem assim pelos participios imperfeitos do infinito, e vem por este modo fazer umas novas incidentes dos mesmos, ligadas a elles pela identidade do mesmo sujeito. (Pag. 273) Vamos a explical-a por esta mesma ordem.

O *que* d'esta incidente podia-se variar por *os quaes*, e é um adjectivo demonstrativo conjunctivo, que, posto seja indeclinavel, concorda pela sua mesma posição immediata com o seu antecedente *varões assinalados*, ao qual se refere e se liga, fazendo parte do mesmo complemento objectivo, pois o explica. (Pag. 262)

Em perigos e guerras esforçados. A preposição *em* é uma da primeira classe, que exprime a relação do logar em que o objecto está, e aqui por analogia a *materia em que* alguem é esforçado. Ella tem por consequentes os dois substantivos appellativos do plural *perigos* e *guerras*, os quaes estão sem artigo, porque Camões não quer fallar de certos perigos e guerras, mas de todos em geral. A mesma preposição *em* com seus dois consequentes é um complemento circumstancial, que explica e circumstancía a significação do participio *esforçados*, o

qual sendo passivo os toma aqui, como outros muitos d'este mesmo genero, não em significação passiva, mas na activa intransitiva, pois sua acção não passa, mas fica no sujeito, e quer dizer *que tem esforço*. (Pag. 204). Elle concorda em genero e numero com *varões*, que se entende ao relativo *que*, como se estivesse, *os quaes varões*.

Continúa: *Mais do que promettia a força humana*. A palavra *mais* é um adjectivo comparativo gradual, e aqui adverbiado para se juntar ao positivo *esforçados*, e fazel-o assim comparativo. (Pag. 122) Elle pela ordem direita deveria precedel-o d'este modo, *mais esforçados*. Mas esta pequena inversão é permittida ainda na prosa. *Mais esforçados*, sendo um comparativo, pede segundo termo da comparação, o qual se lhe dá na proposição integrante, *do que promettia a força humana*. N'ella o artigo *o* seguido de *que* mostra que ha ellipse de um antecedente que se lhe entende. (Pag. 285) A expressão toda resolvida e supprida em suas partes, vale o mesmo que *esforçados* em *mais* quantidade d'aquella *que promettia a força humana*. O artigo substitue muitas vezes o demonstrativo *aquillo*, como n'este modo de fallar: *o que eu disse é certo*, isto é, *aquillo que eu disse*. (Pag. 117)

Seja como for, *o que*, é o complemento da acção do verbo *promettia*, e a *força humana*, é o seu sujeito posto depois d'elle, inversão necessaria em todas as orações que começam pelos relativos, complementos de outros verbos ou preposições. (Pag. 297) Tem artigo, porque todo appellativo que é sujeito da oração é obrigado a tel-o. (Pag. 101) *Promettia* é o verbo activo *prometter* da segunda conjugação. Está no preterito imperfeito absoluto, porque sua acção era passada, mas periodica e ainda não acabada. Os perigos e guerras foram e parecem ainda tão grandes, que excedem as forças humanas e não se poderiam vencer sem a ajuda de Deus. Tornemos á incidente principal.

Que da occidental praia lusitana—Por mares nunca d'antes navegados—Passaram inda além da Taprobana. O verbo d'esta oração incidente é *passaram*, preterito perfeito absoluto do verbo *passar* da 1.ª conjugação, cujo sujeito é *que* em logar de *os quaes*. É um verbo intransitivo na significação de *viver*, como *passar bem, passar mal*; porém transitivo na significação de *transitar*, na qual pede por consequencia um termo *d'onde*, um espaço *por onde*, e outro termo *aonde*; e taes são os seus tres complementos terminativos, trazidos pelas preposições *de*, *por*, e pelo adverbio *além*, que vale o mesmo que *para lá*. Analysemos estes tres complementos.

Que da occidental praia lusitana. O substantivo *praia* é um nome commum; mas o artigo *a* que o precede, mostra que

elle se vae a tomar em um sentido individual, o que faz o adjectivo restrictivo *occidental*: e como este ainda não era bastante, ajuntou-se-lhe o outro *lusitana*, que restringe a praia occidental mui extensa á particular de Portugal na costa de Lisboa. Estes dois adjectivos, como restrictivos que são aqui, deveriam ambos estar depois do substantivo. (Pag. 291) Camões pondo antes d'elle o adjectivo *occidental*, fez uma pequena inversão por causa do verso, a qual na prosa seria affectada. Ambos concordam com *praia* em genero e numero, e fazem o consequente da preposição *de*, a qual com elle é o primeiro complemento terminativo da significação do verbo *passaram*. Segue-se o segundo.

Por mares nunca d'antes navegados. Onde o nome appellativo *mares*, plural de *mar*, não tem artigo, porque, como estes nunca d'antes tinham sido navegados nem conhecidos, nenhum caracter individual tinham com que se podessem determinar. O nome *mar* tomado como elemento não tem plural, como nem tão pouco *terra*, *ar*, *agua* e *fogo*. (Pag. 92) Aqui porém não se toma n'esta accepção, mas na de logar maritimo, no qual sentido póde ter plural. Com elle concorda em genero e numero o adjectivo participio passivo *navegados*. Este está transposto, mettendo-se entre elle e seu substantivo o adverbio de tempo *nunca*, que vale o mesmo que *em nenhum tempo*, e a frase adverbial *d'antes*, que serve de complemento restrictivo ao adverbio. Como ambos elles modificam a significação do participio passivo, e fazem com elle uma mesma coisa, a transposição está na regra. (Pag. 303) Todas estas palavras fazem o consequente da preposição *por*, destinada para mostrar a relação do espaço, pelo qual se passa. (Pag. 232) Eis-aqui o segundo complemento terminativo do verpo *passaram*. Vamos ao terceiro.

Inda além da Taprobana. *Inda* é um adverbio augmentativo, que quer dizer *mais* ou *demais*, e como tal demanda o adverbio de logar *além*, que vale tanto como *para lá*. E como este tem tambem uma significação relativa, requer egualmente um complemento terminativo que lh'a complete; e tal é a preposição *de* com seu consequente *a Taprobana*. Esta é a ilha de Ceilão. Se o poeta usasse d'esta palavra, não lhe poria o artigo, e diria: *Inda além de Ceilão*, como ora nós dizemos. Para indicar porém que esta ilha é aquella mesma que foi conhecida debaixo do nome de Taprobana, por isso é que lhe pôz o artigo, quando aliás se não costuma pôr a nomes proprios. (Pag. 103) Tal é o terceiro complemento terminativo do verbo *passaram*.

Todos elles estão na ordem direita e natural da acção de pas-

sar, a qual sempre parte de um logar, que é o primeiro na ordem; passa por outro que é o segundo, e chega a um terceiro que é o seu termo. (Pag. 289) Camões distribuiu com muita discrição estes tres complementos do mesmo verbo, pondo dois antes e um depois d'elle. Se os ajuntasse todos depois do verbo, peccaria contra a regra. (Pag. 294) Continúa ainda a mesma incidente principal, composta dos dois attributos conteudos nos verbos *passaram, edificaram.*

E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

A conjuncção copulativa *e*, ata as duas orações dos verbos *passaram* e *edificaram*, cujo sujeito commum é o demonstrativo conjunctivo *que*, em logar de *os quaes*, que se pôz no principio. o que faz que esta incidente seja uma oração composta de duas. *Entre gente remota* é um complemento circumstancial do verbo activo *edificaram*, preterito perfeito absoluto do verbo *edificar* da 1.ª conjugação, cujo complemento objectivo é *novo reino*, ao qual se entende o artigo *um* para poder ser explicado pela incidente, *que tanto sublimaram* (Pag. 100), onde o demonstrativo conjunctivo *que*, serve tambem de complemento objectivo ao verbo *sublimaram*, e vale tanto como *o qual.* O adjectivo *tanto* é um comparativo de quantidade, o qual se acha aqui adverbiado para modificar a acção do mesmo verbo. (Pag. 239)

Se Camões dispozesse todos estes complementos depois do verbo, dizendo: *e edificaram entre gente remota novo reino, que tanto sublimaram*: teria feito má construcção, pondo sem necessidade tres complementos depois do verbo, e pondo um complemento mais curto e mais necessario ao verbo *edificaram*, qual é *novo reino*, depois de outro mais comprido e menos relativo a elle, qual é *entre gente remota.* Mas ainda muito peor o faria se dissesse: *e edificaram novo reino entre gente remota, que tanto sublimaram*: porque faltaria á concordancia da incidente com o seu verdadeiro antecedente, que é *novo reino*, e não *gente remota.* Fez pois a melhor construcção possivel, pondo, como pôz, o complemento circumstancial antes do verbo, e depois d'elle o complemento objectivo com sua incidente. (Pag. 294)

2.º Tudo isto que temos dito, é pertencente ao primeiro complemento objectivo do verbo principal *espalharei*, que é, *as armas e os varões assinalados*, etc. Passemos já ao segundo, por onde começa a segunda estancia.

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andaram devastando.

Este segundo complemento objectivo do verbo principal do periodo vae ligado com o antecedente pela conjuncção copulativa *e*, e pelo adverbio conjunctivo *tambem*, que vale o mesmo que *juntamente*. *As memorias gloriosas* é o segundo objecto do canto do poeta; e como sua significação é geral e indeterminada, o mesmo poeta a especifica pelo seu complemento restrictivo, *d'aquelles reis*, já preparado pelo artigo *as*, posto antes de *memorias*, para mostrar que aquelle appellativo se ia determinar para diante.

Mas o mesmo complemento, *d'aquelles reis*, mostra que não se quer fallar de reis em geral, mas de certos e determinados reis. Pois tal é a força do demonstrativo puro *aquelles*, que aponta um objecto mais distante, ou no logar ou no tempo, do qual se tem fallado, se falla, ou se hade fallar. A incidente seguinte restrictiva, cujo relativo conjunctivo *que* concorda com *reis*, acaba de fazer aquella especificação. Elle é o sujeito dos dois verbos *foram dilatando* e *andaram devastando*, que fazem d'esta incidente uma proposição composta.

A linguagem, *foram dilatando*, é composta do verbo irregular *ir*, que serve de auxiliar com o participio imperfeito activo *dilatando*, para exprimir uma acção inchoativa (Pag. 168), da qual são complementos objectivos os dois substantivos *fé* e *imperio*, determinados pelo artigo a significar, não qualquer fé, nem qualquer imperio, mas a fé catholica e o imperio portuguez no Oriente.

A conjuncção *e*, que se lhes segue, ajunta com a oração antecedente a seguinte, cuja linguagem tambem é composta de outro auxiliar *andar* e do participio *devastando*, para exprimir uma acção reiterada e frequentativa, qual foi a das perdas que os reis de Portugal por vezes causaram com suas armadas e exercitos aos mouros em Africa, e aos turcos em Asia, que por isso diz *andaram devastando as terras viciosas — d'Africa e d'Asia*. Os nomes *terras viciosas* fazem o complemento objectivo do verbo, e tem artigo porque se tomam em sentido determinado pelos complementos restrictivos *d'Africa, d'Asia*. Estes nomes porém, como são proprios não tem artigo; bem que ora muitos lh'o põem contra o uso dos nossos escriptores.

A conjuncção *e* posta entre *fé* e *imperio*, complemento do verbo antecedente, e *terras viciosas*, complemento do seguinte,

podia na prosa causar algum embaraço, fazendo parecer, que *terras viciosas* era tambem complemento continuado do verbo antecedente *dilatando*, como o são *a fé e o imperio*. (Pag. 270) Camões podia evitar este pequeno escrupulo, mettendo tambem a conjuncção *e* entre os substantivos *fé*, *imperio*. Mas a necessidade do verso e a da rima desculpa muitas inadvertencias que na prosa se não perdoam. Vamos adiante.

3.º *E aquelles que por obras valerosas*
Se vão da lei da morte libertando.

Eis aqui temos o terceiro e ultimo complemento objectivo do verbo principal *espalharei*, ligado aos dois antecedentes pela conjuncção *e*. Ao demonstrativo *aquelles* entende-se pela ellipse o appellativo *reis* que está no verso antecedente; o qual appellativo é determinado, e applicado aos reis de Portugal D. João III e D. Sebastião, sob os quaes vivia Camões quando escrevia o seu poema, e que se iam immortalisando pelas suas acções de valor. A incidente pois, *que por obras valerosas—se vão da lei da morte libertando*, é uma incidente restrictiva.

N'ella temos outra vez o verbo auxiliar *ir*, conjugado com o participio *libertando*, para denotar uma acção começada. Seu complemento objectivo é o pronome enclitico *se*, que, como é reciproco, faz reflexo o verbo *libertar*, para a sua acção, produzida pelos agentes *aquelles reis*, recair sobre elles mesmos. (Pag. 180) O mesmo pronome podia tambem estar depois do auxiliar d'este modo *vão-se libertando*. Porém não depois do participio. (Pag. 182)

Da lei da morte é o complemento terminativo do mesmo verbo, porque sua significação assim o pede; e é regra geral, que todo complemento regido pela significação da palavra regente, a não ser objectivo, é sempre terminativo, por ser termo de sua relação. (Pag. 279) Os mais complementos que não são pedidos pela significação relativa da palavra, ou são restrictivos para limitar sua significação vaga, como o é aqui *da morte*, que restringe a significação geral do appellativo *lei*, ou circumstanciaes, como o é *por obras valerosas*, que explica o meio, pelo qual os ditos reis se iam immortalisando. (Pag. 280)

Todos estes complementos do verbo *libertando* estão em sua devida ordem e construcção. Se Camões porém dissesse: *se vão libertando por obras valerosas da lei da morte*: não diria tão bem. Porque peccaria contra a regra (Pag. 294), que manda que no concurso de muitos complementos do mesmo verbo, se ponham primeiro os que pertencem á sua acção e relação, e depois os outros; e bem assim, que os mais compridos se

reservem para o fim. O substantivo *lei*, tem aqui artigo porque vae determinado logo pelo seu complemento restrictivo *da morte*; e *morte* tem tambem artigo porque está aqui personificada.

Isto é o que havia para dizer de mais importante quanto á grammatica d'estas estancias de Camões. Outras observações mais miudas se podiam fazer, porém deixam-se á intelligencia dos leitores, para não os enfastiar com uma analyse mais comprida.

FIM

INDICE

DOS

Capitulos, Artigos e Paragraphos d'esta Grammatica

LIVRO I

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO IV